



UFAL - UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PPGS - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
ICS - INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

SOCIOLOGIA DA TATUAGEM:
Uma Análise Antropológica e Sociológica
da Técnica de Tatuar e da Prática de ser Tatuado

MACEIÓ
2011

Luana Thaisa Pedrosa Soares Jaires

**SOCIOLOGIA DA TATUAGEM:
Uma Análise Antropológica e Sociológica
da Técnica de Tatuar e da Prática de ser Tatuado**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Sociais como parte das exigências para a obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas, orientado pela Professora Doutora e Ph.D. em Antropologia Sílvia Aguiar Carneiro Martins.

**MACEIÓ
2011**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Lucia Lima do Nascimento

J25s Jaires, Luana Thaisa Pedrosa Soares.
 Sociologia da tatuagem: uma análise antropológica e sociológica da técnica
 de tatuar e da prática de ser tatuado / Luana Thaisa Pedrosa Soares Jaires . –
 2011.
 291 f.

 Orientadora: Silvia Aguiar Carneiro Martins.
 Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas.
 Instituto de Ciências Sociais. Maceió, 2011.

 Bibliografia: f. 287- 291.

 1. Tatuagem. 2. Etnocentrismo. 3. Corpo. 4. Subjetividade. 5. Tonalidades de
 pele. I. Título.

CDU: 391.91

Luana Thaisa Pedrosa Soares Jaires

**SOCIOLOGIA DA TATUAGEM:
Uma Análise Antropológica e Sociológica
da Técnica de Tatuagem e da Prática de ser Tatuado**

Área de Concentração: Defesa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL / Dissertação ligada a Linha de Pesquisa do PPGS TRABALHO, GÊNERO E SAÚDE.

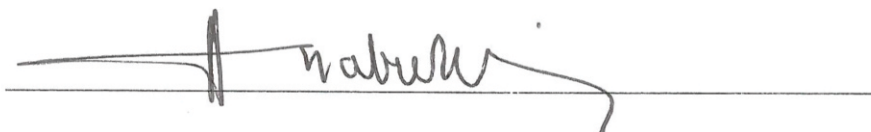
Aprovada em 23 de setembro de 2011.

Apresentada à Comissão Examinadora, integrada pelos Professores Doutores:

Dr^a e Ph.D. em Antropologia Sílvia Aguiar Carneiro Martins / UFAL (Orientadora)



Dr^a em Sociologia Alice Anabuki Plancherel / UFAL (Membro Interno)



Dr. em Sociologia Paulo Marcondes Ferreira Soares / UFPE (Membro Externo)

Dedico:

Ao meu esposo Stanley Jaires Melo Sá, por eu ter acompanhado desde o início a sua trajetória no universo da técnica e da prática da Tatuagem;

A toda a minha família, especialmente às duas mulheres mais importantes da minha vida: minha mãe Maria José Pedrosa de Araújo Filha e minha avó materna Maria José Pedrosa de Araújo.

Agradeço:

À minha orientadora Doutora e Ph.D. em Antropologia Sílvia Aguiar Carneiro Martins pelo apoio.

À Doutora em Sociologia Alice Anabuki Plancherel pela colaboração.

Ao Doutor em Sociologia Paulo Marcondes por ter aceito o convite para participar da banca.

Ao Doutor em Filosofia Walter Matias pelo incentivo.

Deixo meus agradecimentos aos professores que contribuíram para a minha formação:

Arim Soares do Bem, Ricardo Mayer, Elder Maia, Bruno César Cavalcanti, Rachel Rocha de Almeida Barros e Tânia Nobre.

Deixo meus agradecimentos também a todas as pessoas tatuadas que foram fotografadas por mim no ateliê do tatuador Stanley Jaires e também a todos os tatuadores e tatuados que foram fotografadas por mim na 1ª Convenção de Tatuagem de Maceió.

EPIGRAFE:

“Sendo entendida como um sistema de comunicação que dá sentido à nossa vida, as culturas humanas constituem-se de conjuntos de verdades relativas aos atores sociais que nela aprenderam por que e como existir. As culturas são “versões” da vida; teias, imposições, escolhas de uma “política” dos significados que orientam e constroem nossas alternativas de ser e de estar no mundo”.

(Everardo Rocha)

Resumo

Esta pesquisa buscou através de uma perspectiva antropológica analisar a visão etnocêntrica contida na “*Literatura de viagem*” dos primeiros cronistas e viajantes do século XVI sobre o passado histórico dos “*primeiros habitantes do Brasil*” que praticaram a tatuagem no período do Descobrimento. Este estudo do universo da tatuagem, também se utilizou de abordagens sociológicas através de uma *perspectiva materialista marxista* concentrada na perspectiva do trabalho humano transformador da natureza (destacando o Homem transformado o corpo e a pele em Arte através da força gerada pelo trabalho manual). Dessa forma, a pesquisa buscou compreender *o sentido subjetivo de tatuar o corpo* evidenciando o tatuador como o executor do *trabalho manual*, a tatuagem como uma *forma de consumo* e o tatuado como uma *forma de consumidor* em que as tonalidades de peles influenciam no resultado final de uma tatuagem.

Palavras-Chave: Tatuagem, Etnocentrismo, Corpo, Subjetividade, Tonalidades de Pele

Abstract

This research sought through an anthropological perspective to analyze the ethnocentric vision contained in the "Literature of travel" of the early chroniclers and travelers of the sixteenth century on the past history of the "first inhabitants of Brazil 'you have a tattoo at the time of discovery. This study of the universe of the tattoo are often used approaches through a sociological perspective focused on materialist Marxist perspective on the work of transforming human nature (stressing the body and transformed human skin in art through the force generated by manual labor). Thus, research aimed at understanding the subjective meaning of tattooing the body showing the artist as the executor of manual labor, the tattoo as a form of consumption and tattoos as a form of consumer skin tones that influence the end result of a tattoo.

Keywords: Tattoo, Ethnocentrism, Body, Subjectivity, Shades of Skin

SUMÁRIO:

| | |
|--|-----|
| APRESENTAÇÃO | 10 |
| INTRODUÇÃO | 13 |
| CAPÍTULO 1: A TATUAGEM SOB UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA | |
| 1.1: O Encontro com a Alteridade no século XVI: O Índio e o Europeu | 20 |
| 1.2: Reflexão sobre a Noção de Bárbaro entre os Gregos | 28 |
| 1.3: A Tatuagem sob o Prisma Negativo da Igreja Cristã | 30 |
| 1.4: Uma Nova Perspectiva para Enxergar a Alteridade Renegada | 34 |
| 1.5: O Olhar de Friedrich Nietzsche sobre a Moralidade do Corpo | 39 |
| CAPÍTULO 2: A TATUAGEM SOB A PERSPECTIVA DA SOCIOLOGIA CLÁSSICA | |
| 2.1: O Olhar de Karl Marx sobre a Corporeidade Humana | 45 |
| 2.2: O Valor de Uso da Tatuagem: A Tatuagem sob a Ótica do Capital | 51 |
| 2.3: A Tatuagem vista como um Fato Social | 64 |
| 2.4: Tatuar e ser tatuado é uma Ação Social | 71 |
| 2.5: A Tatuagem: Uma Prática Antiga, uma Profissão Recente | 76 |
| CAPÍTULO 3: A SUBJETIVIDADE DOS TATUADOS E A PREOCUPAÇÃO COM OS VALORES | |
| 3.1: A Aproximação do Cientista Social acerca do seu Objeto de Estudo | 80 |
| ENTREVISTAS E FOTOGRAFIAS DOS TATUADOS | 85 |
| 3.2: A Finalidade Subjetiva da Ação de Tatuar o Corpo | 157 |
| 3.3: A Produção da Subjetividade dos Tatuados dentro do Sistema Capitalista | 161 |
| 3.4: A Tatuagem na Era da Indústria Cultural | 164 |
| 3.5: A tatuagem sob o advento da Modernidade | 171 |

CAPÍTULO 4: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA SOBRE O CONSUMO DA TATUAGEM CONTEMPORÂNEA

| | |
|---|-----|
| 4.1: A Tatuagem sob a Ótica da Sociologia do Consumo_____ | 177 |
| 4.2: A Tatuagem sob a Ótica do Consumismo Moderno_____ | 179 |
| 4.3: Os Tatuados na Contemporaneidade e a sua Inserção no Mercado de Trabalho_____ | 189 |
| 4.4: As Descontinuidades da Modernidade sobre o Universo da Tatuagem_____ | 198 |
| 4.5: A Desvinculação do Consumo de Tatuagens com relação ao Consumo de Drogas e a Desvinculação dos Tatuados com relação ao Universo do Presídio_____ | 201 |

CAPÍTULO 5: O SENTIDO DA DOR PARA AS COMUNIDADES TRIBAIS E PARA AS SOCIEDADES URBANAS

| | |
|--|-----|
| 5.1: A descrição dos Rituais de Tortura analisados por Pierre Clastres nas Sociedades Tribais_____ | 205 |
| 5.2: A Importância da Dor Corpórea para as Sociedades Indígenas e para as Sociedades Ocidentais_ | 213 |
| 5.3: A Tatuagem inserida no corpo é uma manifestação da Cultura_____ | 220 |
| 5.4: As Técnicas do corpo na perspectiva de Marcel Mauss_____ | 225 |
| 5.5: A Tatuagem sob a ótica de uma Sociologia do Corpo_____ | 239 |

CAPÍTULO 6: A TATUAGEM SOB A ÓTICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NA QUESTÃO DO “EU” E DO “OUTRO”

| | |
|---|-----|
| 6.1: a Relevância das Ciências Sociais para a Compreensão do Homem e da Sociedade_____ | 244 |
| 6.2: A Atuação da Antropologia, o Conceito de Cultura e sua Importância para as Sociedades_____ | 254 |
| 6.3: A Tatuagem e o Universo Brasileiro do Patriarcalismo_____ | 258 |
| 6.4: A Tatuagem e a Polêmica questão sobre as Tonalidades de Peles_____ | 261 |
| CONCLUSÃO _____ | 272 |

| | |
|---|-----|
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____ | 287 |
|---|-----|

APRESENTAÇÃO

I) As Razões que me conduziram a fazer uma Pesquisa sobre Tatuagem:

Qual a minha relação como pesquisadora com o meu objeto de estudo? Sabemos que quanto *maior* a *proximidade* com o objeto de estudo, em *tempo* e *espaço*, melhor para o pesquisador. Quem *convive* com um tatuador (como é meu caso, justamente por ser casada desde 2003 com o tatuador alagoano Stanley Jaires) acaba possuindo uma maior acessibilidade aos *grupos* de pessoas tatuadas.

O fenômeno *tempo* e *espaço* é fundamental para contextualizar a “*época*” (eu tinha 9 anos quando eu conheci o tatuador Stanley (que tinha 13 anos e era apenas um garoto que gostava muito de desenhar). O *primeiro contato* que tive com *tatuagem* foi em 1997, aos meus 14 anos e foi quando o tatuador Stanley (que possuía 19 anos nesta época) começou a tatuar; Em julho de 2000 o Stanley que estava com 22 anos, abriu uma loja de Tatuagem no bairro do Centro de Maceió localizada na Rua do Imperador, na Galeria “*O Beco*” (loja 04), e a loja funcionava os dois horários das 8:30h da manhã até às 18:00h da noite), e nesta época eu fui trabalhar com ele como recepcionista e ajudante (auxiliando as pessoas com a procura e escolha dos desenhos, assim como dando explicações e entregando um informativo sobre os cuidados do período pós-tatuagem e também cabia e cabe a mim a função de fazer o *registro fotográfico* dos clientes no *durante* e no *término* da sessão para registrar a tatuagem quando ela está finalizada, e eu trabalhava também como *desenhista de tribais* e estava aprendendo nesta época a técnica do *body piercing*).

Em 2003 foi o ano em que eu me casei com o tatuador Stanley e foi também o ano em que eu ingressei no curso de graduação de Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas e fui estudante de Ciências Sociais-Bacharelado (de março de 2003 a dezembro de 2006). No final do ano de 2006 a loja de Tatuagem localizada no Centro de Maceió foi fechada (para transferi-la para um ateliê onde fica a nossa atual residência) devido ao tatuador Stanley dedicar-se também neste período a outras atividades na área da Enfermagem. O ateliê em nossa residência funciona mais aos finais de semana (e o que antes era exercido exclusivamente como uma profissão, passou a ser um *hobby* devido à dedicação a outras atividades, mas, no entanto, parar de tatuar jamais passou pela sua cabeça). A tatuagem para ele passou a ser uma atividade artística confeccionada muito mais pelo prazer de tatuar do que pela comercialização desta atividade em si;

Em julho de 2007 foi o período em que eu fiz a defesa da minha monografia do curso de Bacharelado em Ciências Sociais, que foi intitulado “*O Universo da Tatuagem*” (e esteve presente na banca de defesa da minha monografia de término da graduação, a minha orientadora e Dr^a em Antropologia Rachel Rocha de Almeida Barros, o Dr^o em Antropologia Bruno César Cavalcanti e a Dr^a e P.hd em Antropologia Sílvia Aguiar Carneiro Martins). Em setembro de 2008 eu recebi um convite da Antropóloga Rachel Rocha de Almeida Barros para eu participar de uma curta entrevista no Programa de televisão “*Página Aberta*” da *TV Educativa* (Canal 03) a respeito da minha monografia em Ciências Sociais sobre tatuagem (onde a reportagem foi ao ar em outubro de 2008).

Em 2009 eu ingressei no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas, onde passei a ser bolsista da FAPEAL (Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas), e a minha inserção no Mestrado de Sociologia me possibilitou a construção desta Dissertação a respeito da temática da Tatuagem (tema este que está presente em minha vida bem anteriormente ao meu ingresso no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas e do meu ingresso no Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas). Assim, eu convidei a Dr^a e P.hd em Antropologia Sílvia Aguiar Carneiro Martins para ser a minha orientadora.

A pesquisa para a construção da dissertação de Mestrado iniciou-se no final de 2009 e início de 2010 (onde acompanhei, conversei e fotografei várias pessoas que procuraram o ateliê de tatuagem do tatuador Stanley, que funciona aos finais de semana no bairro do Tabuleiro do Martins, no Conj. Osman Loureiro). Assim, estive presente nas sessões de tatuagens e participei desde o momento das “conversas” sobre a escolha dos desenhos e também os locais do corpo que foram escolhidos. Pude acompanhar de perto às várias sessões de tatuagens no *antes*, no *durante* e no *término* das sessões. Outro *lugar* onde a pesquisa foi realizada foi na inauguração do Primeiro Evento Social de Tatuagem da cidade de Maceió através da “*1ª Convenção de Tatuagem de Maceió*” que ocorreu nos dias 14 e 15 de maio de 2011 no Centro de Convenções de Maceió localizado no bairro de Jaraguá (onde pude fotografar algumas pessoas que estavam se tatuando neste primeiro evento social dedicado à Tatuagem em Maceió).

Esta pesquisa baseia-se justamente em *fontes primárias* (isto significa que as fotografias de pessoas tatuadas foram coletadas pessoalmente por mim através da minha observação-participante no ateliê do tatuador Stanley, assim como foram coletadas pessoalmente por mim as fotografias dos tatuados que estavam presente na 1ª Convenção de Tatuagem de Maceió). Então, há de minha parte uma *relação direta* com os fatos analisados, onde pude acompanhar os relatos das pessoas sobre as

motivações que as incentivaram a optarem por se tatuar e os motivos dos desenhos que foram escolhidos para serem fixados em seus corpos.

Por eu ter sido tatuada algumas vezes pelo tatuador Stanley, eu também vivenciei a experiência da dor corpórea com relação aos variados locais do corpo que foram escolhidos por mim para serem tatuados. Dessa forma, tanto sou uma *pesquisadora-observadora* (das sessões que Stanley realiza em seu ateliê nos clientes dele) como sou uma *pesquisadora-participante* (na medida em que fui tatuada também e sei como é vivenciar todo esse processo). A grande vantagem da *observação participante* realizada pela presente pesquisadora diz respeito ao fato de que eu pertencço ao grupo que está sendo alvo de investigação. Isto significa que as atividades do grupo (as sessões de tatuagens) não foram afetadas por minha presença no acompanhamento das mesmas, e as pessoas que foram tatuadas pelo Stanley no ateliê dele, assim também como os tatuados que estavam presentes na *1ª Convenção de Tatuagem de Maceió* não apresentaram inibições diante de mim como fotógrafa, observadora e pesquisadora sobre tatuagem.

Devido a essa *relação de proximidade* entre sujeito e objeto de pesquisa, os membros observados da pesquisa (os tatuados que foram fotografados por mim) acabam ignorando que há um estranho (eu) entre eles. Um dos pontos mais positivos para o uso da observação das sessões de tatuagens (e da *coleta de fotografias* destas sessões) é a possibilidade de obter a informação e vivenciar todo o processo no momento em que as sessões de tatuagens ocorreram.

INTRODUÇÃO:

I) Os Procedimentos Metodológicos utilizados na Pesquisa de Campo:

Nós pesquisadores sociais estudamos nós mesmos. Somos ao mesmo tempo *objeto* e *observador* (nós observamos e podemos ser também observados). As escolhas de nossas pesquisas não são por acaso, elas fazem parte de nossos *valores* (de nossos *juízos de valor*). No caso da minha pesquisa, ela foi escolhida pelo valor que o universo da tatuagem representa na minha vida.

Com relação ao tipo de observação utilizada nesta pesquisa, a metodologia empregada foi a da *observação participante* (pois sabemos que a *observação não-participante* o pesquisador atua apenas como um espectador atento ao fato que está sendo estudado). Na *observação participante*, o pesquisador não atua apenas como um “mero espectador” do fato que está sendo estudado. O pesquisador que utiliza a *observação participante* como seu veículo de trabalho, costuma se colocar na posição ou no mesmo nível em que se encontram os outros sujeitos humanos (no caso aqui, os indivíduos tatuados) que compõem o fenômeno a ser observado. Este tipo de observação é fundamental principalmente para os estudos de comunidades ou grupos (no caso desta pesquisa se trata de grupos de pessoas tatuadas) e o emprego da própria observação participante foi possibilitado através da avaliação, adequação e viabilidade dessa metodologia de trabalho na pesquisa. Quem “vivencia” realiza o que Giddens assinala de “consciência prática”, sem necessariamente ter uma consciência discursiva sobre a própria experiência. Sendo assim, a tentativa nesta pesquisa foi a de discursar antropologicamente, etnograficamente e sociologicamente a prática de tatuar o corpo.

A grande vantagem da *observação participante* ocorre devido à sua própria natureza, (na medida em que o pesquisador torna-se membro do grupo de observação). A relação de proximidade não significa que a pesquisa não possa ser tratada de maneira objetiva. A proximidade com o grupo de estudo não descarta a objetividade que toda a pesquisa exige. Quem melhor para falar da condição dos direitos indígenas do que um autêntico índio? Quem melhor pra falar da condição dos negros do que um autêntico negro? Quem melhor para falar da condição dos homossexuais senão um autêntico homossexual? Quem melhor para falar da condição dos deficientes físicos do que um autêntico portador de deficiência? Quem melhor para falar da condição dos tatuados senão um autêntico tatuado? É vivenciando o dia-a-dia que cada um destes pesquisadores que possuem uma relação de *proximidade* e uma visão de “*dentro*” sabe muito bem onde se encontra o cerne da questão.

Em se tratando da tatuagem, qual seria o Problema de Pesquisa? O Problema da Pesquisa seria a tentativa de discursar antropológicamente e sociologicamente a *postura etnocêntrica* implantada desde o início da colonização contra povos que andavam desnudos e que portavam ornamentos corporais (tatuagens) e também refletir sobre o etnocentrismo relacionado ao consumo de tatuagem na contemporaneidade. Ainda hoje podemos encontrar *resquícios de etnocentrismo* nos centros urbanos advindos justamente da *memória coletiva* reforçada pelo *ideal do colonizador* de outrora. Só quem vivencia é que sabe o que é ser índio, o que é ser negro, o que é ser homossexual, o que é ser deficiente, e neste caso, o que é ser tatuado. Assim a postura a ser adotada neste estudo foi a do “Relativismo” (onde a pretensão é a de buscar *relativizar* antigas visões etnocêntricas com relação aos ornamentos corporais, e um exemplo desses ornamentos é a tatuagem).

Então, quando *coincide* do *pesquisador* ser *membro do grupo* de observação, isto significa que as atividades do grupo serão desempenhadas normalmente, isto porque os outros membros não sentirão demasiada inibição diante do pesquisador. Um dos pontos que considero mais positivos para a utilização que fiz da *observação participante* foi a possibilidade de obter a informação (através da coleta de fotografias e também através de conversas informais) no momento em que ocorre o fato (as sessões de tatuagens é um ritual e, portanto, é um fato social). É no *momento empírico* da *inserção da tatuagem no corpo* (durante a sessão em que o tatuador insere o desenho no tatuado) que está concentrado o foco da minha pesquisa. A inserção da tatuagem no corpo trata-se de um *consumo estético e corporal*.

O *objetivo da pesquisa* está concentrado no próprio ato de *aquisição* da tatuagem (o *consumo dela pelo tatuado* e a *dor sofrida por ele*). A inserção de algo que antes não existia (um corpo liso) e que por voluntariedade, obstinação, coragem e paciência é inserido os traços que ficarão indelévels na pele (o corpo antes liso torna-se grafado, ilustrado, pintado, marcado). Tatuarse é um ato voluntário, obstinado, corajoso e paciente por parte de todo tatuado. É justamente o instante do *antes* (quando o sujeito não possuía a tatuagem ainda), do *durante* (quando o sujeito está sendo perfurado naquele exato momento) e do *depois* (a finalização da tatuagem e o resultado final no corpo do sujeito) que me interessaram como parte importante para a pesquisa.

Busquei problematizar a tatuagem sob o prisma da Antropologia e da Sociologia, situando a objetividade de fazer uma interface entre a *Antropologia Cultural* e a *Sociologia do Corpo*, uma vez que pensando e problematizando o tema, busquei uma reflexão sobre as razões particulares que os indivíduos do universo urbano buscam tatuar seus corpos com a intenção de refletir a sua individualidade.

O método utilizado foi o *método qualitativo* em pesquisa (o *método antropológico*). A razão da escolha em utilizar o *método antropológico* deve-se ao fato de que o seu principal instrumento é a *observação participante* associada ao *trabalho de campo*. A própria natureza da *observação participante* pressupõe uma relação de *proximidade* (de intimidade) entre o pesquisador e o pesquisado, onde através dessa *interação* surge o entrosamento entre o sujeito pesquisador e o sujeito pesquisado (utilizado como um objeto de observação e análise).

Busquei instaurar uma perspectiva reflexiva e um olhar de “*dentro*”. Como pesquisadora me encontro inserida como *sujeito* da pesquisa, mas também como *objeto* de pesquisa (tanto por ser uma pessoa tatuada como por ser casada com um tatuador), e enquanto membro de uma sociedade, membro de um grupo (grupo de tatuados) eu compartilho e vivencio experiências com o grupo pesquisado (pessoas tatuadas como eu). Foram realizadas por mim *entrevistas abertas, conversas informais e coleta de fotografias* de várias pessoas. A *escolha dos entrevistados* não se restringiu a um tipo específico de tatuado, pois foram entrevistados desde os indivíduos que *estão se tatuando pela primeira vez* assim também como aqueles indivíduos que *já possuíam tatuagens* e acabaram se sentindo motivados em *querer se tatuar novamente*. Não busquei fazer uma seleção de gênero porque a *presença de homens* e, sobretudo a *presença de mulheres* foi de suma importância para esta pesquisa, pois tanto homens quanto mulheres estão tatuando seus corpos praticamente na mesma proporção. A iniciativa em fotografar as sessões de tatuagens acabou transformando-se no objetivo de tentar compreender as *motivações* que estão por trás dessas tatuagens (por trás dessas escolhas).

II) Os Procedimentos Teóricos utilizados na Pesquisa:

Foram analisadas as *abordagens antropológicas* da “*Literatura de viagem*” dos primeiros cronistas e viajantes do século XVI. Esta pesquisa visou a necessidade de discutir os “relatos” que foram realizados sobre o passado histórico dos “*primeiros habitantes do Brasil*” que praticaram a tatuagem e que foram citados nos relatos de *Pero Vaz de Caminha* e *Hans Staden* quando eles estiveram no Brasil no período do descobrimento; que este resgate possa servir como um paralelo para que a contemporaneidade consiga ter uma visão positiva da prática de tatuar que havia sido incompreendida pelos europeus que desembarcaram na América dentro do contexto do século XVI.

A *temática do Descobrimento* nos remete ao imaginário de como vivia o europeu que se deslocou para um “*Novo Mundo*” (a América no século XVI), habitado por povos que foram considerados como

povos “*selvagens*” e “*primitivos*”. Na América, os descobridores e colonizadores implantaram todos os padrões básicos da cultura europeia. Os *padrões de comportamento* passaram a ser seguidos de acordo com as *determinações dos europeus*, depreciando assim tudo o que representasse a cultura indígena, tratando de eliminar os seus costumes, dentre eles, a prática da tatuagem. Observou-se também nos relatos dos antigos viajantes a preocupação em observar o fenótipo dos índios e constatou-se que a cor de pele dos índios era uma pele parda. A cor da pele dos índios era distinta dos europeus (muito claros) assim como era distinta dos africanos (muito escuros), e que estes povos indígenas de pele parda possuíam o costume de ornamentar seus corpos com ilustrações que mais tarde vieram a ser denominadas de tatuagens tribais. Assim, a inserção da “*Literatura de viagem*” foi utilizada para dar ênfase ao encontro com a alteridade, onde se constatou a exibição do corpo dos indígenas (através da *nudez*) e a ocultação do corpo dos europeus (através das *vestimentas*). Observou-se então a ausência de vergonha dos índios em exibirem seus corpos assim como o excesso de vergonha dos europeus em querer exibi-los. Devido a isso, os indígenas receberam o estereótipo de “povos desavergonhados” em contraste com os europeus que eram “povos envergonhados” em demasia. Neste contexto do século XVI a exibição do corpo nu se confrontou com a ocultação do corpo vestido. Povos vestidos se depararam com povos desnudos (e vice-versa). Se a pré-história da Antropologia está na “*Literatura de viagem*” dos primeiros viajantes do século XVI, a pré-história da Tatuagem está também nesse primeiro registro escrito sobre a descoberta das diferenças. Esse estudo reflete uma *crítica negativa* e desmistificadora da *aculturação cristã* com relação à moral, à individualidade, à liberdade. Este estudo afasta-se totalmente da visão *teocêntrica*, uma vez que esta pesquisa toma como ponto de referência o próprio homem (inserido dentro de um contexto real, contexto este inicialmente *natural* e posteriormente *urbano*).

Onde fica a contribuição do filósofo alemão Friedrich Nietzsche ao que se refere à temática antropológica do confronto com a alteridade? A contribuição de Nietzsche dá-se através de seu posicionamento crítico com relação à moralização dos costumes (onde o que é habitual é visto como moral e o que é inabitual é visto como imoral). O interessante é perceber que a tatuagem é *moral* (habitual para os índios) antes da colonização e ela passa a ser vista como *imoral* (inabitual para os colonizadores europeus). A tradição indígena de se tatuar foi considerada *moral* para os índios e *imoral* para os europeus. Na contemporaneidade os conceitos se inverteram: a *moralidade* da tradição indígena deu lugar à *volatilização* dos costumes (que antes eram tradicionais para os indígenas). A *imoralidade* tomou o espaço da *tradição moral*. Na contemporaneidade a *moral* foi substituída pela “*moralização dos costumes*” (isto significa que se acentuou uma postura conservadora ao que antes era uma tradição

absolutamente normal). Outro aspecto fundamental também reside no fato de Nietzsche ser contemporâneo de Marx e ambos afastaram-se dos dogmas da religião (neste estudo sobre tatuagem há uma crítica à “religiosidade cristã” que foi imposta aos índios que viviam na América antes da colonização).

Este estudo do universo da tatuagem, também se utilizou de uma *perspectiva materialista marxista*, que se concentra nos problemas do homem concreto, de “carne e osso” e que transforma a natureza (assim como transforma o seu corpo e a sua pele) através da força gerada por seu trabalho. Marx já nos dizia em “*O Capital*” que “*a utilização da força de trabalho é o próprio trabalho*” (1975, p. 297). Tatuagem se utiliza da força de trabalho humano, e, portanto, o processo de confecção de uma tatuagem pode sim se encaixar perfeitamente dentro do marxismo. Toda abordagem sobre o *corpo humano*, sobre a sua *nudez*, sobre a sua *carne* utilizada como *matéria* e objeto de trabalho artístico, encaixa-se na temática da tatuagem, já que ao falar sobre a tatuagem (a ilustração), antes é coerente falar sobre a matéria (o corpo) onde a tatuagem está fixada.

Foram analisadas as abordagens da Sociologia Clássica na tentativa de situar o estudo da Tatuagem dentro do raciocínio sociológico, e para isso foram analisadas as idéias dos principais representantes da *Sociologia Clássica*: Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Os pensadores da Sociologia Clássica não tiveram como foco de análise a temática da tatuagem, no entanto, a proposta deste estudo foi justamente inserir os autores clássicos se utilizado da *lógica do raciocínio* destes autores para problematizar a tatuagem a partir de suas teorias (teorias estas que serviram como suporte para a temática da tatuagem ser analisada sob uma perspectiva sociológica-clássica). Karl Marx foi importante através da sua obra “*O Capital*” (1975), onde a sua análise sobre o *valor de uso* e o *valor de troca* assim como a sua análise da teoria do *fetichismo* foram úteis para analisar neste estudo o processo de confecção da técnica manual da tatuagem. Foi importante inserir a utilização da lógica do raciocínio de Marx para tentar analisar a tatuagem atuando como um *signo* e sendo assim, a tatuagem possui um *valor-de-troca* (o próprio dinheiro ele não age como um *signo*). Portanto, a tatuagem é um *signo* e não o dinheiro (o dinheiro é apenas um *meio de troca*, um *facilitador*). A tatuagem foi analisada neste estudo como um *valor-de-troca* porque ela pode ser *permutável* com outras mercadorias que sejam *equivalentes* a ela (como por exemplo, o jogo de agulhas e os frascos de tintas que são utilizadas para a sua confecção). Tudo o que é *permutável* à outra mercadoria é um *valor-de-troca* (se o jogo de agulhas e os frascos de tintas são equivalentes da tatuagem, isto significa que ambas são permutáveis com a tatuagem).

Outro fator interessante foi a tentativa de encaixar a teoria do *Fetichismo* à tatuagem (as tatuagens não nascem com os sujeitos que a portam. A tatuagem é confeccionada por um trabalhador (e este trabalhador é o tatuador). Assim, vale destacar que: para todas aquelas pessoas que continuarem a insistir que a tatuagem não deve ser reconhecida como arte, ao menos estas pessoas que não valorizam o uso de tatuagens devem reconhecer que há uma *técnica* e que há um “*trabalho humano*” contido nesta *técnica*. A maioria das pessoas que observam um tatuado acabam enxergando apenas a tatuagem materializada no corpo do tatuado e se esquecem que foi um *trabalhador* (o tatuador) o confeccionador dela. Muitas vezes o trabalho do tatuador pode ser ocultado pelo *fetichismo* que a tatuagem proporciona quando está inserida no corpo do tatuado. A utilização de Marx neste estudo foi justamente com a pretensão de dar visibilidade ao executor da técnica de tatuar (que na contemporaneidade vem se tornando uma nova *atividade profissional*, embora se trate de um *costume bastante antigo*);

Durkheim, em “*As Regras do Método Sociológico*” (2008) com a sua análise voltada para os *Fatos Sociais*, foi utilizado neste estudo sob a concepção de que a Tatuagem também pode ser vista como um Fato Social por ela apresentar um caráter de *generalidade*, já que a tatuagem foi praticada em *distintos continentes*: era praticada antes da colonização da América (e do Brasil), era praticada na Ásia, na Oceania e, sobretudo na Europa; por *distintos povos* como os indígenas da América e do Brasil, os japoneses, os aborígenes australianos e os nativos das Ilhas do Pacífico, assim como os Celtas e os Vikings; assim como em “*Metodologia da Ciência Social e da Ciência Política*” (2006), a teoria da Ação Social em Max Weber foi utilizada para demonstrar que o ato de fazer uma tatuagem pode ser entendida como uma ação social (intencional) do sujeitos associados aos seus juízes de valores. Existe em Weber as ações sociais que não são intencionais, mas neste caso aqui, os tatuados buscam se tatuar movidos por uma intencionalidade (assim podemos considerar a ação de tatuar e ser tatuado como uma ação social intencional.). Para dar suporte à compreensão da ação de Max Weber, foram utilizados os autores Stephen Kalberg e Saint-Pierre, onde ambos os autores se preocuparam em revisar questões como a existência do sentido subjetivo da ação e a existência dos juízos de valores que são responsáveis pelo direcionamento de como a pesquisa é conduzida pelos cientistas sociais. Nesta pesquisa sobre tatuagem buscou-se compreender *o sentido subjetivo de tatuar o corpo* através da existência de uma relação de *proximidade* entre *pesquisador e objeto*.

Esta pesquisa é uma tentativa de discursar Antropologia e Sociologia sobre uma “*Uma Análise Antropológica e Sociológica da Técnica de Tatuar e da Prática de ser Tatuado*” evidenciando a tatuagem vista como uma *forma de consumo* e o tatuado como uma *forma de consumidor*. Foram

utilizadas abordagens sobre a temática do consumo através de Livia Barbosa, Colin Campbell, Mary Douglas, Grant McCracken e Pierre Bourdieu. A tatuagem praticada na contemporaneidade ganhou novo significado dentro do contexto urbano. Ser um tatuado na contemporaneidade sinaliza para uma ênfase na sua individualidade pela possibilidade de ter uma livre escolha sobre o quê (o desenho) e onde (o local do corpo) se quer tatuar. Ser um tatuador hoje sinaliza para a busca de sua realização profissional ao demonstrar no exercício de sua atividade a sua auto-expressão artística. O trabalho é o desempenho humano que visa à conquista de méritos (e um desses méritos é o direito de querer obter a mercadoria que se deseja através do fruto de seu trabalho). Trabalhar honestamente para adquirir o bem de consumo desejado (a tatuagem) é um direito do consumidor (do tatuado). O corpo é o que nos individualiza (cada pessoa possui um corpo que lhe é único). O corpo é individual (porque as sensações e as experiências de vida não são as mesmas para todas as pessoas), mas o corpo individual (qualquer que seja ele) está inserido dentro de um contexto social e cultural.

Foram utilizadas as *abordagens sociológicas contemporâneas* através de Anthony Giddens e Herbert Marcuse sobre as *práticas de consumo da sociedade industrial*, assim como as abordagens sobre as *técnicas do corpo* através de Marcel Mauss, a relação do indígena com a *dor corporal provocada pela tatuagem* através de Pierre Clastres e a relação dos tatuados contemporâneos com a *dor* através de José Carlos Rodrigues e também as considerações a respeito de uma *Sociologia do corpo* através de Le Breton. Foram utilizadas também as *abordagens contemporâneas nacionais*, dentro do campo das Ciências Sociais (tais como a utilização de pensamentos dentro de um *contexto nacional* com relação a uma *crítica ao Etnocentrismo* através de Roberto DaMatta, Roque de Barros Laraia, Everardo Rocha, Carlos Tavares, Carlos Alberto Pereira, Fernando Gabeira, Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Guilherme Mota, assim como uma crítica com relação à *deturpação na interpretação dos conceitos de pele “negra” e “parda”* existentes no Brasil através de Ali Kamel.

A Tatuagem é um exemplo de uma *prática social* que possui os seus *primeiros vestígios no seio do universo indígena (e aborígine)*, e teve uma *continuidade no universo dos homens contemporâneos*. A cultura dos povos indígenas e aborígenes foi bruscamente reduzida, mas posteriormente a essa diminuição, foi possível que os homens contemporâneos fizessem um *resgate da prática de tatuar*, mesmo que não tenha sido eles a criar tais tradições, eles tiveram a capacidade de reinventá-las ao seu modo. Dessa forma, a tatuagem pode ser caracterizada por possuir uma dinamicidade. Essa dinamicidade é enfatizada através do consumo de tatuagens na contemporaneidade.

CAPÍTULO 1

A TATUAGEM SOB UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA

1.1: O Encontro com a Alteridade no século XVI: O Índio e o Europeu

É interessante refletir sobre a seguinte indagação: Que importância pode-se atribuir aos textos dos cronistas e viajantes quando se pensa numa ciência antropológica? Podemos salientar que a importância dos textos dos cronistas se dá pelo seu valor histórico, documental e informativo sobre as novas terras descobertas, como o Brasil, o costume de seus habitantes, a geografia do lugar, as tradições dos povos, as suas crenças, o seu comportamento, a sua estética, o seu modo e estilo de vida, a diversidade de sua cultura.

A compreensão que podemos ter sobre o corpo é a de que ele é moldado pelo contexto cultural no qual o dono desse corpo está inserido. Isso porque as sociedades se expressam através de diferentes formas e costumes com relação aos diferentes corpos e do uso que é feito deles. A *“Carta de Pero Vaz de Caminha -a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil”* é o primeiro registro escrito sobre o Brasil e dentro dele há inúmeras passagens que relatam o cotidiano, os costumes, a forma de vida dos povos indígenas que habitavam o território brasileiro antes da chegada dos colonizadores portugueses trazer com eles o cristianismo. No relato de Caminha, ele descreve como ocorreu o confronto com a alteridade, o espanto e fascinação de sua tripulação pela beleza corpórea dos nativos e deixou registrado em seu relato escrito a primeira impressão que ele e a sua tripulação tiveram dos indígenas aqui encontrados. Caminha tratou logo de reparar nas “feições” desses novos habitantes e constataram que suas feições não eram como as feições dos africanos (os negros já haviam sido revelados desde a Antiguidade Clássica Greco-Romana e também foram vistos como uma alteridade para os europeus).

Para os padrões europeus de beleza, o africano não era visto com simpatia, onde os europeus sempre trataram de depreciar as feições do africano. Então, os europeus, ao terem se deparado com os povos indígenas pela primeira vez, ficaram impressionados com as belas feições dos indígenas encontrados, e do qual Caminha (2003, p. 95) fez questão de deixar por escrito as feições destes índios ao seu Rei:

“A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas: e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto”.

Caminha fez questão de descrever a cor da pele dos novos habitantes (não eram brancos como os europeus, mas também não eram negros como os africanos). Para Caminha, era um fato curioso, e para ele designar a cor de pele dos índios na carta para o Rei de Portugal, a descreveu como uma “pele avermelhada” (ou ainda bronzeada do sol); reparou em suas faces e achou belos os seus rostos, descreveu seus narizes como “narizes afilados” (em oposição aos narizes achatados dos africanos) e por fim, deu-lhes a aprovação de que esses povos eram “bem-feitos”. Depois de ter avaliado as feições dos indígenas, os europeus perceberam que se tratava do encontro com uma nova alteridade: estes belos habitantes andavam nus e possuíam o hábito de pintar seus corpos. Faziam parte do costume dos índios andarem despidos e ornamentados com ilustrações. Esse foi o ponto crucial para que os europeus condenassem os costumes dos índios como hábitos desprovidos da noção de “civilidade” com o qual estavam habituados. Para os europeus, um bom hábito era aquilo já conhecido para o seu entendimento; consideravam maus hábitos tudo aquilo que lhes fosse desconhecido. Então, por desconhecem a cultura indígena, os europeus classificaram os hábitos indígenas como sendo sinônimo de “maus hábitos” que se opunham ao comportamento “civilizado” (LAPLANTINE, 2000). Na concepção dos europeus, andar completamente despido, totalmente desprovido do uso de vestimentas (inteiramente nu da forma que veio ao mundo), era tido como uma grave infração ao comportamento civilizado. Mais adiante em seu relato, Caminha (2003, p.99-100) descreve o espanto de sua tripulação diante da nudez dos nativos (assim como do uso de pinturas corporais e piercing's labiais):

“Muitos deles ou quase a maior parte dos que andavam ali traziam aqueles bicos de ossos nos beiços. E alguns, que andavam sem eles, tinham os beiços furados e nos buracos uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha; outros traziam três daqueles bicos, a saber, um no meio e dois nos cabos. Aí andavam outros quartejados de cores, a saber, metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, a modos de azulada; e outros quartejados de escaques. Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão latas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha”.

É interessante perceber que ao mesmo tempo que os europeus constataram a nudez primitiva e afirmaram que os indígenas não possuíam vergonha de exibirem as “suas vergonhas”, os europeus também não tiveram a menor vergonha em ficar observando detalhadamente a “vergonha”, ou melhor, a falta de vergonha” dos outros. E de tanto olhar a “vergonha” daqueles que não sentiam vergonha em mostrá-la, com isso não seria sensato perceber que os verdadeiros “desavergonhados” eram os europeus? Já que foram eles que se deram ao trabalho de observar as “vergonhas” alheias? Mas se quiserem fazer

uma réplica, os europeus poderiam questionar: então para quê os indígenas fazem exposição de suas “vergonhas”, se não querem ser observados? Mas o problema não está em ser observado, afinal “olhar” não tira pedaço. O problema não está em olhar o corpo alheio despido, mas está sim em não compreender essa naturalidade, e pior que isso, em questioná-la. A partir do momento que o europeu questionou a nudez e a pintura corporal do indígena, ele estava barbarizando o comportamento do outro.

A nudez indígena não tinha a intenção de agredir, afinal, por que eles deveriam considerar a nudez uma agressão? Afinal, não foi assim “pelados” que todos nós, sem exceção alguma, viemos ao mundo? Em nenhuma sociedade, por mais civilizada que ela seja não houve ainda nenhum indivíduo que tivesse vindo ao mundo com vestimentas. Até mesmo os mais civilizados dos europeus vieram despidos ao mundo. Além da nudez, havia ilustrações grafadas nos corpos dos índios. Cobrir o corpo com ilustrações não era habitual para os europeus, como era habitual e natural para os índios. O costume dos índios de ilustrar seus corpos, na medida em que causava estranheza, causava também fascinação, ao ponto dos europeus não conseguirem parar de olhar os corpos nus e ilustrados quando estes passavam bem perto de suas vistas. Sendo assim, Caminha (2003, p. 100) comenta com entusiasmo:

“(...) E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo acima daquela tintura; e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizeram vergonha, por não terem a sua como ela”.

Nota-se aqui, que era costume das índias se enfeitarem com pinturas corporais. Essas pinturas eram exibidas junto com a nudez feminina de forma estampada. As índias que pintavam seus corpos, elas exibiam-no despidos. Os desenhos tribais geométricos faziam perfeita assimetria com as curvas do corpo feminino. Os tribais pintados nos corpos dos índios seguiam a nuance de seus corpos. Havia padronizações de desenhos para homens e mulheres. Cada gênero possuía um estilo de desenho que lhe era peculiar com o seu status social. As índias eram moças vaidosas, costumavam cuidar bem de seu corpo. Os europeus ao terem visto as índias nuas, observaram-na cuidadosamente ao ponto de muitas mulheres que estava na tripulação de Caminha terem sentido vergonha de seus corpos não possuírem uma bela simetria como aquela que acabaram de presenciar. Além de estarem nuas, as índias quase sempre exibiam pinturas em seus corpos. Então um corpo despido e ilustrado causou simultaneamente repulsa e admiração. Ao mesmo tempo que os europeus sentiram-se admirados pela exposição de corpos nus, a naturalidade de tal gesto lhes causou repulsa por eles associarem a nudez com a falta de pudor. Em sua mentalidade pudica, a nudez explícita era coisa de gente despudorada. Por ter considerado os

índios como povos despudorados, Caminha (2003, p.118), na carta que escreveu ao Rei, depois de ter lançado elogios a Terra, ressaltou que a gente desta Terra necessitava de “salvação” (da salvação cristã):

“Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muitos bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar”.

Aqui fica bastante evidente a “dica” deixada pelo escrivão Caminha ao Rei de Portugal, ao dizer que “o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar essa gente”. A palavra “salvar” aqui empregada por Caminha refere-se à missão que teriam os portugueses de propagar a fé cristã no novo território e converter toda essa gente ao cristianismo. Salvar essa gente? Mas de quê? Na concepção de Caminha no seu confronto a alteridade, a nudez ostentada com tanta inocência pelos povos indígenas causou bastante espanto se comparado ao modelo europeu de comportar-se em sociedade: enquanto o europeu do século XV e XVI andava completamente vestido, o indígena dos mesmos séculos andava completamente despido. Então, deu-se aí o choque cultural desses dois povos: vestidos e despidos se estranham mutuamente. Se os europeus cochichavam entre si sobre a nudez dos índios, ocorria o mesmo do lado dos indígenas: os índios também cochichavam entre eles sobre as vestimentas dos europeus. Se para os europeus os índios eram esquisitos por deixarem seus corpos expostos demais, do outro lado, para os índios os europeus eram esquisitos por se esconder por debaixo de tantos panos.

De um lado há o clima temperado e frio da Europa (o que justifica o uso de vestimentas para proteger-se do excessivo frio), do outro lado há o clima tropical e quente da América (o que justifica a ausência de vestimentas devido ao excessivo calor). Mas, no entanto, não são apenas as questões climáticas que definem o uso de roupas ou a não utilização delas, mas são sim as questões sociais que definem o comportamento de um povo. Neste caso, para os portugueses as vestimentas significavam a preservação do corpo como uma forma de pudor. Tem que encobri-lo com panos para que ele não seja visto, não seja apreciado, não seja cobiçado. Para os indígenas a ausência de vestimentas significava a ausência da “noção de pecado” (introduzida pelos portugueses durante o processo de aculturação das comunidades indígenas). Andar despido para o indígena era algo natural para o indígena: o corpo é visto como parte constitutiva da natureza. O corpo é naturalizado. Andar vestido era algo natural para o europeu: o corpo é visto como parte constitutiva da criação divina. O corpo é vigiado e passou a ser

penitenciado. Dessa forma, os índios passaram então a receber penitências devido ao costume da expor explicitamente a sua nudez. Eles tiveram que passar a se penitenciar evitando fazer exposição de seu corpo. O corpo indígena deixa de ter uma conotação naturalizada, para ter uma conotação penitenciada.

No livro *“Duas Viagens ao Brasil”* de Hans Staden (2009, p.40), na segunda parte que trata sobre o breve relato verídico sobre os modos e costumes dos Tupinambás, ele descreve a aparência física das pessoas originárias daquela tribo (mas também os seus costumes). Hans Staden descreve no capítulo 9 *“que estatura têm as pessoas”*:

“São pessoas bonitas de corpo e de estatura, tanto homens quanto mulheres, da mesma forma que as pessoas daqui, exceto são bronzeadas pelo sol, pois andam todos nus, jovens e velhos, e também não trazem nada nas partes pubianas. Mas desfiguram-se eles mesmos com a pintura. Não têm barba, pois extraem os pêlos da barba com a raiz tão logo lhes crescem. Fazem furos no lábio inferior, nas bochechas e nas orelhas e neles penduram pedras. É sua ornamentação. Também ornam-se com penas”.

Hans Staden (assim como Caminha) fez questão de descrever a tonalidade de pele da população indígena (Tupinambá) por ele observada e evidencia que a cor dessa gente é a cor parda (queimada do sol), mas ele utiliza também a expressão *“desfiguram-se com pinturas”* ressaltando que a cultura européia não possuía esse hábito de *“desfigurar-se com pinturas”*. Ele utiliza a palavra *desfigurar-se* querendo expressar que o corpo humano (devido à noção de pessoa cristã) é considerado um corpo sagrado (por causa da concepção bíblica de que os homens foram feitos à imagem e semelhança de Deus) e que as pinturas corporais seriam uma forma de desprezo pela imagem e semelhança com o Deus cristão dos europeus. Hans Staden (2009, p.150) descreve no capítulo 17 *“quais são os adornos das mulheres”*:

“As mulheres pintam a parte inferior do rosto e o corpo da mesma forma que o fazem os homens. Mas deixam o cabelo ficar comprido, como as nossas mulheres. Além disso, não portam ornamentos. Apenas nas orelhas têm furos, e ali penduram ornamentos redondos, com um palmo de comprimento e uma polegada de espessura. Em sua língua chamam-nos de nambipai e os fazem a partir de caramujos do mar chamados matapus. Tomam seus nomes de pássaros, de peixes e frutas das árvores. Durante a infância têm apenas um nome, mas depois de adultas dão-se tantos nomes quantos prisioneiros os seus maridos tiverem matado”.

Quando Hans Staden descreve que as mulheres pintam a parte inferior do rosto e também o corpo (e da mesma forma que as mulheres, os homens também pintam seus corpos, e apenas o que muda é a padronagem dos desenhos que são distintas para homens e mulheres. Há desenhos tribais femininos e desenhos tribais masculinos), e com isso ele demonstra que as mulheres costumavam fazer pinturas

faciais e que tanto as mulheres como os homens fazem pinturas corporais como uma maneira de perpetuar uma tradição (afinal as pinturas corporais sejam elas temporárias ou definitivas, trata-se de uma prática tradicional dentro do seio de muitas comunidades indígenas no período anterior à colonização). Hans Staden (2009, p.152) descreve no capítulo 20 “*como noivam*” as mulheres:

“Eles noivam suas filhas quando ainda jovens. Quando elas crescem e atingem a puberdade, cortam-lhes os cabelos, fazem-lhes incisões com determinadas formas nas costas e atam-lhes alguns dentes de animais selvagens em torno do pescoço. Quando o cabelo volta a crescer e os cabelos nas costas cicatrizam, ainda se pode ver o desenho das incisões, pois eles colocam alguma coisa nas feridas que as fazem ficarem pretas depois de cicatrizar. Consideram isso um sinal de honra. Após o término de tais cerimônias, entregam a moça a quem ficará com ela, sem outra espécie de festividade. Homem e mulher comportam-se com discrição e fazem suas coisas reservadamente”.

É descrito nesta passagem a forma como era realizada a tatuagem para os Tupinambás. Quando Hans Staden fala em incisões nas costas feitas com dentes de animais selvagens ele está descrevendo a técnica da perfuração (que era bem distinta da forma que a pele é perfurada hoje pelos tatuadores na contemporaneidade. Os indígenas utilizavam dentes afiados ou ossos pontiagudos de animais selvagens para fazer os traços das tatuagens. Na contemporaneidade a realização dos traços das tatuagens é realizada por agulhas). Ele também destaca que a coloração da tatuagem indígena era realizada predominantemente na cor preta (embora eles também utilizassem o urucum para a confecção da tinta de cor vermelha).

Hans Staden (2009, p. 153) descreveu no capítulo 21 “*quais são os seus bens*”:

“Entre eles não há comércio, e também não conhecem o dinheiro. Suas preciosidades são penas de pássaros. Quem tem muitas é considerado rico, e aqueles que tiver belas pedras para os lábios e as bochechas está entre os mais ricos. Cada família tem a sua própria plantação de mandioca e alimentação”.

Quando Hans Staden descreve que os índios usavam pedras nos lábios e nas bochechas, trata-se do uso de piercing's faciais, que era um costume dos Tupinambás. A utilização do uso de pedras preciosas no rosto (na face) significava que o índio em questão possuía um status social importante em sua tribo (dentro de sua comunidade). Hans Staden (2009, p.153) descreve no capítulo 22 “*qual a sua maior honra*”:

“Para um homem a honra máxima é capturar muitos inimigos e abatê-los, o que entre eles é muito comum. Ele tem tantos nomes quantos inimigos tiver matado, e os mais nobres entre eles são os que têm muitos nomes”.

Vale destacar que também era comum fazer tatuagens equivalentes ao número de inimigos mortos pelo guerreiro da tribo. Na maioria das vezes os grandes guerreiros indígenas possuíam os seus corpos tatuados, ou quando não possuíam seus corpos com tatuagens definitivas, costumavam-se pintar seus corpos para irem para guerra lutar com o inimigo.

É interessante observar o que falou Roberto DaMatta (1993, p.31) em seu livro “*Relativizando*” acerca da sociedade Tupinambá:

“(...) Quando o tigre dente-de sabre desapareceu, foi-se com ele todo o seu aparato adaptativo, do qual o dente-de-sabre era obviamente uma peça fundamental. Mas quando a sociedade Tupinambá desapareceu, ela deixou atrás de si todo um conjunto de objetos que havia elaborado, copiado, inventado, construído e fabricado, elementos que eram soluções para desafios universais e, mais que isso, constituíam expressões particulares dos Tupi resolverem tais desafios”.

O tigre dente-de-sabre citado por Roberto DaMatta era um animal originário de onde hoje é o território brasileiro e o compara ao povo Tupinambá porque ambos desapareceram, mas ele ressalta que o tigre dente de sabre não deixou marcas culturais como deixaram a população Tupinambá. DaMatta afirma que embora a sociedade Tupinambá tenha desaparecido, ela deixou vestígios culturais e um desses vestígios culturais foram as pinturas corporais (as tatuagens temporárias e sobretudo as tatuagens definitivas) que foram citadas tanto no relato de Pero Vaz de Caminha quanto no relato de Hans Staden.

Roberto DaMatta (1993, p.) ainda em seu livro “*Relativizando*”, ele também nos alertou para o fato da existência de “uma diferença crucial” entre o que significa estudar as sociedades animais e estudar as sociedades humanas:

“(...) nas Ciências Sociais trabalhamos com eventos que está perto de nós, pois pretendemos estudar eventos humanos, fatos que nos pertencem integralmente. O que significa isso? Tomemos um exemplo. Quando eu estudo baleias, estudo algo radicalmente diferente de mim. Algo que posso perceber como distante e com quem estabeleço facilmente uma relação de “objetividade”.

Quando Roberto DaMatta afirmou que “*nas Ciências Sociais trabalhamos com eventos que está perto de nós*” isso implica em dizer que o homem (apesar das multiplicidades culturais) ele é um objeto que nos pertence integralmente justamente pelo fato de que todo homem, por mais diferente, por mais excêntrico, por mais exótico que seja, ele também pertence à humanidade. Roberto DaMatta, salienta que a baleia não tem o poder da argumentação que o homem tem. A baleia não questiona o que é pensado e dito sobre ela pelos cientistas que a observam e que especulam sobre o seu comportamento. A

baleia não possui o poder da contestação. Ela não pode argumentar e nem contestar a seu favor. Por outro lado, o Homem pode questionar o que é pensado e o que é dito sobre ele (ou contra ele). O Homem possui o poder da contestação. O Homem pode argumentar e contestar a seu favor.

Roberto Da Matta, em *“Relativizando: uma Introdução a Antropologia Social”*, ele ressalta que o Evolucionismo pode ser caracterizado por quatro idéias centrais: 1) ele critica a idéia de que as sociedades humanas sejam comparadas entre si por meio de seus costumes e analisadas fora de seus contextos (para ele, as sociedades humanas devem ser estudadas levando em consideração o contexto na qual estão inseridas); 2) ele critica a idéia de que as sociedades se desenvolvem de modo linear, em que a idéia de progresso se mostra de forma irreversível (para ele, as sociedades não se desenvolvem em linha reta, ao contrário, as sociedades são fragmentadas e se desenvolvem cada uma a seu modo e a seu tempo); 3) ele critica a idéia de que os costumes têm apenas uma única origem, uma única individualidade e um único fim (para ele, os costumes são diversos, por isso não podem ter uma única origem, tampouco uma única individualidade ou único fim. As origens, as particularidades e as finalidades dos costumes são múltiplas para os múltiplos povos); 4) ele critica a idéia de que o “novo” tem que ser visto como um “estranho” (para ele, ao tomarmos conhecimento do “outro” que nos é “estranho”, ele deixará de ser estranho e passará a ser um “conhecido” digno de reconhecimento).

Para Roberto Da Matta, não podemos mais permitir que a tecnologia continue a ser o grau medidor de evolução das sociedades. Não é a genética (neste caso, a europeia) que atribui à cultura, pois a cultura só pode ser apreendida através da produção humana. Nas produções culturais da humanidade, cada cultura distinta possui o seu papel. Não podemos mais ter como parâmetro de comparação a tecnologia como o grau máximo da sociedade do colonizador.

Os antropólogos e sociólogos devem dar mais importância ao que as pessoas fazem do que o que elas dizem. Isso porque as pessoas dizem coisas, mas podem fazer outras. Então, deve-se dar importância à “ação” do indivíduo, muito mais do que a “palavra” dele. As atitudes, as ações que o homem pratica e comete, valem mais do que o que o homem diz de si mesmo. O que “fala” pelo homem não são as suas palavras, são os seus gestos, é a sua conduta, é o seu comportamento, são as suas ações.

Roberto DaMatta, (1986, p. 82) em seu livro *“Explorações-Ensaio de Sociologia Interpretativa”*, ele expressa que:

“A Antropologia Social de cunho comparativo tem revelado que as sociedades se manifestem através de estilos diferentes utilizando médiums igualmente diversos. Uns falam de si mesmas utilizando os espíritos e os mitos; outras preferem os decretos e os deputados; outras, ainda, se revelam por meio de uma atividade estética refinada. Os índios brasileiros

não pintam quadros, pintam seus corpos. Nisso, é óbvio, demarcam grupos sociais, mas exprimem igualmente toda uma noção de fisiologia e de metafísica relacionada à pele e como essa pele se projeta em cadeias complexas de elos sociais”.

Roberto DaMatta destaca o comportamento dos índios Tupinambás de se tatuarem como uma atividade estética refinada; enquanto os pintores europeus pintam quadros, os índios Tupinambás pintam corpos. DaMatta também destaca o fato da sociedade Tupinambá de tatuar como uma prática que serve para demarcar grupos sociais e as pinturas corporais temporárias assim como as tatuagens definitivas atuam como inscrições que fortalecem a demarcação de grupos. As tatuagens eram realizadas sob o prisma coletivo (a marca tatuada revela o seu pertencimento a um grupo específico). A tatuagem proporciona a formação de um elo social entre o tatuado e a sua comunidade indígena (ao seu grupo).

1.2: Reflexão sobre a Noção de Bárbaro entre os Gregos

“O homem nasce bárbaro. Redime-se da condição de besta cultivando-se. A cultura nos transforma em pessoas; e tanto mais, quanto maior for a cultura. Por isso, a Grécia pôde chamar o resto do mundo de bárbaro. A ignorância é rude e grosseira. E até a sabedoria é áspera quando carece de polimento. Não é apenas a inteligência que devemos apurar, mas também os nossos desejos e principalmente nossa conversa. Alguns exibem um esmero natural tanto nas qualidades interiores quanto nas exteriores, tanto nos conceitos quanto nas palavras, tanto no adorno quanto corporal (que é como a casca) quanto nos dons espirituais (o fruto). Já outros são tão brutos que embaçam tudo, até suas qualidades superiores, como um intolerável desasseio bárbaro” (GRACIÁN, 2004, p.57).

Baltasar Gracián neste seu aforismo, quis evidenciar a “concepção de cultura para os gregos”, e começa expressando que o homem nasceu bárbaro e deixou de ser uma besta com o advento da cultura. Enquanto desprovido de cultura, o homem era uma besta. Uma vez provido de uma cultura, o homem torna-se um humano. No entanto, ele fala que aquele que não pertencia à Grécia era um bárbaro (aqui ele de certa forma renega que qualquer estrangeiro seja provido de cultura ou de sabedoria. É como se apenas os gregos fossem dotados de sabedoria e os demais povos estrangeiros fossem um bando de bestas. Sabemos que na época da antiguidade grega, a América ainda não havia sido conquistada, então desconhecia-se a existência dos povos indígenas das Américas. Por outro lado, a Grécia conhecia os negros da África (a África fazia parte do Velho Mundo, assim como a Europa), mas esses “estrangeiros africanos” eram considerados povos bárbaros e inferiores na concepção da Grécia antiga. A Grécia antiga considerava todas as outras demais culturas como sendo rudes. Ele ressalta que a cultura grega

valorizava por demais a virtude de possuir sabedoria. Os gregos detestavam rudeza, ignorância, burrice. Por isso ele cita a cultura grega como aquela dotada de um esmero cultural radiante, como um povo que transparecia elegância.

Gracián cita o adorno corporal como uma casca, e quanto a isso ele está querendo dizer que a cultura grega antiga venerava os seus deuses. Os deuses, para os gregos antigos, eles influenciavam o comportamento das pessoas, já que todas as ações praticadas (tanto as boas quanto as más) estariam sendo vigiadas pelos deuses, que teriam o poder de julgar (de condenar ou absolver da culpa o praticante da boa ou da má ação). A Grécia antiga respirava espiritualidade, tudo girava em torno dos deuses. Os dons espirituais seria o fruto dos deuses criados pelos gregos. Eles cultuavam o corpo (possuíam uma obsessão pelo corpo belo, pela nudez), mas o lado espiritual era o motor de seu comportamento cultural (até a beleza de sua nudez era motivada para agradar os deuses, como sinônimo de simbolizar a sua perfeição corpórea diante dos deuses. Como uma forma de indicar que deviam a sua beleza e sabedoria à uma intervenção divina que os deuses faziam agir sobre o povo grego. Eram belos e sábios porque assim os fizeram os deuses). Só os seus deuses eram realmente divindades. Então, os demais povos bárbaros eram desprovidos de proteção, ou se possuíam alguma proteção, não se comparavam à proteção recebida por seus deuses. Era como se os deuses alheios fossem mais fracos que os seus, e que os seus deuses eram mais fortes do que os dos outros. Era como se as demais culturas alheias fossem tão brutas, tão rudes, que embaçavam até as suas qualidades superiores.

Ora, se, na concepção grega, só os seus deuses eram poderosos, como eles reconheceriam que os povos bárbaros possuíam qualidades superiores às suas? Os gregos acreditavam que as suas qualidades eram superiores a todas as demais. A convicção do povo grego era a de que as suas qualidades eram superiores a dos povos bárbaros e que as qualidades destes povos bárbaros eram inferiores as suas.

François Laplantine (2000, p.), em seu livro *“Aprender Antropologia”*, nos revela que a *“recusa do estranho”* se dá através da boa consciência que se tem de si e de sua sociedade (é o que faz gerar a estranheza diante da cultura do outro). A recusa do estranho se dá pelo medo, pois o que é estranho amedronta, assusta, causa impacto, cria estereótipos (ou seja, o que é igual a mim é bom e o que é estranho e distinto de mim é mau). O *“fascínio pelo estranho”* se dá pela curiosidade (seria uma forma de ter uma má consciência de si e de sua sociedade ao se sentir atraído e curioso por uma sociedade distinta da sua). O fascínio pelo estranho se dá pelo interesse em descobrir o novo, o diferente. Então, podemos perceber que o pensamento de Laplantine torna-se ambivalente: o que é estranho assusta e ao

mesmo tempo nos causa interesse e curiosidade. Estranhamento e fascinação acabam caminhando lado a lado.

1.3: A Tatuagem sob o Prisma Negativo da Igreja Cristã

David La Breton (p.18-19) ao refletir sobre a Sociologia, ele elucida que: *“o homem não é o produto do corpo, produz ele mesmo as qualidades do corpo na interação com os outros e na imersão do campo simbólico. A corporeidade é socialmente construída”*. La Breton, ao elucidar que o homem não é produto do corpo, ele quer dizer que não é o fator biológico que determina a cultura. O que determina a cultura é o meio social. É o convívio em sociedade que modela o comportamento humano. Por isso, não é o corpo que determina a cultura, é a cultura que determina o corpo. Podemos constatar com isso que existem distintas culturas e cada uma delas possui uma forma diferenciada no que se refere ao trato que é dado ao corpo. Por exemplo, no século XVI, o trato que as sociedades européias davam ao corpo é totalmente distinto do trato que as sociedades indígenas davam ao corpo. A maneira de ver o corpo é diferenciada nos continentes europeu e americano do século XVI. Então, o meio social determina a corporeidade contraditória entre povos diferentes. Max Weber (2009, p.31), em sua obra *“A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”*, nos faz perceber que:

“A dominação do calvinismo, tal como vigorou no século XVI em Genebra e na Escócia, na virada do século XVI para o século XVII em boa parte dos países Baixos, no século XVII na Nova Inglaterra e por um tempo na própria Inglaterra, seria para nós a forma simplesmente mais insuportável que poderia haver de controle eclesiástico do indivíduo”.

Diante disso, podemos perceber que enquanto a Europa do século XVI e XVII estava tomada por um espírito puritano (inicialmente luterano, depois calvinista), havia também o catolicismo também muito forte nos países ibéricos (Portugal e Espanha). E enquanto a Europa se dividia entre católicos e protestantes, do outro lado do oceano Atlântico, na América do Norte, Central e do Sul, a vida seguia seu curso normal, onde inúmeras populações indígenas habitaram o continente americano por muitos séculos sem sequer terem tido a noção de que existia outros povos dito “civilizados” (que professavam a fé do catolicismo, ou então do protestantismo). Enquanto a Europa anterior ao século XVI era cristã, a América durante esse mesmo período era pagã. O paganismo que foi atribuído aos povos indígenas quando ocorreu o confronto com a alteridade, deve-se ao fato dos índios andarem todos nus, sem vestes alguma para encobrir o corpo. Além da sua nudez, muitas populações indígenas possuíam o hábito de

grafar seus corpos nus com ilustrações indeléveis, ou seja, com grafismos rabiscados no corpo (as tatuagens tribais).

Tanto o catolicismo quanto o protestantismo europeu, condenaram a naturalidade do corpo nu, e associaram a nudez indígena a uma atitude pecaminosa (porque para os europeus a nudez representaria um gesto displicente de um povo que possuía ausência de pudor). Devido a esse tipo de pensamento, inúmeras populações indígenas foram associadas à selvageria por desconhecer os costumes civilizados de ter o hábito de usar vestimentas e o de não grafar o corpo com figuras indeléveis geométricas ilustrativas (as tatuagens). Havia um certo controle eclesiástico na Europa diante do comportamento dos indivíduos; esse controle eclesiástico acabou sendo transportado para os países do continente americano que foram alvos da colonização européia.

Max Weber (2009) ao descrever o puritanismo do calvinismo, nos revelou que a doutrina calvinista acreditava que “Deus” só teria morrido pelos eleitos. Para o calvinismo, só eles são capazes de compreender a palavra divina. Os sacramentos ordenados por Deus seriam invioláveis, e quem se afastasse dos preceitos da “verdadeira Igreja” não seriam dignos de pertencer aos candidatos eleitos. O puritano genuíno condena todo vestígio de cerimônias religiosas fúnebres (por isso jamais estariam condizentes com os rituais indígenas de tatuar o corpo, ou ainda as práticas de canibalismo relatadas pelo alemão Hans Staden no século XVI. Nesse período a Europa vivia o fervor do puritanismo). Foi nessa época de fervor puritano, que ocorreu distante da Europa (na América) o confronto com uma alteridade às avessas ao modelo puritano europeu.

O século XVI também foi marcado pelo fervor católico dos países ibéricos (Portugal e Espanha). E foram justamente os países ibéricos os primeiros a se apossarem das terras da América. Os católicos europeus se opunham aos rituais antropofágicos dos índios, eles não entenderam o significado de seus rituais, os concebiam como uma aberração, um verdadeiro contraste com as práticas cristãs. Sob essa perspectiva, desde sempre os indígenas já estavam condenados ao inferno metafísico dos católicos. Mas poderia haver uma solução: se os indígenas se propusessem a deixar-se aculturar, convertendo-se ao catolicismo, poderia ser repensado o seu castigo da condenação eterna, já que a “conversão” ao catolicismo seria uma “brecha” que poderia ser concedida aos índios convertidos. Percebemos que o catolicismo fazia concessões àqueles que se utilizavam de rezas, sacrifícios, martírios, súplicas, clemências ou qualquer forma de subterfúgio. Já o Judaísmo Antigo repudiava como superstição e sacrilégio todos os meios mágicos de buscar a salvação. Os eleitos já foram apontados. Não há solução para aqueles que não estão nesta lista privilegiada. E entre aqueles que não constam nesta lista,

certamente se encontram os africanos fetichistas e os índios canibais. Até mesmo os católicos não constavam nesta lista. Os eleitos era um grupo restrito de judeus (ou ainda de protestantes puritanos).

O crente puritano (seja ele judeu ou protestante) só se ocupa, só se preocupa consigo mesmo e só pensa na própria salvação. Os demais já foram excluídos sem maiores problemas. Para o judaísmo e para o calvinismo, o problema da teodicéia e do sentido do mundo e da vida, já estariam resolvidas e evidentes para os “eleitos” de Deus. A verdade já havia sido revelada para eles, e nessa perspectiva se deduz que os africanos e os povos indígenas não se encaixavam dentro dessa “divina eleição”.

Os povos indígenas existentes no período do século XVI, cada um deles em suas respectivas comunidades (espalhadas pela América), foi alvo da recusa do europeu diante de seus costumes (que foram vistos com estranheza e por isso mesmo foram relatados e definidos com imprecisão pelos europeus). Naquele contexto histórico, era impossível para um católico ou para um crente puritano terem definido os índios da América com precisão. Então, podemos concluir que a visão que tiveram os católicos (e mais tarde os puritanos) ao se depararem com povos totalmente distintos de seus costumes, foi uma visão etnocêntrica (baseada na imprecisão), e, portanto, dotada de estranheza com relação ao novo, com relação ao outro, ao diferente. Os diagnósticos realizados pelos católicos ou puritanos com relação aos costumes dos nativos indígenas, não foram diagnósticos realizados com precisão.

É interessante notar que o sistema ético católico se baseia no preceito de “amor ao próximo”, já o sistema ético judaico ou protestante se baseia no preceito do cumprimento da sua “missão vocacional”. Vem daí o conceito de missão vocacional que distingue os judeus e protestantes dos católicos: enquanto os católicos pensam na ascese monástica (as primeiras gerações de cristãos tratavam a vida profissional mundana com indiferença, a viam de forma tradicionalista e não de forma racionalista), os judeus e protestantes através do conceito alemão de *Beruf*, acreditam que o único meio de viver que agrada a Deus é cumprir os deveres *intramundanos*, tal como decorrem da posição social do indivíduo na vida (ou seja, a total dedicação à sua vocação profissional). No entanto, o Luteranismo (que surgiu anteriormente ao Calvinismo), também não possuía como preceitos um alto grau de racionalismo econômico. Lutero acreditava na Providência (na vontade divina) onde a idéia de predestinação enfatizava que o indivíduo deve permanecer na profissão e no estamento que Deus o destinou. No luteranismo, o sujeito deve controlar a sua ambição terrena dentro dos limites da posição social que foi concedida. Para os luteranos, a Providência divina deve ser levada à sério, devendo ter a aceitação incondicional da situação que lhe foi destinada.

Lançando um olhar sob uma *perspectiva etnocêntrica luterana* com relação à questão indígena, a situação dos índios seria tratada da seguinte forma: uma vez selvagens, sempre primitivos (pois já estaria implícita essa condição de selvageria e primitividade em sua divina providência). Assim como os luteranos, os católicos não possuíam o anseio de ascender economicamente na vida (como possuem esse anseio os judeus e os protestantes por uma ascensão econômica). Só os “eleitos” estariam destinados a ocuparem os “altos postos administrativos” através de seu racionalismo econômico. Diante dessa visão, também fica evidente que tanto os povos africanos quanto os povos indígenas da América não possuíam esse racionalismo econômico como aqueles que pertenciam a doutrina judaica ou à doutrina puritana calvinista. Não era da natureza do nativo indígena visar a acumulação de riquezas, como faziam os países capitalistas emergentes da Europa do século XVI. Enquanto a América do século XVI era um vasto território com matas virgens e selvagens, com inúmeras populações de hábitos naturalistas, na Europa do mesmo período já emergia o espírito do capitalismo, do racionalismo econômico. A América quando foi descoberta pelos europeus, era naturalista (e não pré-capitalista como já estava nesse estágio a Europa).

Lançando um olhar sob a *perspectiva etnocêntrica calvinista* com relação à questão indígena, a situação dos índios seria tratada da seguinte forma: uma vez sendo considerados como selvagens primitivos, não fazem parte da lista seletiva dos “eleitos” ao reino dos céus (pois sua condição de selvageria e primitividade já o excluiriam da seletiva e restrita lista de merecedores à entrada no paraíso). É válido frisar que a Reforma Protestante seria impensável sem a personalidade religiosa de Lutero, no entanto, a Reforma não teria perdurado sem o espírito do calvinismo (pois havia uma repulsa comum a católicos e luteranos na conduta ética do calvinismo). O calvinismo desde o momento em que foi constituído, ele sempre foi o maior adversário do catolicismo. No entanto, embora católicos e luteranos sejam opostos dos judeus e dos calvinistas, todos eles (católicos, luteranos, judeus e calvinistas), todos, sem exceção, ao terem se deparado com o confronto da alteridade, questionaram e repudiaram os modos de ser do “outro”, os modos de ser da “diversidade”. O que há em comum entre todas essas doutrinas é a crença monoteísta em um único Deus. Em nome dessa “fé”, todos os demais povos existentes nos outros continentes foram vistos como povos a serem inferiorizados e subjugados pelos preceitos universalistas dos que se autodenominaram “superiores”.

Enquanto os ibéricos portugueses e espanhóis se apossaram do território da América do Sul, os anglo-saxões ingleses e franceses se apossaram do território da América do Norte. Enquanto a colonização da América do Norte pelos ingleses e franceses se configurou em uma colônia de

povoamento, a colonização da América do Sul pelos portugueses e espanhóis se configurou em uma colônia de exploração. Tzvetan Todorov (2003), em sua obra “*A Conquista da América*” ele reflete sobre o maior massacre existente contra uma civilização antiga: foi o massacre dos espanhóis contra os povos mexicanos Maias e Astecas, que tiveram suas cidades, seus templos, seus objetos de arte, suas relíquias, seus livros, seu ouro, todas as suas riquezas saqueadas e destruídas pela tripulação do navegador Cortez. Sem dúvida, o massacre contra os Maias e Astecas, foi o maior massacre praticado pelos espanhóis contra uma antiga e deslumbrante civilização. Hoje, só há apenas “resquícios” (ruínas) da arquitetura do que um dia já foi a maior civilização das Américas.

1.4: Uma Nova Perspectiva para Enxergar a Alteridade Renegada

Chega a ser curioso pensar que a “História europeia” como um todo faz parte da História Ocidentalizada, e, isso significa que os povos ágrafos (aqueles que não possuíam escritas) são povos que foram considerados pelo Ocidente Europeu como povos “sem História” por não haver registros da passagem do tempo. O primeiro registro escrito sobre o Brasil que se sabe até hoje foi a *Carta de Pero Vaz de Caminha*. E o que existia antes desse registro de Caminha? Houve a curiosidade de viajantes, que começaram a escrever sobre o costume desses habitantes (mas no século XVI, os viajantes não escreviam de uma forma científica, escreviam de uma forma narrativa e descritiva, e muitas vezes colocando o “juízo de valor” do europeu para censurar os povos indígenas da América). Então, a Antropologia ao interessar-se pelo estudo dos povos indígenas, busca resgatar uma “Nova História”, um “novo olhar”, uma nova perspectiva acerca dos costumes dos primeiros habitantes do Brasil, onde a prática da tatuagem está inserida entre os costumes de inúmeras populações indígenas antes da colonização portuguesa em solo brasileiro. Com isso, a nova perspectiva histórica mostra-se contrária ao paradigma tradicional. Há divergências entre a Antiga e a Nova História, e destacam-se:

1) De acordo com o paradigma tradicional europeu, a História diz respeito essencialmente à política (onde a lógica disso seria pensar que a História é a política passada). Isso porque a política por estar relacionada ao Estado, poderia ser analisada sob a ótica nacional e internacional (muito mais do que regional). Com isso, o regionalismo foi preterido diante de questões consideradas mais relevantes. Com esse cenário, a arte como um todo (as diversas atividades artísticas: pintura, escultura, música, práticas corporais, etc) foi marginalizada pelo paradigma tradicional. As manifestações artísticas foram colocadas como possuidoras de “menor importância” do que o cenário político, que roubava todas as

cenar da História tradicional. Diante disso, a Nova História passa a se interessar por toda a atividade humana (incluindo as manifestações artísticas e com as práticas mais cotidianas, que antes eram tidas como irrelevantes). Assim, o que antes era considerado imutável, passa agora a ser visto e compreendido como “construções culturais” que podem estar sujeitas à variações, tanto no tempo quanto no espaço.

Sabe-se hoje que a realidade social é culturalmente construída, desconstruída e reconstruída num movimento incessante. A prática da tatuagem, por exemplo, foi construída dentro do seio dos primeiros habitantes do Brasil, foi desconstruída pelo paradigma da imposição de uma “civilidade” (onde quiseram extinguir as marcas corporais praticadas pelos indígenas). A prática de tatuar “corpos civilizados” está sendo reconstruída na contemporaneidade com uma ótica menos estereotipada daquela que se tinha dos povos nativos (hoje os “civilizados” também se tatuam, também podem se tatuar, sem que isso atrapalhe o seu alto nível de “civilização”). O próprio relativismo cultural tem mostrado a distinção pejorativa que se atribuía ao que era considerado central: a História dos costumes do colonizador (tido como mais importante) e o que era considerado periférico: a História dos costumes dos colonizados (tido como menos importante);

2) A História tradicional é vista como uma “narrativa dos acontecimentos” em sentido linear, onde os povos indígenas do Brasil antes da colonização (e os posteriores a ela) sempre foram designados como povos arcaicos na escala evolutiva devido a sua rusticidade, quando comparados aos povos europeus (fossem eles do século XVI, ou, fossem do século XXI) sempre foram designados como povos avançados na escala evolutiva devido a sua tecnologia. Em contrapartida, a nova perspectiva histórica conciliada com um olhar antropológico está mais preocupada com a análise das estruturas (como as estruturas atuam como modelos estruturantes);

3) A História tradicional sempre propiciou uma “visão dos dominantes” (onde os protagonistas das narrativas sempre se concentram nos grandes homens: reis, príncipes, duques, condes, barões, estadistas, generais, eclesiásticos, religiosos, mártires, etc), já a “Nova História” (se utiliza de todas as descobertas que estão sendo feitas e estão sendo escritas pelos antropólogos e sociólogos, que passaram a se preocupar com uma “visão dos dominados” (onde os protagonistas passam a ser pessoas comuns, do cotidiano popular). E neste estudo sobre tatuagem os protagonistas são o tatuador e o tatuado;

4) Para o paradigma tradicional, o período anterior à invenção da escrita, foi posto de lado, foi considerado como formas primitivas de vida social. É justamente pelo preconceito diante dos povos “sem escrita”, instaurou-se uma recusa por parte do colonizador perante os costumes dos indígenas

(incluindo entre esses costumes estigmatizados pela colonização, o uso ou ostentação de tatuagens). De acordo com o paradigma tradicionalista, a História deveria ser baseada em documentos, em registros oficiais que fossem reconhecidos por um governo e preservados em arquivos. Diante disso, o movimento da História do ponto de vista dos dominados expôs limitações desse tipo de documento. Além do mais os registros oficiais que existem sobre as narrativas históricas, expressam apenas o ponto de vista da História oficial, e não expressam o ponto de vista dos povos que foram equivocadamente considerados “primitivos”. Então, com relação à prática de fazer tatuagens e de portá-las em seus corpos, essa técnica sempre foi relatada nos registros oficiais desde a época do descobrimento com uma “visão de cima”, onde o colonizador sempre procurava depreciar a arte milenar de tatuar o corpo indígena como uma aberração e como algo dotado de insignificância para os costumes europeus. Daí se instaurou a estigmatização do índio e de seus hábitos comportamentais (incluindo nessa estigmatização, o hábito de ilustrar o corpo com grafismos indígenas).

Diante do comportamento do colonizador perante os povos colonizados das Américas, percebemos que a mente do colonizador não reflete diretamente a realidade. Hoje costumamos perceber o mundo através de uma estrutura de convenções e de estereótipos que variam de uma cultura para a outra.

Nos respectivos livros “*O que é Contracultura*” (1986) de Carlos Alberto M. Pereira, e “*O que são Comunidades Alternativas*” (1985) de Carlos A.P. Tavares, se nós fossemos ter a curiosidade sobre quem propôs que se pensasse em uma nova História a ser contada (utilizando essa visão dos dominados), percebemos que essa forma de pensar começou a se manifestar inicialmente entre as décadas de 1950 e 1960 e mais adiante prosseguiu entre as décadas de 1970 e 1980 do século XX se opondo aos regimes ditatoriais e neste período houve uma forte reação contra o paradigma tradicional, tornando-se uma tendência mundial envolvendo países como o Japão (que é conhecido pela sua arte milenar da tatuagem “*Tebori*” e que havia se enfraquecido no período da Segunda Guerra Mundial), a Índia (que pratica a arte milenar da tatuagem de “*Henna*” e que havia sofrido com a colonização inglesa) e inclusive os países da América Latina (que praticavam pinturas corporais tanto temporárias quanto definitivas e que sofreram com a colonização portuguesa e espanhola). Assim, muitos países de distintos continentes começaram a querer poder dar uma nova visão da sua História (afastando-se da tendência tradicionalista) propondo novas narrativas dos países colonizados, que deveriam ser contadas sob uma nova perspectiva.

Entende-se assim, que há razões externas e internas para a existência da crise do paradigma tradicional. A própria “História da Tatuagem” foi depreciada pelo paradigma tradicional e está tendo

agora a oportunidade de dar uma “nova versão” sob a perspectiva de um *olhar relativista* acerca da tatuagem na contemporaneidade. No período da colonização da América, a tatuagem sofreu rejeição devido aos colonizadores terem se referido a um ambiente que não lhes era familiar. Então, como a tatuagem não lhes era familiar, ela foi vista com maus olhos, que era o que normalmente faziam os exploradores de outras culturas: os exploradores sempre começavam com uma espécie de “imagem distorcida” dos povos das terras por eles encontradas.

Se a consequência das viagens marítimas no final do século XV foi a colonização da América no século XVI, a consequência da Revolução Industrial foi a expansão do capitalismo e das grandes indústrias, que fez favorecer o desenvolvimento do Imperialismo (Colonialismo) na África, Ásia e Oceania do século XIX. Então, muitos desses povos estão agora reivindicando a sua própria perspectiva histórica (afastando-se assim de todo tipo de estereótipos equivocados com relação aos seus modos comportamentais).

Em “*Resistência, Memória e Etnografia*” (p.14), Jorge Luís Gonzaga Vieira, argumenta que:

“Na lógica do conquistador, os acontecimentos e suas práticas são enaltecidos como feitos históricos importantes para o crescimento e desenvolvimento da humanidade. A invasão, o extermínio, a escravização, a imposição de valores e costumes sobre os povos conquistados se justificam sob a sua ótica e esta história ainda não foi escrita pelos povos que já se encontravam habitando estas terras”.

François Laplantine em seu livro “*Aprender Antropologia*” (2000) ele expôs que a Antropologia se interessa justamente em apontar uma nova ótica acerca dos costumes e práticas indígenas (buscando se distanciar das narrativas históricas oficiais que costuma engrandecer o colonizador e costuma diminuir os povos colonizados). Laplantine ressalta que a idéia de fundar uma ciência do Homem (uma Antropologia e Sociologia) é muito recente. Apenas no final do século XVIII é que começa a se constituir um saber científico que coloca o homem como objeto de conhecimento, e não mais a natureza. É nesse período que surge um pensamento científico que tenta aplicar ao próprio homem os métodos que eram utilizados na área da biologia e da física. Há, portanto, diversos tipos de conhecimento: o conhecimento do senso comum, o conhecimento religioso, o mitológico, o estético, o filosófico, o científico. Nota-se também que no século XVIII imperava o conhecimento especulativo (idéias especulativas) e no século XIX imperava o conhecimento positivo (idéias positivistas). O *conhecimento do senso comum é ametódico* (não possui método), *é assistemático* (não possui um sistema, não possui análise, não possui crítica, não exige demonstração); O *conhecimento religioso* se caracteriza pela fonte de seus estudos serem os livros sagrados, onde Deus teria uma sabedoria infinita e que os fiéis devem

todos eles serem tementes à Deus, não questionando nunca as suas “verdades absolutas”; O *conhecimento filosófico* questiona os problemas dos homens, utilizando a luz da razão, ressaltando a reflexão e utilizando a lógica (ele não se utiliza de leis demonstradas), pois o objeto da filosofia são as idéias; já o *conhecimento da Sociologia* é a realidade. A *Sociologia* quer se apropriar do real. É o real que lhe interessa. O conhecimento científico-sociológico só acredita no visível, no palpável, no verificável, no demonstrável, no explicável.

É a partir do século XVIII que há uma ruptura, onde o Teocentrismo (Deus como o centro do universo) dá lugar ao Antropocentrismo (O Homem como centro do universo). A diferença entre o Teocentrismo e o Antropocentrismo é que o Teocentrismo valoriza o sobrenatural e o Antropocentrismo valoriza a realidade dos fatos como eles são e valoriza a realidade da vida como ela é. O século XIX é o período em que se constituiu a *Antropologia* e a *Sociologia* enquanto disciplinas distintas e autônomas. O século XIX era um ambiente expansionista e imperialista. Os europeus estavam dominando parte da África, Ásia e Oceania, que eram áreas de culturas bem distintas dos europeus. Sabemos hoje que a humanidade constitui somente uma espécie e que não é a genética que explica as diferenças na humanidade.

Entendemos por *Etnologia* a designação francesa para a pluralidade das culturas. Entendemos por *Antropologia* o estudo do homem inteiro, onde propõe a unidade do gênero humano mas exaltando a pluralidade cultural dessa unidade. Entendemos por *Sociologia* o estudo do substrato social.

Se formos analisar o Estado de Natureza segundo Jean Jacques Rousseau em seu “*Discurso sobre a Origem entre os Homens*”, percebemos que há um abismo entre o *Estado de Natureza* e o *Estado de Sociedade*. O homem natural é desprovido de todas as características apresentadas pelo homem social. Isso porque se considera que o estado de natureza não mais existe e que se encontrava alheio e indiferente à própria história. Na concepção de Rousseau seria um erro atribuir ao homem natural características de sociabilidade, de razão, de paixões, pois essas características só se desenvolveram, só surgiram com o advento da sociedade. O homem natural não possuía ainda a consciência de ser homem. Ele apenas apresentava características de um animal “melhor organizado” que os outros animais existentes na natureza.

Em “*As Regras do Método Sociológico*”, Durkheim evidenciou que a linguagem, a razão, a família, o trabalho, a propriedade, a sociedade, a moral, o comportamento estético, nada disso são características naturais do homem (pp.). As características humanas foram criadas com o advento das sociedades, e

sabe-se hoje que as sociedades humanas são múltiplas e distintas. Podemos compreender então que o homem não possui nenhuma característica exclusiva, e que ele pode adquirir apenas todas aquelas características que lhe forem apresentadas no curso de sua vida. Entendemos com isso que o homem não é um ser imutável, ao contrário, ele é mutável. Mas ele não se transformaria se as “circunstâncias” não mudassem, já que o homem não tem em si (o homem isolado da sociedade) um princípio interno de transformação, e isso pode ser constatado com as etapas da evolução do homem, que o fez sair do *Estado de Natureza* para o *Estado de Sociedade* devido as mais diversas circunstâncias externas.

O homem pode ser classificado como um ser que busca ser “perfectível” no sentido em que ele possui uma imensa propensão em se aperfeiçoar. O homem busca se aperfeiçoar com o decorrer das circunstâncias. É a partir do desenvolvimento das necessidades que o homem busca um aperfeiçoamento de seus instintos e conseqüentemente um aperfeiçoamento de suas técnicas e de suas práticas. No *Estado de Natureza*, a linguagem universal ainda era muito rudimentar e inexistia a noção de “nação”, de “pátria”, de “povo”. A construção de abrigos permite que as famílias se estabeleçam e se multipliquem. O ser humano não sabe viver sozinho. O ser humano precisa sempre de uma cultura, de uma “base” para se espelhar.

Assim, foi possível associar o pensamento de Rousseau com o pensamento de Durkheim. O *Estado de Natureza* diz respeito ao homem natural, ao homem das sensações. O *Estado de Sociedade* diz respeito ao homem social, e este homem social pode ser bom, pode ser mau. Com o homem social surge as paixões e os laços afetivos estreitam-se fazendo com que se formem as famílias e se constitua as sociedades.

1.5: O Olhar de Friedrich Nietzsche sobre a Moralidade do Corpo

É válido destacar o que Friedrich Nietzsche (2007, p.23) citou em seu livro “*Aurora*” num aforismo que fez sobre o “Conceito da Moralidade dos costumes”:

“Se compararmos nossa maneira de viver com aquela da humanidade durante milhares de anos, constataremos que nós, homens de hoje, vivemos numa época muito imoral: o poder dos costumes enfraqueceu de uma forma surpreendente e o sentido moral sutilizou e se elevou de tal modo que podemos muito bem dizer que se volatizou”.

Nietzsche quer expressar com esse aforismo que os homens dos primeiros estágios da humanidade eram homens morais (porque a tradição tinha um lugar privilegiado para os antigos povos, onde o poder

dos costumes era forte e determinava os modos de ser da comunidade. Os homens de hoje seriam homens imorais (porque a tradição deixa de ter um lugar privilegiado para os homens contemporâneos, onde o poder dos costumes tornou-se fraco). Houve uma volatilização dos costumes na modernidade. A moralidade deu espaço à imoralidade dos costumes. Tudo hoje se dissipa, se desmancha no ar. Se pensarmos nesse aforismo de Nietzsche e aplicá-lo ao universo da tatuagem, observaremos que a tatuagem era uma tradição de inúmeras sociedades indígenas:

“E o que é a tradição? Uma autoridade superior à qual se obedece, não porque ordene o útil, mas porque ordena. - Em que esse sentimento de tradição se distingue de um sentimento geral do medo? É o temor de uma inteligência superior que ordena, de um poder incompreensível e indefinido, de alguma coisa que é mais que pessoal- há superstição nesse temor. - Na origem, toda a educação e os cuidados do corpo, o casamento, a medicina, a agricultura, a guerra, a palavra e o silêncio, as relações entre os homens e a relação com os deuses, pertenciam ao domínio da moralidade: esta exigia que prescrições fossem observadas, sem pensar em si mesmo como indivíduo” (NIETZSCHE, 2007, p.23).

O ritual da tatuagem na sociedade Tupinambá relatada inicialmente na *carta de Pero Vaz de Caminha* (2002) e posteriormente relatado pelo viajante alemão Hans Staden em *“Duas Viagens ao Brasil”* (2009), assim como na sociedade Kadiwéu descrita pelo antropólogo francês Lévi-Strauss em *“Tristes Trópicos”* (2009) era visto como uma tradição, uma perpetuação dos costumes dos povos nativos. A tatuagem no corpo do nativo o integrava à sua comunidade. A tatuagem nas sociedades tradicionais servia como uma forma de integração (ela integrava o tatuado ao seu grupo de pertencimento). Nas sociedades contemporâneas, a tatuagem passa do estágio de integração para um estágio de fragmentação. Isso porque não existe hoje uma “tradição” (como no contexto indígena) para incentivar que os jovens se tatuem. Era de costume que o jovem índio e a jovem índia passassem pelo ritual de tatuar-se simbolizando um rito de passagem (da infância para a idade adulta). Inserir tatuagens no corpo fazia parte das tradições indígenas (a tradição incentiva o jovem a tatuar-se para o integrar ao grupo adulto).

Hoje, percebe-se que não há mais uma “tradição” que condicione o jovem a tatuar-se. Ao contrário de outrora (onde o jovem detinha de todo o apoio, incentivo e encorajamento por parte de um membro mais velho de sua tribo), o jovem de hoje na maioria das vezes não recebe o apoio, não recebe o incentivo e encorajamento de ninguém. Antes disso, é mais corriqueiro de ocorrer que os membros mais velhos de sua família não o apoiem, não o incentivem e não o encorajem. É mais frequente que desapoiem, que o desincentivem, que o desencorajem (tudo isso para que sirva ao jovem de hoje como um desestímulo).

Enquanto o jovem indígena Tupinambá ou Kadiwéu era estimulado a tatuar-se, o jovem de hoje é desestimulado a tatuar-se. É neste sentido que não seria incorreto dizer que a tatuagem de outrora é vista como uma forma de integração e a tatuagem de hoje é vista como uma forma de dispersão. Os tatuados contemporâneos encontram-se “dispersos na multidão” (isso porque a tatuagem para eles não é uma questão de tradição, é uma questão de livre-escolha). Tatuar-se na contemporaneidade é uma questão de cunho individual (e não mais de cunho coletivo como ocorria nas sociedades tradicionais indígenas). A tatuagem hoje individualiza o tatuado (e não mais o tradicionaliza). Tatuar-se hoje é uma escolha individual, é uma escolha pessoal. A tatuagem deixou de ser ritualizada para se tornar individualizada.

Entretanto, embora os tatuados contemporâneos se encontrem dispersos na multidão, eles ainda assim podem ser considerados como um grupo social que são portadores de ilustrações na pele e que os fazem pertencer a uma mesma tribo: a dos tatuados urbanos (estes tatuados urbanos pertencem a variados e diversificados grupos, e, a única coisa que os unem inserindo-os em uma coletividade é a admiração que possuem pela adoção de uma modificação corporal). Cada grupo distinto que busca tatuar o corpo acaba contribuindo para aumentar a contingência de pessoas tatuadas. Embora existam diversificados grupos que se tatuam por motivos distintos, o que os torna unidos é a experiência de terem se tatuado (cada pessoa busca se tatuar à sua maneira). Podemos dizer que tatuar-se nas comunidades indígenas era por uma obediência aos costumes, já nas sociedades contemporâneas, tatuar-se hoje simboliza uma desobediência aos costumes (desobediência aos costumes considerados “civilizados”).

A tatuagem era vista como uma coisa moral nas sociedades indígenas (a tatuagem fazia parte de uma tradição estabelecida. O habitual era tatuar-se. Ser tatuado significava ser um homem moral, seguidor dos costumes de seu povo, significava ser um bravo guerreiro, um homem corajoso, robusto).

Hoje, a tatuagem não faz mais parte de uma tradição estabelecida, e devido à sua fragmentação nas sociedades mais complexas (as sociedades urbanas), a tatuagem por ter deixado de ser um costume, ela passou a ser vista como uma forma arbitrária e depois passou a ser vista como uma coisa imoral na sociedade positivista do século XIX. Isso porque portar tatuagens foge ao habitual das sociedades civilizadas e tudo o que não é habitual é visto como sendo imoral. Mas Nietzsche não está preocupado com a “moralidade” da contemporaneidade. Nietzsche não era um homem conservador. Mas o sentido do que é “bom” ou do que é “mau” é um sentido muito relativo para Nietzsche. Os tatuados da contemporaneidade são homens livres, ou seja, eles escolheram tatuar-se livremente, arbitrariamente às sociedades de perfil “sanitarista” (que opõem-se aos desenhos inseridos no corpo). Tatuar o corpo até

pouco tempo era visto como inabitual (diante de uma maioria não-tatuada), algo que individualizava (o tatuado) da homogeneidade que se deparam as demais pessoas não-tatuadas (e portanto padronizadas com seus corpos lisos). Mas o que se percebe é que a tatuagem está voltando a ser uma coisa habitual nas sociedades contemporâneas. A tatuagem está deixando de ser inabitual. Na medida em que mais pessoas passam a se tatuar, a tatuagem volta a se normatizar, deixando de ser vista com estranheza e sendo reconhecida como algo familiar. Mas o que Nietzsche tem a ver com isso? Ele não escreveu acerca da tatuagem propriamente, mas seu raciocínio foi útil para chegar a seguinte questão:

1) Questão colocada por Nietzsche:

- O que é habitual é visto como moralidade (seguir a tradição)- o familiar é moral
- O que é inabitual é visto como imoralidade (desrespeitar a tradição)- o estranho é imoral

2) Reflexividade a partir do raciocínio de Nietzsche:

- A tatuagem é habitual para os índios nativos e era vista como sinônimo de moralidade (tatuar o corpo fazia parte de seus costumes, fazia parte de sua tradição)
- A tatuagem é inabitual para os colonizadores e era vista como sinônimo de imoralidade (tatuar o corpo não fazia parte de seus costumes, não fazia parte de sua tradição)

A tatuagem volta a ser habitual (na medida em que cresce a quantidade de pessoas tatuadas na contemporaneidade), ela deixa de ser uma coisa estranha e passa a se tornar comum. Deixa de ser vista com imoralidade (porque deixa de ser estranha) e passa a ser vista com moralidade (porque se torna familiar). A partir do momento que a tatuagem seja vista com familiaridade, ela passará a ter a sua moralidade reconhecida. Quando se quer moralizar uma prática (no sentido de legalizar a prática), deve-se deixar de vê-la com estranheza e passar a vê-la com familiaridade. A estranheza imoral se converterá em uma familiaridade moral. Ao se moralizar a prática, se normatizará o costume e será reconhecida a tradição (e o *Habitus*). A tatuagem não é efêmera. Nem as sessões à laser conseguem retirá-la do corpo por completo. As tatuagens existem para serem eternizadas no corpo (não há efemeridade, há uma

perpetualidade da tatuagem no corpo). A tatuagem se perpetua no corpo do tatuado e só finda-se com a morte do tatuado. A tatuagem é a estética que acompanha o seu dono até o seu leito de morte.

Vale citar o que David Harvey fala sobre a importância da estética para Nietzsche;

“No começo do século XX, e em especial depois da intervenção de Nietzsche, já não era possível dar à razão iluminista uma posição privilegiada na definição da essência eterna e imutável da natureza humana. Na medida em que Nietzsche deu início ao posicionamento da estética acima da ciência, da racionalidade e da política, a exploração da experiência estética- “além do bem e do mal”- tornou-se um poderoso meio para o estabelecimento de uma nova mitologia quanto àquilo a que o eterno e o imutável poderia referir-se em meio a toda a efemeridade, fragmentação e caos patente a vida moderna. Isso deu um novo papel e imprimiu um novo ímpeto ao modernismo cultural” (HARVEY, David. Condição Pós-Moderna, p. 27).

Com Nietzsche (2003) em *“O Anticristo”* o corpo foi tratado de uma forma onde a existência do homem só tem sentido naquilo que lhe seria mais humano (o seu próprio corpo) e não naquilo que lhe seria sobrenatural (a sua alma). Nietzsche despreza a alma (a metafísica) em detrimento da valorização do corpo (a realidade). Para Nietzsche o corpo está vinculado a Terra, está vinculado à realidade deste mundo, naquilo que lhe é visível e palpável. O corpo, portanto, é visível ao olhar e é palpável ao toque.

Diante dessa reflexão, podemos perceber que tatuagem é confeccionada através da visibilidade e do toque. O desenho é a parte visível (em que desde o primeiro traço já é possível ter a visibilidade dos contornos sendo delineados na pele pacientemente pelo tatuador) e o corpo é a parte palpável (é impossível a confecção de uma tatuagem sem o toque do tatuador, tanto para esticar a pele do tatuado com uma mão quanto para perfurar a pele manuseando a máquina de tatuar com a outra mão). O tatuador utiliza as duas mãos para tatuar: uma ele utiliza para esticar a pele e a outra ele utiliza para perfurar a pele. Ele estica a pele com uma mão e tatua com a outra.

A metafísica Ocidental sempre valorizou a alma e desprezou o corpo (inclusive houve desprezo pelo corpo tatuado trazidos pelos colonizadores portugueses e espanhóis que repudiaram os costumes das maiorias das tribos indígenas das Américas). Com Nietzsche, houve um rompimento com a metafísica Ocidental (e um rompimento com a valorização da alma). Com Nietzsche houve um enaltecimento do corpo (justamente pelo corpo estar vinculado à Terra e não vinculado à metafísica). Nietzsche tem a consciência de que o nosso corpo é terrestre e sendo terrestre não deve ser julgado sob o prisma religioso metafísico transcendental. Tendo a consciência de que o nosso corpo é terrestre (é visível e palpável) e por isso mesmo Nietzsche não crê na existência do invisível e do intocável. Então, como o invisível não é visto e assim como o intocável não é palpável, ambos (a invisibilidade e a intocabilidade) não

interessam para Nietzsche. Tudo o que interessa a Nietzsche parte do princípio do visível e do palpável (ou seja, a realidade e jamais a transcendência). Então, percebemos que a tatuagem não é fixada em um corpo transcendental, ela é fixada em um corpo material (carnal). O corpo carnal sofre com a moralidade dos costumes. Nietzsche (2007) em “*A Genealogia da Moral*” ele critica a moral imposta pelos cristãos às sociedades que não são cristãs e que tiveram que assimilar o conteúdo moralizante da cristandade.

O ato de tatuar se encaixa perfeitamente com o pensamento de Nietzsche, na medida em que a tatuagem não deveria ser julgada e tampouco explicada sob o prisma metafísico cristão. Assim, empiricamente falando: tatua-se o corpo (o visível e o palpável) e não a alma (que é invisível e intocável). O corpo é carnal por natureza, e sendo carnal é matéria (no sentido de materialidade) e sendo materialidade serve como matéria-prima (para a confecção de trabalhos artísticos e que neste caso são confeccionados pelo tatuador). A tatuagem inserida no corpo tanto pode ser vista quanto pode ser tocada, apalpada.

O pensamento de Nietzsche dá sentido à vida através da arte (das manifestações artísticas elaboradas pelo homem). Com este raciocínio, podemos entender que a tatuagem é uma técnica artística que exige a modificação da estética do corpo. Toda tatuagem causa uma mudança e um impacto na estética do corpo. Tatuagem é mudança. É modificação, é transformação. Quem se tatua, muda, modifica, transforma a sua imagem (mas não significa que muda, que modifica ou que transforma o seu caráter). Tatuagem alguma é capaz de mudar, de modificar, de transformar a índole de uma pessoa. Tatuagem muda a estética das pessoas e não o caráter delas. Se as pessoas são designadas como boas ou como más, a tatuagem não pode estar associada ao grau de bondade ou de maldade de uma pessoa. Tatuagem está associada à estética corporal (e não ao caráter moral das pessoas).

Assim, em “*O Anticristo*” (2003) e em “*Genealogia da Moral*” (2007) o pensamento de Nietzsche foi útil porque ele soube *relativizar* o sentido de “*bom*” e “*mau*” (tudo àquilo que foi considerado como “*mau*” pelos colonizadores cristãos, na realidade era “*bom*”; e tudo àquilo que foi considerado como “*bom*” para os colonizadores cristãos, na realidade é “*mau*”). Podemos entender por “*mau*” o ponto de vista de uma estética dominante (do colonizador europeu) em oposição à estética dos dominados (dos povos indígenas). Assim, percebemos que se nas sociedades tribais a tatuagem era uma forma de *integração* (o tatuado estava integrado à sua sociedade), nas sociedades contemporâneas a tatuagem é uma forma de *transgressão* (o homem busca tatuar o corpo como uma forma de se opor a uma sociedade que insiste em se utilizar de uma visão etnocêntrica e estereotipada com relação ao diferente).

CAPÍTULO 2

A TATUAGEM SOB A PERSPECTIVA DA SOCIOLOGIA CLÁSSICA

2.1: O Olhar de Karl Marx sobre a Corporeidade Humana

Com Karl Marx o elemento sensível que é o corpo foi tratado por ele sob a ótica do trabalho. Se formos pensar a tatuagem sob a ótica do raciocínio de Marx, é possível destacar que a tatuagem se insere na perspectiva do trabalho porque a tatuagem tanto é inserida em um corpo físico (uma matéria-prima orgânica viva) como a própria tatuagem em si é a materialização, é a concretização de um trabalho humano (trabalho manual, intelectual e artístico inserido na matéria que é o corpo). O corpo em sua realidade e essencialidade ele é matéria. O corpo é matéria e a tatuagem é um trabalho artístico e manual concretizado neste corpo físico. Então, já que o corpo é físico (e não transcendental), já que o corpo é matéria (e não espírito), já que o corpo é visível (e não invisível), já que o corpo é palpável (é tocado através do tato), já que o corpo é sensível (sente e reage a estímulos e emoções), já que o corpo é empírico (vivencia experiências), devemos tratar a tatuagem na perspectiva materialista. Isso porque a tatuagem é arquitetada por um agente humano (o tatuador) e é receptada por outro ser humano (o tatuado que é quem vivencia o processo empírico da experiência física da dor corpórea no instante da penetração das agulhas). Assim, a tatuagem pode ser vista sob a perspectiva marxista (da materialidade do corpo e da materialidade da ação humana inserindo um desenho sobre o corpo de outro ser humano sob a forma de trabalho manual e dispêndio de energia física e mental, aliada ao processo técnico, intelectual e criativo da elaboração dos desenhos ao serem delineados na pele). Assim, tatuar tanto pode significar uma aplicação técnica na pele (através de desenhos de mostruário e catálogos) como também pode significar uma criação (quando se trata da confecção de desenhos exclusivos, que são elaborados sem que tenha sido escolhido através de catálogos). Karl Marx, em sua obra *“A Ideologia Alemã”* (2007, p.53), ele ressalta para o fato que:

“(...) somos obrigados a lembrar que o primeiro pressuposto de toda a existência humana, e, portanto, de toda a história, é que todos os homens devem estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter moradia, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro fato histórico, é, portanto, a produção dos meios que permitam que haja a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato esse é um ato histórico, uma exigência fundamental de toda a história, que tanto hoje, como há milênios deve ser cumprido cotidianamente e a toda hora, para manter os homens com vida”).

Quando houve o confronto com a alteridade entre europeus e indígenas, após a implantação da colonização, foi modificado violentamente todos os hábitos e costumes dos povos indígenas, e, com isso modificaram toda a sua estrutura de vida. A partir do momento que a estrutura social indígena foi desestruturada, os próprios indígenas deixaram de estar em condições de viver para fazer a “sua história”. Uma vez que sentiram que a sua estrutura de vida havia sido desintegrada, não era mais possível para os povos indígenas continuarem a viver como antes. A colonização na América tomou um rumo quase que irreversível, onde a estrutura social das populações indígenas perderam seus traços mais marcantes, e isso ocorreu desde o momento que os colonizadores trataram de inibir a nudez indígena e a censurar os grafismos em seus corpos. Ainda em “*A Ideologia Alemã*” (2007, p.64) , Marx e Engels nos dá uma boa dica:

“(...) Vê-se, já aqui, que essa sociedade civil é a verdadeira fonte, o verdadeiro palco da história, e como é absurda a concepção histórica anterior que omitia as relações reais, limitando-se às ações grandiosas dos príncipes e dos Estados. A sociedade civil abrange toda troca material dos indivíduos dentro de uma determinada fase de desenvolvimento das forças produtivas. Abrange todo o comércio e a indústria de uma determinada fase e, por isso, é mais ampla que o Estado e a Nação, se bem que, por outro lado, é necessário, frente ao exterior afirmar-se como nacionalidade e organizar-se no interior como Estado. O termo “sociedade civil” apareceu durante o século XVIII, quando as relações de propriedade não correspondiam mais à comunidade antiga e medieval. A sociedade, como tal, só pode se desenvolver com a burguesia”.

Isso porque uma possível Revolução Social só ocorre quando as classes possuem interferência histórica (e os tatuados integram, de certa forma, uma classe) e também significa a tomada de consciência dos papéis dos indivíduos (os tatuados) dentro da classe que ele faz parte (essa classe é formada por pessoas bastante diversificadas que são portadoras de ornamentos ilustrativos na pele). As classes podem tomar consciência de sua situação e atuar de acordo com essa consciência. Por exemplo, quando ele fala que as classes são categorias Históricas, ele quis dizer que elas podem surgir ou desaparecer no curso da História das sociedades, como por exemplo, a queda do Feudalismo e a ascensão da Burguesia, ou ainda a queda do Absolutismo e a ascensão do Iluminismo.

Marx salienta também que “Ideologia” são formas jurídicas onde o homem, ao tomar consciência dos seus conflitos de classe, conduz a luta até o seu desfecho. A Ideologia tem que ser buscada nos conflitos reais da sociedade (e onde estas ideias são formas de consciência). Todas as sociedades têm suas formas ideológicas, políticas e filosóficas. Quando Marx e Engels (2007), por exemplo, se referiu à Ideologia visaram à consciência revolucionária (luta de classes) e a própria Burguesia foi buscar a sua ideologia no Iluminismo.

Marx não refletiu especificamente sobre a tatuagem como uma forma de manifestação artística; entretanto, devido ao pensamento de Marx estar voltado para questões da Modernidade, Trabalho, Capitalismo e Alienação, as teorias marxistas foram de utilidade porque puderam ser encaixadas ao contexto da tatuagem. Sabe como? Primeiro porque a prática da tatuagem ganhou uma nova forma com o advento da Revolução Industrial. Se Marx soube expor os males sociais advindos com a Revolução Industrial (miséria, desemprego, exploração patronal, exploração salarial, etc), Marx também soube enxergar o que a Revolução Industrial trouxe de bom (as invenções humanas geram *valor*). Valor para Marx tem um conteúdo teórico muito preciso (*valor* significa *trabalho* e *trabalho* significa o *tempo social necessário* à produção de uma mercadoria). Neste caso, a tatuagem também requer de um *tempo social necessário* para ser confeccionada pelos *diversos tatuadores* nos corpos dos *diversos tatuados* que existem por todo o planeta. E isso é verdade, afinal não podemos conceber a Revolução Industrial apenas sob um prisma negativo. O aspecto negativo da aceleração da Revolução Industrial, já foi amplamente salientado e apontado pelo marxismo. Mas poucos são os marxistas que falam sobre o que a Revolução Industrial trouxe de positivo. Não é porque vai afirmar-se que a Revolução Industrial também teve o seu “lado positivo” que queira significar que o sujeito esteja negando a exploração e desigualdade gerada pelo Capitalismo (que se acelerou mais ainda a partir da Revolução Industrial). E qual foi o lado positivo da Revolução Industrial? A partir dela surgiram inúmeras inovações tecnológicas que vieram facilitar a vida das pessoas, proporcionando-as uma “maior praticidade” em seu dia-a-dia (essas inovações tecnológicas intensificaram à integração mundial sob o capitalismo, alcançando inclusive, as populações indígenas existentes na face da terra!).

Dizer que a Revolução Industrial proporcionou uma maior praticidade ao cotidiano das pessoas não significa que a vida vivida nas florestas (matas virgens) pelos povos indígenas não tivessem praticidade. Não se trata disso. A vida no contexto indígena é uma vida muito mais prática do que a vida advinda a partir da modernidade -(Havia a ausência da Propriedade Privada e da inexistência do Estado)- E olhem que era justamente isso que Marx propunha erradicar: a Propriedade Privada e o Estado! Nesse ponto, Marx reconhece que a vida vivida por povos que não eram contaminados por uma sociabilidade regida pelo Estado e pela propriedade privada era uma vida mais saudável porque não era corruptível - na medida em que nestas sociedades mais simples quase não havia o que hoje podemos chamar de “desigualdade social” (entretanto havia sim hierarquias sociais) - A desigualdade social nas sociedades indígenas era bastante reduzida (nas sociedades indígenas o comum era que tudo fosse de todos). Não seria incorreto dizer que neste ponto Marx abraça a Antropologia ou pelo menos lhe dá às mãos, ou pelo

menos concorda que a sua proposta de erradicação do Estado e da Propriedade Privada já existiu entre os povos indígenas. Os indígenas foram povos nos quais ele não pôde observar de perto, por estar ocupado com as classes burguesas e proletárias européias.

É justamente porque Marx interessava-se por demais pelas antagônicas relações burguesas e proletárias que muitos o consideram afastados da Antropologia. Marx dedicou-se a estudar a sociedade industrial de seu tempo e fica claro que Marx não era um viajante expedicionário (mas ele estudou as formações pré-capitalistas, embora ele não tivesse estado de fato inserido em um contexto indígena). A preocupação de Marx não era com o exotismo (o incomum) advindo de culturas indígenas, mas sim com a desigualdade advindas através de antagonismos de classes das sociedades industrializadas. Se Marx na prática não se aproximou de uma prática antropológica, ele aproximou-se de uma teoria antropológica ao que se refere à questão de que a sua proposta de abolição da propriedade privada e do Estado (esta intenção seria uma espécie de retorno ao hábito da vida natural, onde o homem interage com a natureza, transforma-a com o seu trabalho, mas sem causar devastação à fauna e flora e também onde não haveria mais antagonismos de classes). Vale ressaltar que Marx não propunha voltar à roda da História, apenas há características dentro do contexto indígena (como a ausência de Estado e a ausência de Propriedade Privada) que puderam ser vistos com admiração pelo marxismo.

Tudo o que Marx propôs abolir nada mais é do que aquilo que realmente não existia e não fazia falta no seio das sociedades indígenas: nas sociedades tribais não havia Estado, não havia antagonismos de classes e não havia Propriedade Privada de caráter pessoal e individual (mas vale lembrar que havia a Propriedade Comunal, onde tudo era compartilhado por todos). O pensamento de Marx se encaixa na descrição de um estilo de vida que existiu em toda a América durante séculos antes da chegada dos colonizadores europeus. Mas isto não quer dizer que Marx queria fazer um retorno à vida nas florestas como viveram os índios por séculos, pois isso é uma situação por assim dizer, irreversível, pois as matas virgens de outrora das Américas e a diversidade de povos nativos que existiam antes da colonização nunca mais voltarão a ser o que foram um dia (isso não quer dizer que a vida dos índios era inferior à nossa de hoje, pelo contrário, a vida indígena possuía uma qualidade de vida muito superior à nossa sociedade urbana, quer dizer apenas que não é mais possível um retorno por completo de como um dia foi a América antes de ser colonizada. As matas virgens se foram e os povos nativos que nelas viviam também diminuíram drasticamente com a degradação delas). Marx queria uma extinção do Estado dentro das sociedades urbanas. Queria viver à moda dos índios (no que se refere a uma sociedade sem Estado e sem Propriedade Privada), mas na selva de pedras que são as sociedades urbanas. Vale destacar

que a abolição do Estado e da Propriedade Privada não remete a um ato volitivo de Marx, elas foram extraídas das lutas concretas de operários franceses e alemães. O que se sabe é que na América o que ocorreu foram as lutas concretas entre colonizadores europeus e povos indígenas!

Mas voltemos às revoluções tecnológicas que vieram dar uma maior praticidade ao cotidiano das pessoas. Essas “novas invenções” vieram principalmente dos setores das comunicações assim como o de produtos de usos do lar destinados a facilitar a vida das donas-de-casa que lidam todos os dias com as obrigações do lar, e também com o setor automobilístico, que revolucionou a descoberta da roda, pois o automóvel veio para oferecer velocidade à roda. O mesmo ocorreu com o universo da tatuagem: a Revolução Industrial favoreceu o surgimento da máquina elétrica de tatuar, que teria o mesmo princípio do automóvel: se o automóvel dá mais movimento e velocidade à roda, a máquina elétrica de tatuar veio dar mais velocidade e impulso à perfuração da pele. Quem inventou a máquina de tatuar moderna foram pequenos burgueses!

E não foi a burguesia que um dia suprimiu o Estado Absolutista? A própria máquina de tatuar, podemos dizer que foi uma invenção advinda da Revolução Industrial e das inovações tecnológicas daquela época de expansão do capitalismo inglês. Não podemos dizer que o advento das inovações tecnológicas tenham sido maléficas para o cenário da tatuagem, por que não foram. Se não tivesse tido esse “resgate”, essa “reinvenção”, essa “inovação”, essa “modernização” da técnica de tatuar, a tatuagem contemporânea não seria o que ela é hoje. E o que a tatuagem é hoje? Pode-se dizer que há uma maior preocupação na contemporaneidade com a “forma”, com a perfeição dos traços, com a preocupação com que os traços sejam precisos (e não imprecisos), seja bem delineados (e não toscos). Nota-se aqui que a precisão ou a imprecisão dos traços da tatuagem não passam de uma ideologia estética (mas se não existisse uma ideologia estética, ou ainda, se não houvesse uma preocupação com a “bela forma”, jamais existiria a realização de um trabalho técnico, manual e artístico bem executado. A preocupação com a precisão dos traços que são inseridos no corpo do tatuado é de suma importância (pois caso contrário seria o mesmo que pagar por uma mercadoria e levá-la para casa com defeito). Adquirir uma mercadoria com defeito não há consumidor que possa se sentir satisfeito, e assim é com a tatuagem: a realização de traços toscos, tortos e mal delineados é motivo de pura insatisfação para o consumidor da tatuagem (e é o que deve ser evitado por parte de todo profissional que lida com a técnica da tatuagem definitiva).

Não seria incorreto falar de em uma revolução proporcionada pela *velocidade* (as agulhas penetram com mais velocidade na pele através da introdução do Dermógrafo (máquina de tatuar moderna de Samuel O'Relly e Percy Waters). As agulhas penetram com mais firmeza, com mais precisão, com mais

segurança com o advento da máquina de tatuar profissional. Isso não significa que a tatuagem tenha deixado de ser uma “prática demorada” para fazer. Ainda demora-se para fazer uma tatuagem (embora demore menos do que antes). Apesar da máquina conter velocidade muito mais do que antigamente, onde se utilizavam de uma “única agulha” que era “amarrada” com uma linha de costura e não proporcionava nenhuma firmeza à agulha (e deste modo era comum que a agulha desprender-se facilmente de seu suporte de sustentação, por isso os traços estavam sempre vulneráveis a não ficarem precisos, como são precisos os traços que são realizados pelos profissionais de agora). Hoje “soldam-se em uma haste a quantidade de agulhas que desejar” dentro de um limite estabelecido pela própria capacidade da biqueira da máquina (ferramenta que dá suporte de sustentação às agulhas que devem estar firmes e bem soldadas na haste). A biqueira da máquina de tatuar de hoje pode ser capaz de acoplar em seu interior uma haste de trinta agulhas para a pintura de desenhos grandes, por exemplo. Era um procedimento inimaginável antes da criação do Dermógrafo (e antes da Revolução Industrial).

A sofisticação da máquina de tatuar veio dar um novo impulso à técnica e a prática (modernizou-se a técnica no que se refere aos instrumentos, aos meios de produção; e renovou a prática, pois diversificou o perfil das pessoas tatuadas (são pessoas de ambos os sexos, de diversas faixas etárias, de diversas preferências sexuais e com diversas formas de ocupação profissional, com diferentes formas de lazer e viver, com diversas preferências musicais, com diversas cores de pele). Como se vê, a base social da tatuagem hoje é um público bastante amplo, bastante diversificado. Não há mais um “padrão” de pessoas propensas a se tatuarem. O que há são diversos estilos de pessoas propensas a aderirem à tatuagem.

Assim, não seria errado dizer que a Revolução Industrial revolucionou as máquinas. E entre essas máquinas estava o Dermógrafo, que é o modelo da máquina de tatuar de hoje em dia. Até que se invente um modelo melhor, até onde se sabe, este modelo é o melhor inventado até hoje. O lado positivo que a Revolução Industrial proporcionou à técnica da tatuagem foi a velocidade da perfuração. É a oposição de lentidão (uma agulha) e velocidade (onde diversas agulhas são soldadas em uma haste). A dor continua a ser sentida, mas deixa de ser uma dor lenta para se tornar uma dor veloz. Velocidade não significa fazer com pressa. Não é nada disso. Velocidade significa fazer mais precisamente. No entanto, para quem não tem talento algum com desenhos e com o manejo da máquina de tatuar, jamais conseguirá realizar traços precisos com ela. Tatuar é o talento de saber desenhar diversamente (saber desenhar variados estilos) e na pele dos outros (a pele possui uma superfície dura, e as agulhas atravessam essa superfície). A velocidade veio dar um pouco de leveza e suavidade ao ato de perfurar, de cortar, de rasgar, de penetrar a pele. Sem velocidade, por incrível que pareça, doía muito mais. Com

velocidade, dói menos, pois a grande concentração de agulhas soldadas equilibra a dor, distribui melhor a dor.

2.2: O Valor de Uso da Tatuagem: A Tatuagem sob a Ótica do Capital

A mercadoria é um objeto externo (a tatuagem é um objeto simbólico extraído do exterior e interiorizado no corpo no momento de grafá-lo). Através das mercadorias, suas propriedades satisfazem as necessidades humanas. Com relação à tatuagem a sua finalidade também é a de satisfazer as necessidades humanas que estão relacionadas ao âmbito da corporeidade estética e simbólica. Karl Marx, em sua obra “*O Capital*” (1975, p.42), já nos dizia que:

“A utilidade de uma coisa faz dela um valor-de-uso. Mas essa utilidade não é algo aéreo. Determinada pelas propriedades materialmente inerentes à mercadoria, existe através delas. A própria mercadoria, como ferro, trigo, diamante, etc, é por isso um valor-de-uso, um bem”.

Diante disso, percebemos que o *valor-de-uso* só existe porque há utilidade na mercadoria adquirida. Designar a tatuagem como uma mercadoria qualquer não seria o termo mais conveniente. Embora para a confecção e produção de toda mercadoria se utilize dispêndio de força humana, podemos perceber que isso não é diferente com relação à tatuagem, já que para a realização de uma tatuagem no corpo de seu cliente, também há dispêndio de força do tatuador ao executar o desenho no corpo do indivíduo. Da mesma maneira como há dispêndio de força para o artista plástico pintar um quadro ou esculpir uma escultura, da mesma maneira ocorre para o tatuador: ele utiliza o seu dispêndio de força (percebemos então que em ambos os casos: pintar quadros, esculpir madeiras e pedras, tatuar corpos, etc, há dispêndio de força humana no ato da execução dessas respectivas atividades). O *valor-de-uso* de um bem e a tatuagem como possuidora de *valor-de-uso* também é de certa forma um bem (a tatuagem pode ser considerada como um objeto na medida em que é um bem de consumo com durabilidade indeterminada, ou ainda, é infinita no corpo enquanto o indivíduo viver e torna-se finita com o cessar da vida do indivíduo que a portava. Nesse sentido, a tatuagem é o único bem de consumo que se decompõe juntamente com o seu dono. Podem citar as roupas do defunto como algo que é enterrado com ele, mas, no entanto, a roupa é algo externo ao indivíduo, mesmo que ela se decomponha, a roupa não faz parte da constituição orgânica do sujeito que morreu, então, devido à tatuagem estar inserida no corpo do sujeito, ela é um objeto de uso que acaba tornando-se parte da constituição orgânica desse indivíduo que a

possuía). A tatuagem é um objeto em que seu *valor-de-uso* advém do seu caráter estético e simbólico que é manifestado através do corpo. A tatuagem modifica a estética do corpo atribuindo-lhe uma conotação simbólica através da ilustração grafada nele.

Marx nos salientou que nas sociedades contemporâneas, os *valores-de-uso* são veículos materiais que favorecem o *valor-de-troca*. Embora não seja correto classificar o fenômeno da tatuagem na categoria mercadoria (no sentido de mercadoria como um objeto inanimado), a tatuagem é um *valor-de-uso* e é também um veículo propenso a tornar-se um *valor-de-troca*, na medida em que o tatuador vende a sua força de trabalho (pelo gasto de dispêndio de força humana) e em troca é remunerado por seu cliente pela execução da sua função de tatuar a pele humana.

Outro fator que confere à tatuagem possuir um *valor-de-troca* deve-se ao fato que a tatuagem pode ser permutável com outras mercadorias que sejam equivalentes a ela, assim como há mercadorias que são permutáveis e equivalente à tatuagem. O exemplo seria o jogo de agulhas e os frascos de tintas (ambas, agulhas e tintas) são permutáveis com a tatuagem e portanto são equivalentes a ela. O jogo de agulhas que são utilizadas para tatuar não servem para costurar, não servem para tricotar, só servem unicamente para tatuar. Da mesma forma ocorre com os frascos de tintas que são utilizadas para tatuar são tintas que não servem para pintar telas, não servem para pintar tecidos, não serve para pintar paredes, isto porque estas tintas são provenientes de *pigmentos vegetais* (extraído da seiva de plantas), estas tintas são totalmente homogêneas (não possui mistura com substâncias químicas) e também são *atóxicas* (não causam danos e nem reações alérgicas na pele justamente porque é uma composição natural confeccionada sem toxinas, e, portanto, foi comprovadamente testada e aprovada para ser inserida exclusivamente na pele). Assim, as agulhas e as tintas utilizadas na confecção de uma tatuagem só possui finalidade e serventia para a confecção das tatuagens (e portanto tais jogos de agulhas e tais frascos de tintas só podem ser permutáveis e equivalentes à própria tatuagem que elas ajudam a confeccionar). Sendo assim, tudo o que é permutável e equivalente a outra mercadoria é um *valor-de-uso* social que possibilita o *valor-de-troca* (não é incorreto dizer que a tatuagem é sim um *valor-de-uso* que gera *valor-de-troca*).

Um outro fator que demonstra que a tatuagem gera *valor-de-troca* deve-se ao fato que a tatuagem pode atuar como um *signo*, ou seja, o próprio *dinheiro* não pode agir como um *signo* porque ele é um *facilitador*, ele é um *meio de troca* que serve para remunerar a mão-de-obra do trabalhador (o tatuador), e devido ao *dinheiro* agir como um *meio de troca* demonstra que ele é também uma forma de *desencaixe* da tatuagem assim como ele é uma forma de *desencaixe* para outros tipos de técnicas artísticas (como a

pintura, a escultura, a aerografia e tantas outras formas de manifestação artística em que ele -o *dinheiro*- aparece como um *facilitador*).

Com relação ao valor de uso de uma mercadoria, Karl Marx (1975, p.45) salienta que:

“Um valor-de-uso ou um bem só possui, portanto, valor, porque nele está corporificado, materializado, trabalho humano abstrato. Como medir a grandeza de seu valor? Por meio da quantidade da substância criadora de valor nele contida: o trabalho. A quantidade de trabalho, por sua vez, mede-se pelo tempo de sua duração, e o tempo de trabalho, por frações de tempo, como hora, dia, etc”.

Na realização de uma tatuagem, fica corporificado, fica materializado o desenho executado pelo tatuador (através da sua função que é tatuar) no corpo do cliente. A execução de uma tatuagem é geradora de trabalho humano abstrato. E como se mede a *grandeza do valor* de uma tatuagem? Ora, o valor de uma tatuagem é medido pelo *tamanho* do desenho, pelo *estilo* do desenho, pela *quantidade de cores* que será empregado nele, e principalmente pelo *tempo de duração* que será gasto desde o início até o término da execução de uma tatuagem. Afinal, a execução de uma sessão de tatuagem torna-se mais demorada quanto maior for o tamanho, mais complicado for o estilo, mais colorido for o desenho, e principalmente quanto mais demorada for à realização da mesma. Então, o tatuador tem que levar em consideração o tamanho, o estilo, o colorido e o tempo de duração que leva para iniciar e finalizar uma tatuagem. O tatuador, levando em consideração os requisitos sobre tamanho, estilo e o colorido, ele calcula em torno desses requisitos a fração de tempo que será gasto para a execução e finalização de uma tatuagem no corpo de seu cliente: tatuagens muito pequenas levam em torno de meia hora à uma hora de duração; tatuagens médias levam em torno de duas a três horas de duração; tatuagens grandes levam em torno de quatro a seis horas de duração; tatuagens gigantes, que ocupam um lugar bastante significativo do corpo são executadas por sessões, onde se espera a cicatrização da sessão anterior para poder dar continuidade a uma nova sessão e assim sucessivamente, até que se finalize a gigante tatuagem por completo.

Se Marx nos fala que: *“Como valores, as mercadorias são apenas dimensões definidas de tempo de trabalho que nelas se cristaliza”* (1975, p.46), torna-se plausível dizer que a tatuagem é um desenho, é uma ilustração cristalizada no corpo dos sujeitos tatuados. A tatuagem é o trabalho cristalizado do tatuador no corpo de seu cliente. A mão-de-obra executada pelo tatuador fica cristalizada no corpo do indivíduo. A tatuagem é uma forma de expressão artística cristalizada em corpos humanos. A tatuagem difere de outras manifestações artísticas porque a tatuagem está cristalizada no corpo humano (que é um corpo

vivo, móvel, animado), onde as ilustrações realizadas no papel, em tela, em tecido ou na parede, todas elas, estão cristalizadas em objetos (que é um trabalho morto, imóvel e inanimado). Manifestações de arte produzidas em objetos inanimados possuem menos complexidade de execução do que a arte da tatuagem que é executada em um corpo orgânico. Outro aspecto muito interessante que Marx (1975, p.48) demonstrou sobre o *valor de uso* é a de que:

“Uma coisa pode ser valor-de-uso, sem ser valor. É o que decorre quando sua utilidade para o ser humano não decorre do trabalho. Exemplos: o ar, a terra virgem, seus pastos naturais, a madeira que cresce espontânea na selva, etc. Uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano, sem ser mercadoria. Quem, com seu produto, satisfaz a própria necessidade gera valor-de-uso, mas não mercadoria. Para criar mercadoria, é mister não só produzir valor-de-uso, mas produzi-lo para outros, dar origem a valor-de-uso social” (p.48)

A tatuagem pode ser considerada como um *valor-de-uso social*, na medida em que ela tem a função de satisfazer a necessidade humana de querer expressar-se corporalmente. O trabalho humano executado pelo tatuador ao tatuar o corpo do seu cliente pode também ser medido pelo dispêndio da força de trabalho simples, onde pode ser encontrada no organismo de todo homem comum. Então, o tatuador também é um homem comum (entre todos os outros homens comuns que executam tarefas distintas da sua). A tatuagem pode ser vista como um dispêndio de força de trabalho do tatuador. O trabalho contido na sessão de tatuagem se for medido qualitativamente o que importa saber é como é realizado o trabalho do tatuador (a sua maneira de tatuar, se possui pouca ou muita experiência porque a preocupação deve se voltar ao resultado de seu acabamento final). O trabalho contido na tatuagem, se ele for medido quantitativamente o que importa saber é a duração do tempo que foi gasto durante o processo de execução da sessão até a finalização da sessão e a comprovação do seu resultado.

Agulhas e Tintas versus a tatuagem finalizada em um corpo qualquer, são valores que têm uma determinada grandeza. A Tinta vale o quádruplo (ou o quádruplo) da agulha. Assim como a tatuagem em si vale o quádruplo (ou o quádruplo) da tinta. De onde se origina essa diferença? Acontece de estar contida na fabricação de agulhas e tintas metade do tempo que está contido na execução da sessão de uma tatuagem. A tatuagem é um trabalho manual, onde deve ser feito do início ao fim, onde o tatuador não pode errar em seus traços em momento algum. A execução de uma tatuagem requer dispêndio de força humana (sentido fisiológico), já que manusear a máquina de tatuar (Dermógrafo) requer certa habilidade e intimidade com ela, além do mais a execução de um desenho no corpo de um indivíduo qualquer, é semelhante à execução de um pintor que pinta seu quadro em uma tela, e o que difere o

tatuador do pintor é justamente a sua matéria-prima de trabalho: enquanto a matéria de trabalho do pintor é a tela (imóvel, inanimada), a matéria de trabalho do tatuador é o corpo (móvel, animado).

As agulhas e tintas expressam seu valor na tatuagem já finalizada. As agulhas e tintas são ativas no ato de sua execução, e a tatuagem já finalizada torna-se passiva no corpo do indivíduo. No entanto, a tatuagem, por ela estar inserida em um corpo móvel e animado (o corpo humano), torna-se um bem de consumo que ganha mobilidade através do corpo de quem a ostenta. A tatuagem adquire essa mobilidade justamente por estar inserida em um corpo móvel, um corpo que se locomove, um corpo que circula. Podemos observar que agulhas e tintas são mercadorias distintas e que são equivalentes ao *valor-de-uso* de uma tatuagem. Uma tatuagem pode ser equivalente a uma determinada quantidade em frascos de tinta e a uma determinada quantidade de agulhas que são utilizadas durante a execução da tatuagem.

Assim, a tatuagem neste caso, exerce a função de equivalente (encontra-se sob a forma de equivalente em relação às agulhas e tintas). As agulhas e tintas expressam a sua condição de valor por ser a tatuagem em relação a eles diretamente permutável. A tatuagem que serve de equivalente, passa por uma elaboração de trabalho humano abstrato. A tatuagem é, portanto, o produto de um determinado trabalho útil e concreto. O trabalho em se confeccionar uma tatuagem é útil porque proporciona uma utilidade aos outros (como por exemplo, a utilidade da transformação estética e simbólica do corpo). O ofício do tatuador possui a sua utilidade e a sua concretude.

A força humana (o trabalho humano) cria valor, mas não é considerado um valor. A força humana só adquire, só incorpora a forma de *valor* quando essa força se cristaliza na forma de um objeto (e assim adquire um *valor-de-troca*). Neste caso, a tatuagem assume a forma não de um objeto inanimado como são os demais objetos, mas assume a forma de uma ilustração personificada e cristalizada no corpo dos sujeitos tatuados. Dessa forma, a tatuagem possui *valor-de-uso*, mas também possui *valor*, já ela se cristaliza no corpo (no entanto, esse objeto cristalizado não é um objeto externo ao homem, mas interno a ele, já que a tatuagem fica dentro da pele, ela se torna parte constituinte do seu corpo fisiológico. O corpo humano é violado, é perfurado por agulhas que ajudam, auxiliam a grafar e introduzir pigmentos no corpo. A tatuagem fica cristalizada no corpo de maneira permanente. A tatuagem, ela não satisfaz apenas a necessidade do tatuador (pois ele não realiza a tatuagem para ele), ela satisfaz também a necessidade do tatuado (a tatuagem é um *valor-de-uso social* porque o tatuador produz a tatuagem para outros, e sendo assim, ele está produzindo *valor de uso social*).

Karl Marx (1975) acabou desenvolvendo uma teoria econômica e política para o fenômeno do *Fetichismo*, onde ele aplicou o fetichismo ao Capital. Na sua análise, ela confirma que o *fetichismo* é um elemento fundamental para a manutenção do modo de produção capitalista, onde tem a intenção de ocultar seu caráter de desigualdade. Mas também o *fetichismo* está relacionado à fantasia (ao simbolismo) que paira sobre o objeto, projetando nele uma relação social definida estabelecida entre os homens. Neste caso, quando se olha para uma tatuagem pode-se ver um *fetichismo* ao olhá-la. No entanto, olhamos para o corpo moldado sob a forma de desenhos ilustrativos e enxergamos apenas esse corpo grafado, ilustrado, e esquecemos que por trás dessa tatuagem há o dispêndio da força humana executada pelo artista que a elaborou, executou e finalizou. Muitos não param para pensar que a tatuagem não nasceu com as pessoas que a portam, que a carregam. Então, houve a intervenção humana e o seu dispêndio de força para fixá-la no corpo humano dotado de mobilidade.

Então, o caráter misterioso da tatuagem não provém de seu *valor-de-uso* estético ou simbólico, mas provém sim da força do trabalho geradora de valor. E na realização de uma tatuagem, quem é que gera este valor? Ora, gera valor quem a produz, que neste caso é o tatuador. Marx destaca que é de grande importância que o produto de trabalho seja útil, mas útil aos outros. E qual seria então a finalidade, a utilidade de uma tatuagem para um indivíduo de uma sociedade contemporânea? A finalidade e a utilidade de uma tatuagem deve-se ao fato que ela possibilita aos indivíduos uma diferenciação de seu visual para demarcar traços da personalidade do indivíduo que a ostenta.

O *fetichismo* atribuído às mercadorias pode ser vista como a essência de todo o sistema econômico de Marx, e foi à concepção de *fetichismo* empregada por ele ao mundo das mercadorias, que diferenciou seu método de análise dos demais métodos dos economistas clássicos. O *fetichismo* se verifica no fato de que o valor das mercadorias aparece como sendo algo próprio da mercadoria e o *fetichismo* da tatuagem reside no fato de que o valor da tatuagem aparece como sendo próprio desse corpo, mas na verdade são expressões de relações sociais materializadas no corpo tatuado. A concepção do *fetichismo* consiste em Marx ter visto relações entre as coisas. E no ato de realização da tatuagem, há uma relação de interação entre tatuador e tatuado, na medida em que há um diálogo para definir a escolha do desenho e do local do corpo que será inserido esse desenho. Outro aspecto importante a ressaltar é que o portador da tatuagem não pode ser visto como um fetichismo, como se a tatuagem encobrisse a pessoa que a possui. A tatuagem não é o fator determinante para designar se uma pessoa é boa ou se não é. A tatuagem não pode servir como um fetichismo, que atribui um marco valorativo (positivo ou negativo) ao seu portador. A tatuagem não interfere na personalidade do indivíduo que a ostenta: a tatuagem não possui o poder de

classificar quem é bom ou quem é mau, quem é certo ou quem é errado, quem anda na linha ou quem anda fora dela. Dessa forma, o *fetichismo* não deve ser associado à tatuagem, pois não cabe a ela apontar os méritos ou as deficiências de quem a ostenta em seu corpo. O corpo tatuado não deve ser olhado com *fetichismo* porque a tatuagem não deve vir acompanhada da intenção de camuflar a identidade da pessoa que a ostenta, como se o desenho pudesse ocultar seu dono, ocultar a dignidade da pessoa que se é.

Assim como o *fetichismo* da mercadoria faz com que seja ocultado os reais produtores que produzem a mercadoria; O *fetichismo* em torno da tatuagem não pode fazer com que seja ocultada a boa índole do sujeito por causa do significado de um desenho. Nenhum tatuado pode ter a sua boa índole ocultada por causa do uso de um desenho em seu corpo. Assim como o trabalhador não deve ser julgado através do *fetichismo* (em que tiram todo o seu mérito), o sujeito tatuado não deve ser julgado através do *fetichismo* (em que tiram todo o seu bom caráter). A tatuagem não pode ser reduzida apenas a uma configuração de valor (*valor-de-uso* ou *valor-de-troca*), afinal a escolha de um determinado desenho e a escolha de determinado lugar do corpo remete à subjetividade de cada sujeito em particular (mas também essa subjetividade é socialmente construída).

Trabalho é uma categoria ontológica do ponto de vista do materialismo histórico. Trabalho existe para a satisfação das necessidades. A tatuagem não é uma necessidade básica como comer, beber, se vestir, ter uma habitação, etc, mas trata-se também de uma atividade profissional (manual e artesanal), na medida em que há dispêndio de força humana para a realização da tatuagem no corpo de alguém. E o que significa trabalho nas sociedades contemporâneas? Trabalho (aqui representado pelo ofício de tatuar) nos remete às relações sociais. Tatuar não é uma ação praticada isoladamente. Há a necessidade de pelo menos dois agentes (o tatuador e o tatuado) e então verifica-se no ofício de tatuar uma relação social entre aquele que tatua e aquele que é tatuado. Para Marx, são as relações sociais que importam, e se formos pensar sobre a tatuagem utilizando a perspectiva de Marx (onde o que importava eram as relações sociais existentes no meio de produção), então podemos perceber que no ato da confecção de uma tatuagem, impera uma relação social, onde um causa ativamente a dor no outro e esse outro recebe passivamente essa dor. No processo produtivo de uma tatuagem, há relações sociais (contidas desde o momento da conversação até a finalização da sessão de tatuagem).

Podemos refletir através de Marx que a “categoria trabalho”, é ela que nos “unifica” (pois há “sujeitos trabalhadores” em todas as regiões do planeta e em todos os períodos históricos, desde os mais “primitivos”, e qualquer dispêndio de força humana que é empregada para a realização de uma atividade, pode ser classificada como uma forma de trabalho, devido a idealização e dispêndio de força

para a sua execução). Então, o que unifica os diferentes trabalhos são os trabalhos simples. Todos estão inseridos na “categoria trabalho”, inclusive os “tatuadores”, pois são sujeitos trabalhadores assim como todos os outros tipos de trabalho existentes no planeta. No fundo, todos somos sujeitos da “categoria trabalho”, e com os tatuadores não poderia ser diferente. A especialização do trabalho significa que o trabalhador é um conhecedor, um entendedor da tarefa que ele executa. A tatuagem é o resultado do trabalho executado pelo tatuador. A tatuagem pode ser considerada portanto uma manifestação das relações sociais. As relações sociais são fragmentadas (após o término da tatuagem, muitas vezes é dissipado o contato do tatuador com o tatuado, isso porque a intenção do tatuado é justamente a de ir embora com a tatuagem em seu corpo).

Dentro da *Sociologia Clássica* o que se busca é o “todo” (então poderíamos observar que os tatuados possuíam uma homogeneidade dentro de diversas sociedades indígenas, onde os nativos tatuavam-se como um sinal de pertencimento a um grupo específico), e dentro da *Sociologia Contemporânea* o que se busca é o “fragmento” (então podemos observar que os tatuados possuem uma heterogeneidade dentro das sociedades contemporâneas, onde não se tatuam mais com a finalidade de pertencimento a um grupo específico, mas com a finalidade de proporcionar a si mesmo uma distinção dos demais sujeitos da sociedade na qual faz parte). A importância do trabalho para Marx é o de que a finalidade dele (de qualquer trabalho social) é o de produzir não para as próprias necessidades, mas para a necessidade do outro. A tatuagem é executada para modificar, para embelezar o corpo do outro.

Obviamente que nada impede que o tatuador possa tatuar a si próprio, causando dor em si mesmo. No entanto, mesmo que o tatuador tatue a si mesmo, a finalidade de seu ofício é tatuar outros sujeitos, outras pessoas. É através do trabalho que o homem transforma a natureza, e é através da tatuagem que o tatuador transforma o corpo do outro. Se no capitalismo as relações sociais são regidas pela produção de mercadorias, por conseguinte, a tatuagem é regida através da produção da criatividade humana. A tatuagem é uma modificação corporal, é um ornamento fruto da objetividade da técnica do tatuador e da subjetividade da escolha do tatuado.

A forma de equivalência geral é cristalizada em forma de dinheiro. O dinheiro possui uma mobilidade, ele serve de equivalente para todas as mercadorias. Tatuagem não é uma mercadoria qualquer, ela é um ornamento com valor de uso. O dinheiro é equivalente a todas as mercadorias, e não é diferente com a tatuagem na contemporaneidade, pois o dinheiro é um meio, é um facilitador. A variação de preços das tatuagens é cobrada com a variação de tamanhos, com a variação de estilos de desenhos, com a variação da quantidade de cores que requer o desenho. O dinheiro não pode ser ele

mesmo um signo. A tatuagem pode atuar como um signo. Sabe-se que dinheiro é valor, mas só expressa o seu valor com relação a outras mercadorias. A tatuagem é um ornamento que expressa o seu valor. Paga-se o “tempo” de trabalho contido na execução de uma tatuagem. O tempo gasto para a execução de uma tatuagem é expresso em valor. O tatuador produz as tatuagens para a satisfação de terceiros. Assim como a leitura de livros é um valor de uso para quem necessita se alimentar de conhecimento, a tatuagem é um valor de uso para quem deseja modificar a sua corporeidade estética. O trabalho vivo é uma fonte de valor, e a tatuagem também trata-se de trabalho vivo. O valor de uma tatuagem é medido pelo tempo médio de trabalho social.

Marx observa que o uso e fabricação dos instrumentos de um trabalho qualquer depende do seu nível de desenvolvimento. Na contemporaneidade houve mudanças significativas com relação a uma modernização da técnica de tatuar com a invenção da máquina de tatuar elétrica, impulsionada pelas novidades advindas da Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra. Ele observa que há uma relação do Homem com a natureza através do trabalho. O corpo é dado pela natureza e a tatuagem é fabricada no corpo do homem. Então, o corpo natural é modificado pelo homem que o transforma inserindo nesse corpo uma tatuagem. Há um desenvolvimento artístico trabalhado na matéria-prima que é o corpo. Há uma capacidade intelectual no Homem que transforma o corpo de outro homem ao inserir ilustrações no corpo dele.

Marx observou que há uma distinção entre o trabalho executado no reino animal e suas diversas espécies e o trabalho executado pelo Homem. Marx define o trabalho humano como uma atividade adequada a um fim. E os meios instrumentais do trabalho propiciam ao Homem executar as suas práticas. E a execução contínua dessa prática (perfurar peles, desenhando-as) o proporciona (ao tatuador) a possibilidade de aperfeiçoar, de melhorar a sua técnica (para tatuar cada vez melhor). É o aperfeiçoamento de uma técnica que legitima a experiência do trabalhador quando é solicitado para executar na prática a sua técnica. Ao conseguir executar a sua técnica na prática, o trabalhador (o tatuador) tem o seu trabalho reconhecido pelas outras pessoas.

O Homem, ele primeiro idealiza o que vai construir. O Homem não é como os animais (que agem instintivamente). O Homem idealiza e potencializa a sua idealização sob a forma de um trabalho concreto objetivado. O trabalho humano é um objeto objetivado porque ele pensa antes de concretizar. Dessa forma, o pretendo tatuado ao escolher o desenho e o local do corpo, caberá depois ao tatuador em colocar em prática a idealização de seu cliente, mentalizando o desenho escolhido e elaborando as alternativas de melhor definir os traços e as cores. No ofício do tatuador, a sua força geradora de valor é

a força de seu trabalho. A força de trabalho de qualquer trabalhador é um valor (inclui-se também na categoria de trabalhador o tatuador, e, portanto, o seu trabalho manual possui o seu valor).

Para Marx, sem universalizar os conceitos, não há como haver uma mudança social. Ele propôs uma mudança, uma transformação social universal. Utilizando desse raciocínio, porque não podemos pensar em um reconhecimento universal da profissão de tatuador, assim como há um reconhecimento universal da prática da medicina, da odontologia, da biologia?. A tatuagem trata-se de uma *dermopigmentação* (pigmentação da pele sob a forma de desenhos).

Marx dedicou-se também a estudar a produção artesanal, onde ele observou que o artesão detinha do total controle da produção, onde ele fazia todo o serviço. Por isso não era necessário a divisão do trabalho entre diversas pessoas. O artesão, além de ter o domínio de todo o processo produtivo, ele também era o dono dos instrumentos de produção (isso incluía a oficina, todas as ferramentas e matérias-primas que ele utilizava, tudo era do artesão. Se pensarmos no tatuador como um artesão (ele confecciona desenhos na pele, isso também é artesanato).

Mas no século XXI, há várias formas de se tatuar, e isso significa que a produção artesanal da tatuagem tanto pode ser uma profissão para o tatuador, quanto também pode ser um hobby. Tanto existem aqueles tatuadores que preferem trabalhar sozinho (em um ateliê), como há aqueles tatuadores que preferem trabalhar em grupo (em lojas). E qual seria a diferença entre um ateliê e uma loja? Os ateliês de tatuagem funcionam muito semelhantes como fazem os “arquitetos” (que conservam um ateliê em casa, um cantinho para a elaboração de seus projetos, num lugar mais intimista, que lhe serve como um escritório, é uma sala destinada para atividades produtivas com a função de exercer uma atividade artística).

No ateliê de tatuagem o tatuador é o proprietário de sua oficina, é o proprietário de seu estabelecimento, também é o dono dos seus meios de produção, é o dono de sua máquina, de suas tintas, de suas agulhas, de sua máquina de esterilização. O tatuador que trabalha sozinho, ele tem que saber fazer de tudo um pouco, saber desenhar e tatuar vários estilos diferentes de desenhos no corpo das pessoas. As lojas de tatuagem são destinadas a uma forma mais complexa de organização, porque envolve a mão-de-obra de várias tatuadores simultaneamente porque requer uma demanda maior. No exato momento que um tatuador está tatuando um tribal, há outro que está fazendo um dragão, há outro que está fazendo uma borboleta, há outro que está fazendo um escorpião. Eles trabalham em forma conjunta. Há uns que preferem se especializar em determinado tipo de desenho, se especializar em um

ramo (há uns especialistas em desenhos tribais, há outros que preferem unicamente fazer desenhos orientais, há outros que preferem fazer apenas desenhos femininos, e há outros que mesmo trabalhando em forma conjunta com os seus demais companheiros tatuadores, não possui uma preferência específica e gosta de fazer de tudo um pouco).

Diferentemente do que acontece em um ateliê (em que um único tatuador é o dono de seu negócio), nas lojas de tatuagem os diversos tatuadores algumas vezes não são os donos dos seus meios de produção, não são os proprietários do ponto comercial (da loja) em que atuam, não são os donos de suas máquinas, de suas tintas, agulhas e máquina de esterilização. Isso ocorre porque sempre há um tatuador que é o proprietário do ponto comercial, das máquinas, das tintas, das agulhas, das máquinas de esterilização, e faz com que os demais tatuadores trabalhem para ele, onde um é o dono dos negócios e os demais são os seus funcionários. O dono fica com uma pequena parcela do valor da tatuagem confeccionada pelos seus funcionários tatuadores. Mas ocorre que muitas vezes também não há um único proprietário do ponto comercial, então os vários tatuadores que trabalham em conjunto, todos eles racham o valor do aluguel do imóvel onde a loja de tatuagem funciona. Pode ocorrer que todos eles, que cada um possua a sua própria máquina de tatuar, e rachem os demais instrumentos, onde o uso das tintas estaria a serviço de todos eles, sob a forma de cooperativa. Todos tem a sua máquina, mas compartilham dos demais instrumentos com os outros. A cooperação é uma ação conjunta. Ela é a reunião de trabalhos úteis gerando um bem comum. A tatuagem é um bem comum, ela possui a sua utilidade, ela tem a sua razão de ser.

Já dizia Marx que o que une os trabalhadores é a classe. Trabalhando em ateliês ou em lojas, sozinhos ou em grupos, tanto faz, já que os tatuadores por realizarem o mesmo ofício (tatuar o corpo humano), eles pertencem a mesma classe de trabalhadores, pertencem a mesma tribo.

Para Marx, a habilidade é uma coisa apreciável (é através da habilidade que é reconhecida a aptidão, a capacidade, e é essa habilidade que caracteriza o profissional como possuidor de uma dignidade). No universo da tatuagem, a máquina de tatuagem (Dermógrafo) advinda no período da Revolução Industrial, ela não fez desaparecer o processo subjetivo. A máquina de tatuagem é uma máquina que não eliminou o trabalho manual do tatuador. Ela o ajuda a dar impulso, velocidade ao seu processo produtivo, propiciando que a perfuração na pele do homem tenha um corte mais preciso. Mas vale ressaltar que é o homem quem comanda a máquina de tatuar, e não a máquina de tatuar que comanda o homem. Aqui o homem não é menosprezado pela máquina, pois sabe-se que como a carne humana é uma superfície dura, o impulso e a velocidade da máquina facilita apenas o seu corte, mas a habilidade

em desenhar penetrando na pele sabendo a exata profundidade a ser atingida e a precisão dos traços e o degradê que deve ser feito com as cores, isso é mérito do tatuador.

Com o advento da máquina de tatuar houve um aumento na agilidade e na produtividade de se fazer uma tatuagem (o ato de soldar as agulhas em uma haste favoreceu a precisão dos traços para se fazer o contorno utilizando o mínimo de três agulhas e o máximo de nove agulhas. Dependendo do desenho, há uns que requerem um contorno mais fino e outras que requerem um contorno mais grosso). Para pintar utiliza-se o mínimo de cinco agulhas e o máximo de vinte a trinta agulhas (dependendo do desenho; já que há alguns que são pequenos e outros gigantes). A máquina de tatuar não é senhora de si (há elemento da mão humana no comando, no manejo, na coordenação da máquina). A máquina de tatuar em si sem a intervenção da mão humana (da mão do tatuador), ela não é nada. O trabalho vivo (o ato de perfurar a pele, de contornar, de pintar é a única fonte de riqueza, pois todo trabalho vivo gera valor). A tatuagem tanto gera valor artístico e monetário (para o tatuador) quanto gera valor simbólico (para o tatuado). Um ateliê ou uma loja de tatuagem só são o que são por conterem trabalho vivo em ambos. Não basta ter a propriedade, nem os meios e instrumentos de trabalho se não tiver o valor do uso da força de trabalho do tatuador. A tatuagem não é um adesivo. Ela é uma pintura minuciosa (um artesanato minucioso) confeccionado no corpo humano.

O corpo do homem é a natureza bruta e a tatuagem é a ação humana intervindo historicamente nesse corpo. É a *“negação do barro de que eram feitos os homens”* como nos disse Lévi-Strauss em seu livro *“Tristes Trópicos”* (2009, p.178) ao ter feito um estudo sobre o comportamento do povo indígena Kadiwéu, dando lugar a intervenção humana ao gerar arte sobre o corpo, arte que penetra o corpo, arte que modifica o corpo.

A modificação corporal é uma intervenção humana no corpo de outro homem. Um homem se oferece de escultor e outro se oferece de escultura. A tatuagem é a escultura lapidada na pele humana. O homem não é pedra, não é barro, não é areia, não é madeira, não é ferro, não é aço, não é vidro, não é cristal, não é ouro, não é prata, não é bronze, não é papel, não é tela, não é tecido, não é parede. O homem é carne, indiscutivelmente carne. E essa carne é uma matéria-prima a serviço de sofrer um acabamento, uma lapidação assim como todas as outras matérias-primas que existem. O homem é matéria. Para ser realizada uma tatuagem o que serve do homem é a carne dele (e não o seu espírito). Não se tatua a alma do homem, se tatua o corpo dele. Neste sentido, a tatuagem se casa muito bem com o materialismo histórico, pois o corpo sofre a intervenção humana. Todo corpo humano é um corpo histórico, no sentido de que o dono do corpo (qualquer que seja esse dono), o seu corpo tem uma história

para contar, tem experiências corporais distintas, todo corpo tem seus segredos, tem seus mistérios. O corpo é matéria pura, e ao atingir o seu ápice de vida, ele se finda. Ao findar-se, ele entra em putrefação. Quer prova maior do que essa de que o corpo é visivelmente matéria?

David La Breton (2007), em sua obra *“A Sociologia do Corpo”*, ele cita Marx como aquele que conseguiu pensar tendo a preocupação em analisar a condição corporal do homem no âmbito do trabalho. Na observação que Le Breton faz sobre Marx, ele destaca que o pensamento social tem tido a oportunidade de incorporar novos conceitos ao fazer uma revisão profunda dos conceitos que foram realizados por Marx. A categoria trabalho não existiu apenas na época de Marx. A categoria trabalho continua existindo até hoje e não há previsões se esta categoria deixará de existir. O que se percebe é que na atualidade, surgiram novas categorias de trabalho, novos ramos de trabalho, novas formas de se pensar o trabalho. A tatuagem é uma prática antiga, mas é uma categoria de trabalho recente. Antigamente a prática e conseqüentemente a técnica da tatuagem não era vista, não era pensada como uma forma de trabalho. Sabe-se que hoje a técnica da tatuagem é uma área de trabalho como outra qualquer. O tatuador vende a sua força de trabalho. O tatuador vende a sua técnica, ou melhor, a técnica do tatuador (o seu conhecimento técnico) é consumido pelo tatuado em forma de tatuagem.

Há a proposta de uma reflexividade da Modernidade (e conseqüentemente uma reflexividade da América), e indagar como podemos explicar sociologicamente a ação humana? Poderíamos começar analisando o fenômeno da tatuagem livre de preconceitos e nos transportar às sociedades que foram consideradas primitivas pela civilização européia. A ação envolve criatividade e a reflexividade humana favorece alternativas para que os agentes possam atuar diante da estrutura.

Anthony Giddens (1991), em *“As Conseqüências da Modernidade”*, salienta que a rotinização não é um hábito fechado, é um hábito aberto a mudanças, a transformações. Então, ao pensar sobre a tatuagem, podemos notar a presença, em certa medida de uma rotinização da prática de tatuar na contemporaneidade, onde essa rotinização pode atuar na colaboração para a diminuição da estigmatização do corpo tatuado e pode contribuir para a normatização do uso de tatuagens em ambientes antes conservadores, mas agora tenderia a ser ambientes mais flexíveis (mais compreensíveis com essa nova reflexividade da corporeidade humana contemporânea). Podemos pensar que o que se rotiniza, se normatiza. Através de uma rotinização (no sentido de habituar-se, de tornar o que era incomum em um ornamento comum), gera-se uma normatização.

O hábito de ver o aumento de pessoas tatuadas, fará com que o seu uso deixe de ser algo incomum, e passe a normatizar-se, diminuindo assim exclusões propiciadas pelo universo do mercado de trabalho. Não significa que a inserção de pessoas tatuadas no mercado de trabalho seja um “abandono as estruturas do mercado de trabalho”, significa apenas que as estruturas se modificam no sentido de uma inclusão democrática que dê acesso a que todos indistintamente concorram ao mercado de trabalho e sejam avaliados por sua aptidão ao cargo e não avaliados pela sua aparência. Os padrões comportamentais de uma sociedade antes intransigente com a ostentação de tatuagens, passe a se tornar mais receptivas a essa prática milenar praticada por muitos povos indígenas antes da colonização da América e que perdurou até nossos dias.

2.3: A Tatuagem vista como um Fato Social

Em “*As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*”, Émile Durkheim (1996), revelou que a tatuagem desempenha no Totemismo um papel importante, onde a tatuagem totêmica é caracterizada pela objetividade de seu símbolo. Os Totens são representados por animais ou por plantas. Durkheim destaca que a vida dos animais está mais associado a vida do homem que a planta. A planta por sua vez, está mais associada a vida dos homens muito mais do que a lua, o sol e os astros porque eles estariam demasiadamente longe e eram considerados como não pertencentes a este mundo. A preocupação de Durkheim era investigar por que os Totens eram representados por plantas ou por animais? Durkheim chegou a conclusão de que eles (os animais e plantas) eram perfeitamente indicados porque a variedade da fauna e da flora era quase inesgotável e nunca faltaria nome de um animal ou de uma planta para dar denominação a um clã. Os animais e as plantas por serem abundantes eles eram utilizados perfeitamente como fonte de inspiração para a criação de Totens. As tatuagens serviam para indicar a que clã pertencia o indivíduo:

“Os sentimentos coletivos podem igualmente se encarnar em pessoas ou em fórmulas: há fórmulas que são bandeiras; há personagens, reais ou míticos, que são símbolos. Mas há um tipo de emblema que deve ter surgido rápido, independente de todo cálculo e de toda reflexão: é exatamente o que vimos desempenhar no Totemismo um papel considerável – a tatuagem. Fatos conhecidos demonstram, com efeito, que ela se produz com uma espécie de automatismo em determinadas condições. Quando homens de cultura inferior se associam numa vida comum, geralmente são levados, como que por uma tendência instintiva, a pintar ou a gravar em seus corpos imagens que lembram essa comunidade de existência”. (1996, p. 242)

Durkheim (1996) interpretou a tatuagem totêmica como uma encarnação coletiva onde as sociedades tribais possuíam crenças e rituais dotados de complexidade. Ele se refere ao sistema totêmico como um sistema complexo, mas pertencente a uma cultura inferior (o inferior a que ele se referiu não configura-se no sentido de ser pior, mas no sentido de ser isolada e nômade, e que o isolamento e o nomadismo tendem a unir o grupo e essa união configura-se em uma tendência instintiva de pintar e grafar o corpo com imagens que associem o indivíduo ao seu grupo de pertencimento, à sua comunidade de existência). Durkheim também observou que não é apenas o clã totêmico que costuma tatuar-se como uma forma de integrar-se a uma comunidade de existência, mas que há outros exemplos de grupos que se tatuam para demonstrar a integração a um grupo específico. São exemplo disso os símbolos tatuados na pele de cristãos, de jovens, de soldados e de marinheiros:

“Segundo um texto de Procópio, os primeiros cristãos imprimiam na pele o nome de Cristo ou o sinal da Cruz. Durante muito, os grupos de peregrinos que iam à Palestina faziam-se igualmente tatuar, nos braços ou nos punhos, desenhos que representavam a cruz ou o monograma de Cristo. Observava-se o mesmo costume nas peregrinações que se fazem a certos lugares santos na Itália. Um curioso caso de tatuagem espontânea é relatado por Lombroso: vinte jovens de um colégio italiano, no momento que se separarem, fizeram-se gravar tatuagens que, sob formas diversas lembravam os anos que eles acabavam de passar juntos. A mesma prática foi com frequência observada entre os soldados de um mesmo quartel, entre os marinheiros de um mesmo barco, entre os prisioneiros encarcerados numa casa de detenção. Compreende-se, de fato, que sobretudo onde a técnica é ainda rudimentar, a tatuagem seja o meio mais direto e expressivo pelo qual se pode afirmar a comunhão de consciências. A melhor maneira de atestar a si mesmo e a outrem que se faz parte de um mesmo grupo imprimir no corpo uma mesma marca distintiva”. (1996, p. 242-243).

Vale ressaltar que há uma grande diferença entre as tatuagens tribais dos indígenas e dos aborígenes (que costumavam tatuar “grandes espaços” do corpo com desenhos abstratos e geométricos) com relação as tatuagens dos missionários cristãos (que costumavam tatuar apenas uma “pequena marca” de uma Cruz). Durkheim interpretou a tatuagem como uma prática dotada de complexidade, mas que ele a considerou uma prática rudimentar por não ser habitual nas cidades urbanas, talvez porque ele não tivesse vivido o tempo suficiente para ter visto a criação do Dermógrafo (a máquina de tatuar moderna surgida no século XX). Durkheim cita Lombroso como aquele que investigou a ocorrência de tatuagens, mas vale frisar que Lombroso (assim como o próprio Durkheim) ambos só viveram a tempo de observar a existência da tatuagem no século XIX: Durkheim observou a existência de tatuagens nos braços e punhos de missionários cristãos e no contexto aborígene das tribos exóticas australianas; e Lombroso observou as rudimentares tatuagens existentes em casas de detenção, as simples tatuagens dos soldados nos quartéis e as românticas tatuagens dos marinheiros.

Podemos observar que os cristãos eram um grupo expedicionário e missionário, que os nativos da Austrália eram um grupo fechado, que os alunos de um colégio italiano eram um grupo pequeno, que os soldados dos quartéis eram um grupo onde a prática de tatuar era justificada pela necessidade em demonstrar resistência, que os marinheiros eram um grupo que vivia isolados no mar. Podemos observar que todos eles são exemplos extremos de grupos que costumavam se tatuar como uma forma de demonstrar a comunhão de suas consciências (os nativos australianos se tatuavam como uma demonstração de pertencimento a sua tribo; os alunos do colégio italiano se tatuaram como uma forma de demarcar determinado período de convivência que simboliza a existência de um elo de amizade; os soldados se tatuavam para demonstrar a sua resistência física, os marinheiros tatuavam-se para carregar com eles marcas que lembrassem os portos marítimos por onde eles passavam. Dessa forma, nem Lombroso (e nem Durkheim que o citou) não tiveram a oportunidade de observar a renovação e o impulso que a tatuagem atingiria no século XX a partir do surgimento da máquina elétrica de tatuar e da dinamicidade que o consumo de tatuagens passou a adquirir no início do século XXI.

Émile Durkheim, um dos grandes fundadores da Sociologia; em sua obra “*As Regras do Método Sociológico*” (2008), ele fez a afirmação de que o objeto da Sociologia é a análise dos fatos sociais, e acabou por definir três características para os fatos sociais: a *coercitividade*, a *exterioridade* e a *generalidade*. Então, a partir dessa perspectiva teórica e metodológica de Durkheim, procurei observar o fenômeno da tatuagem a partir daquilo que o próprio Durkheim definiu como objeto da Sociologia: os fatos sociais. Portanto, essa pesquisa parte do princípio de que a prática da tatuagem é um fato social. Isso porque foi possível encaixar a prática da tatuagem como compatíveis às três características distintivas que Durkheim classificou:

a) A *Coercitividade*: nas sociedades indígenas, a tatuagem pode ser considerada como um tipo de coerção social imposta aos indivíduos assim como são o idioma, a família, a religião, o código de leis. A tatuagem era praticada com naturalidade, já que nem toda forma de coerção é sentida, e muitas vezes há formas de coerção que são aceitas de bom grado, já que as pessoas não se manifestam contrárias a ela, mas pelo contrário, a aderem de forma espontânea. A tatuagem era aceita pelos membros de muitas sociedades indígenas assim como são aceitos espontaneamente o idioma que falam e a religião (ou melhor, o culto) que professam. A tatuagem marcava em muitas sociedades indígenas (um exemplo seria a sociedade Tupinambá do século XVI) e aborígenes (um exemplo seria os polinésios encontrados pelo

capitão inglês James Cook no século XVIII) um ritual coercitivo na medida em que sua prática significava um apego as suas tradições, uma marca de pertencimento à sociedade da qual fazem parte.

b) *A Exterioridade*: a tatuagem é um fato social porque ela é uma arte milenar, ela antecede ao nascimento e ao comportamento das pessoas das sociedades contemporâneas. A tatuagem é um fato social que antecede à contemporaneidade. É por anteceder à nossa contemporaneidade (e ter conseguido imergir dentro das sociedades contemporâneas), que a tatuagem configura-se como um “fato exterior” aos indivíduos. São os olhos humanos que ao observarem o mundo exterior, buscam interiorizar em nós sujeitos, tudo o que dessa exterioridade nos agradamos e gostamos. É o sujeito individual que absorve de seu meio social o comportamento da sociedade da qual ele faz parte. A exterioridade se reflete como criadora de tendências, de novos estilos, de novos padrões comportamentais. A tatuagem na contemporaneidade atua nesse sentido: como a tatuagem simboliza ou faz ressurgir o exotismo, ela configura-se como um estilo exótico que atrai o universo dos jovens (mas não apenas deles) e que acabam por ser incorporada pelas pessoas que se identificaram com esse universo. Dentro do contexto urbano, a tatuagem visa à incrementar novas tendências e novos estilos que fogem da padronização habitual do culto ao corpo liso (sem ilustrações). É a exterioridade que possibilita a infinidade de temas diversos destinados a grafar o corpo. Cada desenho possui um motivo carregado de simbolismo. Se um desenho tatuado não possui sentido para os outros que observam, certamente ela possui significado para quem a carrega. Nada é desprovido de sentido. Toda escolha por um determinado desenho possui um significado. O dono do corpo sempre atribui um significado para o desenho por ele escolhido. Nenhum desenho é escolhido ao acaso, sempre há uma razão para essa escolha. Através da exterioridade, as pessoas escolhem os desenhos de acordo com aquilo que acreditam que se encaixam com a maneira e com o modo de ser delas.

c) *A Generalidade*: se é considerado como generalidade os fatos sociais que se repetem (que são repetitivos) em todas as sociedades ou pelo menos na maioria delas, então, a tatuagem também pode ser classificada como uma generalidade, já que ela não é exclusiva de uma sociedade apenas. A prática da tatuagem estava presente em inúmeras sociedades indígenas da América do Norte, da América Central e da América do Sul, assim como também estava presente na Oceania (Austrália e Nova Zelândia), em inúmeras ilhas da Polinésia, assim como também dentro da sociedade japonesa. E atualmente, praticamente a maioria dos países (incluindo os países europeus), é possível se deparar facilmente com homens e mulheres tatuados. Então, a tatuagem já existia no seio das sociedades pré-capitalistas e

continua a existir com um novo vigor dentro das sociedades capitalistas. Em sua obra “*Lições de Sociologia*”, Durkheim (2002, p.06) ao escrever sobre *A Moral Profissional*, ele evidencia:

“Temos deveres como professores, que não são os dos comerciantes; os deveres do industrial são totalmente diferentes daqueles dos soldados, os dos soldados daqueles dos padres, etc. Pode-se dizer, a esse respeito, que há tantas morais quantas profissões diferentes, e, como em princípio cada indivíduo só exerce uma profissão, disso resulta que essas diferentes morais se aplicam a grupos de indivíduos completamente diferentes. Essas diferenças podem chegar ao contraste. Essas morais não são apenas distintas uma das outras, há morais entre as quais existe uma verdadeira oposição”.

Durkheim se refere à moral profissional como aquela que é desempenhada repartida por categorias. Há uma divisão social do trabalho, em que cada sujeito inserido em determinado campo profissional deve desempenhar uma função específica que beneficie à coletividade. Ao desempenhar a sua função, o indivíduo cumpriu com seu dever (cumprir com as atribuições que lhe eram devidas) dentro da divisão do trabalho social. Ora, então a moral profissional do professor é ensinar o conteúdo da disciplina a seus alunos; a moral profissional do comerciante é a de inspecionar a data de validade dos produtos que comercializa, para poder abastecer a população com mercadorias em bom estado de conservação e garantia de qualidade; a moral profissional do industrial é produzir suas mercadorias em larga escala, aumentando o fluxo de lucro para a sua indústria; a moral profissional dos soldados é a de receber ordens e cumpri-las, mesmo que sejam ordens para matar o adversário, e todas indicadas pelo seu superior, o Major; a moral profissional dos padres é a de celebrar missas, casamentos, batizados e velórios. Mas também a de proclamar a palavra de Deus aos seus fiéis, agindo como se fosse um “intermediário divino” (e que acaba conduzindo as pessoas a agirem através de correntes sociais e como ovelhas de um rebanho). O professor ensina, o comerciante vende, o industrial produz, os soldados lutam em guerras. Os padres convertem pessoas dizendo que as consolam.

Assim, com relação à tatuagem, qual a sua moral profissional? A moral profissional do tatuador não se difere muito da moral dos demais artistas. Se pintores pintam quadros, os tatuadores tatuam corpos.

Tatuagem é como pintar um quadro, o que difere é apenas a matéria-prima utilizada por ambos: enquanto a matéria-prima do pintor é uma tela ou o papel, a matéria-prima do tatuador é a pele. Enquanto a tela é apenas levemente e suavemente tocada pelas pinceladas de um pincel de pontas macias, e enquanto o papel é apenas levemente e suavemente rabiscado por um lápis, a pele é levemente e suavemente arranhada por um jogo de agulhas de pontas afiadas. Percebe-se que a tela não é perfurada pelo pincel, é apenas tocada por ele. O mesmo ocorre com o papel: ele não é perfurado pelo lápis, é

apenas tocado por ele. Com relação à pele, ela é perfurada por agulhadas. Então, não há penetração do pincel com relação à tela e nem há penetração do lápis com relação ao papel, mas nota-se que há penetração das agulhas com relação à pele. Constata-se uma maior dificuldade na projeção de um desenho realizado na pele, do que um desenho realizado numa tela ou na folha de papel. Devido a essa maior dificuldade de projeção de um desenho dentro da camada da pele, fica evidenciada a grandeza de seu valor. Fica evidenciada a grandeza do valor de uma tatuagem devido à dificuldade em inserir um desenho numa superfície mais complexa que a tela e mais complexa que o papel. A moral profissional do tatuador contemporâneo é ter o objetivo de resgatar a prática da tatuagem, introduzindo novas técnicas para a realização dessa prática na contemporaneidade.

Em “*Sociologia e Filosofia*”, Durkheim (2009) ao tratar sobre os *juízos de valor* e *juízos de realidade*, ele inicia fazendo uma observação que os juízos de realidade são constatados através de fatos dados (como por exemplo afirmar que os corpos são pesados ou que o volume dos gases depende da pressão que esses gases sofrem) e que os juízos de realidade são totalmente distintos dos juízos de valor (que não possuem a preocupação em querer dizer o que são as coisas) e que se preocupa em entender o que as coisas valem, ou seja, qual a importância que as coisas possuem para um sujeito consciente (e qual o preço, a estima, a afeição, a simpatia, o entrosamento, o envolvimento, o interesse, o apego, a relevância que o sujeito atribui às coisas à sua volta, às coisas ao seu redor, às coisas que almeja obter para si).

Durkheim dá o nome de *juízos de valor* ao que as coisas valem em relação a um sujeito consciente. Quando ele diz que um indivíduo que adora caçar, que prefere cerveja ao vinho, que prefere o agito ao repouso, ele evidencia que não se trata de apreciações de um sujeito em relação a coisa em si, mas que as coisas em si são simplesmente juízos de realidade. Ele afirma que os juízos de realidade apenas dizem de que maneira ou como esse indivíduo em particular se comporta diante de certos objetos do qual evidencia que gosta deste, que prefere este ao invés daquele. Durkheim evidencia que essas experiências (gostar e preferir coisas em detrimento de outras) são fatos tanto quanto o peso do corpo ou a elasticidade do gás. Durkheim destaca que as nossas preferências (as minhas, as suas ou a de quem quer que seja) não podem atribuir às coisas (das quais gostamos e preferimos) um valor que lhes pertença, isso porque os nossos juízos (os juízos de valor que todos nós possuímos) apenas são capazes de afirmar determinados estados do sujeito. Não é o sujeito (eu ou você) quem atribui o valor exato das coisas, pois o nosso juízo de valor (o meu e o seu) não consegue dar o real valor às coisas. Todos nós apenas somos capazes de afirmar os nossos determinados estados, os nossos próprios pontos de vista. Assim, os nossos

gostos e as nossas preferências apenas determinam o nosso próprio estado de enxergarmos as coisas. As nossas predileções, as nossas preferências (as minhas ou as suas, enfim a de todos) elas são incomunicáveis. Durkheim diagnosticou que as nossas preferências são incomunicáveis e inconciliáveis.

Podemos assim observar que há pessoas que amam e há pessoas que odeiam tatuagens. As que amam e as que odeiam estão embasadas em valores antagônicos e inconciliáveis entre si. Tanto àquela que ama tatuagens quanto aquela que odeia tatuagens acredita estarem convictas com relação aos seus respectivos pontos de vista! Esse antagonismo é gerador de um conflito social (e de um problema sociológico!)

Analisando o exercício de fazer tatuagens busquei reflexões dentro da lógica do raciocínio de Durkheim (2009, p.100), onde podemos perceber que aqueles que possuem predileções por tatuagens, aqueles que apreciam portar tatuagens em seus corpos são indivíduos que passaram por uma experiência, por um fato real:

“Aqueles que as experimentam bem podem dizer que as experimentam ou, pelo menos, que crêem experimentá-las; mas eles não podem transmiti-las a outrem. Elas dependem de suas pessoas, e destas não podem ser desligadas”.

Assim, diante desta reflexão de Durkheim, se formos refletirmos sobre a experiência que é fazer um tatuagem, podemos perceber que só aqueles que se tatuaram (só aqueles que tatuaram de fato seus corpos) e só aqueles que tatuam (só aqueles que confeccionam e trabalham com tatuagens) é que podem dizer que experimentaram como é ser tatuado e como é tatuar. Observei que há duas formas de experiências: a experiência daquele que é tatuado (o sujeito que submete ter o seu corpo tatuado) e daquele que tatua (o sujeito que insere o desenho perfurando o corpo do outro). Mas estas formas de experiência (tanto o ser que é tatuado quanto o ser que é o tatuador), não podem ser transmitidas a outrem. Só mesmo passando pela experiência para saber. Cada experiência depende de cada pessoa e as experiências não podem ser desligadas delas (ou seja, daquele que é tatuado e daquele que tatua). Durkheim (2009, p.100) salienta que:

“Eu posso, como homem, possuir senão uma medíocre moralidade, isso não me impede de reconhecer o valor moral onde ele existe. Posso ser, por temperamento, pouco sensível às alegrias da arte; isso não é razão para que eu negue que existam valores estéticos. Todos esses valores existem, portanto, em certo sentido, fora de mim”.

Durkheim (2009, p.101) evidencia que mesmo quando nós não concordamos com as outras pessoas quando os nossos valores não se encaixam com os valores delas, nós tentamos comunicar a essas

peças as nossas convicções e não nos contentamos apenas em afirmar as nossas convicções, nós quase sempre tentamos e buscamos demonstrar (fazer uma demonstração daquilo que acreditamos estarmos convictos). No entanto, nós costumamos admitir que esses juízos correspondem a uma realidade objetiva e que essas realidades é que constituem valores (as coisas possuem valores independente de qual forma atribuímos nossos valores a elas). Assim, a realidade constitui valores e os nossos juízos de valor é que se relacionam com essas realidades:

“Todo valor supõe a apreciação de um sujeito, em relação definida com uma sensibilidade determinada. O que tem valor é bom de alguma maneira; o que é bom é desejável; todo desejo é um estado interior”.

Que valor uma tatuagem possui para o tatuador? Que valor que uma tatuagem possui para o sujeito tatuado? O valor da tatuagem para o tatuador advém da consciência de que a tatuagem foi fruto de seu trabalho e trabalho este que custou tempo, concentração, desempenho e dedicação. O valor da tatuagem para o tatuado advém da consciência de que a tatuagem foi fruto de seu esforço físico na resistência à dor corpórea que lhe custou ansiedade e paciência (ou impaciência). O desejo interior do tatuador é o de que o seu esforço manual, desempenho e talento artístico seja reconhecido como um trabalho artístico. O desejo do tatuado é o de que seu esforço físico e a sua tolerância com relação à paciência de sentir passivamente o incômodo da dor seja reconhecida e que o desenho esculpido em seu corpo seja elogiado e destacado como belo. Assim, o tatuador tatua e tatuado se deixa tatuar porque a tatuagem possui um valor para ambos. O desejo em obter reconhecimento conduz o tatuador a tatuar e o desejo em transformar-se visualmente conduz o sujeito a querer ser tatuado. Assim, tatuar e ser tatuado configura-se em uma Ação Social.

2.4: Tatuar e ser Tatuado é uma Ação Social

Max Weber faz a tentativa de excluir do campo de conhecimento das Ciências Sociais todos os tipos de teorias que se refiram unicamente a processos sociais abstratos, ou seja, a processos sociais que não possam ser analisados em conjuntos concretos de ações. O que a tatuagem é? A realização, a confecção de uma tatuagens constituem conjuntos concretos de ações. A confecção da tatuagem está inserida na categoria trabalho e, portanto, se a confecção de uma tatuagem é uma forma de trabalho, significa que a execução da sessão de tatuagem é uma ação social concreta. A tatuagem é uma ação social porque ela não está limitada a um contexto local. Na concepção Weberiana de Sociologia, não pode haver espaços

para o desenvolvimento de conceitos teóricos que não possuam representações empíricas. A confecção de uma tatuagem é uma representação empírica. Todo trabalho humano é empírico e não seria diferente com a tatuagem (que também é um trabalho empírico). Weber acredita que as representações empíricas são as bases para a análise dos fenômenos sociais. A análise sociológica de um fato social não pode deixar de lado o fator empírico implícito nesse fato.

Uma análise Weberiana macro-sociológica se opõe à idéia de que há um conhecimento único, geral e abstrato que seja válido para todos os tipos de configuração histórico-social (pois acredita que não há uma unidade sobre a natureza dos sistemas sociais). Weber acredita na existência de diferentes configurações históricas, que são passíveis de ser tipificadas. Não há uma unidade histórica, o que há são pluralidades de povos com suas particularidades históricas com suas peculiaridades comportamentais. E em se tratando de uma análise micro-sociológica, Weber acredita que não se deve estabelecer mecanismos gerais aos processos de interação social, já que as ações sociais praticadas pelos distintos povos se configuram de forma diferente.

Então, Weber concebe a Sociologia como uma ciência de análise da ação social. A tatuagem é uma ação social porque a tatuagem é trabalho. Só existem pessoas tatuadas porque existem trabalhadores (tatuadores) executando essa atividade. Os tatuados só são tatuados porque houve um trabalho artístico confeccionado em seus corpos. Se a tatuagem é trabalho isso significa que ela não se limita a um contexto local, não se limita a um contexto regional, não se limita a um contexto nacional. Os problemas levantados pela Sociologia weberiana partem de sujeitos concretos (dessa forma, os tatuados que são os sujeitos consumidores e os tatuadores que são os sujeitos produtores eles são sujeitos concretos), que possuem fins a serem perseguidos (a finalidade do tatuado é caracterizada por diversas motivações e a finalidade do tatuador é executar o seu trabalho da melhor forma possível) em situações historicamente dadas (por exemplo, a observação-participante através do contato direto com um ateliê de tatuagem, assim como a observação-participante em uma Convenção de tatuagem onde há várias pessoas sendo tatuadas ao mesmo tempo são exemplos de situações historicamente dadas).

Para Weber, a ação social é orientada pela ação de outros (isso significa que toda ação social depende da reação do “outro”, depende da reação de outros agentes sociais). O conceito de ação social requer a existência de uma força motivacional (de um sentido) para a prática dessa ação. Toda ação social é realizada de um agente social para outros agentes sociais. A ação social requer um desejo explícito de intercâmbio, de troca, de relacionamento com o outro agente a quem se dirigiu a sua ação. A intenção da ação social é atrair uma reação da outra parte envolvida. Um agente social quando pratica

uma ação social (qualquer) direcionada ao outro, percebe-se com isso que toda ação social busca por resultados (em que resultou a ação que foi praticada e quais efeitos geraram para o agente e o receptor da ação). Toda ação social possui causa e efeito. É interessante buscar compreender a causa (a finalidade da ação) praticada pelo primeiro agente e o efeito que ela causou no outro agente (os fins reais ou esperados).

Em se tratando da prática da tatuagem, ela é uma ação social na medida em que no próprio ato de tatuar há uma interação entre dois agentes sociais distintos (o tatuador e o tatuado). Eles são agentes sociais distintos porque o tatuador tem a finalidade de inserir um desenho na pele do outro, e inevitavelmente provoca dor no outro. O tatuado desempenha a função de receptor da dor em troca da inserção de ilustrações em sua pele. O tatuado se submete a dor corpórea com a finalidade de modelar, modificar o seu corpo. O tatuador tem a finalidade de moldar com sua técnica artística o corpo do outro.

Enquanto a perfuração das agulhas para inserir tinta na pele é a “ação” praticada pelo tatuador, a dor sentida e sofrida pelos arranhões das agulhadas é a “reação” praticada pelo tatuado. A tatuagem é moldada pelo tatuador e no corpo do tatuado fica emoldurada. O corpo é uma matéria-prima dada pela natureza e transformada pela ação do homem na forma de tatuagem.

A tatuagem é uma ação social porque a ação social não se configura apenas por ser uma ação praticada coletivamente ao mesmo tempo (como ocorre na Convenção de tatuagem onde há vários tatuadores tatuando ao mesmo tempo), pois sendo assim estamos deixando de considerar que o trabalhador que trabalha sozinho (o artista plástico, o artesão, o pintor, e também o tatuador) não pratica ação social porque não está confeccionando suas atividades junto com outros trabalhadores como ele. Se fosse assim, poderíamos dizer que o dentista que trabalha sozinho, que o advogado que trabalha sozinho, que o comerciante que trabalha sozinho não está praticando uma ação social porque o dentista, o advogado e o comerciante não se associam a outros dentistas, a outros advogados e a outros comerciantes. Nem todo artista, nem todo artesão, nem todo pintor, assim como nem todo tatuador necessita associar-se em cooperativas para legitimar que está produzindo, que está confeccionando um valor de uso social. O artista não produz arte apenas para ele, o artesão não produz artesanato apenas para ele, o pintor não pinta quadros apenas para ele e sendo assim o tatuador não tatua apenas para ele. Se o que estes artistas produzem (artes plásticas, artesanatos, pinturas e também tatuagens) não é para eles mesmos, se eles estão produzindo para outras pessoas significa que o trabalho executado por cada um deles possui um valor de uso social (como diria Max) e possui uma ação social (como diria Weber).

Ao me apoiar na teoria de Weber acerca da “Teoria da Ação Social” percebi que a busca por tatuar-se também é uma Ação Social:

Em Weber a *ação tradicional* aparece como uma ação cotidiana, como algo natural da sociedade. As tatuagens eram praticadas como uma forma de tradição nas sociedades indígenas e com isso a ação de tatuar se configura em uma ação habitual para inúmeros povos indígenas. Em se tratando das sociedades contemporâneas, a ação de tatuar que antes se configurava na manutenção da tradição de determinada comunidade indígena, atualmente configura-se em um exercício de individualização para fugir da padronização imposta pelas instituições burocráticas modernas.

Em Weber, a *ação social afetiva* aparece como uma aceitação ao carisma (uma dominação carismática), mas ainda assim, o sentido e o significado da palavra afetividade também abrangem ações emotivas. A *ação afetiva* também requer em falar de sensações e sentimentos (aquilo que é vivido sensorialmente e afetivamente). Portanto, a dominação carismática de Weber não exclui o significado da palavra afetividade (pois movidas por afeto as pessoas demonstram suas sensações). O que a tatuagem proporciona ao corpo do tatuado? A tatuagem proporciona sensações das mais diversas possíveis: para alguns provoca dor, tensão, incômodo e impaciência; para outros a tatuagem proporciona prazer, euforia, adrenalina. Tatuar-se é uma *ação social afetiva* na medida em que o tatuado ao decidir se tatuar, ele age com afetividade, ou seja, ele age com uma emotividade que o conduz a um estado de ansiedade que pode lhe causar reações e estímulos corporais como a manifestação de suor nas mãos, de frio na barriga, de sede, de cansaço, de sono, de dor e também pode causar expectativas pelo resultado final e pela curiosidade com relação à reação dos outros (reação de dominação quando ocorre à reprovação dos familiares; reação de dominação quando ocorre intromissão de amigos que ficam dando palpites à respeito; reação de dominação quando sofre com os olhares maldosos de conhecidos e desconhecidos) diante do seu corpo tatuado.

Querendo ou não, tatuar-se é um ato de emotividade porque estão implícitos os desejos, as sensações e as expectativas com relação ao momento de tatuar-se (assim como as expectativas com relação a reação dos outros diante da sua imagem). Mesmo quem já possui tatuagem, cada local distinto do corpo que é escolhido a ser tatuado é uma forma de dor distinta (alguns locais doem bem menos e outros locais doem bem mais), tudo é uma questão de sensibilidade. Cada pessoa possui uma sensibilidade diferente da outra. A sensibilidade das pessoas variam de acordo com o grau de resistência delas. A forma de resistência das pessoas estão de acordo com a ação afetiva delas. As pessoas agem de forma afetiva e isto significa que variam as intencionalidades dessas pessoas com relação à ação de tatuar o corpo.

Tatuar-se também é uma *ação social com relação aos fins*. A intenção de tatuar o corpo se dirige a um fim determinado (como por exemplo, o desejo de sentir-se bela, para ostentar a superação da dor como demonstração de coragem, para simbolizar um ato de ousadia, para demarcar um acontecimento especial onde a tatuagem pode simbolizar uma conquista). As razões em ter feito uma tatuagem no corpo varia de pessoa para pessoa. A finalidade do local do corpo escolhido para ser tatuado também varia de pessoa para pessoa. Cada local do corpo escolhido pelo tatuado possui uma intencionalidade. Nenhuma escolha do local do corpo é desprovida de intencionalidade. A intencionalidade com que os desenhos são escolhidos, assim como a intencionalidade com que o local do corpo a ser tatuado é escolhido possui as suas razões de ser (possui um motivo). Isso é fato. Ninguém escolhe um desenho por acaso ou escolhe uma região do corpo por acaso. Tudo tem a sua intencionalidade. Obviamente que Weber ressaltou que existem ações não-intencionais, mas neste caso, tatuar o corpo é uma ação intencional. O próprio ato de se tatuar é uma escolha bem subjetiva (e essa subjetividade remete a valores histórico-culturais). Assim, percebemos que tanto os desenhos quanto o local do corpo possuem fins determinados. Os desenhos e a região do corpo são escolhas com fins determinados, são escolhas subjetivas com propósitos objetivos.

Tatuar-se também é uma *ação social com relação aos valores* (isso porque os desenhos que as pessoas escolhem para inserir em seus corpos estão vinculados aos valores que estas pessoas que se tatuam trazem consigo. Cada pessoa possui um tipo de pensamento, um modo de ser, uma maneira de agir, uma forma de se comportar, um jeito que lhe é peculiar através dos seus gostos e de suas preferências próprias orientadas a partir do exterior. Com relação à exterioridade, podemos dizer que é na exterioridade que os bens de consumo se mostram acessíveis para a demanda de consumidores (a tatuagem é uma forma de consumo na medida em que se remunera o executor desse ofício pelo trabalho artístico que ele produz). Os desenhos são escolhidos de acordo com os valores dessas pessoas. Cada pessoa possui os seus próprios juízos de valores e age de acordo com eles. Os juízos de valores das pessoas são interessantes para a compreensão da subjetividade dos agentes sociais (ou seja, para a compreensão dos agentes sociais que se tatuam).

Obviamente que isto não significa que um determinado sujeito que tatuar algo inofensivo em seu corpo se comporta inofensivamente há todo momento, assim como aquele determinado sujeito que tatuar algo agressivo em seu corpo se comporta agressivamente a todo instante. Assim, não podemos julgar o sujeito tatuado pelo desenho que ele carrega consigo. Possuir um desenho mórbido não significa que o tatuado seja necessariamente uma pessoa má (significa apenas que desenhos mórbidos também fazem parte do que é considerado artístico, já que a arte não pode ser considerada como arte apenas quando ela

transparece a beleza e seja ignorada como arte quando transparece feiúra. Por exemplo, há demônios que estão tão bem desenhados e tatuados que podem perfeitamente ser considerados como belos pela perfeição com que foram elaborados, desenhados e tatuados). Empregar o uso de uma *neutralidade axiológica* dentro da arte significa considerar que a representação do “Belo” e do “Feio” possuem o mesmo valor artístico. Retratar a “beleza” da vida, assim como retratar a “morbidez” da vida são temáticas distintas de representar a arte, mas cada uma dessas formas possui o seu valor.

2.5: A Tatuagem: uma Prática Antiga, Uma Profissão Recente

Em todas as profissões é comum existir os bons profissionais e os maus profissionais. Existem bons médicos e maus médicos, existem bons e maus engenheiros, existem bons e maus advogados, existem bons e maus juízes, existem bons e maus policiais, existem bons e maus professores, existem bons e maus alunos, existem bons e maus motoristas de trânsito, então, com o universo da tatuagem não é diferente.

A tatuagem não pode apenas ser concebida sobre o prisma de um universo simbólico (onde consistiria em considerar “simbólico” qualquer marca indelével, seja esta marca bela ou feia, bem feita ou mal feita). Uma marca mal feita não deixa de ser uma espécie de símbolo, de código, de representação, no entanto, se os profissionais de tatuagem hoje considerar uma marca qualquer como se esta marca fosse uma tatuagem artística, ele estaria enaltecendo e reverenciando qualquer tipo de marca mal produzida, mal elaborada, mal confeccionada, mal trabalhada lhe atribuindo uma característica artística, onde na realidade não há nada de artístico. Há tipos e tipos de marcas, assim como há tipos e tipos de tatuagem. Por isso é necessário que o profissional que lida com tatuagem possua uma preocupação com a “forma”. Por que preocupar-se com a forma é de imensa importância? O tatuador não pode enganar a pessoa (o cliente) que será tatuada por ele, ele não pode “estragar” o corpo de outra pessoa produzindo em alguém um desenho mal feito, tosco e mal delineado.

O tatuador não pode passar por desenhista, se de fato realmente não o é. Um profissional que lida com tatuagem não pode dizer que sabe desenhar um leão, um tubarão, um dragão ou o que quer que seja, se realmente não sabe. Se ele mentir, o que pode acontecer é ele produzir um desenho no corpo do cliente que tenha um mal resultado (que tenha tido um resultado muito abaixo da expectativa). O tatuado acaba por se sentir frustrado (frustrado por ter adquirido um desenho que mais parece uma “caricatura”

tosca do desenho original). Isso esclarece à todas aquelas pessoas leigas sobre tatuagem que inserir um desenho no corpo de alguém é uma coisa bastante séria. É um equívoco, é um erro imperdoável pensar que fazer uma tatuagem é pura e simplesmente “decalcar um desenho” e “fixá-lo” no corpo do cliente. Muitos pensam: “ah como é fácil tatuar! É só decalcar o desenho, colar no corpo, pegar a máquina e começar a sublinhar o decalque”. Aos que pensam dessa forma “reducionista” acerca do processo de inserir uma tatuagem no corpo de alguém, não é assim “tão simples” como essas pessoas pensam!

Primeiramente há de se convir que a “pele” é uma superfície “dura” (não é como pegar uma caneta e desenhar num papel), há de se convir também que a própria máquina de tatuar é “pesada” (se ela for comparada à leveza de um lápis, de uma caneta, de um pincel). Então tentem associar o tempo de duração de uma tatuagem (minúscula, pequena, média, grande, gigante) somado ao peso da máquina (o tempo que o tatuador permanecerá com o seu “punho”, com o seu “pulso” fazendo uma repetição prolongada do mesmo exercício com as suas mãos (onde uma mão segura a máquina e a outra mão “estica” a pele do cliente a ser perfurada) em uma superfície dura (não há penetração do lápis ou da caneta sobre o papel. O lápis e a caneta apenas “tocam” o papel, eles não o penetra. O mesmo ocorre com o pincel, ele não penetra a tela. E também com o aerógrafo, ele não penetra a parede) e essa superfície dura terá que ser penetrada por agulhas que se encontram soldadas numa haste que é inserida dentro da biqueira de tatuar; essas agulhas soldadas e movidas à eletricidade trucidam suavemente a pele do sujeito. Mas a máquina não tatua sozinha, é o tatuador quem comanda a máquina (assim como é o homem quem comanda o lápis e a caneta ao desenhar, onde é ele quem comanda o pincel ao pintar, é o homem quem comanda a máquina ao tatuar).

Para os que acham que tatuar é uma atividade simples, que apenas colocando o decalque no corpo, é fácil seguir simplesmente os contornos, engana-se completamente. Há os tatuadores que possuem os seus traços, os seus contornos bem delineados e há aqueles que nem mesmo o decalque consegue ajudá-los a efetuar traços bem precisos (na profundidade certa, para não criar quelóides), traços bem delineados (diferentemente daqueles traços toscos, onde os contornos ficam desalinhados, desajeitados, e se percebe nitidamente as irregularidades dos traços, os traços grosseiros que mais “enfeiam” do que “embelezam”).

Dizer que qualquer tipo de traço, qualquer tipo de contorno é arte, significa retirar toda a eficácia daqueles que realmente são os verdadeiros artesãos das agulhas! Traços perfeitos, bem delineados são o que distingue àquele que tatua bem daquele que tatua mal. Tatuar é como fazer crochê ou tricô (são artesãos que desenvolvem a técnica e que a executam com tal perfeição, ou ainda são como os pintores

que pincelam magnânimos quadros). Assim como há pessoas que sabem tricotar muito bem e há outras que sequer sabem manusear um tricotado, há aquelas que sabem criar obras em telas à óleo e há outras que não conseguem desenhar nada que se aproveite em uma folha de papel. Assim é com a tatuagem, onde há os que sabem delinear bem os traços e há aqueles que realmente não conseguem. Há muitos que se esforçam para aprender, uns até progridem, outros não, e há os que realmente desempenham bem a atividade. É assim em todas as profissões.

A tatuagem hoje é mais uma questão de “preocupação com a forma” do que o reducionismo de um “simbolismo”. Na profissionalização da tatuagem, a preocupação com a forma está em primeiro lugar. O tatuador tem e deve executar muito bem os seus traços, os seus contornos, os seus delineados no corpo do sujeito. Eles observam minuciosamente e capricham para que os seus traços saiam os mais corretos e perfeitos possíveis. Eles evitam errar; preocupam-se demasiadamente em não cometer erros. Uma tatuagem mal feita no corpo seria como um “borrão” em uma folha de papel (só que este “borrão” estaria na pele). Há traços que são tão mal feitos que a melhor descrição para designá-los seria mesmo o de “borrão” na pele! (que se distinguem totalmente do que seria uma “arte” na pele!).

A profissão de tatuar é justamente isso: se o tatuador estivesse apenas preocupado com a “questão simbólica” (a de que “qualquer tipo de marca”, “qualquer forma de cicatriz” serve como exemplo de “boa tatuagem”), e ele não se preocupasse com a “forma” (com a boa delineação dos traços e contornos), ele seria um amador e não um profissional! Podemos dizer que “amadores” costumam ser “simbólicos” (já que quem é apegado num “simbolismo”, qualquer desenho mal executado é perdoado e visto como “bonitinho”) e os profissionais são muito “formais” (exigem uma boa execução na delineação dos traços e contornos e não perdoam traços mal executados, tudo porque querem que seu trabalho seja mais do que um desenho “bonitinho”, querem que seu trabalho seja notavelmente “belo!”).

A preocupação com a forma, no entanto, não retira o tal “simbolismo” do desenho (já que quando há desenhos que mesmo que não possuam um significado em si, eles ganham um significado pelos seus donos que os carregam em sua pele. Quando os desenhos não possuem significado, os seus “donos” (os tatuados) procuram um significado simbólico para portarem esses desenhos em seus corpos. Os desenhos tatuados podem significar a eternização de um período no corpo do sujeito no qual ele quis eternizar na pele (e não apenas em seus pensamentos, memórias e lembranças) uma determinada época de sua vida. Esses momentos (sejam eles tristes ou alegres) ficam registrados na pele através da tatuagem que atua como um tipo de “simbolismo” (onde só os próprios tatuados sabem explicar o significado de suas tatuagens!) Nestes casos, não se tratam apenas de “desenhos simbólicos”, mas de

“motivos simbólicos”. Os “desenhos simbólicos” (um dragão é simbólico porque ele é a representação de um desenho em estilo oriental; um tribal é simbólico porque ele é a representação de desenhos abstratos (baseados no estilo indígena, celta, maoris ou polinésios); uma flor e uma borboleta são desenhos simbólicos que representam a beleza da natureza e são aqueles cujo significados são mais facilmente identificáveis para quem vê.

Os motivos simbólicos são aqueles cujo significado são dificilmente identificáveis para quem vê e necessitam da explicação de seus intérpretes: os donos da tatuagem. Há desenhos que são incógnitas! Não são desenhos evidentes como uma carpa, um tribal, uma flor, uma borboleta (embora isso não signifique que, por serem “desenhos evidentes”, também não possuam seus significados subjacentes e ocultos!). Em resumo, quem deve se preocupar com a questão simbólica do desenho da tatuagem é o futuro tatuado que a irá portar! O tatuador profissional preocupa-se com a “forma” (com a “boa-forma” do desenho, seja ele um dragão, um tribal, uma flor, um beija-flor, uma incógnita ou o que quer que seja!). A única preocupação que o tatuador profissional terá será se o seu dragão será mesmo um dragão, se o seu tribal será mesmo um tribal, se a sua flor será mesmo uma flor, se o seu beija-flor será mesmo um beija-flor! Para que não seja confundido com uma caricatura mal delineada! Isso justifica a preocupação com a forma estar no primeiro patamar de preocupação do tatuador enquanto ele executa o seu ofício. Tatuagem é isso: é um ofício, é uma prática, é uma habilidade! Não pode ser reduzido a quaisquer marcas realizadas no improviso e sem a menor preocupação com a sua elaboração, ou seja, sem a preocupação com a sua “forma” (com a sua “bela forma!”).

Se a atividade de tatuar for reduzida ao pensamento de que “qualquer tipo de trabalho serve”, “qualquer tipo de trabalho está bom”, então deveria retirar a palavra “habilidade” do dicionário! Porque é justamente a “habilidade” que distingue os “bons profissionais” dos “maus profissionais” (e isso serve de uma forma geral para todas as atividades profissionais!) Todas as atividades, quaisquer que sejam, necessitam de certa “habilidade” naquilo que se executa. Então, a atividade de fazer tatuagens também é uma questão de habilidade! Há os hábeis e os inábeis (o hábil e o inábil).

CAPÍTULO 3

A SUBJETIVIDADE DOS TATUADOS E A PREOCUPAÇÃO COM OS VALORES

3.1: A Aproximação do Cientista Social acerca do seu Objeto de Estudo

É interessante perceber que é revelado no livro *“Max Weber: entre a paixão e a razão”* de Saint-Pierre (1994, p. 36) que o próprio Max Weber (que gostava de rivalizar com Marx) não conseguiu livrar-se de posições valorativas que ele mesmo condenava:

“(...) Em muitos de seus trabalhos, em particular seus escritos políticos, talvez involuntariamente, ele combina observações objetivas com posições claramente valorativas”.

Outro aspecto interessante de observar é que Saint_Pierre (1994, p. 37) embora faça um discurso sobre a importância da neutralidade axiológica de Weber, ele deixa escapar que:

“(...) O sujeito cognoscente livre vai aparecer como suposto e fundamento da teoria da dominação weberiana, como “ser humano livre” empírico, levando o autor a conclusões muito distantes do seu ideal de “neutralidade axiológica”.

Dessa forma, percebemos que nenhuma pesquisa científica escapa aos valores do cientista (nem mesmo Weber conseguiu livrar-se totalmente de seus “valores” em todos os seus escritos como afirmou Saint-Pierre, justamente porque é difícil não querer criticar a realidade que se presencia). Nem sempre os valores do cientista devem ser encarados como nocivos à pesquisa científica porque muitas vezes são através dos valores que os pesquisadores sociais deixam suas marcas através da forma que escrevem. Se formos citar o exemplo de Karl Marx em muitos de seus escritos ele utiliza uma linguagem sarcástica e irônica com relação à realidade que ele presencia (o sarcasmo e a ironia utilizada por Marx quando ele se refere à questão judaica e a emancipação política dos judeus em seus *“Manuscritos Econômicos Filosóficos”* (2006), por exemplo, não o impediram de ser objetivo em seus escritos, ao contrário realçaram ainda mais o seu estilo de escrever).

A ação social corresponde a uma ação significativa, que é dotada de sentido. A sociologia weberiana possui o objetivo de *compreender* e *interpretar* a ação social. A ação social é distinta da ação imitativa (imitação) ou reativa (reação). A ação social é caracterizada por um sentido subjetivo e esse sentido subjetivo se refere ao comportamento dos outros (de aceitação ou rejeição) diante da ação praticada pelo primeiro agente (ao ter inserido uma tatuagem em seu

corpo). Weber observou que a vida das pessoas são organizadas em função dos valores delas (por valores éticos). Em “*Max Weber: uma Introdução*”, o autor Stephen Kalberg faz uma reflexão sobre a questão do emprego de juízos de valores dos cientistas sociais acerca do seu objeto de estudo e expressa a seguinte questão:

“(...) as pessoas tem capacidade de agir racionalmente em função de valores. Esse tipo de ação existe quando a ação social é “determinada por uma crença consciente no valor em si de uma conduta ética, estética, religiosa ou de outra natureza, independente das perspectivas de sucesso...” (2010, p. 35)

O autor Stephen Kalberg, mais adiante, ainda argumenta sobre o emprego de juízos de valores dos cientistas sociais que pretendem através da pesquisa dar visibilidade ao grupo pesquisado:

“Quanto a um aspecto essencial da pesquisa científica, Weber insiste que os valores têm uma importância capital na seleção dos assuntos. Longe de ser “objetiva” em alguma dimensão metafísica ou num sentido predeterminado, essa escolha é e sempre será inevitável e diretamente relacionada aos nossos valores e interesses. Assim, um sociólogo que acredita firmemente que pessoas de diferentes grupos étnicos devem ser tratados de maneira igualitária talvez se disponha a estudar – movido por esse valor – como os movimentos em defesa dos direitos civis ajudaram os grupos sociais excluídos a lutarem pelo acesso a direitos fundamentais” (2010, p. 39)

Dessa forma, podemos perceber que os cientistas sociais de uma forma em geral, não conseguem tratar da realidade empírica de forma totalmente “objetiva”, porque os próprios cientistas sociais trazem com eles as questões que são pertinentes a eles próprios (pertinentes ao seu âmbito de interesse) e relacionados aos seus próprios valores (até mesmo os cientistas sociais não escapam totalmente disso). Assim, toda a busca por uma “objetividade” nada mais é do que uma “*objetividade perspectivada*” relacionada a uma determinada época, buscando uma definição da sua própria maneira de agir e de se comportar diante dos outros que lhe cercam e de acordo com o pensamento dominante que se encontra em vigor. Sendo assim, Weber observou que a autonomia individual foi se enfraquecendo por dominações impessoais (como o Direito através de suas legislações, a Economia através de suas desigualdades e a Política através de suas corrupções) e todas essas impessoalidades são formas de burocracia que se configuram em hierarquias e afazeres rotineiros que proporcionam uma conformidade aos agentes sociais diante dessas estruturas. Assim, podemos interpretar o fato de tatuar o corpo como uma demonstração de inconformismo ao que se refere a essas estruturas. Tatuar o corpo é uma demonstração de inconformismo ao que se refere a essas estruturas burocráticas.

Em se tratando da *aproximação* ou *distanciamento* do *cientista social* acerca do seu *objeto de estudo*, podemos perceber que a utilização da *observação participante* foi criada nas Ciências Sociais pela Antropologia, obrigando ao cientista social *deixar o seu gabinete de estudos* para *se deslocar para os lugares onde podem ser encontrados os grupos que se deseja estudar* (onde este pesquisador deve permanecer pelo tempo necessário para poder se integrar ao modo de vida do grupo a ser estudado). A observação participante é distinta da observação comum porque quando há uma integração do pesquisador ao grupo que se pretende estudar, não como um cientista social externo aos acontecimentos, mas vivenciando e interagindo com o grupo de forma ativa. Uma *identificação do cientista social com o seu objeto de estudo é aconselhado* por alguns cientistas (como os antropólogos Lévi-Strauss e Malinowski) e *desaconselhado* por outros (como o sociólogo Max Weber). Há cientistas sociais que conseguem enxergar a importância da aproximação do pesquisador com o seu objeto de estudo (como ocorre com a maioria dos antropólogos); outros cientistas sociais (como ocorre com Weber) não conseguem compreender a validade empírica que a aproximação do pesquisador ao grupo confere à pesquisa.

São exemplos disso a existência de estudos em que *a condição participativa do pesquisador é natural*, como ocorre no caso de mulheres que estudam a condição feminina (será que em nome do “distanciamento” apenas os cientistas homens poderão estudar a condição da mulher?). Em nome do “distanciamento” apenas os cientistas heterossexuais poderão estudar a condição dos homossexuais? Em nome do “distanciamento” apenas os cientistas brancos poderão estudar as condições dos negros? Em nome do “distanciamento” apenas os cientistas não-portadores de deficiência física poderão estudar a condição dos deficientes físicos? Em nome do “distanciamento” apenas os cientistas não-portadores de tatuagens poderão estudar sobre os tatuados?

Será que no caso de haver a coincidência de o cientista social ser uma mulher ela não poderá estudar a condição feminina porque ela estará demasiadamente envolvida com o seu objeto de estudo? No caso de coincidir do cientista social ser um homossexual ele não poderá estudar a condição dos homossexuais porque sendo gay ele estará demasiadamente envolvido com o seu objeto de estudo? No caso de coincidir do cientista social ser um negro ele não poderá estudar o preconceito racial porque sendo negro ele estará demasiadamente envolvido com o seu objeto de estudo? No caso de coincidir do cientista social ser portador de deficiência ele não poderá estudar a condição dos deficientes físicos porque ele sendo um portador de deficiência ele estará

demasiadamente envolvido com o seu objeto de estudo? No caso de coincidir do cientista social ser portador de tatuagens ou atuar nesse ramo ele por ser um tatuado (ou trabalhar com tatuagens) ele não poderá estudar a condição dos tatuados porque ele estará demasiadamente envolvido com o seu objeto de estudo? Assim, os resultados de todas essas pesquisas onde coincide dos cientistas sociais serem *mulheres* estudando a *condição das mulheres, homossexuais* estudando a condição dos *gays, negros* estudando a *condição dos negros, portadores de deficiência* estudando a *condição dos deficientes físicos, portadores de tatuagens* estudando a *condição dos tatuados*, ou ainda, há pesquisadores que fazem estudos do bairro ou da cidade onde moram apenas demonstram através da Antropologia que a *identificação do cientista social com o seu objeto de estudo* não significa sinônimo de obstáculo à objetividade da investigação.

Não é apenas a Antropologia que ressalta a importância da aproximação do pesquisador com o seu objeto de estudo. Podemos citar Karl Marx como alguém que em suas pesquisas se desdobrou em observar a organização dos operários numa fábrica (Marx não era um proletariado alienado, mas ele se deslocou de seu gabinete para poder observar de “perto” a realidade de exploração vivenciada pelas classes menos favorecidas). Marx não considerava que a aproximação com o seu objeto de estudo fosse um entrave à objetividade de seus estudos. Ao contrário, a aproximação do pesquisador com o objeto por ele estudado é o que confere à objetividade da pesquisa. Assim, independente do cientista social ser uma mulher, ser um homossexual, ser um negro, ser um deficiente físico, ser um tatuado, todas essas categorias de pessoas que podem ser consideradas como “aproximadas” demais ao invés de “distanciadas” demais do objeto que estudam, esses pesquisadores justamente pelo fato de possuírem uma aproximação ao invés de um distanciamento, eles podem conferir à pesquisa a objetividade que um cientista totalmente neutro e alheio ao seu objeto talvez não pudesse ser capaz.

A contemporaneidade permite a liberdade de pensamento e isso significa que até mesmo ao cientista social é permitida a liberdade de pensamento. Manter a sociabilidade na pesquisa é importante? O que significa sociabilidade? Significa conviver com um determinado grupo social para compreender os costumes e pensamento deste grupo. A marca corporal (a tatuagem) é um elemento ritualístico que confere ao indivíduo a adesão ao grupo social. Assim, se o pesquisador em questão é portador de tatuagens (vivenciou a experiência da dor e a experiência da modificação estética), este pesquisador possui uma visão de “dentro” por ter vivenciado as mesmas experiências que o grupo por ele pesquisado. O fato do pesquisador ter vivenciado as

mesmas experiências que o grupo por ele pesquisado não torna a sua pesquisa menos objetiva devido à sua aproximação. Se as mulheres costumam ficar a favor das mulheres, se os homossexuais costumam ficar a favor dos gays, se os negros costumam ficar a favor dos negros, se os portadores de deficiência costumam ficar a favor dos deficientes, então pelas mesmas razões os tatuados costumam ficar a favor dos tatuados! Contraditório seria as mulheres depreciar as mulheres, os homossexuais depreciar os gays, os negros depreciar os negros, os portadores de deficiência depreciar os deficientes físicos e os portadores de tatuagens depreciar os tatuados! O importante em uma pesquisa é respeitar o grupo pesquisado e neste estudo foi enfatizado o respeito ao grupo pesquisado.

A interpretação compreensiva é caracterizada por ser a metodologia adotada por Weber e essa metodologia está baseada na tentativa de compreender as ações dos sujeitos que fazem parte de grupos bem definidos (nesta pesquisa trata-se de grupos de pessoas portadoras de tatuagens) na tentativa de querer reconstruir o ambiente social que está condicionado por valores, por tradições, por subjetividades, por sensações que conferem experiências distintas (ou então por experiências que conferem distintas sensações). A metodologia de Weber é a tentativa de compreender os reais sentidos subjetivos que se configuram por trás das ações (neste caso, a ação de se tatuar). Weber buscou compreender através da sua Sociologia como os agentes sociais interpretam o seu próprio modo de se comportar e agir e como estes agentes sociais justificam o seu comportamento e as suas ações para eles mesmos e como eles atribuem um “sentido” às suas escolhas, as suas ações, as suas condutas (por mais estranho, incomum ou incompreensível possa parecer ao observador-pesquisador). Sobre a minha observação-participante, ela se caracteriza por possuir uma familiaridade com o grupo pesquisado (devido à pesquisadora portar tatuagens)

Vale destacar que a falta de estranheza com o grupo pesquisado não significa necessariamente que haja uma falta de objetividade científica. Dessa forma, a utilização de uma análise weberiana ao universo da tatuagem, deve ao fato de tentar compreender as seguintes questões:

1) Qual a importância, na sociedade contemporânea, da ação social de tatuar o corpo do sujeito individual que está ligado ao grupo por ser portador de tatuagens e compartilhar a sua paixão com outros sujeitos adeptos dessa mesma modalidade de modificação corporal?

2) O que define a procura pela prática de se tatuar? Que forças sociais levam os sujeitos a atribuírem sentido à ação de tatuar o corpo? Para essas questões foram feitas nesta pesquisa entrevistas e coletas de fotografias de pessoas expressando suas motivações para serem tatuadas.

ENTREVISTAS E FOTOGRAFIAS DOS TATUADOS

Dentro da temática de análise, pude realizar nesta pesquisa:

- 1) Entrevistas e coleta de fotografias de pessoas no exato momento em que elas estão sendo tatuadas durante as sessões de tatuagem, observando o comportamento manifestado por elas com relação à dor e a sensação delas em ver a tatuagem que foi idealizada finalmente concluída;
- 2) A tentativa de apreender a subjetividade de cada pessoa, que é refletida na pele tatuada a partir da projeção que o tatuador foi solicitado a executar no corpo de seu cliente.
- 3) Observar que a tatuagem é uma *nova experiência* para quem vai fazê-la *pela primeira vez*, e é também certamente uma *nova sensação de dor* para quem vai *fazer novamente*. Só sabe o que é a dor de uma tatuagem, quem vivencia essa experiência.

A minha iniciativa como pesquisadora de fotografar pessoas tatuadas teve a intenção de *exaltar a corporalidade estética dos tatuados*, dando visibilidade ao *consumo* e a *dor* corpórea no ato da perfuração (a dor é o fator empírico da tatuagem), assim como enaltecendo a atitude dessas pessoas ao se exibirem com a intenção de serem notadas nos locais por onde elas circulam. Que locais de circulação de pessoas tatuadas foram esses? O primeiro deles foi o acompanhamento de pessoas a serem tatuadas no ateliê de tatuagem do tatuador Stanley Jaires (através da proximidade e acessibilidade que possuo por ser sua esposa) e posteriormente foi o acompanhamento de sessões de tatuagens realizadas na 1ª Convenção de Tatuagem de Maceió que ocorreu em 14 e 15 de maio de 2011.

A observação de sessões de tatuagens é caracterizada por ser uma observação indutiva (porque foi verificada através da experiência). Podemos perceber duas formas distintas de observar sessões de tatuagens: a sessão de tatuagem que é confeccionada em uma loja ou ateliê é caracterizada por ser uma sessão privada (os tatuadores e, sobretudo, os tatuados necessitam de privacidade) e minha observação participante foi permitida devido à minha aproximação e contato que possuo com os clientes que são tatuados por meu esposo; em uma Convenção de Tatuagem, por exemplo, que se trata de um evento social aberto ao público, as sessões de tatuagens são caracterizadas por serem públicas (estando acessíveis a qualquer observador, seja ele um pesquisador ou não).

Observação Participante: Luana Thaisa

Idade: 28 anos

Naturalidade: alagoana

Estado Civil: Casada

Ocupação Profissional: Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas

Tatuagens: Flor Oriental Japonesa / **Local do Corpo:** Costas

Bracelete de Borboletas / **Local do corpo:** Braço direito

Rosas, Borboleta Monarca e fundo Azul / **Local do corpo:** Perna esquerda

Pulseira Celta / **Local do corpo:** Pulso esquerdo

Pulseira Tribal / **Local do corpo:** Tornozelo direito

Com relação às minhas tatuagens posso dizer que:

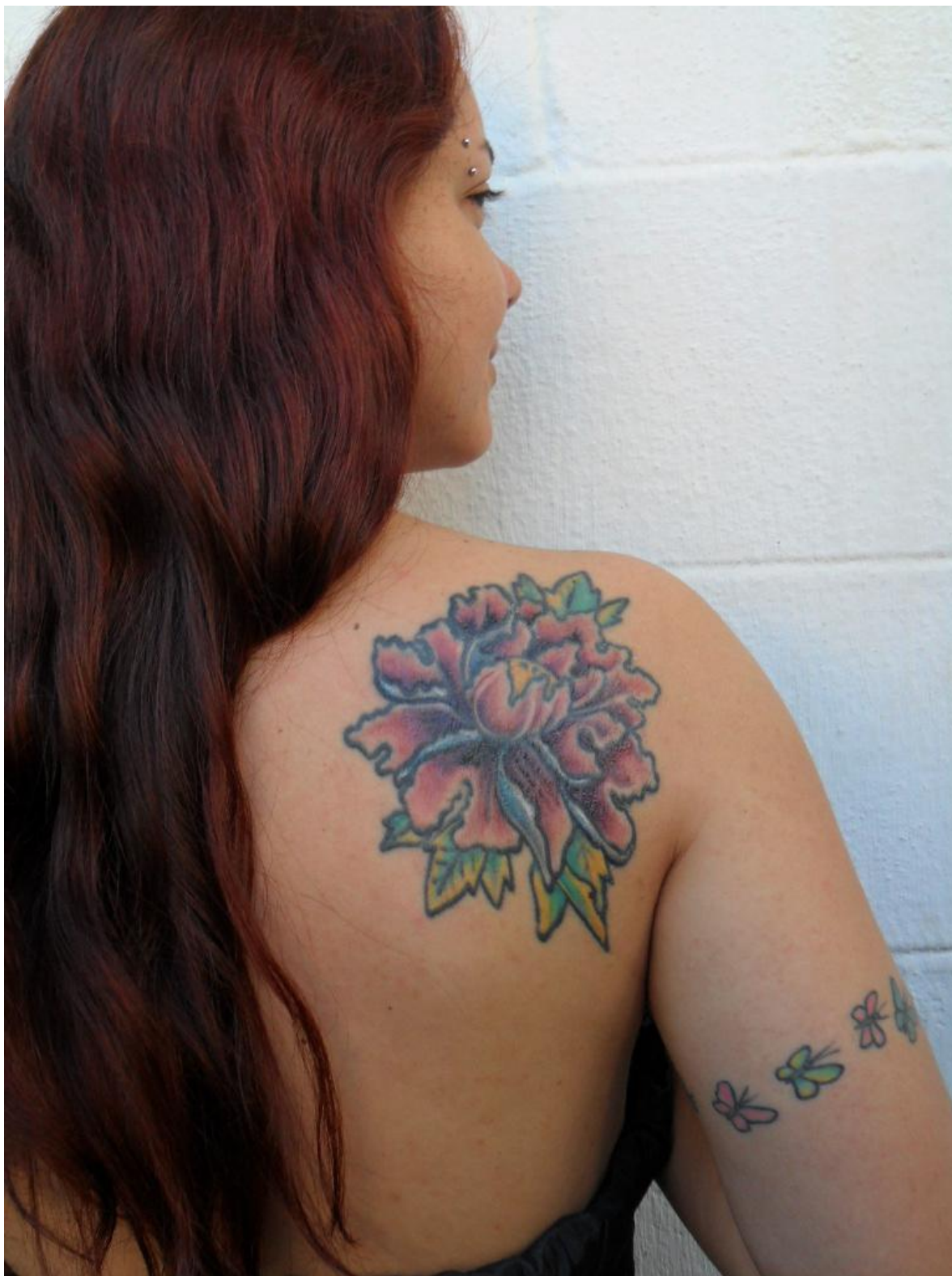
“As minhas tatuagens não são recentes. Eu possuo um Escorpião bem pequeno pouco abaixo do pescoço e que foi tatuado em mim em março de 1997 (ainda aos 14 anos) e que quase ninguém o vê. Possuo uma Pulseira Tribal no tornozelo direito (um desenho meu) que foi tatuado em mim em 1998. Possuo uma Flor Oriental Japonesa que foi tatuado em mim em abril de 2003 como uma forma de celebrar a minha aprovação no vestibular em Ciências Sociais. Possuo Rosas e uma Borboleta Monarca com um fundo Azul na perna direita que foi tatuado em mim também em 2003 pouco tempo depois do meu casamento. Em agosto de 2006 foi tatuado em mim uma Pulseira Celta no meu pulso esquerdo. Em dezembro de 2007 foi tatuado em mim um Bracelete de Borboletas no meu braço direito para combinar com a Flor Oriental que eu já possuía nas costas”.

Com relação aos meus pais posso dizer que:

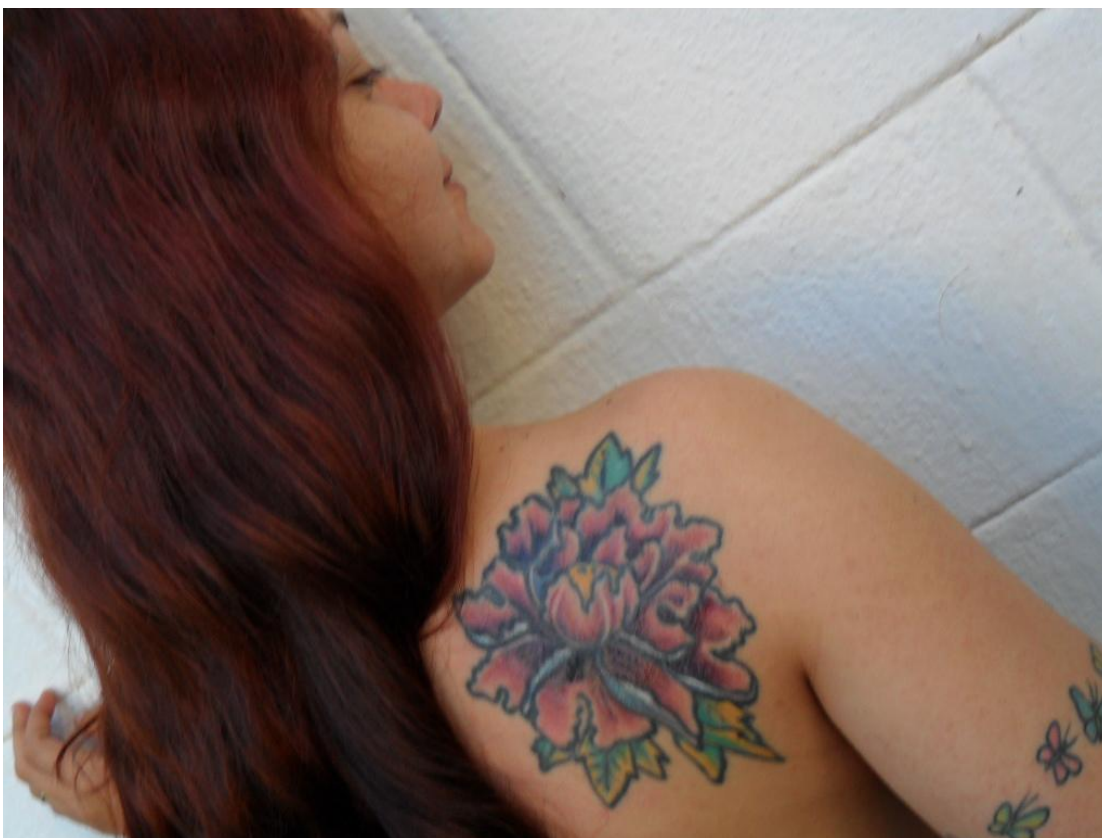
“Meus pais são Bacharéis em Direito pela UFAL. Meu pai é falecido desde 1997 e ele era muito conservador com relação ao uso de tatuagens. Meu pai não viveu o suficiente para ter acompanhado as tatuagens que eu vim fazendo ao longo dos anos. Minha mãe, que também é Bacharel em Direito, acompanhou todo o processo da inserção das minhas tatuagens. Eu simplesmente fazia as tatuagens e já chegava em casa com elas. Eu fazia e mostrava no mesmo dia em que a tatuagem havia sido feita em mim. A única opção que a minha mãe tinha era aceitar. Ao contrário do meu pai, minha mãe sempre se mostrou tolerante e compreensiva comigo. O lado positivo do meu ingresso no curso de Ciências Sociais foi que eu escolhi um curso diferente daquele que meus pais possuem formação (o Direito estuda conteúdos normativos e o interessante das Ciências Sociais é que ela não é uma Ciência normativa). Nas Ciências Sociais não existem leis gerais do que é certo ou errado, o que existe são pontos de vistas diferentes entre culturas, povos, sociedades e grupos diferentes. A conclusão da minha graduação em Ciências Sociais e posteriormente o meu ingresso no Mestrado em Sociologia me possibilitou realizar uma pesquisa sobre um tema que eu já possuía familiaridade devido o meu contato assíduo com um tatuador. A tatuagem era uma temática de pesquisa que desde sempre eu quis realizar”.

Com relação à experiência da dor, posso dizer que:

“A dor é suportável. Faz parte do processo. Já me acostumei por ter vivenciado a experiência da dor mais de uma vez”.



**Tatuagens: Flor Oriental Japonesa (costas) e Braclete de Borboletas (braço direito);
Tatuador alagoano: Stanley Jaires / Fotografia: Stanley Jaires –Maceió-AL
Tatuada: Luana Thaisa (Mestranda do PPGS-UFAL)**



**Tatuagens: Flor Oriental Japonesa (costas) e Bracete de Borboletas (braço direito);
Tatuador alagoano: Stanley Jaires / Fotografia: Stanley Jaires –Maceió-AL
Tatuada: Luana Thaisa (Mestranda do PPGS-UFAL)**



**Tatuagens: Flor Oriental Japonesa (costas) e Braclete de Borboletas (braço direito);
Tatuador alagoano: Stanley Jaires / Fotografia: Stanley Jaires –Maceió-AL
Tatuada: Luana Thaisa (Mestranda do PPGS-UFAL)**



Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió -AL
Fotografia: Stanley Jaires;
Tatuada: Luana Thaísa (PPGS-UFAL)
Tatuagens: Rosas e Borboleta (perna esquerda);
Pulseira Tribal (tornozelo direito);
Pulseira Celta (pulso esquerdo)



**Tatuagens: Rosas e Borboleta (perna esquerda) e Pulseira Tribal (tornozelo direito);
Tatuador alagoano: Stanley Jaires / Fotografia: Stanley Jaires –Maceió-AL
Tatuada: Luana Thaisa (Mestranda do PPGS-UFAL)**



**Tatuagens: Rosas e Borboleta (perna esquerda) e Pulseira Tribal (tornozelo direito);
Tatuador alagoano: Stanley Jaires / Fotografia: Stanley Jaires –Maceió-AL
Tatuada: Luana Thaisa (Mestranda do PPGS-UFAL)**

1ª entrevistada: Conceição
Naturalidade: alagoana
Idade: 55 anos
Estado civil: divorciada
Ocupação Profissional: aposentada e dona de casa
Tatuagem: Borboleta pousando na flor / **Local do corpo:** Perna direita

Conceição, 55 anos, dona de casa, já é mãe de dois filhos já adultos e também já é avó de duas netas. O interesse da Conceição em querer fazer uma tatuagem surgiu há muito tempo, mas ela só teve a oportunidade de fazer a sua primeira tatuagem agora:

“Quando eu era mais jovem, eu sempre tive vontade de fazer uma tatuagem. Só que eu não fiz antes porque na minha época de juventude as pessoas eram mais conservadoras do que elas são hoje e os meus pais teriam desaprovado a minha atitude porque na época de juventude deles acreditava-se que todo portador de tatuagem possuía uma conduta duvidosa ou uma vida desregrada e sabemos hoje que uma simples tatuagem não muda o caráter de ninguém, mas os meus pais certamente não entenderiam o meu gesto se eu tivesse feito a minha tatuagem enquanto eu era jovem, então para evitar conflitos em casa eu acabei adiando a minha vontade. Tenho observado que as coisas mudaram muito da minha época de juventude para a juventude de hoje em dia, já que hoje a tatuagem está tendo uma maior aceitação da sociedade”.

A razão pela qual a Conceição quis colocar uma tatuagem no tornozelo ocorreu devido a ela considerar que a função da sua tatuagem seria a de lhe conferir um “charme”. A razão em ter feito uma delicada tatuagem no tornozelo deve-se ao fato de considerar a tatuagem um ornamento charmoso:

“O motivo da escolha do desenho foi porque eu queria um desenho feminino, delicado e simples. Com relação ao motivo da escolha do local foi devido eu sempre querer ter feito uma tatuagem na perna, pois acho um lugar que proporciona um charme à mulher, independente da idade que esta mulher possui. Apesar da idade que já possuo eu gosto muito das minhas pernas, considero-as em forma porque eu não apresento muitas varizes como muitas mulheres de minha idade costumam possuir. Minha intenção foi exclusivamente essa: a região da perna próxima ao tornozelo das mulheres é um lugar charmoso. O valor da tatuagem para mim foi a de ter me conferido um charme a mais”

Apesar da ansiedade por ser a sua primeira tatuagem, a experiência da dor foi tranqüila para a Conceição, onde ela argumenta:

“O motivo da escolha do desenho foi porque eu realmente queria algo bem pequeno, até mesmo porque como ia ser a primeira tatuagem eu não possuía absolutamente nenhuma noção de como era a dor, então o desenho sendo pequeno a sessão de tatuagem terminaria logo. O lado bom é que eu não senti tanto dor como eu achei que sentiria, foi melhor do que eu esperava, deu para suportar numa boa, foi tranquilo. Para quem já teve dois filhos, fazer uma tatuagem não dói tanto quanto a dor de um parto. Dói um pouquinho, é verdade, mas cheguei a pensar que doía mais” (revela Conceição).



**Tatuagem: Borboleta pousando na Flor/ Tatuador alagoano: Stanley Jaires –Maceió-AL
Tempo de duração: 1:10 min / Fotografia: Luana Thaisa**



**Tatuagem: Borboleta pousando na Flor/ Tatuador alagoano: Stanley Jaires –Maceió-AL
Tempo de duração: 1:10 min / Fotografia: Luana Thaisa**

2ª entrevistada: Ana Carol

Naturalidade: alagoana

Idade: 30 anos

Estado civil: casada

Ocupação Profissional: artesã

Tatuagens: Fada sentada em cogumelos / **Local do corpo:** Costas / **Desenho:** Stanley Jaires

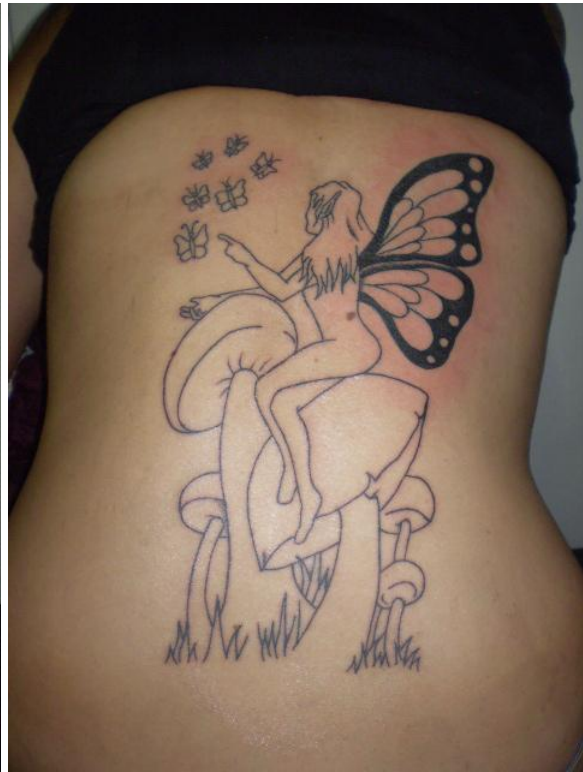
Tribal / **Local do corpo:** Perna esquerda / **Desenho:** Luana Thaísa

A alagoana Ana Carol, 30 anos, ela já tinha tatuagem em sua perna e só gostava do estilo tribal (porque ela gosta da cor preta) e resolveu mudar de estilo porque dessa vez ela queria para uma tatuagem colorida em suas costas, mas ela não havia escolhido o desenho. Por ela ser minha amiga, eu havia me lembrado de um antigo desenho de uma fada sentada em cogumelos que o tatuador Stanley havia elaborado anos atrás e este desenho estava guardado há muito tempo, então pedi para que ele procurasse o desenho para mostrá-la, então ao ver o desenho ela simplesmente adorou e resolveu fazê-lo. Ela é uma moça bastante vaidosa e fez questão de um desenho sutil e delicado para se encaixar à sua silhueta:

“Eu já estava há algum tempo querendo fazer um desenho colorido bem grande nas costas, mas ainda estava pensando no que eu poderia colocar, já que as opções de desenhos são muitas. Eu queria que o desenho fosse delicado e colorido. Então, foi daí que a Luana resolveu me indicar um desenho de uma fada sentada em cogumelos que o esposo dela havia elaborado anos atrás e quando eu vi o desenho fiquei encantada. Sempre gostei de fadas, acho o colorido das asas muito bonito. Sem contar que tratava-se de um desenho especial (não era uma fada retirada de algum catálogo), além de ser um desenho delicado e feminino. A minha preocupação era encontrar um desenho que valorizasse ainda mais a minha silhueta e este realmente se encaixou perfeitamente ao meu corpo. Sem modéstia, eu adorei o resultado”.

Com relação à experiência da dor, Ana Carol já havia passado por essa experiência antes:

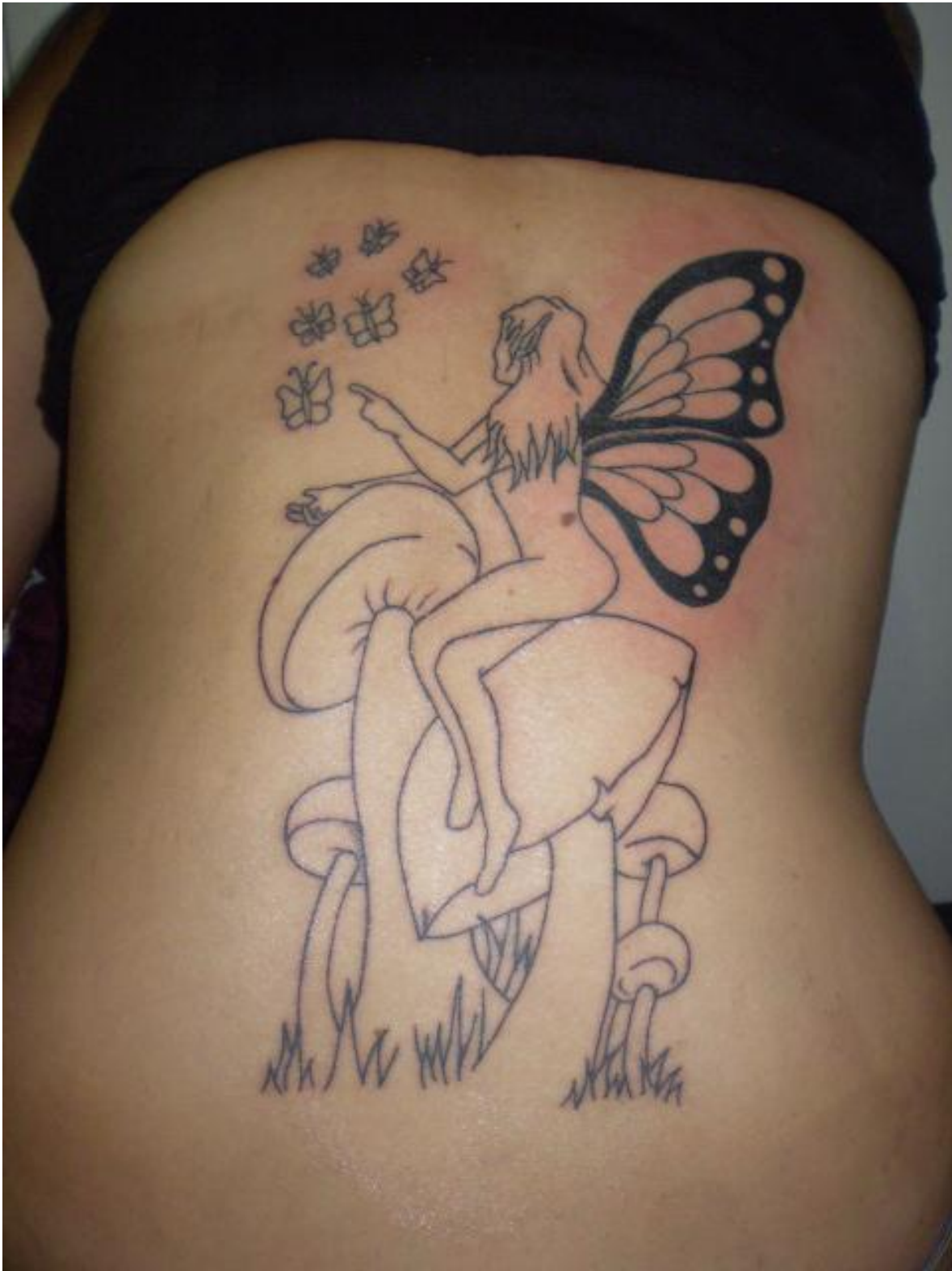
“Quanto a sentir dor, posso dizer que já me acostumei e até gosto dela, afinal esta não é a minha primeira tatuagem. Sem contar que acredito que as mulheres são muito mais corajosas do que os homens, tanto é que quem tem filhos somos nós mulheres e nós ainda somos consideradas como o sexo frágil. Nós mulheres podemos não ter muita força física, mas sem dúvida temos resistência. Os tribais que eu possuo em minhas pernas não são pequenos. Nesta tatuagem das costas eu confesso que doeu um pouco mais do que fazer na perna. Eu ainda não resolvi se vou completar o desenho da fada com o fundo azul (como está no desenho original). Ter feito a fada sentada nos cogumelos já me deixou bastante realizada. Fazer o fundo azul agora é optativo” (revela Ana Carolina, 30 anos)



**Tatuagem: Fada sentada em Cogumelos / Tatuador alagoano: Stanley Jaires –Maceió-AL
Tempo de duração do Contorno: 3h / Fotografia: Luana Thaisa**



**Tatuagem: Fada sentada em Cogumelos / Tatuador alagoano: Stanley Jaires –Maceió-AL
Tempo de duração do Contorno: 3h / Fotografia: Luana Thaisa**



**Tatuagem: Fada sentada em Cogumelos / Tatuador alagoano: Stanley Jaires –Maceió-AL
Tempo de duração do Contorno: 3h / Fotografia: Luana Thaisa**



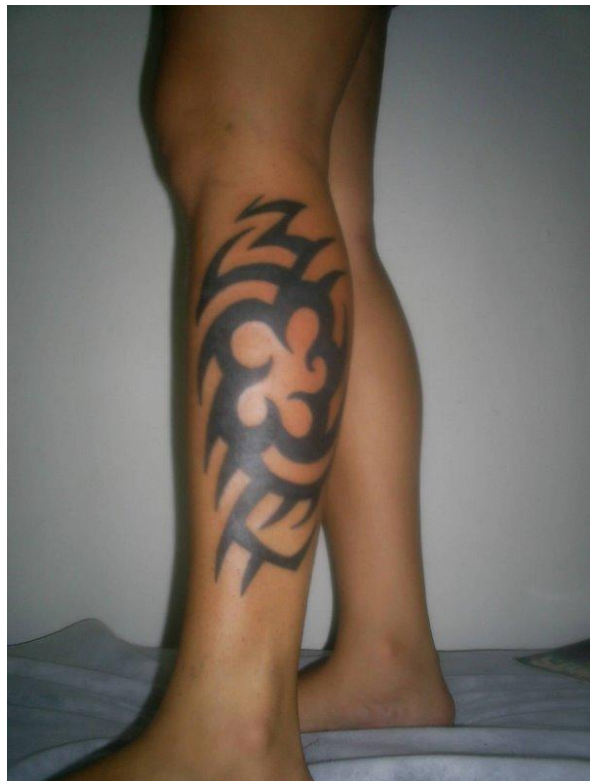
Tatuagem: Fada sentada em Cogumelos / Desenho: Stanley Jaires
Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió-AL
Tempo de duração da Pintura: realizada em duas sessões de 2:30 min
Fotografia: Luana Thaisa



Tatuagem: Fada sentada em Cogumelos / Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió- AL
Fotografia: Lauro Neto (esposo de Ana Carol enviou esta fotografia ao tatuador Stanley)



**Tatuagem: Fada sentada em Cogumelos / Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió- AL
Fotografia: Lauro Neto (esposo de Ana Carol enviou esta fotografia ao tatuador Stanley)**



Tatuagem: Tribal / Desenho: Luana Thaísa
Tatuador alagoano: Stanley Jaires –Maceió-AL
Tempo de duração: 4h / Fotografia: Luana Thaisa



Tatuagem: Tribal / Desenho: Luana Thaísa
Tatuador alagoano: Stanley Jaires –Maceió-AL
Tempo de duração: 4h/ Fotografia: Luana Thaisa

3ª entrevistada: Mônica
Idade: 32 anos
Naturalidade: alagoana
Ocupação Profissional: autônoma
Estado civil: casada
Tatuagem: Rosa Azul / **Local do corpo:** Costas

Ana, 33 anos, ela decidiu fazer uma tatuagem como uma forma de simbolizar uma comemoração e eternizar uma conquista:

“Eu resolvi fazer uma rosa azul para comemorar o nascimento do meu filho, mas eu só vim ter coragem de fazer a tatuagem muitos meses depois do nascimento dele. Tinha que ser uma coisa de cada vez. Logo após o parto eu estava em período de adaptação e não tinha tempo para pensar em nada, só agora que me encontro um pouco mais relaxada foi que eu decidi fazer a tatuagem que eu já vinha planejando e adiando há bastante tempo”.

Com relação à escolha do desenho e do local ela revela que o azul é a sua cor preferida e que optou pelas costas porque queria fazer um desenho que ficasse centralizado nela:

“Eu gosto da cor azul, então quando eu decidi fazer uma flor, eu optei em fazer uma rosa na cor azul. Foi isso. Eu escolhi as costas porque eu pretendia que o desenho ficasse no meio das costas, logo abaixo o pescoço”.

Com relação à dor, ela confessa que sentiu dor, mas que depois de passar algum tempo é comum acabar se acostumando com ela:

“Quanto à dor, eu achei um pouco dolorido sim. Teve alguns momentos que eu senti necessidade de colocar um pano na minha boca para morder e aliviar a tensão. Mas dá para aguentar sim, afinal não é a todo instante que fica doendo tanto assim, chega um momento que a pessoa se acostuma com a dor e nem liga mais para ela. Foi o que aconteceu comigo: inicialmente achei que não fosse dar conta, mas depois percebi que vai amenizando a dor quando nos acostumamos com ela”.



**Tatuagem: Rosa Azul / Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió-AL
Tempo de duração: 2:10min / Fotografia: Luana Thaisa**



**Tatuagem: Rosa Azul / Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió -AL
Tempo de duração: 2:10min / Fotografia: Luana Thaisa**

4ª entrevistada: Beatriz
Naturalidade: Carioca
Idade: 19 anos
Estado civil: solteira
Ocupação Profissional: Estudante
Tatuagem: Borboleta e Flores / **Local do corpo:** Cintura

Beatriz sempre encontrava empecilhos por parte da sua avó que é da religião evangélica e que não estava de acordo com que ela fizesse uma tatuagem. Beatriz, ao perceber que a opinião de sua avó era irredutível, após ter atingido a sua maioridade, decidiu que não tinha mais o que esperar para fazer a sua tatuagem:

“Eu sou carioca, eu vim morar em Maceió aos quatro anos de idade com a minha avó materna desde que a minha mãe faleceu. Eu sempre achei bonito possuir tatuagem e sempre possuía a maior curiosidade em saber como é fazer e como é passar a possuir uma. O problema é que eu fui criada cheia de cuidados, justamente porque a minha avó passou a ter uma super-proteção comigo desde que eu perdi a minha mãe ainda criança. Já faz muitos anos que a minha avó tornou-se evangélica e devido a isso ela não aprova pessoas com tatuagens. A razão em eu ter feito a tatuagem partiu do fato que eu acho bonito e sensual possuir tatuagem e depois de crescida percebi que muitas das coisas que minha avó falava mal sobre pessoas que tinham tatuagens partia de uma visão muito preconceituosa justamente pela influência que ela adquiriu nos cultos evangélicos que ela frequenta há bastante tempo. Quando eu era criança e tinha que acompanhá-la a esses cultos eu não tinha a visão que eu tenho hoje: que a igreja evangélica costuma apontar defeitos em pessoas que possuem uma estética extravagante. Então, quando eu atingi a maioridade eu percebi que já estava mais do que na hora de colocar a minha vontade em prática. Eu tenho a consciência de que eu não estou fazendo nada de errado. Ter uma tatuagem não é nenhum crime e não tenho que me sentir culpada porque resolvi fazer uma em mim, afinal de contas o corpo é meu”.

A região do corpo escolhida por ela foi uma região sensual, mas que é possível exibir ou ocultar de acordo com as mais variadas situações do dia-a-dia:

“O motivo que me fez escolher a cintura foi pelo fato de ser uma região onde eu posso exibir quando tiver vontade e também ocultar quando eu achar conveniente (onde as pessoas só podem ver minha tatuagem se eu estiver com uma mini-blusa exibindo propositalmente a minha cintura).

Quanto à experiência da dor ela revela que valeu o esforço sofrido:

“Com relação à dor, achei um pouco incômodo fazer na cintura porque é uma região bastante sensível, mas a vontade em ver o resultado final era tanto que a dor realmente foi o de menos” (dasabafa Beatriz, 19 anos).



**Tatuagem: Borboleta e Flores / Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió- AL
Tempo de duração: 1:30min / Fotografia: Luana Thaisa**



Tatuagem: Borboleta e Flores / Tatuador alagoano: Stanley Jaires - Maceió-AL
Tempo de duração: 1:30min / Fotografia: Luana Thaisa

5ª entrevistada: Vivian
Naturalidade: alagoana
Idade: 20 anos
Estado Civil: solteira
Ocupação Profissional: Estudante (pré-vestibular)
Tatuagens: Pata de Gato / **Local do corpo:** Pulso
Borboleta e Flores / **Local do corpo:** Virilha

Vivian, 20 anos, já possuía tatuagem (a sua primeira tatuagem foi o desenho da pata de um gato) e para fazer outra tatuagem ela não encontrou dificuldades para comunicar à sua mãe, tanto é que antes de fazer a sua segunda tatuagem chegou a pedir dicas para a sua mãe sobre qual desenho escolheria. O conselho dado por sua mãe foi que ela fizesse outro desenho que não fosse exagerado e que escolhesse um local do corpo que fosse discreto:

“Minha primeira tatuagem eu a fiz no pulso (é a pata de um gato) porque eu gosto muito de gatos, então eu decidi que vou fazer a outra tatuagem na virilha. Quer local mais escondido que esse? (risos). Eu só poderei mostrar em pouquíssimas situações: quando estiver na praia pegando um bronzado ou quando eu estiver em momentos de intimidade. Mas a minha escolha por este local tão íntimo do corpo não foi por uma questão de querer esconder, afinal eu não estou fazendo uma tatuagem escondida de ninguém. Nem teria motivos para isso. Sou maior de idade e minha mãe não colocou empecilhos quando eu a comuniquei que queria me tatuar novamente, ela apenas como toda mãe cautelosa pediu para que eu fosse com calma na minha decisão quanto ao local do corpo e eu optei pela virilha, não porque se trata de um local demasiado escondido, mas porque é antes de tudo um local sensual e eu estava querendo justamente realçar este local do corpo que é indiscutivelmente provocante”.

Com relação à escolha do desenho, ela havia definido que gostaria de fazer um desenho que se encaixasse a anatomia do local que ela decidiu fazer:

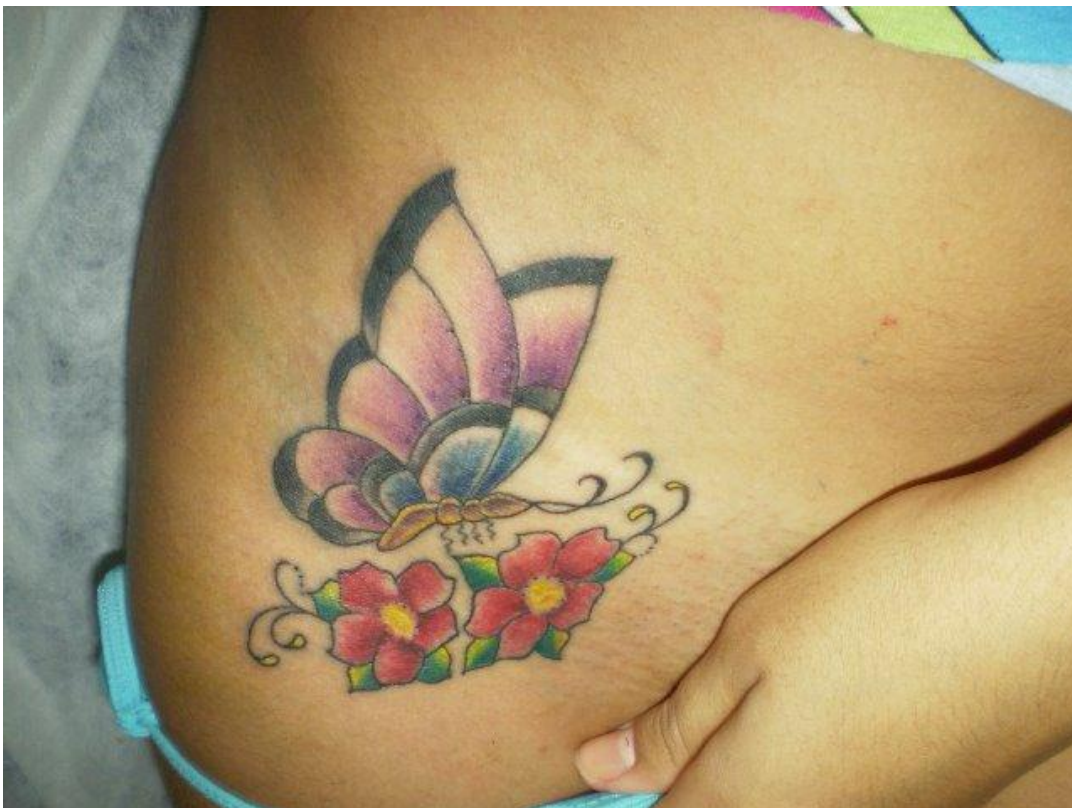
“Muitas mulheres possuem tatuagens de borboletas, mas o fato é que nenhuma borboleta é igual à outra. Existem borboletas semelhantes, mas não são totalmente idênticas. Muitas mulheres escolhem borboletas porque se trata de um desenho exclusivamente feminino, pois não vejo os homens tatuando borboletas. As borboletas são desenhos delicados por natureza, talvez esteja aí à explicação de ser um tema bastante utilizado pelas mulheres: é quase impossível se deparar com inúmeros desenhos de borboletas de todos os tamanhos, formatos, cores e estilos e não acabar gostando de algum. O simples fato de ver tantas borboletas já nos deixa na dúvida de qual é a mais bonita entre tantas que existem, e foi assim que escolhi a minha”.

Com relação à experiência da dor, ela expressa que foi uma experiência nada confortável:

“A tatuagem do pulso eu não achei tão dolorida para fazer, mas fazer uma tatuagem na virilha é uma dor bem chata. Eu não conseguia me concentrar em nada porque a única coisa que eu queria era que a sessão terminasse o mais rápido possível. A sorte é que o tamanho do desenho que eu escolhi era pequeno. Eu já imaginava que esta região seria incômoda para fazer. Ao menos para mim foi incômoda. O único consolo era pensar que o resultado final compensaria o sacrifício. Admiro aquelas pessoas que possuem coragem e resistência para fazer desenhos enormes. Haja paciência!”.



**Tatuagem: Pata de Gato / Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió - AL
Tempo de duração: 40 minutos / Fotografia: Luana Thaisa**



**Tatuagem: Borboleta e Flores / Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió - AL
Tempo de duração: 1:50min / Fotografia: Luana Thaisa**

1ª Entrevistado: Ladson
Naturalidade: alagoano
Idade: 30 anos
Estado civil: casado
Ocupação Profissional: Funcionário Público
Tatuagem: Carpa Oriental Japonesa / **Local do corpo:** braço direito

Ladson, 30 anos, possuía desde a sua adolescência uma pequena tatuagem mal confeccionada em seu braço e que não havia sido realizada por um bom profissional. Assim, depois de muitos anos ele resolveu fazer uma cobertura da tatuagem antiga e mal confeccionada com outra melhor por cima dela. A dúvida se concentrava na escolha do desenho, pois ele não fazia idéia qual tipo de desenho poderia cobrir a tatuagem antiga, foi então que o tatuador Stanley sugeriu que os desenhos orientais são muito bons para fazer cobertura porque como são geralmente muito coloridos e detalhados e são eficazes para cobrir desenhos anteriormente mal confeccionados. Assim, seguindo o conselho do tatuador Stanley, ele procurou em revistas e catálogos por desenhos orientais, e de tanto folhear revistas de desenhos acabou se agradando do desenho de uma carpa vermelha:

“Eu já possuía em meu braço direito uma tatuagem mal feita que eu desejava cobrir com outra. A dúvida era: cobrir com qual desenho? Eu não sabia por onde começar, pois não sabia quais tipos de desenhos poderiam ser possíveis para realizar uma cobertura na tatuagem mal confeccionada que eu já não queria mais possuir. Então foi quando o tatuador Stanley me aconselhou a fazer um desenho oriental, pois ele garantiu que seria possível cobrir a tatuagem anterior colocando um desenho oriental por cima dela. Comecei folheando várias revistas e catálogos e ao ver uma carpa vermelha, imediatamente decidi que seria ela”.

Com relação à experiência da dor, ele confessa que a dor foi suportável porque a nova tatuagem estava lhe devolvendo a sua auto-estima:

“Com relação à dor, eu já sabia como era porque eu já possuía uma que eu estava tentando cobrir com outra, mas a diferença é que quando eu era adolescente eu havia feito a minha tatuagem de forma precária. Era uma máquina bem rústica, totalmente improvisada, tanto é que não poderia ter resultado em boa coisa. Mas na época eu não tinha noção disso, fazer qualquer marca servia, ter qualquer desenho servia. Observando a qualidade das tatuagens de hoje, percebo o quanto eu era ingênuo naquela época. O problema não estava na decisão de me tatuar, mas sim como eu havia me tatuado (eu havia me tatuado precariamente) e com quem (eu havia me tatuado com um iniciante, com alguém que não possuía experiência para fazer bons traços). Quanto à dor, considero algo suportável, eu consigo resistir sem problema, principalmente estando eu na expectativa de ter em meu braço um novo desenho que me proporcionará um novo visual. A nova tatuagem eu resolvi fazê-la por uma questão de auto-estima”.



Foi realizada uma Carpa Oriental para fazer a cobertura de tribal mal confeccionado



Tatuagem: Carpa Oriental Japonesa / Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió - AL
Tempo de duração: 1ª sessão (contorno): 3h / 2ª sessão (pintura): 4h / Fotografia: Luana Thaisa



**Tatuagem: Carpa Oriental Japonesa / Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió - AL
Tempo de duração: 1ª sessão (contorno): 3h / 2ª sessão (pintura): 4h / Fotografia: Luana Thaisa**

2º Entrevistado: Cláudio
Naturalidade: alagoano
Idade: 20 anos
Estado civil: solteiro
Ocupação Profissional: Estudante
Tatuagem: Tigre / **Local do corpo:** costas (lado direito)

Cláudio, 20 anos, resolveu fazer a tatuagem de um tigre porque estava em busca de um desenho que transmitisse altivez:

“Eu sempre gostei de tatuagens, por isso resolvi fazer uma em mim. Eu estava procurando o desenho de um animal feroz e entre tantos animais eu me agradei do desenho de um tigre. Eu resolvi fazer um tigre porque a posição que ele está é como se ele estivesse subindo nas minhas costas, e a intenção foi essa”.

Com relação à família, ele não teve problemas em comunicar em casa que iria se tatuar:

“Eu não tive problemas quando eu comuniquei aos meus pais que eu iria fazer uma tatuagem. Eu não tive que pedir permissão porque eu já sou maior de idade. Pedir permissão é diferente de comunicar uma decisão. Acho ridículo um homem já adulto ter que ficar pedindo permissão para tudo. Meus pais me deram à vida, mas o corpo é meu e a tatuagem fiará em mim e não neles. Já tive alguns colegas que ao comunicarem aos pais que iam se tatuar ou que já haviam se tatuado tiveram que escutar o maior sermão. Felizmente esse não foi o meu caso e nem haveria de ser, afinal não sou mais criança e ainda bem que meus pais têm consciência disso, mas existem pais que não se conscientizaram que seus filhos já cresceram”.

Com relação à dor, ele revela que a sensação que ele sentiu foi a de arder, muito mais do que a de doer:

“Não acho que foi tão dolorido assim. Quando eu ouvia as pessoas falar que sentiram dor eu pensava que era uma dor tremenda, mas não é essa dor toda não. Senti um pequeno incômodo, semelhante a algo arranhando e ao mesmo tempo queimando. A sensação que eu senti era mais de uma queimação, eu senti arder. Essa ardência é incômoda, mas não chega a ser necessariamente uma dor. Eu sentia uma ardência o tempo todo. Foi essa a sensação que eu tive”.



**Tatuagem: Tigre / Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió-AL
Tempo de duração: 3:30min / Fotografia: Luana Thaisa**



**Tatuagem: Tigre / Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió-AL
Tempo de duração: 3:30min / Fotografia: Luana Thaisa**

3º Entrevistado: Diogo
Naturalidade: alagoano
Idade: 26 anos
Estado civil: solteiro
Ocupação Profissional: Estudante
Tatuagem: Escorpião / **Local do corpo:** Peitoral

Diogo, 26 anos, decidiu fazer uma tatuagem de um escorpião porque este é o signo dele. Quando ele resolveu se tatuar, não foi difícil escolher o desenho porque ele já sabia que queria um escorpião:

“Não foi difícil escolher o desenho porque eu sempre tive em mente que gostaria de fazer um escorpião porque este é o meu signo. Estava procurando uma tatuagem que combinasse comigo e não haveria uma opção melhor. Escolhi o peitoral porque eu queria um local onde eu pudesse ficar olhando para a tatuagem, pois quem faz tatuagens nas costas não consegue ver a tatuagem o tempo todo, só consegue ver com o auxílio de um espelho”.

Ele revela que não teve empecilho por parte da sua família para poder se tatuar:

“Não tive problemas em me tatuar, até mesmo porque eu já sou adulto e já sou responsável por mim mesmo. Quando eu chegar em casa mostrarei para meus pais normalmente, pois eu costumo andar sem camisa dentro de casa”.

Com relação à dor, ele expressa que a maior dificuldade que ele teve não foi com a dor, foi com a impaciência de ter que ficar sem poder se mexer:

“Senti só um pouco de dor, não é tão dolorido assim, sente-se mais um arranhão, mas este arranhão não é uma dor profunda. O meu maior problema foi ficar parado sem me mexer, sou muito inquieto e este local do peitoral que eu escolhi eu não podia nem mexer os braços para não atrapalhar a concentração e o trabalho do tatuador. O difícil mesmo foi tentar ter paciência”.



**Tatuagem: Tigre / Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió-AL;
Tempo de duração: 2:30min / Fotografia: Luana Thaisa;**



**Tatuagem: Tigre / Tatuador alagoano: Stanley Jaires;
Tempo de duração: 2:30min / Fotografia: Luana Thaisa**

4º Entrevistado: Lauro Neto
Naturalidade: gaúcho
Idade: 34 anos
Estado civil: casado
Ocupação Profissional: Funcionário Público da CBTU - AL
Tatuagem: Tribal / **Local do corpo:** perna esquerda

Lauro Neto, 34 anos, revela que a sua preferência por tatuagens é pelo estilo tribal (devido à abstração contida nesse estilo de desenho):

“Eu só gosto de tatuagens na cor preta. Não gosto de tatuagens coloridas (ao menos não em mim). Eu gosto muito de desenhos em estilo indígena porque eles são geométricos e abstratos. Eu gosto de abstração. Eu gosto de desenhos grandes e decidi fazer na perna porque é um local exposto e a minha intenção não é esconder, é exibir mesmo, afinal a perna é um local totalmente visível. Eu só visto calça jeans para trabalhar, mas nos momentos de lazer eu só vivo de bermuda”.

Ele revela que não teve que enfrentar nenhum problema quando decidiu se tatuar porque já é independente financeiramente:

“Não tive nenhum problema em me tatuar, eu já sou casado e já tenho uma filha adolescente e não devo satisfações da minha vida a ninguém. Sou eu quem paga as minhas contas, sou eu quem sustenta a minha família. Sempre gostei muito de tatuagens e não vi motivos para não querer fazer”.

Com relação à dor, ele revela que não considera que fazer uma tatuagem seja muito dolorido:

“Acredito que as pessoas sentem mais uma arranhada do que dor. Se fosse algo tão dolorido ninguém fazia. Se as pessoas fazem é porque de alguma forma elas sabem que é possível resistir. Acredito que o que difere é o nível de resistência das pessoas: tem gente que não reclama muito e já vi gente reclamar até demais. Acho que depende da pessoa. Para mim deu para resistir sem problema algum. Eu levo a dor na brincadeira”.



Tatuagem: Tribal / Desenho: Luana Thaísa
Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió-AL
Tempo de duração: 1ª sessão (contorno): 3h / 2ª sessão (pintura): 4h / Fotografia: Luana Thaisa



Tatuagem: Tribal / Desenho: Luana Thaísa

Tatuador alagoano: Stanley Jaires – Maceió-AL

Tempo de duração: 1ª sessão (contorno): 3h / 2ª sessão (pintura): 4h / Fotografia: Luana Thaisa

5° Entrevistado: Alberto
Naturalidade: alagoano
Idade: 30 anos
Estado civil: solteiro
Ocupação Profissional: Universitário
Tatuagem: Escorpião / **Local do corpo:** costas

Alberto, 30 anos, decidiu fazer o seu signo de escorpião em suas costas porque ele queria fazer algo que ele se identificasse:

“Meu signo é escorpião. Quando eu estava pensando em fazer uma tatuagem eu logo me decidi por fazer meu signo. Eu acho o escorpião um animal que simboliza força. Me considero uma pessoa batalhadora porque eu sempre tive que conquistar as minhas coisas através do meu esforço. O escorpião é um animal que sabe se virar sozinho. Eu decidi fazer nas costas porque para mim é algo íntimo, nem todo mundo pode ver, apenas se eu quiser mostrar”.

Ele revela que seus pais já são falecidos e que não teve que enfrentar nenhum problema quando decidiu se tatuar:

“Já faz algum tempo que eu moro sozinho (porque meus pais já são falecidos) e por essa razão eu não tive que dar satisfações a ninguém sobre a minha decisão de querer me tatuar”.

Com relação à dor, ele revela que sentiu mais dor no início da sessão do que no final dela:

“Eu senti mais dor no começo da tatuagem, próximo do fim eu já estava com o corpo dormente que eu não sentia mais nada, podem acreditar. A única sensação que eu tive foi a de sentir ansiedade para que terminasse logo, para que eu pudesse ver o resultado final”.



**Tatuagem: Escorpião / Tatuador alagoano: Stanley Jaires;
Tempo de duração: 2:30min / Fotografia: Luana Thaisa**



**Tatuagem: Escorpião / Tatuador alagoano: Stanley Jaires;
Tempo de duração: 2:30min / Fotografia: Luana Thaisa**

1ª CONVENÇÃO DE TATTOO DE MACEIÓ (14 E 15 DE MAIO DE 2011)

A 1ª Convenção de Tatuagem de Maceió foi organizada por Guitar Tattoo e contou com a presença de centenas de visitantes oriundos da cidade de Maceió e também de outros Estados do país (e também contou com a participação de vários tatuadores oriundos de várias cidades do Brasil). Entre tantos tatuadores que estavam presentes na Convenção, eu tive que selecionar algumas sessões entre tantas que eu observei. As sessões de tatuagens que eu escolhi para observar e fotografar foram às seguintes:

Do Estado de Alagoas os tatuadores presentes na Convenção que estavam tatuando e que eu pude fotografar foram:

- 1) Dois belíssimos trabalhos nas costas de duas moças confeccionados pelo tatuador de Maceió “Roberto Bocão” da loja Maceió Tattoo (ele estava com stand montado na Convenção, mas não estava tatuando na Convenção, ele apenas quis marcar presença e aproveitou o evento para comprar novos equipamentos de tatuagem com fornecedores de outros estados que estavam participando do evento, ele também estava prestigiando os tatuadores vindos de outros Estados), mas estavam lá marcando presença na Convenção duas clientes dele e eu conversei e fotografei com as duas e ambas possuíam tatuagens gigantescas nas costas (uma delas possui a tatuagem de uma Máscara Japonesa e a outra possui a tatuagem de uma Fada e Borboletas), frutos de um trabalho magnífico;
- 2) O tatuador de Maceió “Liu Tattoo” estava tatuando na Convenção e eu pude fotografá-lo tatuando uma moça na perna (a tatuagem que ele estava fazendo foi o desenho de uma Pin-up), e ao final da sessão eu pedi para fotografar a perna dela.
- 3) O tatuador de Maceió “Beto Tattoo” também estava tatuando na Convenção e também pude fotografá-lo enquanto ele estava tatuando a perna de um rapaz com um desenho oriental.

Do Estado de Pernambuco eu pude acompanhar de perto as sessões de tatuagens de 3 tatuadores Pernambucanos que estavam muito ocupados e concentrados realizando belos trabalhos:

- 4) O primeiro deles foi da loja “Hugo Arts Tattoo” de Pernambuco que estava tatuando um rapaz na perna cujo desenho era o rosto da Marilyn Monroe, fruto de um trabalho impecável.
- 5) O segundo deles foi da loja “Pandora Tattoo” de Pernambuco e eu pude fotografar dois de seus trabalhos: o primeiro trabalho trata-se do desenho de uma Fênix confeccionada no braço de um

rapaz e o outro trabalho trata-se do desenho do rosto de Cristo confeccionado na perna de outro rapaz que após ter feito a sua tatuagem de Cristo ficou observando o rapaz da Fênix ser tatuado.

6) O terceiro deles foi da loja “Mangue de Mim” de Pernambuco e estava tatuando a figura de dois Sapos e uma Ampulheta do Tempo na perna de um rapaz. Também fotografei um desenho gigante do rosto de Cristo tatuado nas costas de um rapaz que estava junto com o pessoal da loja “Mangue de Mim” de Pernambuco.

7) o quarto deles foi da loja “Sílvio Tattoo” de Pernambuco, onde pude fotografar um rapaz que já possuía o corpo todo tatuado e que estava marcando presença na Convenção.

Do Estado da Bahia eu pude observar e fotografar:

8) O desenho de Dois Anjos que estava sendo tatuado na perna de um rapaz e que foi confeccionado pela loja “New House Tattoo” da Bahia.

Do Estado de São Paulo eu pude observar e fotografar:

9) O desenho de uma Boneca Old School com Duas Rosas e uma Faca que estava sendo tatuado na perna de uma moça e que foi confeccionado pela loja “Batman Evolução Body Art” de São Paulo.

Do Estado do Rio de Janeiro eu pude observar e fotografar:

10) O desenho da Chapeuzinho Vermelho com o Lobo Mau que estava sendo tatuado na perna de um rapaz e que foi confeccionado pela loja “Betinho Tattoo” do Rio de Janeiro.

Também pude presenciar de perto e fotografar a realização da 1ª Suspensão Corporal de Alagoas, onde o alagoano “Bob” fez História em Maceió ao ter se candidatado como voluntário a vivenciar a experiência da Suspensão Corporal.

ARQUIVO FOTOGRÁFICO II

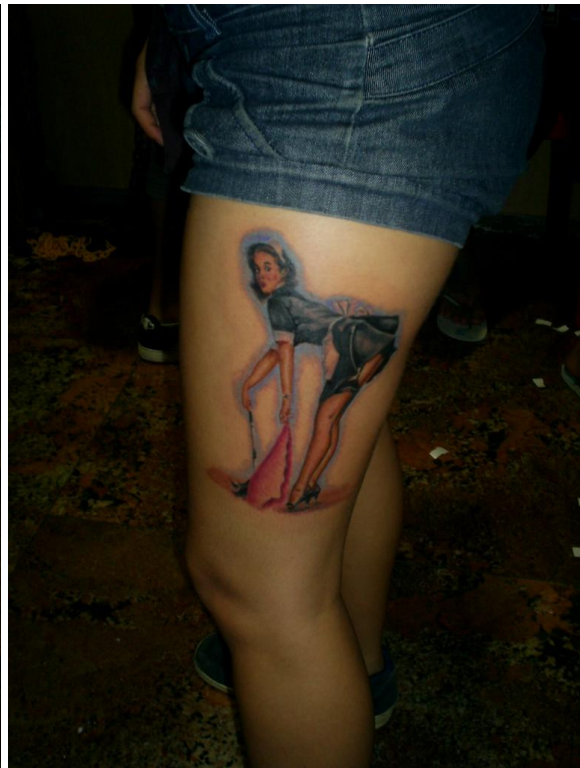
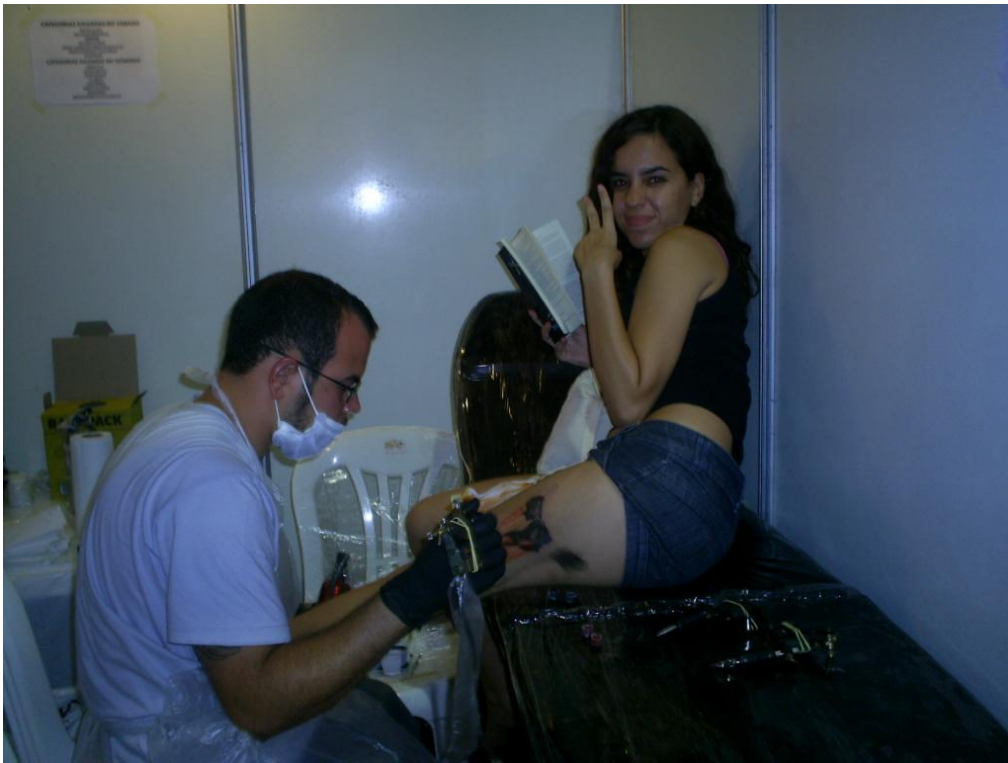
1ª CONVENÇÃO DE TATTOO DE MACEIÓ (14 E 15 DE MAIO DE 2011)



**Tatuagens: Costas 1 (Máscara Oriental Japonesa) e Costas 2 (Fada e Borboletas);
Tatuador alagoano: Roberto “Bocão” / Studio: Maceió Tattoo – Maceió-AL
Fotografia: Luana Thaisa**



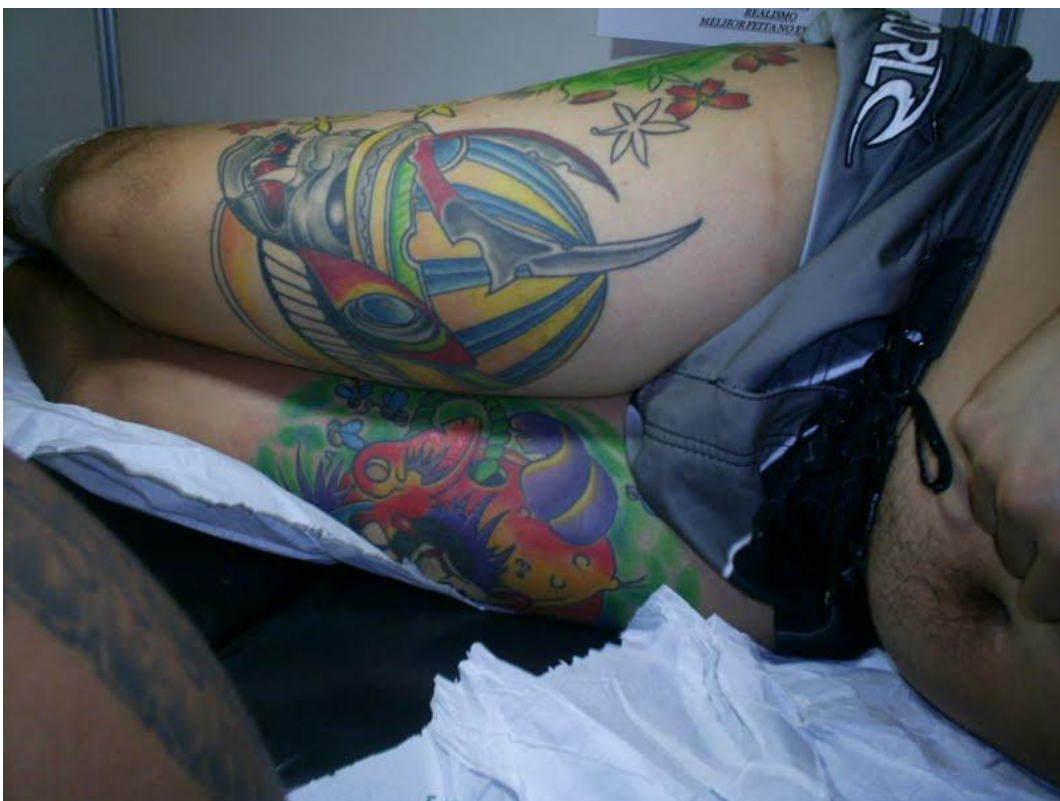
**Tatuagens: Costas 1 (Máscara Oriental Japonesa) e Costas 2 (Fada e Borboletas);
Tatuador alagoano: Roberto “Bocão” / Studio: Maceió Tattoo– Maceió-AL
Fotografia: Luana Thaísa**



**Tatuagem: Pin-up / Tatuador alagoano: Liu Tattoo / Studio: Liu Tattoo –Maceió-AL
Fotografia: Luana Thaísa**



**Tatuagem: Pin-up / Tatuador alagoano: Liu Tattoo / Studio: Liu Tattoo – Maceió-AL
Fotografia: Luana Thaisa**



**Tatuagem: Máscara Oriental / Tatuador Alagoano / Studio: Beto Tattoo – Maceió -AL
Fotografia: Luana Thaísa**



**Tatuagem: Máscara Oriental / Tatuador Alagoano / Studio: Beto Tattoo
Fotografia: Luana Thaísa**



**Tatuagem: Marilyn Monroe / Tatuador Pernambucano / Studio: Hugo Arts Tattoo
Fotografia: Luana Thaísa**



**Tatuagem: Marilyn Monroe / Tatuador Pernambucano / Studio: Hugo Arts Tattoo
Fotografia: Luana Thaisa**



O desenho do rosto de Cristo no canto esquerdo da foto foi tatuado em outro rapaz



Tatuagem: Fênix / Tatuador Pernambucano / Studio: Pandora Tattoo -PE
Fotografia: Luana Thaísa



Tatuagem: Fênix / Tatuador Pernambucano / Studio: Pandora Tattoo -PE
Fotografia: Luana Thaisa



O rapaz em pé de blusa preta é o dono da perna da tatuagem do rosto de Cristo



Tatuagem: Cristo / Tatuador Pernambucano / Studio: Pandora Tattoo –PE
Fotografia: Luana Thaisa



Tatuagem: Cristo / Tatuador Pernambucano / Studio: Pandora Tattoo –PE
Fotografia: Luana Thaisa



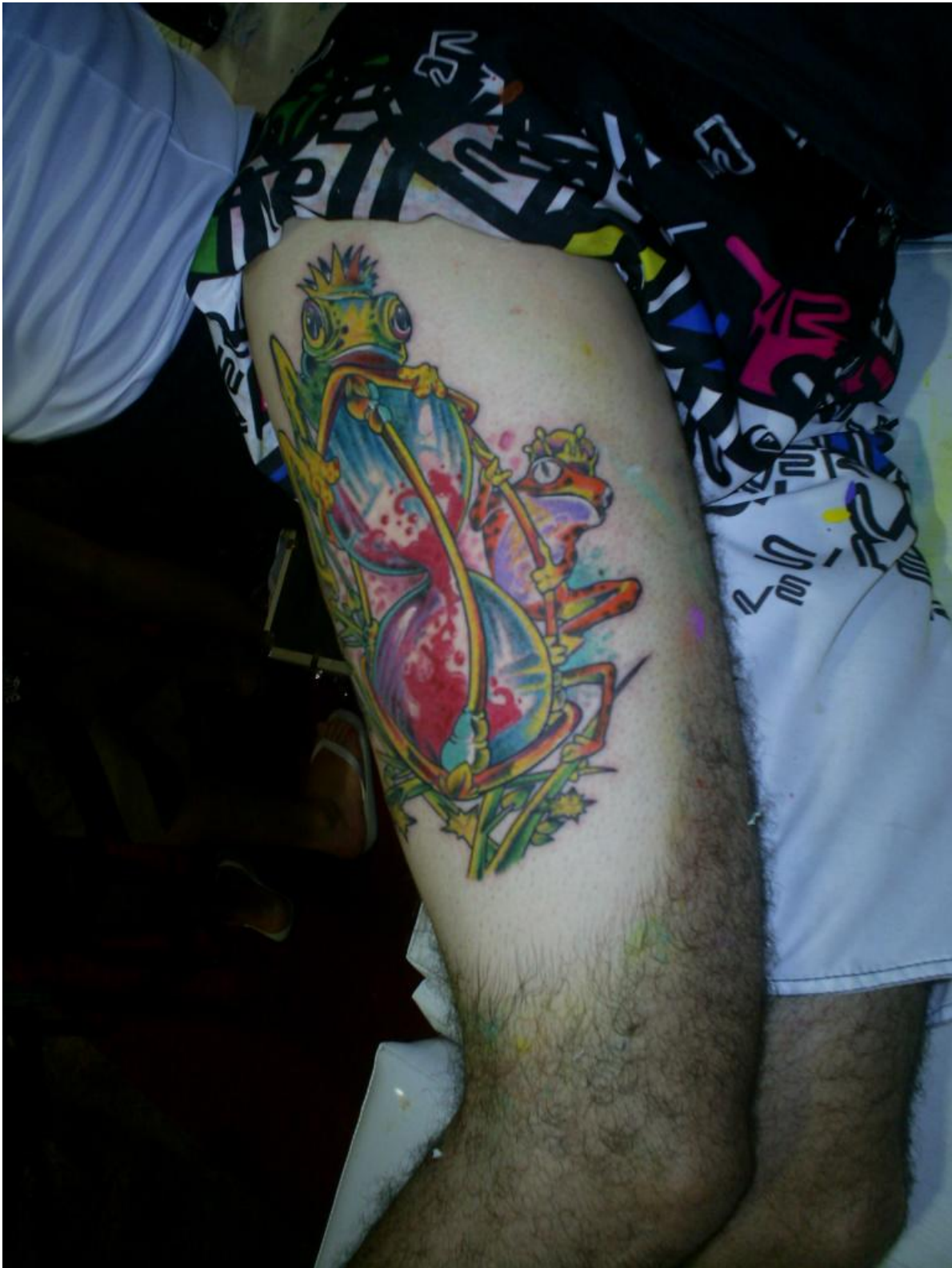
Tatuagem: Cristo / Tatuador Pernambucano / Studio: Mangue de Mim Tattooo – PE
Fotografia: Luana Thaísa



**Tatuagem: Dois Sapos e uma ampulheta do tempo / Tatuador Pernambucano
Studio: Mangue de Mim Tattoo – PE
Fotografia: Luana Thaísa**



**Tatuagem: Dois Sapos e uma ampulheta do tempo / Tatuador Pernambucano
Studio: Mangue de Mim Tattoo – PE
Fotografia: Luana Thaísa**



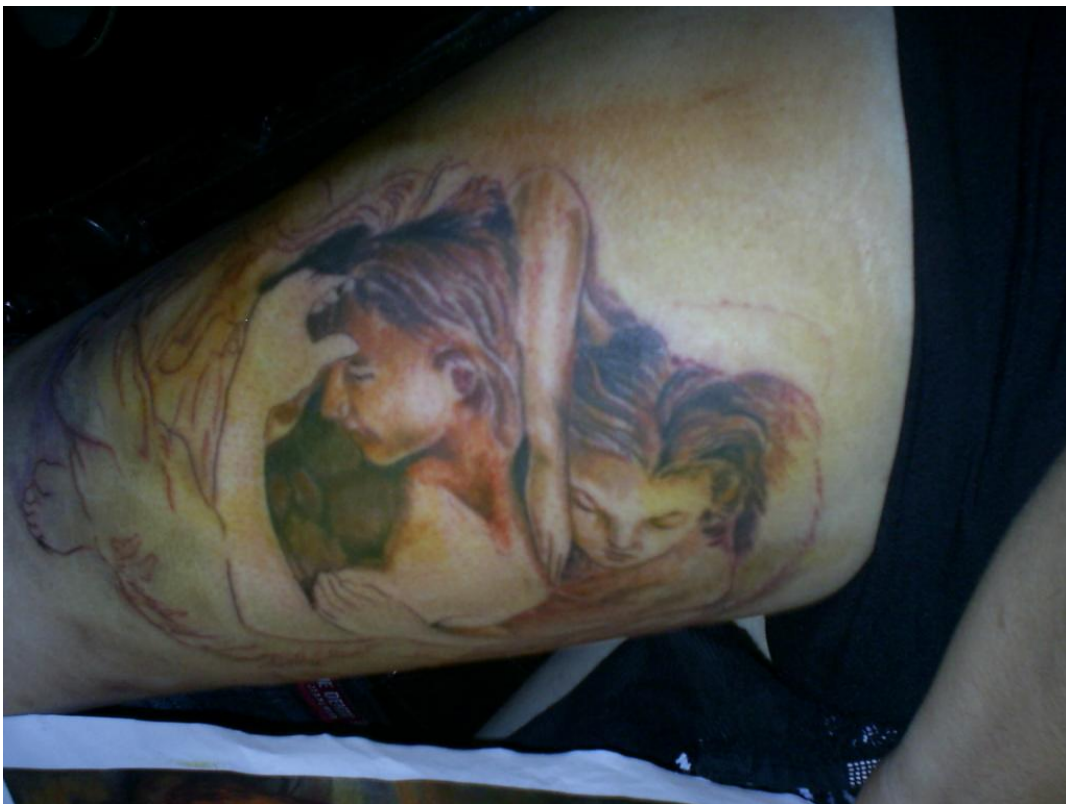
Tatuagem: Sapo e uma ampulheta do tempo / Tatuador Pernambucano
Studio: Mangue de Mim Tattoo – PE
Fotografia: Luana Thaisa



**Tatuagem: Black and Grey / Tatuador: Sílvio / Studio: Sílvio Tattoo – PE
Fotografia: Luana Thaisa**



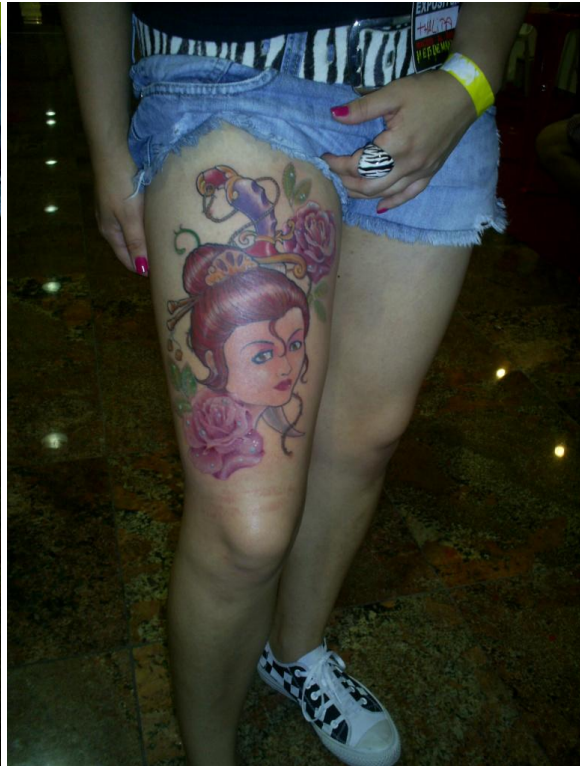
**Tatuagem: Black and Grey / Tatuador: Sílvio / Studio: Sílvio Tattoo – PE
Fotografia: Luana Thaisa.**



Tatuagem: Dois Anjos (ainda incompleta)
Tatuador Baiano / Studio: New House Tattoo - BA
Fotografia: Luana Thaisa



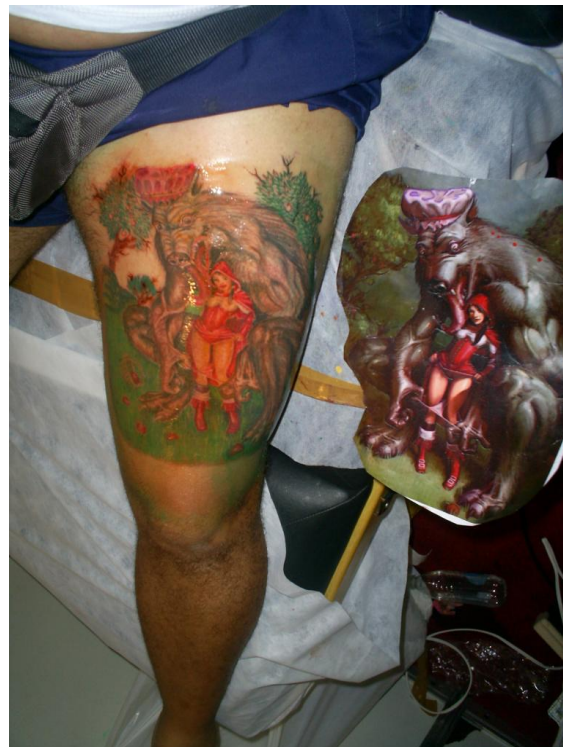
Tatuagem: Dois Anjos (ainda incompleta)
Tatuador Baiano / Studio: New House Tattoo – BA
Fotografia: Luana Thaisa



**Tatuagem: Boneca Old School / Tatuador Paulista / Studio: Batman Evolução Body Art – SP
Fotografia: Luana Thaisa**



**Tatuagem: Boneca Old School / Tatuador Paulista / Studio: Batman Evolução Body Art – SP
Fotografia: Luana Thaisa**



Tatuagem: Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau
Tatuador Carioca / Studio: Betinho Tattoo- RJ
Fotografia: Luana Thaisa



Tatuagem: Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau
Tatuador Carioca / Studio: Betinho Tattoo- RJ
Fotografia: Luana Thaisa



1ª Suspensão Corporal de Maceió que ocorreu em Maceió (o alagoano “Bob” foi suspenso em uma demonstração de resistência e coragem).



Fotografias: Luana Thaísa



O alagoano “Bob” ao ser suspenso, ficou balançando o corpo



Fotografias: Luana Thaísa



O alagoano “Bob” ficou conhecido por sua exibição de resistência física
Fotografia: Luana Thaísa

O registro fotográfico dos dados observados (a sessão de tatuagem) foi essencial porque a regularidade dos fatos sociais também se trata de situações únicas. Os registros fotográficos conferem uma sistematização do consumo da tatuagem pelos sujeitos fotografados. Através do desenvolvimento de novas tecnologias de registro (a fotografia, por exemplo) é possível ter acesso a dados importantes vivenciados pelo grupo pesquisado (as sessões de tatuagens é uma situação empírica). A coleta de fotografias possibilita ao cientista social colher registros de fenômenos sociais. O ritual é um fenômeno social total. O trabalho é um fenômeno social total. O que a sessão de tatuagem é? A sessão de tatuagem é um fenômeno social porque ela é um ritual e é um trabalho. As fotografias das sessões de tatuagens são um registro da ocorrência do fenômeno social que é tatuar o corpo (que é trabalhar sobre o corpo). O registro fotográfico é uma evidência do “*estar lá*”, significa ter visto de perto, ter tido contato, ter conversado, ter interagido com o grupo pesquisado. A coleta de fotografias é um fator empírico porque é um dado de pesquisa. A convivência com o grupo de estudo (os tatuados) é um fator empírico e, portanto, é um dado de pesquisa. Ninguém pode retirar a empiricidade estabelecida através da convivência do pesquisador com o seu grupo de estudo. O registro fotográfico daquilo que se observa é essencial para comprovar o contato do pesquisador com o grupo de pessoas tatuadas.

A Antropologia e a Sociologia são formas de investigação e interpretação de tudo aquilo que se relaciona com a vida humana (isso inclui arte, trabalho, religião, lazer, adorno, gostos, preferências). O que a tatuagem é? Ela é a confecção de um trabalho manual na produção de um adorno estético e artístico.

3.2: A Finalidade Subjetiva da Ação de Tatuar o Corpo

Nos respectivos livros “*Max Weber: uma Introdução*” de Stephen Kalberg (2010, pp.31-39) e “*Max Weber: entre a Paixão e a Razão*” de Saint-Pierre (1994, pp. 107-116) é destacado pelos autores uma revisão da Teoria da Ação Social de Max Weber onde ambos ressaltam que a preocupação de Weber está na tentativa de compreender as motivações que conduzem os atores sociais a colocarem em prática as suas intenções. Dessa forma, é revisto por Stephen Kalberg e também por Saint-Pierre a tentativa de compreensão do *sentido subjetivo da ação* tão enfatizado por Weber.

O sentido subjetivo de uma ação é o que a diferencia de uma mera conduta reativa. O conceito de sentido subjetivo é anterior ao conceito de ação social porque o conceito de sentido subjetivo

se combina a um estado pré-social, significando que o sentido subjetivo pertence a uma consciência pura (que também é pré-social). Isso resultou que Weber não pode dar uma definição completa do que significaria este sentido subjetivo. Por outro lado, percebe-se também que o sentido da ação está relacionado à noção de “*fim*”, onde todas as nossas ações devem exprimir um sentido (toda ação é dotada de sentido) e esse sentido converge para a relação existente entre “*meio*” e “*fim*”.

Weber destaca que nada pode visar apenas ao meio, isso porque todo *meio* é sempre relativo a um *fim* (todo *meio* objetiva um *fim*). Assim, o que significa *meio*? O *meio* significa o percurso, a estratégia, o veículo, o mecanismo que nos conduz a um *fim* (que conduz ao sujeito atingir a sua finalidade). Há vários *meios* para se chegar ao *fim*. E o que significa *fim*? O *fim* significa a intencionalidade, a finalidade última, ou seja, as nossas reais intenções. O *fim* (a *finalidade*) é determinado pelo significado, pela importância que nós (como sujeitos) conferimos ao *fim*. A finalidade é o propósito do indivíduo (o *fim* é o propósito do sujeito). As intenções são propositais porque elas correspondem à causa da ação. O que causa a ação? O que causa a ação é a intenção (a ação é dotada de intencionalidade). Dessa forma, o *fim* significa para Weber o resultado, o propósito que passa a ser a causa de uma ação. Toda ação possui uma finalidade (toda ação possui uma causa final).

Dentro de uma ação é possível fazer uma distinção entre o *fim* (a finalidade) que corresponde ao objetivo da ação e entre o sujeito que está com determinações e intenções com relação à sua posição (e conseqüentemente ao seu *fim*).

Qual o sentido da ação de tatuar-se? O sentido da ação (tatuar-se para ficar diferente) serve como uma espécie de incentivo que confere a coerência dos fatos (a sessão de tatuagem é empírica, ela é um fato). A tatuagem inserida no corpo é o *fim*, é a finalidade porque ela é a concretização do *trabalho* técnico e artístico sobre a pele.

O sentido de uma ação pode ser compreendido de duas formas: 1) correspondente a um sujeito existente de fato (os tatuados são agentes sociais reais e concretos); 2) correspondente a um *tipo-ideal* formado por atores sociais da mesma espécie. Neste caso, os tatuados assumem a forma de um tipo ideal (o grupo estudado tem que possuir alguma tatuagem, qualquer que seja).

A ação (de tatuar-se) sempre corresponde a uma ação motivada (intencionalmente). É caracterizada por ser uma ação dotada de intenção e de uma ação dotada de motivação. Weber sempre busca associar o motivo (modificar o visual para transparecer beleza e individualidade)

como possuidor de uma relação de sentido com o sujeito. Weber ressalta que toda ação é orientada, é guiada, é ordenada, é inclinada, é estruturada, é baseada pela reação que causará nos outros. Costumamos agir ficando na expectativa que os outros reajam; costumamos agir motivados pela expectativa que os outros terão a respeito de nós. Tanto as nossas ações com relação aos outros assim como as ações dos outros com relação a nós, podem configurar-se em ações passadas, em ações presentes ou aguardadas como ações futuras. Os agentes sociais que nos cercam tanto podem ser sujeitos conhecidos por nós ou ainda podem ser sujeitos totalmente desconhecidos para nós.

Weber também percebeu que as motivações que acarretam numa ação não se apresentam de maneira evidente para o sujeito que apenas as observa. O *fim* da ação (a finalidade da ação) é a representação do resultado no sujeito, constituindo assim a fundamentação da ação. A tatuagem é o resultado; é esse resultado que confere beleza e individualidade ao tatuado.

Ao analisar a lógica do raciocínio da Teoria da ação social weberiana, podemos observar as seguintes questões:

1) ação orientada a *fins* = é caracterizada pela expectativa depositada com relação aos outros homens. A expectativa é utilizada como um *meio* de se chegar aos *fins* perseguidos. O agente social é orientado através da avaliação que faz de si mesmo com relação aos *fins*, aos *meios* e as *conseqüências* que a sua ação acarreta. Dessa forma, o agente social deve sempre ponderar racionalmente os *meios* disponíveis com os *fins* almejados, assim como deve ponderar os *fins* almejados e as *conseqüências* possíveis, assim como os diferentes *fins* possíveis a serem concretizados.

Weber destaca que a *decisão* do agente social entre os vários *fins* possíveis relacionados às *conseqüências* inevitáveis advindos desse *fim* e que geram um *conflito* (o preconceito etnocêntrico com relação ao corpo tatuado é um conflito que incentiva a manutenção da estranheza ao invés da introdução e incorporação da familiaridade), essa *decisão* pode sim ser orientada a *valores* (toda tomada de decisão trata-se de uma posição valorativa). A preocupação está em quais *meios* serão utilizados para se conseguir os *fins* almejados e perseguidos (em busca de concretizá-los). Weber estava tentando caracterizar o tipo-ideal da ação referente à *ação política*: que é racional orientada a *valores* (o uso da relativização) nos *fins* (o consumo de tatuagens), assim como é racional orientada nos *fins* (tatuado o corpo para diferenciar-se das outras

pessoas ao instaurar no corpo uma marca que o identifique e para embelezar-se à sua própria maneira) através dos *meios* (os meios pecuniários que nos estão disponíveis);

2) ação racional orientada a *valores* = é uma ação que é guiada pela crença de que o sujeito possui um *valor* conferido à sua conduta. A finalidade da ação é recíproca da conduta, já que é a conduta que é constituída por valores que podem ser de cunho ético, estético, religioso ou de qualquer outro tipo. A ação orientada a valores é caracterizada por ser uma ação elaborada, planejada, arquitetada a objetivos últimos (os objetivos desta pesquisa claramente é distanciar-se do etnocentrismo relativizando o consumo de tatuagens). A ação racional orientada a valores é caracterizada pelo agente social atuar e agir de acordo com as suas convicções (sejam estas convicções éticas, estéticas, políticas, religiosas ou de outra natureza) levando em consideração as conseqüências que a sua ação pode acarretar. Toda ação orientada a valores sofre com as conseqüências da tomada de partido por parte desta ação movida a valores (isso porque toda tomada de partido acarreta na oposição da tomada de partido advinda do outro lado).

A ação racional referente a valores é uma ação referente aos *motivos* e são as *motivações* que inclinam os agentes a se orientarem através de *valores*. Toda ação movida a *valores* é uma ação movida a *motivações*; O que nos interessa saber são as *motivações* dos tatuados com relação ao *valor de uso social* que a tatuagem lhes proporciona. O sentido subjetivo da ação de tatuar o corpo não teria sentido sem a existência do valor de uso social que a tatuagem confere a todos aqueles que a consomem.

3) ação *afetiva* = a ação afetiva é caracterizada por ser como já expressa o seu nome: é emotiva; é caracterizada, é demonstrada através de seus afetos e também por seus sentimentos os mais diversos possíveis; ela é caracterizada por apresentar uma inclinação para a dominação (neste caso trata da dominação existente na conflituosa relação entre pais e filhos, entre gerações mais velhas e gerações mais jovens. Tatuar pode ser caracterizada como afetiva quando ela é caracterizada pelo receio que o tatuado contemporâneo (ocasionalmente pode ocorrer com o jovem maior de idade que ainda reside com os seus pais) sente ao ter que enfrentar a reprovação por parte dos membros de sua família pela não compreensão deles diante da atitude de modificar esteticamente o corpo através da inserção de tatuagens. A dominação e o olhar de reprovação que os pais exercem sobre os filhos tratam-se de apelos emotivos. Toda dominação é exercida através de apelos emotivos. Obviamente que todos os filhos por uma questão de amor e gratidão aos pais devem-lhe respeito e reconhecimento. Por outro lado resta a toda pessoa tatuada ou não se

indagar até que ponto em nome a esse respeito aos pais os agentes sociais devem despojar-se de suas próprias vontades? Devido aos pais terem lhes dado à vida e o sustento, os filhos estarão para sempre condenados a estarem em débito com os seus pais? Ao ponto desse débito ser tão alto ao ponto dos agentes abdicarem de seus projetos? Assim, todo tatuado já adulto que ainda reside com pais conservadores ocasionalmente eles podem vivenciar situações de dominação.

4) ação *tradicional* = é uma ação caracterizada por ser um costume arraigado, por ser uma tradição. Ela pode ser caracterizada também como um mero hábito, onde este tipo de ação está acostumado à repetição, tornando-se habituais por serem normas de como agir socialmente (são normas do agir social); é caracterizada por ser uma atitude arraigada, cotidiana, habitual e esse costume busca manter-se. Com relação às tatuagens, elas eram tradicionais no contexto das sociedades indígenas. Assim, a tatuagem que antes era uma tradição no passado indígena, se configura em uma forma de individualização na contemporaneidade.

3.3: A produção da Subjetividade dos Tatuados dentro do Sistema Capitalista

O autor Euclides André Mance (1993) tinha como objetivo apresentar em seu trabalho como o sistema capitalista atual necessita de produção de subjetividades. O autor busca explicar o que caracteriza a subjetividade e o que caracteriza o capitalismo e destaca que a produção de subjetividade se inclina para uma individualização capitalista, ou seja, isto significa que o processo de subjetivação tende a ser subversivo em relação às diversas tendências hegemônicas impostas pelo capital.

Sobre a produção de subjetividade ele destaca que não pode haver nenhum processo físico, biológico ou antropológico que não seja mediado por signos. Quando nós costumamos reduzir um corpo a seu elemento mais simples percebemos que a materialidade do corpo está organizada sob um jogo de funções. O corpo é constituído por suas funções orgânicas. O corpo é constituído de diversos órgãos que interagem entre si. A matéria do corpo e suas funções orgânicas são regidas a partir de signos. A cultura é regida através de diversos códigos que são socialmente construídos. Os códigos sociais são capazes de modelar o corpo e são através desses códigos sociais que se estruturam as subjetividades.

A subjetividade constrói a identidade e a identidade é modelada de acordo com cada cultura e de acordo com o regime de signos. Toda cultura possui a sua própria semiótica e isso significa que os comportamentos são regidos por uma cultura hegemônica que atua conforme uma família,

uma tribo, um grupo de amigos, uma comunidade religiosa, uma gang, uma ação, etc. As formas e as substâncias das coisas só podem ser respondidas levando em consideração o plano da cultura. Toda cultura possui as suas características fundamentais para a manutenção e organização de uma sociedade: a existência de uma infra-estrutura econômica associada a uma infra-estrutura comunicativa (ou seja, há a existência de um modo de produzir e um modo de consumir o que foi produzido).

Euclides André Mance (1993) ressalta que os homens possuem funções semelhantes (necessidades fisiológicas), mas ele observa que em termos da cultura as subjetividades dos sujeitos são compostas de signos bastante diversificados (formados pelos diferentes povos, grupos e classes sociais).

É evidenciado que a beleza (a noção de beleza) é modelada a partir da cultura. Assim, a própria dimensão ética sobre as noções do que é justo ou injusto, do que é certo ou errado, do que é bonito ou feio, do que é bom ou ruim, e todas essas questões estão relacionadas com um determinado contexto histórico. Todo sujeito é determinado pela sociedade, mas, no entanto, percebe-se que todo sujeito pode ser livre se ele vier a interferir sobre os códigos culturais vigentes na sua sociedade e com os quais este sujeito entra em conflito.

Podemos perceber que a família que fazemos parte, a escola e a universidade que freqüentamos, os amigos e inimigos que possuímos, a religião que as pessoas compartilham e, contudo, a mídia pode atuar como uma individualização das subjetividades. Assim, a mídia como um veículo de massa pode atuar sugerindo padrões estéticos, condutas éticas e atuações políticas. As mídias de massa podem atuar de forma a influenciar o comportamento das pessoas, a influenciar alguns movimentos sociais assim como influenciar o consumo de certos produtos, de certas mercadorias, de certos estilos de arte e também de certos adornos corporais. A subjetividade não é regida por uma consciência que é movida pela liberdade simplesmente. A subjetividade é determinada por tudo àquilo que a modela: a família a qual pertencemos, a escola que freqüentamos e todos os demais aparatos sociais.

Podemos constatar que a primeira percepção que o indivíduo possui de si mesmo está relacionado à sua própria experiência estética. O que a tatuagem é? A tatuagem é indiscutivelmente uma experiência estética. O “*Eu*” (o agente social) possui duas auto-imagens de si mesmo: a primeira corresponde ao que o sujeito *Eu* imagina que ele é e a segunda que o sujeito *Eu* gostaria e desejaria ser. O autor reflete que essas duas auto-imagens não possuem de

fato uma materialidade objetiva, na medida em que na primeira percebe-se o *real* (o que se é de fato) e na segunda percebe-se o *utópico* (o que gostaria de ser, mas ainda não sou). Dessa forma, há a *realidade* do *Eu* (há a realidade vivenciada pelo agente social) e há a *utopia* do *Eu* (sempre há experiências que o agente social gostaria de vivenciar na prática, mas ainda não teve a oportunidade para tal).

Com relação à tatuagem, antes o corpo real é liso (sem ilustrações) e a utopia de quem ainda não se tatuou (mas que pretende um dia se tatuar) é imaginar a forma que o corpo ficaria se ele fosse tatuado. Assim, a realidade toma o lugar da utopia somente quando o sujeito de fato tatua o seu corpo (transformando a utopia em realidade). Tatuar o corpo é inserir-se ao grupo de pessoas que possuem as suas peles marcadas.

Podemos observar que há características do *Eu* que não estão ao alcance de sua liberdade, como por exemplo, o ato de envelhecer, o ato de adoecer e o ato de morrer. Essas questões escapam à liberdade do *Eu* (escapam à liberdade de escolha de qualquer agente social). Com relação à tatuagem, ela é uma forma de liberdade artística que está ao alcance do *Eu* (que está ao alcance dos agentes sociais que estão realmente motivados).

A subjetividade de todos nós que fazemos parte da contemporaneidade é produto do capitalismo. Mas vale destacar que a existência da prática da tatuagem antecede ao surgimento do sistema capitalista. Afirmar que a tatuagem é produto do sistema capitalista seria um grave erro. A tatuagem antecede ao capitalismo e ela sobreviveu e se adaptou a este sistema (a tatuagem sobreviveu à passagem do universo natural-rural para o universo urbano). A tatuagem que outrora foi considerada uma forma primitiva de arte, consegue se inserir no universo urbano e tornar-se uma modalidade de arte contemporânea. O primitivo e o contemporâneo conseguem caminhar juntos dentro do universo da tatuagem (não foi na contemporaneidade que a tatuagem surgiu, mas foi na contemporaneidade que ela se reinventou, que ela se recriou). Vivemos em um contexto capitalista e não podemos escapar disso. No entanto, os agentes sociais podem atuar de acordo com a sua situação, posição de classe e se orientar no uso de uma certa liberdade de acordo com a potencialidade de reprodução de seu capital.

Félix e Guattari (1986) ao descrever a sua concepção de individualização ele observa que os sujeitos são motivados através do capital (os sujeitos são agenciados capitalmente) em meio à massa e na tentativa de se destacarem socialmente acabam recorrendo a uma individualização e passam a individualizar-se ao aderir às referências detentoras de poder ou prestígio social que são

conduzidos pelo capitalismo, que incentiva a busca pela competição e pela busca de vitória, almejando ser o melhor no quadro de valores que são estabelecidos por uma hegemonia cultural.

Assim, o processo de individualização passa a diferir do processo de subjetivação (individualidade possui um significado diferente de subjetividade). Todo sujeito possui uma utopia individual (um hedonismo) que só pode ser colocado em prática se esse hedonismo (desejo) puder ser saciado sob um âmbito de circunstâncias (relacionados aos meios disponíveis). De acordo com a cultura capitalista toda pessoa que nunca consegue ficar satisfeito com o que *é* ou com o que *tem*, acaba ficando na expectativa que deve buscar sempre mais, deve buscar ser o melhor, possuir em maior quantidade e possuir a maior qualidade.

Ao ser analisadas a “subjetividade” e as suas possíveis “utopias”, Euclides André Mance (1997) destaca que é possível percebermos que existem utopias pessoais e há utopias que são grupais. Sendo assim, o que seria uma utopia pessoal? A utopia de cada sujeito pode significar tudo aquilo que cada sujeito quer realizar em sua vida particular. A utopia de um sujeito sempre está relacionada ao processo de individualização ou subjetivação. O que significa uma utopia pessoal? Podemos entender por utopia tudo aquilo que cada sujeito quer realizar em sua vida particular (o hedonismo e a utopia, ambos se projetam como formas de nortear a existência pessoal que está inserida dentro de uma instância maior, que é a *existência social*). A utopia seria a busca do sujeito em tentar obter o que ainda não se tem assim como tentar alcançar aquilo que gostaria de tornar-se. É para isso que existem as “semioses educativas”, porque é a educação moldada pelo capitalismo que são provedoras das ilusões e das fantasias humanas, onde há uma busca acelerada em querer ascender socialmente conforme o seu próprio mérito, conforme o seu próprio empenho, conforme a sua desenvoltura, conforme suas qualidades.

3.4: A Tatuagem na Era da Indústria Cultural:

Ao observar a influência da mídia sobre o universo da tatuagem é possível perceber que outrora a mídia contribuía para denegrir o consumo de tatuagem ao associá-la ao banditismo, mas este pensamento reducionista vem sendo substituído pela visão de que o uso de tatuagens é uma forma de consumo estético. Na medida em que cresce o consumo de tatuagens na contemporaneidade e a ostentação delas pelos artistas e celebridades da mídia televisiva, conseqüentemente também cresce a procura de “pessoas comuns” para a adesão e aquisição desse tipo de consumo. Cada vez que a mídia transmite a imagem de personalidades ostentando

tatuagens, contribui para que haja uma normatização dessa prática de consumo. Quanto mais pessoas aderem ao uso de tatuagens, há um favorecimento para que esse costume, esse consumo se normatize e seja desvinculada da marginalidade. Uma modificação corporal sob a forma de ilustrações na pele não pode continuar a ser considerada com o incentivo recebido pelo etnocentrismo como sendo uma arte marginal pelo simples fato de ser excêntrica e extravagante.

Em *“Dialética do Esclarecimento”* (1985), através de Adorno e Horkheimer, podemos perceber que o poder, o luxo, a fama, o prestígio, as honrarias, as riquezas, o status, são requisitos que não passam de formas utópicas almeçadas pela grande massa social e cujas personalidades acabam se identificando com personagens fictícios e que são apresentadas pela mídia ao público como sendo um modelo, um meio de realização pessoal. A cultura contemporânea de massa confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio, a revista constitui um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos esses setores podem compor um conjunto. Há uma forte tendência na contemporaneidade do controle da consciência individual exercido pela indústria cultural. O sistema capitalista é o grande responsável pelas inúmeras diferenças existentes entre os Homens ao que se refere à desigualdade social e econômica. O capitalismo facilitou o surgimento da Indústria Cultural de massa e da homogeneização do mundo (ao apagar as diferenças entre as diversas culturas e entre os diversos comportamentos, padronizam-se estilos de vida e estilos de consumo). Tatuar o corpo na contemporaneidade é, portanto, uma fuga a essa sociedade padronizada (tatuar o corpo é uma forma de fugir da padronização). A tatuagem é uma forma de consumo que foge à padronização imposta pela indústria cultural, porque se por um lado há aquelas pessoas alienadas que não podem assistir uma celebridade na televisão ostentando uma tatuagem que sente influenciado em incorporar a estética exibida pela celebridade adotando-a para si, por outro lado há os “autênticos tatuados”, ou seja, são aqueles que não foram influenciados por nenhum veículo de massa para se sentirem motivados em se tatuar, tanto é que eles buscam diferenciar-se daqueles que se tatuaram apenas por um fugaz modismo, evitando adotar o uso de uma tatuagem pequena e comercial, buscando diferenciar-se dessas pessoas que se tatuam apenas modismo (como aquelas pessoas que possuem uma clássica e minúscula “estrelinha” em qualquer que seja o local), ao tomar a atitude de adornar grandes regiões do corpo com enormes tatuagens. Essas pessoas (que possuem tatuagens enormes) realmente elas não se tatuam por modismo, elas se tatuam por prazer e paixão.

Na modernidade o telefone foi interpretado como liberal (afinal é através dele que as pessoas se comunicam intimamente, informalmente, coloquialmente, espontaneamente) porque o telefone permite às pessoas que elas estabeleçam uma conversa a dois com uma certa privacidade (exceto quando há a quebra de sigilo telefônico); o rádio foi interpretado como democrático porque é um veículo de comunicação onde as pessoas recebem informações auditivamente (as pessoas são atraídas pelas notícias, pelas propagandas, pelas músicas. Cada estação de rádio é um novo veículo de propaganda). A televisão, por sua vez, é uma síntese do rádio (informação, noticiário, propaganda, entretenimento) e do cinema (imagem). Apesar de toda a racionalização, a indústria cultural demonstra ser irracional na medida em que só produz conteúdos voltados para o entretenimento e a fácil assimilação dos conteúdos desses entretenimentos.

A Antropologia e a Sociologia podem analisar a tatuagem como sendo um sistema de representação simbólico e social que está inserido em um corpo orgânico que é individual (mas todo corpo vive dentro de um contexto social). Todo indivíduo vive dentro de um contexto social. Entretanto, os corpos podem ser semelhantes (por possuir cabeça, tronco e membros), mas os corpos não são idênticos (os próprios corpos estão impregnados de subjetividade com relação ao uso que fazemos de nosso corpo). Embora os corpos possam ser semelhantes, eles não são idênticos. Com relação às tatuagens, embora possa haver semelhanças entre uma tatuagem e outra, elas não são idênticas.

A prática da tatuagem é empírica por natureza (o empirismo legitima a experiência e a tatuagem proporciona ao tatuado vivenciar uma experiência: a dor é o *meio* e a tatuagem é o *fim*). Não há outro meio de uma tatuagem ser concebida que não seja por intermédio da dor (para alguns dói pouco, para outros dói muito). Cada indivíduo possui uma resistência diferente quando se trata de sentir dor, de vivenciar a experiência da dor.

Na contemporaneidade houve um resgate e aperfeiçoamento da técnica da tatuagem, onde o elemento branco a introduziu dentro de um novo contexto (o urbano) e conseqüentemente impossibilitou esta prática de findar-se. Ao dar-lhe um novo impulso acabou lhe atribuindo um novo ritmo: a introdução do consumo de tatuagem na era do capitalismo (dessa forma a tatuagem deixa de ser praticada nas florestas nativas para passar a ser praticada nas cidades).

As obras de arte (como por exemplo, as pinturas em tela a óleo ou a escultura), elas são artes e também são mercadorias. Assim, se as artes da pintura e da escultura são transformadas em mercadoria, o mesmo ocorre com a tatuagem: ela também pode ser transformada em mercadoria

(mas não impossibilita que ela permaneça sendo arte). Ser uma mercadoria em determinadas situações (como a pintura, a escultura, a tatuagem) não significa dizer que o trabalho técnico e artístico contido na confecção da pintura, da escultura e também na confecção da tatuagem foram ocultados porque a arte também passou a ser mercadoria.

O Homem possui uma igualdade fisiológica e uma diversidade cultural e se as mercadorias existem é porque foi o homem que as fabricou através do fruto de seu trabalho social. Trabalhar socialmente não significa necessariamente trabalhar em conjunto. Pode um homem sozinho trabalhar e produzir valor de uso social. Trabalhar sozinho não significa que o trabalhador esteja produzindo apenas para si. Pode perfeitamente um trabalhador trabalhar sozinho e produzir valor de uso social para os outros. Nem sempre os tatuadores tatuam em conjunto em uma grande loja, existem inúmeros tatuados pelo mundo que confeccionam artesanalmente e sozinhos a técnica da tatuagem. Não é necessário e nem obrigatório que um tatuador se filie a outro para produzir valor de uso social.

O trabalho confeccionado pelo agente individual não retira dele a sua condição humana de produzir valor de uso social. Que condição humana é essa? O homem trabalha (seja ele um pintor de quadros ou um tatuador de corpos), mas ele (o trabalhador) não é uma máquina, ele continua sendo um homem carnal. O que significa ser um homem carnal? Ser carnal significa sermos vulneráveis ao fator fisiológico: 1) Independente de sua posição social, todo homem nasce nu (a naturalidade do corpo é a nudez); 2) todo homem procria através do mesmo método: o ato sexual; 3) todo homem necessita se alimentar para sobreviver, mas para isso precisa vender a sua força de trabalho (exercer uma função social em troca de um salário fixo ou então de uma remuneração adquirida como um agente social autônomo); 4) todo homem necessita expelir as impurezas orgânicas (ao urinar, defecar, gofar, vomitar, transpirar); 5) todo homem ao falecer, entra em putrefação da mesma forma: exalando odor. Assim, diante dessas constatações é que podemos perceber e também afirmar que toda a humanidade é igual (fisiologicamente) e é ao mesmo tempo diferente (culturalmente e socialmente). Os homens pertencem às sociedades diferentes, e, portanto, vivenciam contextos diferentes com costumes diferentes. Assim, biologicamente (fisiologicamente) somos uma unidade e *culturalmente e socialmente* somos uma pluralidade. A unidade é biológica e a *diversidade é cultural e social*. O corpo do homem é individual (biologicamente) e é também cultural e social (através do comportamento). Assim, a

Antropologia estuda o plano cultural e a Sociologia estuda o plano social, ambas as ciências complementam-se dentro das Ciências Sociais.

O corpo é individual porque ele é biológico e é ao mesmo tempo *cultural* e *social* porque ele é *comportamental*. O corpo não vive apenas de biologia. O corpo vive também de *cultura* e *sociedade*. O corpo é *empiricamente matéria* e isso significa que o homem é um ser que o seu fim é decompor-se como todo pedaço de carne (essa decomposição significa o apodrecimento da matéria). Toda matéria orgânica (carnal) apodrece e com o corpo humano não é diferente: trata-se de um corpo carnal que entra em putrefação no término de suas forças motrizes. A vida desde o seu início já é um pedaço de carne. O que é um óvulo senão um minúsculo pedaço de carne? Somos concebidos como carne e findamos como esqueletos. A tatuagem está na carne, ela não está no esqueleto (assim como também não está na alma, ela está na *matéria*).

O consumo de tatuagem no contexto urbano é caracterizado pelo hedonismo (desejo) subjetivo das pessoas que buscam se tatuar. A tatuagem é o desejo subjetivo concretizado em seus corpos. Através dos desenhos que ostentam em seus corpos, as pessoas tatuadas atribuem a si mesmas um caráter individualista. As tatuagens (a escolha do desenho e do local do corpo) são definidas por gostos e preferências pessoais. A tatuagem pode ser interpretada como uma forma de Hedonismo. O que significa Hedonismo? Ele é interpretado como a busca do prazer (é praticar uma ação, como a de tatuar, por exemplo, pelo prazer de possuir a coisa desejada). As subjetividades das pessoas são diversas (com relação à escolha do desenho, à escolha do local do corpo e a sua relação com a dor).

As pinturas em tela a óleo são artes, mas também são mercadorias (porque os quadros são encomendados para serem consumidos pelos apreciadores de arte. Assim ocorre com a tatuagem: ela é encomendada pelos apreciadores de tatuagens). As pinturas em tela a óleo são mercadorias, mas elas não são produções em série. As tatuagens também não são produções em série.

O conceito de indústria cultural implica na relação entre arte, técnica e estética. A tatuagem também implica numa relação entre arte, técnica e estética, mas com a diferença que a confecção de uma tatuagem não é uma produção em série como ocorre com a indústria cultural. As tatuagens são peças, são elementos adaptáveis (por exemplo, o mesmo molde de um desenho pode ser confeccionado por diferentes tatuadores, e também pode ser confeccionado de diferentes formas por cada um deles, assim como também pode ser confeccionado de diferentes formas pelo mesmo tatuador). As tatuagens não são produzidas em série (mesmo que um desenho seja

retirado de um catálogo ou mostruário de desenhos não significa que este desenho venha a ser uma produção em série, isso ocorre justamente pelo fato da mão-de-obra ser distinta entre tatuadores diferentes). O molde pode ser o mesmo, mas a mão-de-obra jamais será a mesma. A técnica é uma condição da modernidade e a tatuagem é uma técnica, mas não é uma técnica produzida em série como ocorre na indústria cultural. A tatuagem escapa à padronização da indústria cultural justamente porque o intuito de cada tatuador é tentar não se repetir, é tentar fazer sempre algo novo (mesmo que seja para criar em cima de um desenho já utilizado anteriormente, reelaborando e modificando características deste desenho como a coloração (alternando e variando as cores), o sombreado (leve ou pesado), o jogo de luzes (fraco ou forte), o tamanho do desenho (pequeno, médio ou grande), o local do corpo (existem inúmeras opções de escolha).

Alfredo Bosi (1992) em *“Dialética da Colonização”* destaca que o Romantismo foi um movimento que se preocupou com o autêntico. A autenticidade é ofuscada na modernidade porque a produção da indústria cultural converte todas as coisas em massificação. O movimento romântico propôs resgatar o autêntico (resgatar tradições para não serem perdidas). A escolha da tatuagem é um processo subjetivo. A arte não é alienação (a criatividade artística não é alienação). A prática da tatuagem é uma arte romântica porque confere ao tatuado uma forma de “escapismo” com relação a essa sociedade burocrática e massificada pela indústria cultural.

A indústria cultural é um conceito sociológico porque ela influencia o comportamento e as escolhas das pessoas. A cultura de massa significa a tendência para a indiferenciação e isso significa que todos consomem e assistem aos mesmos conteúdos. A indústria cultural provoca uma certa passividade que conduz a uma cultura de conteúdos padronizados e produzidos em série.

O sistema de gostos (preferências) é uma análise estrutural (social) na medida em que busca compreender as motivações por trás dessas escolhas. A indústria cultural aparece como um sistema opressor na medida em que dificulta os indivíduos de pensarem por eles mesmos. A televisão é o símbolo da indústria cultural porque à grande maioria dos telespectadores acabam sendo influenciados pelos conteúdos exibidos nela. A indústria cultural incentiva e conduz a anulação da reflexão (os indivíduos não pensam por si mesmos, é o conteúdo televisivo que preenche todo o espaço justamente porque a televisão só fornece o entretenimento). Podemos perceber a existência de “modismos” dentro da indústria cultural que tendem a ser imitados pela

grande massa, mas podemos perceber também que nem todo tatuado age ou se tatua influenciado por um efêmero modismo. Seria um grave erro colocar todos os tatuados (os “modistas” com as suas minúsculas e pequenas tatuagens e os “autênticos” com as suas gigantescas tatuagens). Também não podemos cair no equívoco de pensar que toda tatuagem pequena é fruto ou influência de um modismo.

A tatuagem faz parte de um processo histórico e social e na contemporaneidade a tatuagem passa a ganhar mais autonomia quando ela passa a fazer parte de um mercado. Em “*Mozart: Sociologia de um Gênio*” (2009), podemos observar que nos séculos XVIII e XIX os pintores de quadros em tela a óleo não possuíam autonomia para compor suas obras. Havia uma falta de autonomia do artista dos séculos XVIII e XIX porque o seu panorama de criação era reduzido ao sofrer censura da Igreja e da Corte. Assim, só com o aparecimento do mercado é que o panorama de criação artística passa a ser ampliado porque deixa de sofrer as interferências da Igreja e da Corte. Em pleno século XXI, ao menos os artistas (pintores, escultores, tatuadores) deixaram de sofrer as influências da Igreja como ocorria antigamente.

Como entender o gosto por tatuagens como um processo social? O gosto implica em subjetividade, mas o gosto também implica em *valor de uso*: é porque a tatuagem possui um valor de uso que ela passa a ter um significado subjetivo: é o valor de uso da tatuagem que confere a subjetividade da escolha em ter se tatuado.

A tatuagem é um elemento cultural porque tudo o que é criado, elaborado, confeccionado, produzido por um agente humano é um elemento cultural. A tatuagem pode ser vista como uma mercadoria porque a tatuagem está no mercado e estando no mercado ela está disponível a vários tipos de consumidores. A tatuagem é uma arte que instaurou um novo valor: o valor de exibição. Na atualidade a arte possui autonomia (a tatuagem também adquiriu uma autonomia). Para Bourdieu (2007) em “*A Distinção*”, o conceito de estilo de vida é um conceito sociológico (o gosto estético é um conceito sociológico tanto quanto são as práticas esportivas, as práticas de lazer, os hábitos alimentares).

Como os nossos interesses são criados? Como os interesses subjetivos e objetivos são criados? Eles são criados a partir do *valor de uso* que possuem para nós. A *subjetividade* está relacionada ao *valor de uso* que fazemos das coisas que escolhemos consumir. Então, qual o valor de uso da tatuagem? Podemos entender o valor de uso da tatuagem ao observar o que a tatuagem proporciona ao seu portador: 1) a tatuagem proporciona uma modificação estética; 2) a

tatuagem proporciona uma demonstração de resistência e coragem; 3) a tatuagem proporciona um embelezamento de determinada região do corpo; 4) a tatuagem proporciona a exibição de sensualidade (tanto feminina quanto masculina).

O ritual é um fato social total (a tatuagem é um ritual, a sessão de tatuagem contemporânea também é um ritual). A tatuagem, por ser um ritual ela é um fato social total. Entender as trajetórias individuais não significa fazer psicologia, significa a tentativa de compreender os elementos motivacionais das pessoas que buscam tatuar o corpo relacionando ao valor de uso que as tatuagens possuem para elas. A excitação é uma sensação. A expectativa pelo resultado final da tatuagem condiciona o estímulo à excitação. A expectativa causa excitação e curiosidade no tatuado que espera a finalização da sua tatuagem. Assim como ocorre com a Ciência, a arte também pode estar voltada para a realidade concreta. Porque a tatuagem é uma realidade concreta? A resposta deve-se ao fato da tatuagem ser indiscutivelmente uma experiência corporal de dor com a finalidade de se alcançar uma modificação estética.

3.5: A Tatuagem sob o advento da Modernidade

Leusa Araújo (2010) em seu livro *“Tatuagem, Piercing e outras Mensagens do Corpo”*, descreve que a redescoberta da tatuagem no mundo moderno surgiu através do desembarque do capitão inglês James Cook no século XVIII nas Ilhas da Polinésia (e do contato que ele teve com os povos aborígenes da Polinésia que possuíam o costume de tatuar definitivamente os seus corpos com motivos tribais). Então, a partir do som emitido pela execução da perfuração na pele com o auxílio de uma espécie de martelo ou machadinho de tamanho pequeno para martelar os ossos finos de animais que eram utilizados para as perfurações na pele usados para se fazer os traços em cor preta. Através do som emitido pelas marteladas, foi criada uma onomatopéia por James Cook advinda do som escutado por ele: *“tatau”* que posteriormente foi transformada na palavra inglesa *“Tattoo”*, que em português foi denominada de *“Tatuagem”*. A Polinésia foi o berço da origem da palavra *“Tattoo”* porque foi lá onde surgiu a onomatopéia que deu origem à palavra (pois havia a prática e a técnica mas não havia uma denominação moderna para tal prática e tal técnica).

Toni Marques (1997) em seu livro *“O Brasil Tatuado e Outros Mundos”* salientou que a máquina elétrica de tatuagem alcunhada de *“Dermógrafo”*, foi inventada em 1871 e patenteada em 1891 na cidade de New York pelo irlandês Samuel O'Relly. Mais tarde, em 1929 Percy Waters fez pequenos reajustes no modelo do *Dermógrafo* e patenteou a nova versão que é utilizada até hoje. Porém, a

tatuagem com máquina elétrica chegou ao Brasil bem tardiamente, apenas em 1959 (na segunda metade do século XX) através do dinamarquês Knud Harld Likke Gregersen, que possuía o apelido de Lucky Tattoo. Foi Lucky Tattoo quem introduziu a técnica de tatuar moderna no Brasil e inseriu o Brasil dentro do universo da tatuagem contemporânea (não mais realizada com ossos pontiagudos de animais e nem com objetos cortantes), mas sim realizada com o Dermógrafo (que consiste em uma máquina elétrica onde as perfurações dos traços na pele são realizados com agulhas finas soldadas em uma haste de aço cirúrgico que é introduzida dentro do Dermógrafo e a eletricidade impulsiona as agulhas, que estão presas à haste, a entrarem na pele com mais velocidade).

Mas a criação do Dermógrafo não significa que a técnica da tatuagem tenha se tornado algo simples e que todos que manejam e manipulam o Dermógrafo o fazem do mesmo jeito. Pensar assim é um equívoco, porque nenhum tatuador do planeta tatua da mesma forma. Cada tatuador possui o seu próprio estilo de tatuar. Da mesma forma que a invenção do lápis ou da caneta não retirou o mérito da criatividade daquele que elabora um desenho por conta própria, assim com o tatuador não é diferente: a criação do Dermógrafo não retirou o mérito da arte de possuir criatividade daquele que tatua por conta própria. Assim como a invenção do lápis e da caneta deu mais firmeza à mão que a segura para poder escrever, a invenção do Dermógrafo deu mais firmeza à mão que a segura para poder tatuar. O lápis e a caneta são muitíssimo mais leves de serem manejados do que o Dermógrafo que é visivelmente mais pesado de se manejar. Ser mais pesado requer mais esforço das mãos e dos punhos na hora em que se está executando a inserção de um desenho na pele de alguém. O Dermógrafo surgiu para dar mais velocidade à perfuração. A velocidade da máquina tem a ver com o advento da modernidade. Velocidade significa maior praticidade.

Toni Marques (1997) destaca que a prática da tatuagem e a técnica antiga da tatuagem surgiu com os povos de civilizações e populações mais antigas (como os polinésios, como os Maoris, como algumas tribos Indígenas brasileiras), mas é inegável que o Dermógrafo surgiu com o advento da Modernidade. Com a Revolução Industrial o mundo das máquinas sofreu uma revolução e com o universo da tatuagem não poderia ser diferente: a técnica da tatuagem foi contaminada pelo advento das invenções da Modernidade. O Dermógrafo (a máquina de tatuar) é uma invenção da Modernidade. As agulhas (soldadas a uma haste de aço cirúrgico) que são utilizadas para se fazer os traços das tatuagens é uma invenção da Modernidade. A variedade das cores das tintas de tatuagens também é um advento da Modernidade (antigamente praticamente só existiam duas cores de tintas para tatuagem: o preto-azulado do jenipapo e o vermelho do urucum). Hoje há todas as cores de tinta para tatuagens (preto, azul escuro,

azul claro, verde escuro, verde claro, vermelho escuro, vermelho claro, laranja, amarelo escuro, amarelo claro, rosa, lilás, vinho, marrom claro, marrom escuro, cinza, branco, etc). A variedade dos estilos de desenhos para tatuagens é uma condição de Modernidade (Tribal, Oriental, Comics, Old School, New School, Realismo, Caricaturas, Biomecanismo, Black and Grey, Animais, Florais, Símbolos, Mitologias, e tantos outros estilos).

Foi concedida uma maior visibilidade ao cenário da tatuagem no Brasil ocasionado pela abertura de um Museu da Tatuagem na cidade de São Paulo. O Museu da Tatuagem foi uma iniciativa colocada em prática pelo tatuador brasileiro apelidado de “Polaco” (seu nome verdadeiro é Elcio Antônio Sespede). Polaco é um tatuador brasileiro reconhecido internacionalmente. O Museu foi intitulado de “Museu Tattoo Brasil” e sua inauguração ocorreu em abril de 2004 no Centro Velho de São Paulo.

O cenário da tatuagem no Brasil estava necessitando de um espaço reservado a uma parte da História da Tatuagem brasileira. Notamos que se há uma história da Tatuagem entre populações antigas indígenas, é porque a tatuagem é uma prática e é uma técnica racional. É preciso ser um animal racional para tal elaboração: elaborar um ornamento sobre o próprio corpo ou sobre o corpo de outro homem. O homem é um animal dotado de racionalidade e por possuir razão, é o único animal consciente daquilo que faz com o seu corpo. As transformações que o homem causa em seu corpo são manifestações da sua cultura. A tatuagem é uma manifestação cultural como tantas outras que existem. Nenhum outro animal é capaz de transformar conscientemente o seu corpo (seja por voluntariedade, seja por normas sociais, seja por vaidade, seja por modismo).

Fonseca (2006) em seu estudo sobre *“A Identidade à Flor da Pele: Etnografia da prática da Tatuagem na Contemporaneidade”* destaca que o homem é um ser social (ele vive em uma sociedade que possui características culturais que costumam regular o comportamento da coletividade e a tatuagem na contemporaneidade é uma maneira de tentar se diferenciar dos outros homens de sua sociedade (para legitimar traços de individualidade). Fonseca (2003) em sua pesquisa realizada no Studio Experience Art Tattoo em Florionópolis sobre *“Tatuar e ser Tatuado: Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem”* salientou que enquanto nas sociedades indígenas as tatuagens uniam o tatuado à coletividade, nas sociedades contemporâneas as tatuagens servem para diferenciar as pessoas umas das outras. Enquanto nas sociedades indígenas os motivos dos desenhos a serem tatuados obedeciam a padrões únicos, obedeciam a um tipo de padronagem para unir o tatuado à sua tribo, nas sociedades contemporâneas os motivos dos desenhos não obedecem mais a um tipo específico de padronagem (os desenhos não são mais objetivados), ao contrário disso, os motivos dos desenhos que são tatuados nos

corpos das pessoas passam a ser uma escolha subjetiva (os desenhos são subjetivados). Fonseca (2003) ressalta que tatuar o corpo é uma forma de construção da subjetividade devido ao homem poder inscrever em seu próprio corpo uma marca (artística) que o identifica.

Assim, o corpo é o maior patrimônio que o homem possui (patrimônio não é apenas a casa que o homem habita, o carro que o homem se locomove e os bens materiais que se possui. O corpo é o patrimônio do homem porque a casa, o carro e os bens materiais são adquiridos através do fruto de seu *trabalho* ou através de sua *herança*, e o corpo é *ontológico* para todo homem já que o corpo é a herança genética que recebemos dos nossos pais e é a *cultura* que recebemos da *sociedade* que fazemos parte). O corpo é o seu cartão de visita, é o seu cartão-postal (é através do corpo que exibimos a nossa aparência diante dos outros). Sendo o corpo o patrimônio do homem, o homem utiliza o seu corpo exteriorizando tudo àquilo que possui relevância para ele. A tatuagem é dotada de relevância porque se trata de uma marca simbólica que o tatuado sofreu para adquiri-la. O sofrimento enfrentado e suportado pelo homem congratula a tatuagem de relevância para aquele que a carrega. Todo homem, mesmo que esteja inserido em ações coletivas, ele possui consciência própria para escolher qual desenho colocar e qual região do corpo escolher. O corpo tatuado atua como um mediador entre o nível social (de aprovação ou reprovação geradas pela sociedade em que vive) e o nível individual (das escolhas com relação ao desenho e o local que será inserida a tatuagem).

De acordo com Teixeira (2006) em seu estudo sobre “*Intensidades Corporais e Subjetividades Contemporâneas: uma reflexão sobre o movimento da Body Modification*” podemos perceber que embora o homem viva em sociedade (em coletividade), o homem atua de acordo com os seus desejos. A vontade de se tatuar é um desejo e o ato de se tatuar é o desejo colocado em prática. A cultura age como um decodificador dos desejos humanos. Os homens não são apenas como robôs que reproduzem apenas o que a sociedade ou as instituições sociais lhe ditam e lhe exigem. Se fosse assim, na contemporaneidade não haveria ninguém tatuado, pois é mais comum um homem ser persuadido por sua família, pelo mercado de trabalho ou pela religião a não se tatuar. Mas o que ocorre é o inverso: apesar de toda persuasão de desistência, o que mais se vê são o número de pessoas tatuadas aumentarem nas ruas. Sinal de que estas pessoas não agiram como robôs que obedecem ordens da sociedade ou das instituições que a cercam, mas que os seus desejos falaram mais alto do que as normas sociais que costumam persuadir para que as pessoas desistam de se tatuarem. É através do corpo que estão instauradas as especificidades culturais. É o corpo quem recebe normas, regras e valores de uma sociedade, justamente porque o corpo é o intermediário entre o indivíduo e o ambiente físico e social

que o cerca. A questão é evidenciar qual é o sentido do ato de tatuar-se para os que se tatuam? O sentido não trata-se de uma força motivacional unicamente psicológica, mas sim de uma força motivacional social (podemos observar através do convívio social que todas as formas artísticas culturais e sociais que nos agradam advém da exterioridade e portanto a tatuagem é uma técnica artística cultural e social advinda da exterioridade e que é adotada por muitos jovens da atualidade). A tatuagem não é uma arte construída psicologicamente, antes ela é uma arte construída socialmente.

De acordo com Osório (2006) em seu estudo sobre *“O Gênero da Tatuagem: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro”* podemos observar através da mídia (através de celebridades como atores, atrizes, músicos dos mais variados estilos e atletas das mais diversas modalidades) que o universo da tatuagem e o número de pessoas tatuadas vem aumentando desde a última década. Esse aumento pela procura em tatuar o corpo nos permite pensarmos neste fato (a tatuagem é um fato social) como o resultado de uma sociedade desacreditava nas convencionalidades impostas pela ciências positivistas que pregava um ideal civilizatório em demasia. O período glorioso que havia sido prometido pelos ideais de progresso (muito forte no século XIX) caíram por terra e os diversos grupos sociais foram se dando conta disso de diferentes formas. A cultura contemporânea consumidora de tatuagem busca recriar através dos desenhos inseridos em seus corpos o universo em que vive, evidenciando isso em forma de marcas corporais as mudanças culturais que ocorrem em seu tempo. Todo ornamento corporal é uma forma de manifestação. Tatuar (ornamentar o corpo) é manifestar-se. Como o corpo se manifesta? O corpo se manifesta através da esteticidade (ilustratividade) que a tatuagem lhe proporciona. A tatuagem confere esteticidade (ilustração) ao corpo.

De acordo com César Sabino (2007) em seu estudo sobre *“Tatuagem, Gênero e Lógica da Diferença”* ele dá visibilidade ao corpo dos homens e ao corpo das mulheres que são freqüentadores das academias de musculação e evidencia que há distinções entre os desenhos masculinos (que possuem uma conotação mais agressiva) e os desenhos femininos (que possuem uma conotação mais delicada) e há também desenhos unissex (que são utilizados por ambos os sexos). O autor evidencia que as preferências dos homens e das mulheres são bem distintas levando em consideração à lógica da diferença estabelecida pelo gênero. Assim, percebemos que o tatuado, ele pode agir como indivíduo ou como grupo. O tatuado é indivíduo e grupo ao mesmo tempo. É indivíduo na medida em que o seu corpo é determinado por suas escolhas. É grupo na medida em que o seu corpo por estar marcado (ilustrado, pintado, modificado) de alguma forma (independente do desenho que possua e do local do corpo que ostente) como muitos outros corpos também estão. Então, se muitos outros indivíduos estão assim

(ostentando figuras tatuadas em seus corpos) eles passam a ser um grupo que compartilha interesses semelhantes: o gosto, a apreciação, a admiração que possuem por tatuagens.

De Através dos veículos de comunicação é possível conhecer novos tatuadores, tatuadores de diversas localidades e devido a essa intensificação de possibilidades (por exemplo, há tatuadores do Japão à Austrália, da Austrália ao Brasil) é o que faz com que o fenômeno da tatuagem deixe de ser um evento local (uma prática local) para ser um evento global (uma prática global e geral como diria Durkheim). Mas se formos pensar à maneira de Marx, observaremos que tatuar o corpo é uma transformação da realidade (o corpo é realidade). O corpo é matéria, e sendo matéria percebe-se que ele é real, que ele é concreto.

Vivemos numa época pós-industrial e a tatuagem sobreviveu e existe em nossa sociedade pós-industrial tanto quanto existia nas sociedades indígenas e aborígenes. A época atual que vive a tatuagem surge como uma forma de negação, como uma forma de rompimento, como uma forma de abandono do que era o mundo moderno no início do século XX (muito padronizante pelos ideais de progresso a todo e qualquer custo). O progresso do início do século XX pretendia modelar as pessoas como se esteticamente elas fossem uma coisa só. O padrão estético dominante das pessoas do início do século XX era praticamente o mesmo: ninguém se diferenciava de ninguém (ao homem predominava o culto à barba bem feita, aos cabelos cortados, ao uso de ternos e gravatas, paletós, chapéus na cabeça e sapatos sociais; à mulher predominava os vestidos até o joelho, os cabelos cortados na altura dos ombros, decotes discretos). O padrão estético das pessoas do início do século XXI mudou muito (aos homens e às mulheres tudo é permitido: todos tatuam seus corpos da forma que querem e no local que preferem, isto porque a escolha do local é determinado pelo tatuado).

CAPÍTULO 4

UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA SOBRE O CONSUMO DA TATUAGEM CONTEMPORÂNEA

4.1: A Tatuagem sob a Ótica da Sociologia do Consumo

Há novas abordagens culturais sobre o consumo. O ato de consumir não é algo exclusivo das sociedades contemporâneas, já que o consumo esteve e está presente em qualquer tipo de sociedade humana. É através do consumo que é possibilitado se reproduzir física e socialmente, e é neste sentido de reprodução que seria equivocado empregar o consumo como apenas um ato supérfluo e ostentatório. Claro que existe o consumo supérfluo e ostentatório, mas generalizá-lo e reduzi-lo a este ponto de vista seria fazer indevidamente uma crítica universalizante a todo tipo de consumo. Tudo à nossa volta é um consumo: o alimento que nos sustenta, a roupa que nos veste, o desenho que se tatua, a música que se ouve, o filme que se assiste, o livro que se lê. As atividades triviais como comer, beber, vestir-se, ornamentar-se, estabelecem significados, onde o fluxo da vida social dos sujeitos, sua identidade, suas relações e instituições são formadas, mantidas ou modificadas ao longo do tempo de acordo com as suas necessidades. O apego aos bens materiais sempre estiveram presente em todos os tipos de sociedade, mas houve um avanço positivo quando ocorreu a passagem do consumo familiar (as famílias produziam as suas necessidades física e social) para o consumo individual (os padrões alimentares, as atividades de lazer, a escolha de roupas, o comportamento, o visual estético, os ornamentos corporais, etc, se tornou uma escolha soberana do próprio sujeito consumidor).

A premissa do Liberalismo é a de que o indivíduo pode agir livremente e de forma individualista (mas essa atitude foi criticada por Karl Marx na introdução “*À Crítica da Economia Política*” (...), já que o indivíduo não pode a todo momento querer agir livremente e não pode querer ser individualista se é a sociedade que lhe é soberana). Lembremos que soberana é a sociedade, soberano não é o Estado (embora o Estado possa agir de forma opressora e repressora e nestes aspectos Marx era totalmente a favor da abolição do Estado). Marx criticou a liberdade que conduzisse ao egoísmo exacerbado, mas não criticou todas as formas de liberdade (o próprio Marx possuía um “espírito livre” que incentivava à ação política e um exemplo disso foi a sua já citada proposta de abolição do Estado e da Propriedade Privada). Ao que se refere ao uso de tatuagens no corpo, o indivíduo pode sim agir livremente (possuir esse “espírito livre”) na medida em que não está afetando a terceiros porque simplesmente pretende ter o

seu corpo modificado. Já que o corpo pertence ao indivíduo, é compreensível que ele queira tornar-se individualista, pois afinal o corpo é seu e tem que ser uma escolha exclusivamente sua sobre qual o motivo do desenho e a região do corpo que será inserida a tatuagem. Há decisões que os indivíduos são sim soberanos para escolher livremente: assim como não é a sociedade que escolhe por quem as pessoas vão se apaixonar ou com quem as pessoas devem se casar, assim é com a inserção de uma tatuagem: trata-se de gostos, de preferências, de afinidades, de escolhas íntimas e pessoais.

Diante da passagem do consumo familiar para o consumo individual, cada um de nós torna-se o árbitro fundamental de suas próprias opções, onde não existem mais restrições que decidam por nós e para nós: a sociedade nos oferece todas as alternativas e opções de escolha advindas da exterioridade e nós escolhemos as alternativas e as opções de acordo com as nossas preferências. As nossas opções de escolhas elas são sugestionadas do exterior e todos nós adotamos somente àquilo que achamos que melhor nos convém (e tudo que achamos que nos convém está disponível a todos nós através da exterioridade porque é na exterioridade que se concentram todas as possibilidades de opções, de alternativas, de ofertas).

Todos nós somos consumidores desde que nascemos: o bebê consome o leite da mãe, consome a mamadeira, a chupeta, as fraldas, o talco; nós adultos consumimos o café, os alimentos sólidos, os líquidos, as bebidas alcoólicas, os entorpecentes, a pasta de dente, o sabonete, o shampoo, o pente, a toalha, a roupa, o calçado, a maquiagem, os ornamentos, as músicas, os livros, os filmes e muitas outras coisas mais. Assim, do bebê ao adulto, somos todos consumidores: desde que se tenha o “dinheiro” (o dinheiro ganho como fruto do trabalho serve como um *meio*) para adquirir o bem desejado, não há restrições que impeça o consumo daquilo que se deseja. A renda funciona como uma barreira limitada, uma vez que para suprir as necessidades do bebê e a sua própria, a mãe ou o pai tem que possuir os meios pecuniários para fazê-lo. O consumo da sociedade moderna é um consumo individual porque possuímos o direito de escolha (obviamente que dentro dos limites disponíveis) e esse poder de escolha cria indicadores de individualidade, tais como a comida que gostamos de comer, a bebida que gostamos de beber, a música que gostamos de ouvir, o perfume que gostamos de usar, a roupa que gostamos de vestir, o ornamento corporal que gostamos de usar, o desenho da tatuagem que gostamos de usar, ou seja, tudo isso são propriedades de um sujeito específico, e, portanto, conscientes do que querem. Tudo o que se consome é consequência do poder aquisitivo do sujeito (o dinheiro) e dos valores culturais (os gostos, as preferências, os estilos de vida, etc) que orienta o ato de consumir. Por exemplo, para Weber a subjetividade é um poder de escolha (orientado por valores histórico-culturais). Desse modo, a tatuagem

atua como uma escolha subjetiva de um sujeito objetivo. Há, portanto, uma objetividade na subjetividade do sujeito tatuado. A tatuagem é um objetivo subjetivo.

4.2: A Tatuagem sob a Ótica do Consumismo Moderno

Fazer referência à Antropologia do consumo implica entre outros fatores ressaltar questões como: sociedade, cultura, consumo de bens como formas complementares, pois o consumo permite uma construção da identidade e do estilo de vida do indivíduo como expôs Livia Barbosa em seu livro *“Sociedade de Consumo”* (2004). Podemos então perceber que a tatuagem faz parte da construção de identidade do indivíduo tatuado. Sendo assim, Livia Barbosa expressa que o ato de consumir é uma atividade presente em toda e qualquer sociedade humana, mas também que a cultura de consumo ou de consumidores são práticas culturais dos indivíduos propensos a consumir, seja este consumo tido como supérfluo ou como necessidade básica. A tatuagem, embora não seja uma necessidade básica, ela não é supérflua (porque se trata de um minucioso trabalho manual confeccionado artesanalmente).

Mary Douglas em seu livro *“O Mundo dos Bens”* (2004), salienta que os bens sendo ele necessidade física ou psíquica, todos os bens são portadores de significado e o significativo está na relação entre todos os bens. A tatuagem é um bem que é portadora de significado. Os bens também são usados como marcadores podendo haver marcação privada ou pública. Os bens são usados como marcadores e sendo a tatuagem um bem ela pode conter marcação privada (individual) onde a tatuagem aparece como uma marca individual nas sociedades contemporâneas, assim como também a tatuagem pode ser uma marcação pública (a tatuagem pode atuar como uma marca coletiva quando representava o pertencimento a uma tribo específica ou um grupo específico). Sendo assim, o consumo é visto por Mary Douglas como um meio usado para marcar um processo interno de classificação do indivíduo, que deve buscar tanto a extensão como a síntese. Ela diz ainda que o consumidor precisa dos bens para prestar como para obter serviços de marcação, mas também um homem por ser um ser social, logo ele precisa dos bens para comunicar-se com os outros e para entender o que se passa a sua volta, ou seja, os bens servem como uma forma de controle através da informação. Podemos acrescentar que a tatuagem também pode ser vista como uma forma de informação (porque a tatuagem é comunicação. O corpo é um sistema de comunicação). Mary Douglas coloca também que os bens revelam sua utilidade no esquema total de períodos a que servem, descobrindo uma relação de status que se mantenha entre

períodos no uso e uma escala de rituais de consumo, onde a tecnologia do consumo pode ser localizada em propriedades sociais significativas.

O tema do consumo costuma envolver uma crítica moral sobre as desigualdades do capitalismo, mas Livia Barbosa aponta que uma nova onda de interesses teria se estabelecido desde a década de 1980. Então, a que aspectos se refere Livia Barbosa para analisar esta mudança de perspectiva? A crítica moral sobre o consumo estava voltada sobre as desigualdades geradas pelo capitalismo, que é um sistema de exclusão. A partir da década de 1980, houve um revisionismo sobre as teorias do consumo, a partir de análises sociológicas. O consumo pode ser entendido como uma “livre-escolha” que reafirma a liberdade individual (mas isto não significa que a livre-escolha não seja informada por aspectos culturais, inclusive valores, que deste modo, tornam o ato de consumir algo eficaz para demarcar gostos e sentidos. E isso é uma forma de identificação com pessoas e valores). Na modernidade tornou-se perceptível que possuir uma tatuagem é uma questão de livre-escolha.

Ao descrever características sociológicas da sociedade de consumo, Livia Barbosa reúne argumentos desse subcampo das Ciências Sociais (que é a Antropologia do Consumo através da análise de Mary Douglas) juntamente com a análise sociológica de Pierre Bourdieu.

Pierre Bourdieu, em sua obra *“A Distinção”* (2007) argumenta que as necessidades culturais são produto da educação e que todas as práticas culturais (visitas a museus, a concertos, a exposições, a frequência de leituras e as preferências em matéria de literatura, pintura ou estilo musical) estão estritamente associadas ao nível de instrução do indivíduo ou das classes sociais (onde o diploma escolar, assim como o número de anos de estudo que foram cursados possuem relevância quando se trata dos distintos gostos entre as distintas classes sociais). Há toda uma hierarquia socialmente reconhecida sobre o nível de conhecimento das artes (através de gêneros, escolas ou épocas) e que corresponde a uma hierarquia social dos consumidores (isto é, as pessoas consomem de acordo com a classe social a que pertencem). Isso é o que predispõe os gostos a funcionar como marcadores privilegiados da “classe”. Significa então que a nobreza cultural possui seus títulos discernidos por uma educação escolar mais refinada, ou ainda, por ascendência (pela qual é avaliado o grau de nobreza).

Bourdieu (2007), ao avaliar as formas de consumo, percebe que a origem dos bens que são consumidos, assim como a forma de consumi-los varia de acordo as categorias distintas de agentes. Ele argumenta que a competência de avaliar, de apreciar, de julgar são maiores quando está relacionado ao número de anos dedicados aos estudos, o que faz garantir ao indivíduo ou à nobreza, um capital cultural

herdado de família ou adquiridos através da escola. O capital escolar é avaliado pelos diplomas ou títulos obtidos. E com relação ao universo da tatuagem, o que podemos perceber atualmente é que a iniciativa de tatuar o corpo não se restringe às baixas camadas (atingindo também a classe alta e as pessoas com maior nível de instrução). A distinção entre os tatuados de agora se deve aos clientes que recorrem a tatuadores profissionais e pagam mais caro pelo serviço e mão-de-obra e aqueles clientes que recorrem aos tatuadores amadores ou iniciantes porque não possuem recursos para pagarem por uma tatuagem mais cara e de melhor qualidade.

O consumo, que antes era visto somente para suprir as necessidades básicas familiar, agora é tido como uma escolha soberana e individual. Possuir tatuagens é uma escolha soberana e individual. O indivíduo escolhe por si só, o que comprar, como pagar e o que vai usar. O uso de tatuagens também é uma escolha.

O consumo é fundamental em qualquer sociedade, tanto que nas sociedades mais arcaicas já existia o consumo, como na nossa sociedade. Consumir não é uma característica exclusiva da nossa sociedade: o consumo já existia nas sociedades antigas e existe na nossa. A diferença é que a importância dada ao consumo foi muito enfatizada em nossa sociedade, o que nos faz ter uma falsa ideia de que só nós contemporâneos somos sujeitos consumidores, e isto não é verdade. Inclusive o uso de tatuagens já existia antes do advento da modernidade e tomou um novo fôlego com o advento dela. Pois bem, o consumo moderno é caracterizado pela liberdade de escolha dos indivíduos. No consumo, não há a obrigatoriedade do que vai ser consumido: ninguém é obrigado a comprar, a consumir aquilo que não gosta e aquilo que não quer. Não há punição para o não-consumo. Na medida em que ninguém é obrigado a consumir, também não há a obrigatoriedade da compra. Não há a obrigatoriedade de se tatuar. Quem se tatua, tatua-se porque quer, porque sentiu vontade e essa sua escolha deve ter lhe proporcionado prazer (por ter sido uma ação praticada de forma consciente). Há casos em que há pessoas que se deixam influenciar pela mídia (por artistas e celebridades) e a procura por essas tatuagens são chamadas de “tatuagens comerciais” justamente porque são feitas inspiradas em tatuagens já existentes em personalidades públicas e que querem ser copiadas por pessoas comuns. Mas o universo da tatuagem não se limita a esse tipo de cliente que costuma reduzir a técnica da tatuagem (que é minuciosa e detalhista) a trabalhos meramente comerciais. A maioria das pessoas que buscam as chamadas “tatuagens comerciais” costuma tatuar desenhos pequenos como estrelas, ideogramas, símbolos, nomes, frases. Percebe-se que os tatuados não se limitam a desenhos pequenos e comerciais

(há inúmeros tatuados que recorrem a desenhos exclusivos e a trabalhos minuciosos e que requerem uma fração de tempo muito maior que esses chamados “desenhos comerciais”).

No livro “*Cultura e Consumo: Novas abordagens ao Caráter Simbólico dos Bens e das Atividades de Consumo*”(2003), Grant McCracken , ao ter estudado a moda e suas relações com as práticas contemporâneas do consumo, ele sugere uma revisão do modelo teórico proposto inicialmente por Simmel (a teoria do efeito “trickle-down”). Segundo McCracken, os grupos sociais poderiam ser definidos não apenas em termos das diferenças de status social hierárquico, mas também, em termos das diferenças estabelecidas pelo sexo, pela idade e pela etnicidade dos sujeitos ou dos grupos sociais. A questão colocada por McCracken sobre a teoria original de Simmel é a de que devemos considerar as transformações contemporâneas das formas de consumo na era do capitalismo.

Quando a teoria trickle-down foi criada por Simmel, era para analisar a descrição da mudança na moda dos séculos XVI, XVII e XVIII. No entanto, essa teoria deve ser adaptada para que possa ser aplicada nos dias atuais. A teoria de Simmel é caracterizado pelo princípio da imitação (grupos sociais inferiores adotava o vestuário dos grupos superiores) e é caracterizado pelo princípio da diferenciação (grupos superiores reinventam, criam um novo modelo de vestuário para se diferenciarem). Nos dias atuais, no entanto, não se deve mais utilizar a estratificação social (superiores e inferiores) para demarcar o status, mas que é possível que outras categorias, tais como o gênero (masculino ou feminino), a idade (crianças, jovens, adultos e idosos), o fenótipo (brancos, negros, pardos, amarelos, orientais, etc), é que podem hoje fazer estas demarcações. Isto porque a teoria de Simmel nos dias atuais é bastante limitada pela sua “bipolarização” (superiores e inferiores), e sabe-se que a tendência atual é uma “multipolarização” (estando agrupadas outras categorias).

Mas ainda assim, mesmo que a teoria “trickle-down” tenha caído em desuso, a moda em si ainda continua sendo difundida no seio da sociedade, não necessariamente para atribuir um caráter distintivo, mas para atribuir um caráter “sugestivo”. Quem adota algum tipo de moda hoje em dia não a adota por uma questão de distinção, mas por um caráter de sugestão. Se a moda hoje fosse ainda utilizada para empregar um caráter distintivo, ela não seria sugerida, uma vez que toda sugestão tende a “massificação”. E como poderia então uma moda massificada ser distintiva? Portanto, a moda atual não é distintiva, mas sugestionada por múltiplas categorias que criam e recriam, que constroem e reconstroem a moda constantemente e esses rápidos padrões de mudanças acabam sendo adotados pelos diversos segmentos da sociedade (através do sexo, da idade, da etnia, etc).

Outra questão colocada por McCracken (2003) em seu livro *“Cultura e Consumo”* aborda o que ele chamou de “significado deslocado” ao refletir sobre os bens de consumo. O futuro é versátil, é dotado de várias possibilidades, não tendo limites para a imaginação. Já o passado dispõe de mais autoridade que o futuro pela demonstração, pelo fato ocorrido, podendo se mostrar em algumas ocasiões, inconsciente e inconveniente por não mudar o caráter das coisas. Quando um sujeito não possui os recursos necessários para a aquisição de um bem, ele pode fazer uma alocação tendo como ponto de escolha para o seu “refúgio”, o passado ou o futuro. Se a alocação escolhida for o passado, ele pode vangloriar-se, através da “demonstração”, de que num passado recente a sua família dispunha da posse de determinado bem (que hoje é seu objeto de desejo), e transporta-se para esse passado numa alocação que lhe garante a posse; No entanto, se a alocação escolhida for o futuro, que não possui limites, ele pode vangloriar-se “imaginativamente” como sendo o proprietário do seu objeto de desejo.

Então, dessa forma, utilizando o princípio da alocação, o sujeito tanto pode vangloriar-se através de seu passado como alguém que já deteve o poder e a posse daquele objeto, ou então pode vangloriar-se através de seu futuro como alguém que pode conquistar os recursos que lhe garantam a posse do bem que é fruto de seu desejo. Outro significado deslocado seria o exemplo das sociedades industriais, que buscam um tipo de “refúgio” nas sociedades camponesas. O sujeito transporta-se para uma dimensão que não lhe é familiar diariamente. Quem vê “edifícios” e “asfalto” todos os dias, sente vontade de se refugiar no campo, na floresta, na natureza. Por outro lado, quem vê “mato”, “natureza” todos os dias, quer se refugiar na cidade, na industrialização, como uma forma de “novidade” ao tipo de ambiente ao qual está acostumado.

E qual o ambiente social a que está acostumado o tatuado? Podemos dizer que o tatuado surgiu no seio das comunidades tribais da América, da Ásia e da Oceania e expandiu-se em larga escala para os centros urbanos das sociedades industriais européias, podendo hoje o fenômeno da tatuagem ser identificada como pertencente aos dois tipos de sociedades: as sociedades tribais e as sociedades tecnológicas (isso porque a prática surgiu em várias localidades geográficas distintas e a técnica transformou-se e dinamizou-se sob a égide da tecnologia).

Ao discorrer sobre moda e sobre o consumo moderno, tomo como ponto de referência o chamado efeito “trickle-down” e também o “consumo de pátina”. A moda possui curta duração, é uma algo efêmero e o efeito “trickle-down” configura-se em uma visão de cima para baixo (pessoas superiores e pessoas inferiores). O consumo de pátina está voltado para o valor que é dado as coisas antigas, aos objetos antigos: os nobres ingleses ostentam suas relíquias, passadas de geração a geração, tais como

pratarias, retratos, objetos de arte, etc. O consumo de pátina está voltado para a valorização do antigo e raro, em oposição aos objetos modernos e abundantes. O consumo de pátina está voltado para os antepassados, e o consumo de moda (que vive freneticamente em constante mudança) está voltado para os contemporâneos.

Na moda contemporânea, não há um padrão a seguir, porque hoje cada um faz a sua própria moda, cada um se veste como quer, todos podem ser qualquer um: a mesma pessoa pode vestir-se elegantemente hoje e despachadamente amanhã, e assim por diante. A moda hoje não seria a disseminação de um padrão único em que todos devem adotar, mas, ao contrário, adotamos somente aquilo que achamos conveniente adotar (a tatuagem é um exemplo). Cada pessoa cria o seu próprio estilo, de acordo com o que melhor lhe convém (tata o corpo da forma que melhor lhe convém). A moda hoje não seria um padrão, seria vários padrões. Todos usam e abusam daquilo que querem usar e abusar.

No livro “*Cultura, Consumo, Identidade*” (2006), Colin Campbell enfatiza que o consumo moderno não é materialista porque a tendência das pessoas não é a acumulação de bens, mas sim o descarte das mercadorias. Na concepção da Campbell, há uma insaciabilidade de consumir pela aquisição do novo, da novidade. As pessoas consomem não porque querem mais, mas porque querem novidades.

Para Campbell, o consumo propicia o direito de escolha das pessoas, e essas escolhas criam identidades, uma vez que ao nos depararmos com uma série de produtos (com uma série de desenhos para tatuagens, por exemplo), nos identificamos com aquilo que gostamos. E é a partir de nossas escolhas (da escolha do desenho a ser inserido no corpo), que criamos a nossa identidade (que o tatuado cria a identidade dele), e assim reafirmamos quem somos (os tatuados reafirmam quem são). O consumo moderno está voltado para a individualidade, para a insaciabilidade.

A insaciabilidade seria um processo ininterrupto, onde, na medida em que as pessoas são saciadas, surge uma nova modalidade de produto (neste caso, trata-se de variados desenhos e estilos de tatuagem) que as fazem sentirem-se atraídas novamente. A insaciabilidade não quer dizer insatisfação, pelo contrário, os indivíduos se satisfazem com aquilo que foi adquirido (uma tatuagem antiga, por exemplo), mas tornam-se insaciáveis na medida em que surge o “novo” (novos estilos de desenho de tatuagens), faz com que o sujeito comece a sentir uma nova necessidade e ansiedade em satisfazer esse novo desejo (em fazer uma nova tatuagem).

Na sociedade moderna de consumo, a escolha e aquisição dos produtos, das mercadorias, dos objetos de arte, dos ornamentos estéticos e corporais (as tatuagens) são de livre-escolha do indivíduo, onde não são regidas por leis suntuárias e pela sociedade de corte como aquelas analisadas por Norbert Elias em “*A Sociedade de Corte*” (...). Na sociedade contemporânea, o indivíduo é livre para fazer a sua escolha e adquirir o que quiser, desde que tenha os modos pecuniários para fazê-lo.

No livro “*O que são Comunidades Alternativas*” (1985, pp.23-24), o autor Carlos A. P. Tavares ele cita o nome Herbert Marcuse como aquele que via de forma negativa o aumento excessivo do consumo humano e expressou que:

“Para Marcuse, a sociedade tecnológica tanto a ocidental quanto a socialista, mantém um circuito fechado as teses e antíteses, impedindo assim as sínteses criadoras e transformadoras. A sociedade tecnológica aumenta a capacidade de consumo do homem e aumenta o conforto material da sua vida, mas cada vez o imbeciliza e o escraviza mais. Mesmo nos Estados “democráticos” do planeta não há democracia, dizendo Marcuse que a livre eleição dos senhores de escravos não suprime a divisão social entre os senhores e os escravos. Também a livre escolha entre uma grande variedade de mercadorias e serviços não significa liberdade; afinal, estes serviços e mercadorias é o que mantém a alienação do homem. Marcuse coloca o dedo na ferida quando afirma que em nossos tempos a classe operária havia se incorporado ao sistema capitalista e já não podia desempenhar o papel revolucionário que Marx lhe destinara. Para derrubar a burguesia, somente os setores que estivessem marginalizados dentro do sistema como os negros, os jovens, as mulheres, os miseráveis”.

Herbert Marcuse expôs em sua obra “*Ideologia da Sociedade Industrial*” (1967) que ele não via a liberdade de consumo como uma liberdade de fato, isso porque ele acreditava que o consumo ao invés de libertar os homens, acabava aprisionando-os ainda mais. Assim, vamos refletir um pouco a respeito disso que Marcuse falou. Mas como assim? Talvez ele não tenha parado para pensar que tudo àquilo que consumimos trata-se de coisas materiais, trata-se de objetos reais e se podemos vê-los, apalpá-los, testá-los, prová-los e consumi-los, isso significa que só consumimos àquilo que nos interessa levando em conta as nossas preferências (e essas preferências também são produzidas para determinados sujeitos). Não é excessiva demanda que vai nos aprisionar, até mesmo porque as mercadorias existem, as mercadorias estão aí aos montes para acatar a preferência de todos. E o que se sabe também é que não há a obrigatoriedade da compra. Se não há a obrigatoriedade da compra significa que de certa forma os homens são livres para não comprar e para não consumir. Diante de inúmeras opções de escolhas que nos são ofertadas, que nos são impostas, que nos são sugestionadas, que nos são oferecidas, que nos são empurradas em demasia (e isso fez com que Marcuse acreditasse que essa excessiva promoções de ofertas, de demandas e o aumento da capacidade de consumo era o que aprisionava os homens), por

outro lado Marcuse não levou em consideração o não-consumo. É o não consumo que dá credibilidade ao consumo. Mas como assim? Todos nós só consumimos aquilo de que gostamos e aquilo de que não gostamos não nos damos ao trabalho de consumir.

Afirmar que “*a livre escolha entre uma grande variedade de mercadorias e serviços não significa liberdade*” é em parte um equívoco, pois se as pessoas que compõem uma sociedade não são as mesmas, elas não possuem os mesmos gostos, elas não possuem as mesmas preferências, elas não possuem os mesmos hábitos e como o próprio Durkheim já havia expressado que “*os nossos desejos são inconciliáveis*”, ou seja, que os desejos de todas as pessoas são inconciliáveis, então isso pode explicar a existência da grande variedade de produtos que nos estão disponíveis no mercado. Ter uma grande variedade de produtos e mercadorias à nossa disposição não significa e não deve ser visto como uma desvantagem. É justamente essa enorme e gigantesca variedade de mercadorias que proporciona aos homens não viver de repetição, não viver de mesmice, não permanecer limitado a um único tipo de fabricante, não permanecer limitado a um único tipo de fornecedor, não ficar limitado a um único tipo de mão-de-obra. Ter uma grande variedade de produtos proporciona aos homens a oportunidade de revezar nas suas escolhas e decisões sobre o que vai ser comprado e consumido. O que seria de todos nós se não fossem nos dadas as possibilidades de variar de cardápio, de tempero, de vestuário, de leitura, de música, de entretenimento, de lazer? Será que a possibilidade de variação de produtos, de variação de fabricante, de variação de fornecedor realmente significa uma escravização? Será que a escravização não seria justamente o contrário? A escravização não seria não possuir o direito de escolher? A escravização não estaria justamente em não possuir o direito de mudar, de variar, de experimentar coisas novas?

Embora seja transmitido nos noticiários que inúmeras mudanças nas escolhas se dão com o encarecimento de produtos habitualmente adquiridos, fazendo com que as pessoas passem a consumir os produtos mais baratos, ainda assim há múltiplas opções de escolhas (assim como os produtos das marcas mais caras possuem amplas opções de escolha, assim também ocorre com os produtos que possuem uma marca mais barata já que as opções de escolhas também são diversas, mesmo entre as marcas consideradas mais inferiores). Sendo assim, há múltiplas opções de escolha tanto para os melhores produtos quanto para os piores produtos; há múltiplas opções de escolhas tanto entre as melhores marcas quanto para as piores marcas. Dessa forma, o encarecimento de produtos faz as pessoas migrarem das melhores opções de marcas para as piores opções de marcas (e assim como há uma hierarquia entre as melhores marcas, também há uma hierarquia entre as piores marcas).

Com relação à tatuagem, se ela for vista como uma confecção manual e artística que é comercializada por sujeitos peritos, que são os tatuadores, significa que aquelas pessoas que já simpatizavam com o uso de tatuagens podem a qualquer instante vir a fazer uma tatuagem em seu corpo, se esta pessoa em questão for atrás desse

serviço. Por outro lado, não há a obrigatoriedade de consumo de tatuagens para aquelas pessoas que já não simpaticizavam com tatuagens. Não é porque um serviço é oferecido, não é porque um serviço está disponível no mercado que as pessoas devem sentir-se obrigadas a consumir. Assim, só faz tatuagens em seus corpos aquelas pessoas que realmente sentem paixão por essa arte corporal. E as pessoas que aderem à arte corporal que é se tatuar, elas não foram obrigadas e não foram induzidas a este tipo de consumo: o consumo de modificar o corpo inserindo ilustrações.

Assim, quanto mais tatuadores profissionais forem surgindo e oferecendo a sua mão-de-obra no mercado, mais opções de escolha terão àquelas pessoas que buscam se tatuar. A expansão de um mercado (neste caso, o mercado de tatuagens) só traz vantagens para a própria qualificação dos tatuadores que buscam se aperfeiçoar cada vez mais para satisfazer o seu público alvo. A expansão de um mercado não deve ser vista de forma negativa se a expansão visa justamente isso: atender uma demanda de consumidores que já estavam em busca da mercadoria e mão-de-obra ofertadas (neste caso a mercadoria seria a confecção artística de um desenho sobre o corpo e a mão-de-obra seria o desempenho e dispêndio de força muscular e criativa do tatuador na elaboração desse desenho). Também não devemos confundir a “expansão de um mercado” com a “proliferação de maus profissionais” (como ocorre com o curso de graduação em Direito que se prolifera em nosso país e inclusive no Estado de Alagoas). Assim, a “expansão do mercado de tatuagens” não significa sinônimo de incentivo para a proliferação de maus profissionais atuantes nesta área, até mesmo porque os tatuadores possuem uma aptidão para elaborar desenhos desde muito pequenos e essa aptidão vai se desenvolvendo e cresce com a maturidade (é notório que a maioria dos tatuadores foram bons desenhistas antes de aprender a tatuar, caso contrário, se não tivessem sido bons desenhistas antes do aprendizado da técnica de tatuar, certamente teria sido inviável ter aprendido a técnica de perfurar o corpo para inserir ilustrações).

Não existe curso universitário para tatuadores, e quem aprende a técnica de tatuar ou a desenvolve sozinho através da observação, ou então essa técnica é ensinada de um tatuador (o mestre) para o seu aprendiz (o aspirante a fazer tatuagens). Desenhar no corpo é diferente de desenhar na tela ou no papel. Nem todo bom desenhista de telas ou desenhista de papel torna-se um bom tatuador (isso porque as texturas trabalhadas por eles não são as mesmas: a tela, o papel e a pele são superfícies bastante distintas!). A chave para se tornar um bom tatuador, é antes ser um bom desenhista. Mas ser um bom desenhista também não é o suficiente se este desenhista não conseguir desenvolver na pele de uma pessoa o que ele consegue desenvolver apenas na tela ou no papel. Dessa forma, ser um bom tatuador é, além de ser um bom desenhista de telas e um bom desenhista de papel, é ser também um bom desenhista de peles! E como os tatuadores fazem para terem se tornado bons desenhistas de peles? Ora, só há uma maneira: praticando em peles! Só se aprende tatuar praticando desenhar em corpos, não há outra alternativa: deve-se ter experiência com a textura e a textura neste caso é uma superfície dura e carnal. Será que um profissional que lida com o incomum e com a criatividade, será que ele pode ser um trabalhador alienado? Obviamente ou provavelmente, não!

Quando Marcuse expressou que são os “*serviços e mercadorias é o que mantém a alienação do homem*”, em parte, é verdade, mas por outro lado, nem tanto. Se por um lado o homem vende a sua força muscular e intelectual para trabalhar, por outro lado nem todas as profissões, nem todos os ofícios são exercidos de forma alienante, pois, se assim fosse, todos os homens, independente da categoria de trabalho que executam, seriam todos eles sujeitos alienados. Será que é verdade? Será que toda mercadoria produzida pelo homem é fruto de uma alienação? Talvez tenha sido nos primórdios da Revolução Industrial, mas não deve continuar a ser vista dessa forma. Os pintores, os escultores, os tatuadores, eles sabem que eles executam um trabalho técnico, manual e artístico, e sabendo eles que eles são criadores de arte, eles possuem a consciência de que o trabalho deles não trata-se de uma alienação a serviço de um “sistema” controlador. Embora não sejam os tatuadores que escolhem os desenhos que vão ser tatuados (afinal, quem escolhe os desenhos a serem tatuados são os clientes, que são os verdadeiros donos de seus corpos e donos da matéria de trabalho do tatuador: a pele).

O tatuador tatua peles alheias, o tatuador tatua corpos alheios. Tatuar peles e corpos alheios significa que o tatuador não é o dono da matéria sobre o qual ele trabalha (o corpo e a pele são de outra pessoa). O tatuador é dono apenas dos instrumentos de seu trabalho (Esterilizadoras, Auto-claves, Dermógrafos, Hastes, Agulhas, Luvas e Tintas). Percebe-se que o tatuador é o dono dos instrumentos de seu trabalho (as ferramentas que ele utiliza para tatuar), mas ele não é o dono da matéria (o corpo e a pele) da qual ele se utiliza para confeccionar o seu trabalho. O trabalho do tatuador é limitado pela escolha do cliente: o tatuador só pode tatuar aquilo que o cliente quer. Mas isto não significa alienação, até mesmo porque o tatuador possui a consciência de que o corpo e a pele não são de propriedade dele, são de propriedade do cliente que o procurou para ser tatuado. Assim, o tatuador não pode decidir sobre o corpo do outro, pois o corpo do outro não lhe pertence. Mas não significa que devido ao corpo do outro não pertencer ao tatuador que a técnica da execução da tatuagem seja uma alienação, pois obviamente que não é. A técnica da tatuagem não é um processo pedante e nem repetitivo, até mesmo porque as pessoas a serem tatuadas não são as mesmas e os motivos dos desenhos que elas escolhem, assim como os locais do corpo escolhidos por elas não são os mesmos, então o tatuador não vive limitado a um tipo de desenho apenas e não vive limitado a um tipo de local do corpo apenas. Os desenhos e os locais do corpo variam de pessoa para pessoa e isso torna a técnica e a prática de tatuar um processo dinâmico e diversificado (e não alienante).

Quando Carlos A. P. Tavares (1985) destacou que no pensamento de Marcuse “*a classe operária havia se incorporado ao sistema capitalista e já não podia desempenhar o papel revolucionário que Marx lhe predestinara*” ou então quando ele salientou também que “*para derrubar a burguesia, somente os setores que estivessem marginalizados dentro do sistema como os negros, os jovens, as mulheres, os miseráveis...*”, podemos perceber que não apenas a “classe operária” se incorporou ao sistema capitalista como também até mesmo os “setores marginalizados” dentro do sistema como os negros, os índios, os jovens, as mulheres, os miseráveis, assim como também os tatuados, todos eles se inseriram dentro do sistema capitalista. Os negros, os índios, os jovens, as mulheres, os miseráveis, os homossexuais e até os tatuados, todos eles são sujeitos consumidores de

produtos capitalistas. Até mesmo a tatuagem (que era uma prática ritual e simbólica das tribos nativas) na contemporaneidade passou a ser um mercado a ser ofertado assim como tantos outros mercados que existem! Os consumidores de tatuagens contemporâneos pertencem muito mais às classes médias da sociedade (não apenas às classes médias do Brasil, mas às classes médias da sociedade ocidental como um todo). Na contemporaneidade a tatuagem artística passou a ser “elitizada”, na medida em que é um artefato que não custa barato e que nem todos aqueles que a querem fazer possuem as condições financeiras para tal (muitos tatuados poupam dinheiro aos poucos para fazerem a sua tatuagem). Percebemos assim que até mesmo as “minorias”, elas estão inseridas no sistema capitalista. Quem há de negar que os negros, que os índios, que os jovens, que as mulheres, que os miseráveis, que os homossexuais, que os tatuados, que todos eles, não estão inseridos dentro do sistema capitalista?

Mas, estar inserido dentro do sistema capitalista não significa que as pessoas tenham se tornado despersonalizadas, pois o que se percebe é que as categorias que antes se encontravam marginalizadas, agora elas estão reivindicando o seu “espaço” na sociedade (cada vez mais as pessoas estão buscando se articular, mesmo que elas venham se articulando lentamente). Outra coisa que podemos perceber é que tanto os negros, como os índios, os jovens, as mulheres, os homossexuais, os tatuados, etc, todos eles estão buscando se inserir na categoria “trabalho” (pois não é apenas quem trabalha como “operário” que é trabalhador. Há diversos outros tipos de atividades que são executadas pelos negros, pelos índios, pelos jovens, pelas mulheres, pelos homossexuais, pelos tatuados, e todas essas categorias na contemporaneidade vendem a sua força de trabalho de variadas formas para sobreviver). E se todos eles “trabalham” ou ao menos “buscam se inserir em um mercado de trabalho” significa que negros, índios, jovens, mulheres, miseráveis, homossexuais, tatuados, etc, são “sujeitos trabalhadores” que podem sim ser pessoas atuantes na sociedade e tentar ser agentes transformadores da sociedade. E nesse aspecto, as críticas apontadas por Marcuse para Karl Marx não teriam assim tanto fundamento, afinal podem os negros, os índios, os jovens, as mulheres, os miseráveis, os homossexuais, os tatuados não serem de fato um “operariado” da época de Karl Marx, mas não é porque estas pessoas não são o operariado que viveu na época de Marx que significa que elas não sejam pessoas trabalhadoras ou que não estejam em busca de trabalhar e atuar na sociedade. Todo sujeito que outrora foi marginalizado pelo sistema e que buscar ser um trabalhador eficiente e dedicado na contemporaneidade (isto inclui negros, índios, jovens, mulheres, miseráveis, homossexuais, tatuados, etc), ele poderá vir a ser um bom agente da transformação, se assim for da vontade deles! Basta querer!

4.3: Os Tatuados na Contemporaneidade e a sua Inserção no Mercado de Trabalho

Tatuar e ser tatuado é uma experiência social, uma vez que o sujeito carregará consigo a arte produzida pelo tatuador em seu corpo e conviverá com todos os tipos de pessoas (tanto aquelas que o reprovarão com um olhar ignorante, como aqueles que o apreciarão com um olhar fascinado). É por ser

indiscutivelmente “visual” que a tatuagem atrai os olhares das mais diversas pessoas nos locais por onde o tatuado circula. É por ter essa conotação exótica que a tatuagem é uma questão polêmica. Se as imagens visuais fascinam quando o seu plano de projeção é a “matéria inanimada” (papel, tela, tecido, parede), as imagens visuais deveriam fascinar ainda mais quando o seu plano de projeção é o “corpo animado” do ser humano (indiscutivelmente mais complexo). Há mais complexidade em projetar ilustrações num corpo móvel (o homem) do que projetar ilustrações num corpo imóvel (objetos).

A compreensão que temos do corpo é moldado pelo contexto cultural no qual o dono desse corpo está inserido, onde as sociedades se expressam através de diferentes costumes com relação aos diferentes corpos e do uso que é feito deles: a origem do discurso sobre as tatuagens sempre partiram de um discurso visto de “cima”. Fazendo uma retrospectiva, observamos que no século XVI o discurso impositivo de “verdade” sempre partiu da opinião que os colonizadores atribuíram aos índios colonizados (e nunca o discurso partiu dos índios, que eram quem podia narrar o seu próprio contexto).

Na *Carta de Pero Vaz de Caminha* (2002), o que chamou a atenção dos descobridores foram os corpos nus e tatuados dos índios brasileiros. A nudez também chamou a atenção do aventureiro Hans Staden, que fez relatos sobre os índios e observou que eles utilizavam principalmente urucum e jenipapo, onde as marcas tatuadas dos Tupinambás eram realizadas para celebrar nascimentos, celebrar a passagem da puberdade para a idade adulta, nos rituais religiosos, nas danças sagradas, na captura de inimigos e nos rituais de canibalismo.

Mais adiante no século XIX, o discurso sobre as tatuagens partiu da opinião daqueles que defendiam o “progresso” a qualquer custo e os ideais de civilidade (que via a tatuagem como um gesto selvagem, herdado de uma cultura primitiva que os ideais de civilidade tinha pretensões de erradicar). O que fosse considerado “primitivo” ou advindo dele, era suprimido pelo ideal civilizador através da concepção inicial do “*Mau Selvagem*” e do “*Bom Civilizado*” e posteriormente fantasiou-se a figura do índio de uma forma romântica demais através da nova concepção a respeito do “*Bom Selvagem*” e o “*Mau Civilizado*” (LAPLANTINE, *Aprender Antropologia*, 2000). O que podemos perceber é que a figura do indígena quando não era associado às maldades sem escrúpulos era associado a uma bondade excessiva.

Le Breton em “*A Sociologia do Corpo*” (2007) destaca que as gerações que falaram mal do uso de tatuagens foram certamente àquelas gerações regidas sob a égide do pensamento positivista de progresso e que associaram o uso de tatuagens a um pequeno grupo de marinheiros, presidiários ou prostitutas (isso porque desde o período das missões jesuíticas no século XVI., apenas os grupos indígenas

praticavam as técnicas da tatuagem e uma das missões jesuíticas era a de que estes padres modificassem completamente os costumes tribais por costumes cristãos) e assim iniciou-se uma estigmatização durante os séculos seguintes (XVII, XVIII e XIX) e então a geração do início do século XX herdou da geração antecessora todos os resquícios da estigmatização iniciada desde o confronto com a alteridade no século XVI.

Le Breton (2007) destaca que felizmente esses resquícios estigmatizadores a respeito do uso de tatuagens tem se mostrado enfraquecido, pois percebe-se que durante a passagem do século XX para o século XXI a visão que se tem sobre o uso de tatuagens está deixando de ser associada à marginalidade e passando a ser associada como um serviço de estetização. Na segunda metade do século XX, as tatuagens passaram a ser exibidas em locais mais expostos do corpo, ficando mais evidente e vista com mais frequência do que antes, o que foi possibilitado com a modernização dos equipamentos, da técnica, o aperfeiçoamento do espaço físico onde são feitas as tatuagens, a qualidade das tintas, e o profissionalismo dos tatuadores. No início do século XXI, nada mais justo que o discurso seja narrado pelos próprios sujeitos tatuados, e não mais por aqueles que não possuem tatuagens e ainda querem discriminar aqueles que a ostentam!

A tatuagem pode ser considerada como um fato social normal (por ter sido encontrada no seio de sociedades distintas). Ela não se caracteriza como um fato social patológico (porque a tatuagem não é um comportamento que possa interferir na ordem social, ela não compromete o bem-estar das pessoas).

O conceito de “normal” e “anormal” é um conceito relativo (ao usar o relativismo, estamos ponderando as coisas, ficando cientes de que existem culturas e costumes diversificados, que devem ser respeitados sem que voltemos aos preconceitos etnocêntricos), pois não podemos analisar os fatos apenas sob um ângulo. Há variados pontos de vistas para variados tipos de comportamentos (DURKHEIM, 2008). Podemos observar também que há costumes como o da mutilação clitoriana feita em mulheres da África, assim como há a morte de botos na Amazônia por acreditar que partes deste animal possuem uma substância afrodisíaca, mas podemos observar que mutilar o clitóris da mulher africana ou então matar o boto por considerá-lo afrodisíaco são tipos de coerção que não foram aceitos de bom grado nem pela mulher africana e muito menos pelo pobre irracional boto! (mas em se tratando da inserção de tatuagens no corpo este costume era uma coerção que era aceita de bom grado pelos membros das tribos indígenas e aborígenes que adotavam esse ritual para demarcar aspectos de suas tradições). Assim, há uma distinção entre a coerção nitidamente forçada e que é realizada à revelia de suas vítimas (como a da mutilação de clitóris nas mulheres africanas assim como a matança de botos na

Amazônia) e a coerção que não é sentida e é aceita de bom grado (como o idioma, a educação e a religião, e neste caso, também são aceitas de bom grado a pintura corporal e a tatuagem que sinalizam ritos de passagem e que são aguardados com expectativa pelos membros da coletividade, por exemplo).

Em “*A Arte da Prudência*” (2004, p. 62) de Baltasar Gracián, em sua *citação 101* que foi intitulada “*Metade do mundo ri da outra metade, e ambas são tolas*”, ele argumenta que:

“Ou tudo é bom, ou tudo é mau, dependendo do nosso enfoque. O que alguns perseguem outros evitam. É um tolo insuportável aquele que quer regular tudo segundo seu próprio conceito. As perfeições não dependem de um único gosto. Os gostos são tão abundantes quanto os rostos e bastante variados. Não existe defeito que alguém não aprecie, e nem se deve desanimar se algo não agradou a alguns, pois não faltarão outros que o apreciarão; que os aplausos destes não causem desvanecimento, porque os outros o condenarão. A norma da verdadeira satisfação reside na aprovação de homens conceituados que sabem avaliar cada classe de coisas. Não se vive seguindo uma só opinião, um só costume ou um só século”.

Diante do pensamento de Baltasar Gracián, é possível refletir sobre a diversidade que é a subjetividade de cada pessoa. Cada subjetividade é distinta uma da outra: então o que pode ser feio para uma pessoa pode ser belo para outra. O que desagradar alguns pode perfeitamente agradar outros. As apreciações que as pessoas fazem a respeito do mundo ao seu redor são analisadas distintamente entre as pessoas. Dessa forma, parece que não há um entendimento entre as pessoas, já que elas não querem relativizar as coisas, não querem ceder, não querem abrir espaço, não querem permitir que o outro tenha razão, ou, que ao menos, lhe seja concedida à palavra. Pessoas com opinião irrefutável, estagnada, retrógrada, quase nunca olham de bom grado uma obra artística, o que dirá a inserção de tatuagens no corpo humano, considerada um ato de transgressão para os valores conservadores e considerada um ato de enaltecimento da liberdade estética-anatômica para muitos jovens da contemporaneidade. Se os tempos já não são os mesmos (pois não há razão de uma repetição em se tratando de intolerância), não há o porquê de velhos padrões querendo insistir em ditar as regras do que é bom, do que é mau. Cada pessoa possui a sua subjetividade, e age de acordo com ela. Gracián apenas quer destacar que não há um entendimento entre as pessoas quando o assunto em questão são os variados gostos, tanto é que ele expressa que “*os gostos são tão abundantes quanto os rostos e bastante variados*” (percebe-se assim que os gostos das pessoas são tão distintos como são o rosto delas e neste aspecto ele tem razão).

Com relação à inserção dos sujeitos tatuados no mercado de trabalho, ainda prevalece a exigência de uma estética normativa que é excludente com os sujeitos que não se encaixam com a estética predominante. No entanto, não podemos confundir o uso de tatuagens associado a uma aparência de

desleixo, já que o uso de tatuagens exerce hoje um papel justamente oposto: não há sinais de desleixo, mas apenas de uma atitude egocêntrica de manifestação artística e estética (sob uma superfície corporal).

Sobre a questão da inserção dos tatuados no mercado de trabalho, é válido nos propormos a refletir sobre questões como as seguintes:

1) na contemporaneidade todas as pessoas trabalham vestidas, ninguém trabalha nu (a roupa serve para encobrir as tatuagens se este for o caso, e sendo assim nada impede que um tatuado exerça suas funções dentro do cargo exercido);

2) independente da tatuagem está escondida ou não, a realidade é que um ornamento corporal (qualquer que seja ele, mas neste caso o ornamento trata-se de tatuagens no corpo) não retira do sujeito tatuado a capacidade de suas faculdades mentais e o fator primordial para que qualquer pessoa execute funções é que esta pessoa possua capacidade mental, raciocínio lógico, capacidade física, ou seja, são atributos que não são despojados das pessoas só porque estas pessoas optaram por ornamentar seus corpos com tatuagens. As tatuagens inseridas nos corpos dos sujeitos não os despojam de suas faculdades mentais, nem das suas aptidões físicas e sendo assim o simples fato de um sujeito portar tatuagens não o impede de forma alguma que este sujeito delegue bem as suas funções dentro de um cargo;

3) costuma-se apelar para a “boa-aparência” das pessoas candidatas a uma vaga em um emprego, mas isto não é um argumento forte, pois não é porque uma pessoa é tatuada que isto signifique que esta pessoa tatuada não possa se vestir bem ou não possa vestir-se elegantemente. Será que não se trata de um pensamento reducionista achar que toda pessoa tatuada veste-se mal? Ou ainda considerar que toda pessoa tatuada seja uma pessoa mal vestida! Será que isso tem fundamento? Será que na contemporaneidade ninguém nunca se deparou nas ruas com uma pessoa portando uma tatuagem bonita? Será que não se trata de um pensamento reducionista considerar que toda tatuagem agride a imagem de um corpo?

Por que essa teimosia em não querer aceitar que fazer tatuagens em corpos é um costume como qualquer outro, é uma prática como qualquer outra, é uma profissão como qualquer outra (ou um hobby como qualquer outro), é uma escolha como qualquer outra? Por que ao invés de insistir na afirmação de que a tatuagem agride ao corpo, as pessoas não passam a enxergar que uma das funções da tatuagem é justamente o inverso: a intenção não é agredir o corpo, é embelezar o corpo. A intenção não é causar uma agressão simplesmente, mas sim propiciar um embelezamento do corpo através de uma modificação corporal. Toda modificação corporal, independente de outros motivos que estejam

subjacentes, tem a intencionalidade de causar um embelezamento (senão a maioria das pessoas não se tatuariam voluntariamente se fosse para enfeia-las!). Se as pessoas se tatuam voluntariamente é porque independente de outros motivos que lhe são subjacentes, um deles com certeza é o da tentativa de se sentirem embelezadas! Ninguém procuraria um serviço se este serviço não oferecesse resultados positivos (o tatuador é um prestador de serviços e o seu serviço é inserir desenhos em corpos alheios!).

Um portador de tatuagens é um sujeito como qualquer outro: é apto para delegar as suas funções. A estética de uma pessoa não interfere em sua aptidão. Ninguém se torna inapto por causa de sua estética. O preconceito é que costuma erroneamente atribuir à aptidão e a inaptidão de uma pessoa através de sua aparência. O uso de tatuagens não afeta os neurônios dos tatuados, tampouco desvirtua a sua índole, o seu caráter. Por isso o visual de uma pessoa não pode servir como marco valorativo. O marco valorativo deve ser medido e avaliado pela atitude, pela conduta, e não pela aparência. Embora seja a aparência que determina a inserção do candidato ao emprego, já que muitas vezes o “nível de conhecimento” do sujeito tatuado é subjugado devido a sua aparência (GOFFMAN, 1975).

Ao falar do pensamento de Erving Goffman em “*A Apresentação de si mesmo na vida quotidiana*”, Birnbaum (1977, p. 40) no livro “*Teoria Sociológica*”, ele afirma que:

“Quando um indivíduo é posto em presença de outras pessoas estas procuram obter informações a seu respeito, ou mobilizam as de que já dispõem. Preocupam-se com o seu status sócio-econômico, com a idéia que ele próprio tem de si, com suas disposições relativamente a elas, com sua competência, com sua honestidade, etc”.

Os tatuados hoje, não são mais um grupo social que está reduzido a um dado meio social, os tatuados não são mais considerado como pessoas de uma depreciativa categoria (bandidos, presidiários e prostitutas). Dar continuidade hoje à insistência de que jovens portadores de tatuagens são sujeitos degenerados por ostentarem tatuagens em seus corpos, é querer atribuir-lhes uma característica reducionista, na medida em que só consegue enxergar as coisas sob esse ângulo equivocado. É como se a vida e a juventude estivessem estagnadas e as transformações no comportamento social e no padrão estético não fossem possíveis. A tatuagem é um comportamento social que modifica a estética das pessoas e nos tempos atuais não há nada de transgressor em portar tatuagens. O que há na verdade é a procura pelo belo, já que uma das finalidades ao se fazer uma tatuagem, é o objetivo de transparecer beleza. Dessa forma, é até contraditório a repulsa pela exibição de tatuagens em certos ambientes (o que pode ser considerado um tipo de censura), se a tendência é para que se lute pela diminuição dessa

estranheza. Não se pode mais colocar em dúvida à índole do sujeito, atribuindo toda à culpa sob a tatuagem.

Assim, em casa e no âmbito de lazer o sujeito tatuado não precisa camuflar-se, pode ser ele mesmo, já no âmbito de trabalho, ele oculta a sua identidade no horário de seu expediente para não desagradar à sua chefia. Como o indivíduo tatuado é um ser humano como qualquer outro, ele, na condição de trabalhador, necessita vender a sua força de trabalho para sobreviver (MARX, 2007). Como ele precisa ter um emprego para manter-se fisicamente (alimentação e vestuário) e socialmente (lazer, entretenimento), ele tem que sacrificar a sua liberdade de expressão corporal em detrimento da sua liberdade financeira. É através da necessidade de sobrevivência que os tatuados prestam-se ao papel de camuflar temporariamente a sua identidade. Embora os portadores de tatuagens camuflam a sua verdadeira identidade no recinto do trabalho, não significa que ele perdeu sua identidade, já que a sua identidade continua a existir em seu interior (camuflado por suas roupas) e também na sua interioridade, através da sua maneira de pensar.

Diante disso, camuflar o corpo tatuado para poder ser aceito, é uma forma de “privação” e até mesmo de violência. No livro *“O que é Violência”*, de acordo com Odalia (1993, p.86):

“Privar significa tirar, destituir, despojar alguém de alguma coisa. Todo ato de violência é exatamente isso. Ele nos despoja de alguma coisa, de nossa vida, de nossos direitos como pessoas e como cidadãos”.

A violência não significa apenas sinônimo de agressão física. A violência pode ser verbal e nesse caso atenta contra a moral do sujeito. Dar um tratamento pejorativo a uma pessoa por ela portar tatuagem significa que essa pessoa está sendo despojada de seus direitos como pessoa (e como cidadão), uma vez que ela está sendo privada de ter a mesma forma de tratamento que uma pessoa não tatuada candidata à vaga. A recusa da inserção a um candidato ao mercado de trabalho por este sujeito portar tatuagens representa um tipo de violência simbólica. A violência simbólica ela está presente em nosso dia-a-dia e é possível identificá-la, embora ela passe despercebida ao olhar e compreensão de muitos. Esse tipo de violência que é exercida naturalmente (e disfarçadamente) acaba suggestionando formas de conduta hostil do homem contemporâneo diante do “Outro”.

A multiplicidade cultural surge com a “diferença” (e ser diferente é bom, é saudável porque a existência das diferenças é sinônimo de oposição ao etnocentrismo). Ser igual a tudo e a todos trata-se de uma padronização (ser padronizado retira a autonomia e a liberdade das diversas culturas, assim

como da diversidade de comportamento). A Europa promoveu a aculturação como um tipo de missão civilizadora, mas a tatuagem, embora em um dado momento tenha diminuído a sua prática, ela resistiu a esse processo civilizador e se reconfigurou com um novo vigor na sociedade capitalista, sendo incorporada ao universo urbano.

Os portadores de tatuagens possuem um tipo de visual que busca uma diferenciação estética, propiciando uma diversidade de comportamento e de identidade (a tatuagem na contemporaneidade pode ser encarada como um marcador de individualidade). Assim, o mesmo raciocínio vale também para a escolha do vestuário, da estética habitacional, da cidade que se vive, do lazer que é consumido, etc. Ao escolher determinado desenho ou determinado local do corpo para inserir a tatuagem, o sujeito está demarcando a sua individualidade. , Durkheim (1978, p.42), em seu livro *“Sociologia e Educação”*, ele observou que:

“A sociedade se encontra, a cada nova geração, como que em face de uma tábula rasa, sobre a qual é preciso construir quase tudo de novo. É preciso que, pelos meios mais rápidos, ela apregue ao ser egoísta e associal, que acaba de nascer, uma natureza capaz de vida moral e social. Eis aí a obra da educação”.

Diante dessa reflexão, é possível que através de uma nova educação às novas gerações, que modifiquemos o pensamento etnocêntrico das gerações passadas em relação à tatuagem. Que esse etnocentrismo não seja mais transmitido aos jovens de hoje, tampouco às futuras gerações. Se já não podemos mais modificar com eficácia o pensamento das pessoas mais velhas que são contra as tatuagens, ainda podemos implantar com eficácia no pensamento da geração presente e das gerações vindouras que a tatuagem é uma bela arte. Não se trata de propagar aqui uma apologia ao uso de tatuagens entre os jovens, mas quem quiser possuí-la em seus corpos, deve ser respeitado por isso, valendo-se de seus direitos constitucionais.

Arthur Schopenhauer (2002, p. 46) ressalta que a cada nova geração, surgem indivíduos novos que acabam de nascer e que pertencerão a uma geração distinta daquela geração envelhecida que caminha para morrer. A geração dos que estão morrendo jamais será a mesma daqueles que estão nascendo. Ele destaca que os contextos sociais se modificam quando gerações novas suprimem as velhas gerações: *“(...) a geração produz os indivíduos novos na mesma proporção que a morte suprime os velhos”*. São as novas gerações que possuem o hábito da contestação, pois as gerações antigas costumam acomodar-se às coisas que viram e vivenciaram em seu tempo e costumam acreditar que as coisas permaneceram, permanecem e permanecerão as mesmas como a de sua época e de sua geração! As gerações antigas não

costumam ser receptivas à mudanças comportamentais pois acreditam que as formas comportamentais de sua geração deveriam passar adiante e deveriam valer para todas as outras gerações posteriores (podemos dar o nome a isso de estagnação!). Tradição não deve ser considerada ou interpretada como estagnação e a explicação para isso (para essa não-estagnação) deve-se ao fato de que a Cultura é dinâmica (a Cultura é um processo dinâmico).

As gerações futuras não são estagnadas no tempo como gostariam as gerações conservadoras. A própria concepção de opor-se ao uso de tatuagens ou então da ostentação da mesma dentro do âmbito de trabalho nada mais é do que um reflexo de um conservadorismo herdado de uma geração retrógrada que recebeu uma educação etnocêntrica onde se acreditava que o uso de tatuagens restringe-se às camadas marginais! Quanta ignorância herdada de um ideal etnocêntrico cristianizador propagado ao longo de gerações! Quantas gerações ainda permanecerão herdando este pensamento reducionista, estigmatizador e depreciador da técnica, da prática e da modernização da tatuagem na contemporaneidade? Assim, a cada nova geração que surge, a tendência é que se diminua essa visão etnocêntrica que se reflete na inserção dos tatuados ao mercado de trabalho.

A técnica de tatuar foi revigorada na modernidade (de rústica para moderna) e também foi modificado o motivo de fazê-la (se antes as tatuagens eram feitas por uma questão de tradição, agora elas são feitas por uma questão de livre-escolha). É justamente a questão de tatuar-se por “livre-escolha” na contemporaneidade que deve ser respeitada, pois ela é uma criação artística e uma manifestação comportamental, onde o tatuador exerce a sua criatividade de produzir arte não mais em objetos exteriores a nós, mas em nós mesmos, no que realmente somos: um corpo carnal. A tatuagem é a marca da atividade humana na própria carne humana.

É possível observar que na contemporaneidade os tatuados encontram-se “dispersos” na multidão, já que não existe mais um “povo tatuado” (como no contexto do nativo - tanto do índio quanto do aborígine), o que existe hoje são vários tipos de sujeitos tatuados, cada um ao seu modo, exercendo atividades variadas com estilos de vida diferentes. No entanto, mesmo que os tatuados de hoje se encontrem dispersos na multidão, eles ainda assim, são um grupo “integrado”, já que possuem algo em comum entre eles, que é a tatuagem (cada um com a sua) que os tornam pertencentes a uma mesma tribo: a dos tatuados. E estas pessoas tatuadas não devem se encontrar excluídas do mercado de trabalho devido a sua escolha em ter optado por modificar a sua estética. As pessoas portadoras de tatuagens na contemporaneidade são pessoas anônimas, ou seja, a maioria dessas pessoas não se conhece de fato (por isso podem ser consideradas como “dispersas”, embora a contingência de todas elas seja significativa).

4.4: As Descontinuidades da Modernidade sobre o Universo da Tatuagem

Anthony Giddens (1991) em *“As Consequências da Modernidade”* ele aborda sobre as descontinuidades da Modernidade. Sobre a questão das descontinuidades da Modernidade, sabe-se que a história humana foi marcada por algumas descontinuidades. E o que significa uma descontinuidade? Em termos de Modernidade, descontinuidade significa destacar que a história não possui uma forma homogênea de desenvolvimento (observação essa que é muito enfatizada dentro do Marxismo). As concepções de Marx apontam que a humanidade não possui uma forma homogênea de desenvolvimento (as formas de desenvolvimento das diversas sociedades são distintas). Aqui o que interessa é destacar que as formas de tatuar das diversas sociedades são distintas (umas utilizavam ossos afiados de animais, outras utilizavam dentes e presas afiadas de animais, outras utilizavam espinhos, outras utilizavam bambus, outras utilizavam agulhas e assim por diante).

Existem indiscutivelmente descontinuidades em várias fases do desenvolvimento da humanidade (do desenvolvimento histórico). Houve pontos de transição entre sociedades tribais (onde foi o auge da prática de tatuar o corpo dentro das comunidades e sociedades indígenas) e depois da aculturação houve a emergência dos estados agrários onde houve expansão da área rural (nesta fase houve uma diminuição da prática de tatuar dentro do universo rural) e posteriormente houve a emergência das cidades urbanas onde houve uma expansão da urbanização e da industrialização (nesta fase houve um revigoramento da prática de tatuar com a revolução das máquinas onde houve uma retomada da prática de tatuar dentro das sociedades modernas com a introdução de uma nova técnica).

Assim, não apenas as sociedades sofreram descontinuidades como também o universo da tatuagem sofreu descontinuidades porque a forma (a técnica) que é utilizada para a confecção de tatuagens de hoje não é a mesma que a forma (a técnica) que era utilizada nas sociedades indígenas e aborígenes. Não há técnica melhor ou pior (cada povo, cada cultura, cada comunidade, cada sociedade utilizavam as ferramentas que lhe estavam disponíveis em seus respectivos contextos), apenas houve transformações para um aperfeiçoamento técnico da prática de se tatuar e isso sem dúvida favoreceu o aperfeiçoamento e a precisão dos traços e da coloração na pele. O desenvolvimento tecnológico da técnica de tatuar favoreceu a sua expansão e o seu desenvolvimento. Os modos de vida produzidos pela modernidade nos afastaram dos modos tradicionais de ordem social (e com isso a forma de tatuar deixou de ser um evento local para se tornar um evento global).

A técnica da tatuagem foi globalizada (embora ela não impeça de ainda ser exercido formas tradicionais de se tatuar o corpo dentro de um contexto local e mais restrito como é o caso da técnica *Tebori* praticada no Japão). O local e o global estão presentes dentro do universo da tatuagem. O fenômeno da tatuagem está presente tanto dentro de contextos locais como dentro de contextos globais. Por isso mesmo é que o estudo da tatuagem é abrangente podendo ser visto tanto sob a ótica micro-sociológica quanto sob a ótica macro-sociológica. O que se percebe é que ocorreu em variadas localidades geográficas o costume de marcar o corpo, e essas práticas inicialmente vistas como *locais* acabaram configurando-se em uma *generalidade* (porque se a *técnica* e a *prática* e o *estilo* dos desenhos são distintos para os diferentes povos que se tatuavam, podemos perceber que ao menos o “resultado” é o mesmo (há uma inserção corante intradérmica). Independente da técnica, da prática e do estilo utilizados pelos diferentes povos, uma coisa há em comum entre eles que configura-se em uma *generalidade*: seus corpos estão marcados (ilustrados) com tatuagens! (independente dessas tatuagens possuírem a coloração preta ou colorida).

A extensibilidade da modernidade serviu para estabelecer formas de interconexão social por todas as regiões do globo e a intensidade da modernidade veio alterar algumas formas mais íntimas das características da nossa existência cotidiana. Podem perfeitamente existir continuidades entre o tradicional e o moderno (como a técnica totalmente artesanal das tatuagens *Tebori* dos japoneses, por exemplo), e nem um nem outro (o tradicional e o moderno) formam um todo à parte.

Marx soube observar a humanidade através da importância das transições descontínuas. Isso significa dizer que a história não tem uma forma totalizada que lhe é atribuída por suas concepções evolucionistas. Desconstruir o evolucionismo social significa enfatizar que a história não pode ser vista como uma unidade. O próprio fenômeno da tatuagem não pode ser visto como uma unidade (porque há diversidade cultural dentro dessa unidade biológica). Embora o fenômeno da tatuagem seja uma *generalidade* (como diria Durkheim), ela não é uma unidade (em termos culturais).

A tatuagem nunca foi uma unidade justamente porque foram múltiplos e diversos os povos que a praticavam e que ainda a praticam. Mesmo que na atualidade a tatuagem seja um fenômeno global ela não pode ser vista como uma unidade. A tatuagem é global (porque é praticada em diversas regiões do globo) e múltipla (porque os desenhos, os estilos, os significados, as motivações variam de povo para povo, de cultura para cultura, de sociedade para sociedade).

Como então podemos identificar as discontinuidades que separam as instituições sociais modernas das ordens sociais tradicionais? A explicação está no ritmo da mudança que a própria era da modernidade põe em movimento. A própria natureza das instituições modernas simplesmente não são encontradas em nenhum outro período histórico precedente (como o surgimento dos Estados-Nação, como o surgimento do trabalho assalariado).

Assim, a prática da tatuagem que era praticada dentro de *comunidades locais* passou a ser praticada dentro de *sociedades urbanas* e *industriais*. E a prática da tatuagem que era exercida como um ritual simbólico ou rito de passagem é hoje exercido como uma forma de trabalho que remunera o executor (o tatuador) para que ele exercite e execute o ofício de tatuar corpos.

A tatuagem passou por um processo de *Desencaixe* da modernidade onde podemos entender por *Desencaixe* o deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação (os rituais tribais de perfurar o corpo do iniciado) para extensões indefinidas no tempo-espaço (inúmeras sociedades urbanas tatuam seus corpos por motivos distintos e buscam incentivos em suas motivações para só assim poder procurar o serviço de sistemas peritos dos tatuadores para colocar em prática a intenção de se tatuar, e essa intenção é transformada em ação). Há dois tipos de mecanismos de desencaixe que também estão envolvidos com o universo da tatuagem no contexto contemporâneo, que são: a criação das *fichas simbólicas* e o desenvolvimento dos *sistemas peritos*.

Para tatuar o corpo o tatuado deve se valer da ficha simbólica dinheiro para remunerar o tatuador pela execução de seu trabalho artístico. A *ficha simbólica* “dinheiro” aparece como um meio de intercâmbio entre o produto a ser consumido (a inserção da tatuagem na pele de alguém) e o pagamento pelo serviço prestado (a mão-de-obra do tatuador). O tatuador aparece como um *sistema perito*, ou seja, o tatuador é um perito por sua excelência técnica e sua competência profissional. A *ficha simbólica* dinheiro serve para remunerar a competência do *sistema perito* que é o tatuador. O tatuador é um perito na área em que ele atua (inserir tatuagens em corpos de várias pessoas). Assim, percebemos que a prática de tatuar é um evento moderno na medida em que estão inseridos dentro dessa prática o desenvolvimento das *fichas simbólicas* como meio de remunerar o *conhecimento perito* da habilidade de ser um tatuador.

No livro “*Manuscritos Econômicos Filosóficos*”, Marx (2006) tratava o dinheiro como a “*prostituta universal*” como um meio de troca que nega o conteúdo dos bens e serviços, substituindo-os por um caráter impessoal. Mas os tatuadores contemporâneos estão cientes que independente da

ficha simbólica dinheiro pagar por sua mão-de-obra, que o seu ofício de tatuar possui o seu valor. O tatuador em nenhum momento é alienado com relação ao trabalho confeccionado por ele porque ele sabe que o trabalho contido na tatuagem não foi fracionado, não foi produzido em série.

As revistas nacionais mais conhecidas dedicadas à temática da tatuagem são: *Tatuagem Arte e Comportamento*, *Metalhead Tattoo*, *Almanaque Brasileiro de Tatuagem Graphic Tattoo* e tantas outras. Todas estas revistas direcionadas à temática da tatuagem tem demonstrado através de suas reportagens que a maioria dos tatuadores buscam reivindicar o valor técnico e artístico de seu trabalho manual. Os tatuadores, como uma classe trabalhadora, eles possuem a consciência do valor da sua mão-de-obra na confecção das tatuagens que eles executam, e isso significa que os tatuadores não se comportam como trabalhadores alienados, e os tatuados sabem que são consumidores que estão consumindo uma mercadoria (um produto artístico confeccionado manualmente) que não é descartável e que possui uma eficaz durabilidade. O que é durável é bom e é considerado bom justamente por ser duradouro. Isso porque o que é durável é melhor do aquilo que se esvai com facilidade.

E o que é a tatuagem é? Ela é um produto durável, dotada de durabilidade, de resistência ao tempo (pode necessitar de uns retoques e reajustes com o passar dos anos como tudo aquilo que torna-se velho e antigo, mas mesmo assim ela sempre permanecerá ali, mesmo que esta tatuagem venha a ser retocada, modificada ou renovada com o passar dos anos. Com toda tatuagem é assim: sempre é possível acrescentar algo com o passar dos anos. Sempre pode-se inovar a partir de uma tatuagem já anteriormente existente. O que permanece ali não impede de ser renovado caso seja da vontade do portador da tatuagem sentir o desejo de modificá-la ou de acrescentar algo no futuro.

4.5: A Desvinculação do Consumo de Tatuagens com relação ao Consumo de Drogas e a Desvinculação dos Tatuados com relação ao Universo do Presídio

No consumismo moderno, os sujeitos possuem o direito de decidirem por si mesmos que bens e serviços desejam obter (se os indivíduos possuem os *meios*, então eles podem sim ter o direito de escolha). Por exemplo, em seu livro “*O Mundo dos Bens: para uma Antropologia do Consumo*”, Mary Douglas (2004) fala sobre o consumo de vinhos, e cita que Baudelaire (autor de “*As Flores do Mal*”) acusava Brillat-Savarin de não ter dito as coisas certas sobre o vinho. Para Baudelaire, o vinho era memória e esquecimento, felicidade e melancolia. O mesmo raciocínio pode ser atribuído ao uso de cannabis, onde ela pode ser memória e esquecimento, felicidade e melancolia, onde tudo depende do

sujeito: não se pode generalizar que todo aquele que está embriagado baterá nos filhos e espancará a mulher, assim como quem fumar cannabis começará a roubar e a matar (até mesmo porque sabemos hoje o que realmente deve ser consideradas como “drogas da pesada” pelo seu alto efeito viciante e devastador são a cocaína e principalmente o crack). Fernando Gabeira em seu livro “*A Maconha*” (2000), argumenta que a cannabis (a maconha), mesmo que provada e consumida diversas vezes, não é capaz de modificar a índole do sujeito, ao menos que a sua índole, independente de ter ou não usufruído de substâncias alucinógenas, já esteja corrompida por outros fatores (evasão escolar, repetência escolar, abusos sexuais sofridos na infância, vítimas de violência doméstica desde a infância, crianças órfãs desde pequenas e com vivências desde muito pequenos em orfanatos e abrigos, fome sofrida durante a infância e tantos outros casos). O crack sim é uma droga que faz o usuário perder totalmente o controle e o senso da realidade (não é correto associar a cannabis ao crack, pois se trata de um grande equívoco). Por ventura, quando os usuários de crack costumam misturar o crack com a cannabis, os efeitos devastadores devem-se ao crack que está contido ali. A cannabis, caso ela seja consumida “pura” e “sozinha” sem o uso de outro entorpecente misturado a ela, não acarreta graves problemas.

Não são os objetos, ou seja, não é o consumo de substâncias extasiantes (como a cannabis) que corrompem os sujeitos que são fumantes e consumidores desta substância, já que muitos se corrompem a partir do meio social vivido por eles próprios, onde é muito fácil atribuir a culpa dos seus atos errados aos objetos inanimados (mesmo que estes objetos inanimados sejam entorpecentes e substâncias alucinógenas como a cannabis) para excluir e isentar da culpa o sujeito praticante da ação (o que se percebe é que o sujeito praticante da ação quer se isentar da culpa com a justificativa do uso de entorpecentes e alucinógenos).

Este sujeito por não ser capaz de assumir os seus atos costuma jogar a culpa nos objetos inanimados enquanto a verdadeira culpa deve recair sobre si mesmo e não na utilização do argumento do uso de substâncias lícitas ou ilícitas para isentar-se da culpa. Toda ação praticada por um sujeito, tudo depende das intenções que o sujeito já vinha refletindo antes de embriagar-se (álcool) ou entorpecer-se (cannabis). Sendo assim, o uso e usufruto que os sujeitos fazem dos objetos inanimados depende mais da sua conduta do que dos próprios objetos inanimados utilizados por eles mesmos. A questão que está sendo exposta aqui não se trata de fazer apologia ao uso e ao consumo da cannabis, mas sim é válido ressaltar que a culpa deve recair sobre o sujeito praticante da ação (e não colocar a culpa nos objetos por ele consumido). A culpa do aumento da criminalidade nos centros urbanos não é de forma alguma da cannabis (planta milenar utilizada pelos chineses e por algumas tribos indígenas da América, que foram

citados por Fernando Gabeira em seu livro), mas sim do consumo do crack que é quem conduz os jovens a um estado esquelético deplorável. O uso de cannabis e o uso de crack devem ser encarados de forma distinta e não devem receber os mesmos diagnósticos porque se trataria de um erro metodológico, ou ainda, de uma profunda ignorância.

E o que o uso de tatuagens tem a ver com isso? Devemos deixar também de atribuir estereótipos ou cair na redundância de achar que todo tatuado é “maconheiro”, é “doidão”, é “drogado”. Até mesmo porque ser chamado de “maconheiro” (o consumo de uma droga leve e recreativa) não é tão ofensivo e não deve ser encarado como o fim do mundo como ocorre com o caso de quem é chamado de “noieiro”, ou seja, aquele sujeito que é consumidor de “nóia”, de crack (o consumo de uma droga pesada e devastadora). O universo da tatuagem não deve mais estar associado apenas ao universo de pessoas transviadas ou indolentes. Nem todo portador de tatuagens é consumidor de café, de álcool, de cigarros, de cannabis, de cocaína, de crack ou do que quer que seja.

O mesmo vale para a ostentação de tatuagens (não é o fato de um sujeito morador da periferia e possuidor de tatuagens em seu corpo que signifique que ele possua má índole por portar tatuagens). Da mesma forma, se um portador de tatuagem e morador de periferia comete delitos não quer dizer que a culpa dos delitos cometidos por esse sujeito seja da tatuagem que ele carrega. Um sujeito entra no crime não é devido às suas tatuagens, é devido ao seu meio social, é devido às relações sociais que o encobrem, é devido à sua evasão escolar e repetência escolar durante a infância, é devido a falta de afeto dentro da sua família e muitos outros fatores. O que não se pode é colocar a culpa em um “ornamento” (a tatuagem) e isentar da culpa o sujeito praticante da ação. Ornamento nenhum é capaz de corromper a índole de um indivíduo (seja para o bem ou para o mal).

Assim, o uso de tatuagens nada tem a ver com a criminalidade, já que não é ela a condutora do crime. A tatuagem é um ornamento, é um acessório, é um enfeite, ela pode ser tudo isso ao mesmo tempo (e sendo assim não está relacionada com a criminalidade). A utilidade da tatuagem é estético (e não criminoso).

O que está sendo enfatizado aqui é que cada consumo deve ser visto e analisado de uma forma distinta (pois não devemos colocar no mesmo pacote os tatuados e os usuários de drogas lícitas ou ilícitas como se o consumo de um bem estético estivesse ligado ao consumo de uma substância alucinógena ou vice e versa). Quando ocorre o fato de pessoas tatuadas também serem usuárias de drogas (lícitas ou ilícitas) isto não significa que o consumo de um ornamento possua ligação com algum

tipo de criminalidade. Seria um erro metodológico associar o uso de tatuagens com o mundo da criminalidade porque a técnica em si da tatuagem trata-se de um ofício de um sistema perito (uma técnica artística) que não tem nada a ver com outros tipos de consumo que venham a ter os sujeitos que são tatuados (até mesmo porque não são apenas pessoas tatuadas que consomem drogas, há inúmeras pessoas de “peles lisas” e de “corpos lisos” que consomem drogas tanto quanto ou até mais do que aquelas que possuem tatuagens).

Outra questão importante de ser salientada é que se deve de uma vez por todas desassociar o uso de tatuagens a sujeitos presidiários, já que as tatuagens realizadas nas cadeias e penitenciárias não são realizadas por um sistema perito no que se refere à questões de assepsia, esterilização, materiais descartáveis, tintas e materiais de boa qualidade assim como a execução de um trabalho artístico satisfatório. É outro erro metodológico confundir as tatuagens artísticas (realizadas por um bom profissional) com as deploráveis marcas corporais realizadas dentro de um presídio (onde não há esterilização, não há tintas de boa qualidade, os instrumentos de trabalho não são adequados, não há preocupação com assepsia, com higiene ou com a qualidade do trabalho a ser executado). Nos presídios nada é feito de forma correta, nada é realizado de maneira adequada. No presídio toda tatuagem é confeccionada na base do improvisado (com materiais improvisados) e por isso mesmo não deve ser vistos ou possuir o mesmo tratamento de uma tatuagem artística realizada por um profissional habilitado.

Trabalhar com tatuagens não pode mais ser vista como uma atividade marginal, mas sim como uma atividade profissional como qualquer outra. As cadeias e penitenciárias não podem servir como os melhores exemplos de uma prática e de uma técnica que outrora foi praticada milenarmente por diversos povos e etnias do Brasil assim como também pelos mais distintos povos das mais distantes localidades geográficas e que agora na contemporaneidade vem sendo confeccionada com todos os aparatos do que se tem de mais moderno. Então, seria total ignorância continuar associando o universo da tatuagem ao que se tem de mais rústico e precário (as cadeias e presídios) e deixá-la de associar ao que se tem de mais moderno (as clínicas, as lojas e os ateliês de tatuagens). Será que os tatuadores de hoje querem voltar aos primórdios da história? Provavelmente não, e isto porque se existem técnicas mais avançadas e mais eficazes com relação ao resultado da qualidade, porque eles iriam persistir em utilizar técnicas mais arcaicas? Voltar a utilizar técnicas arcaicas significaria que ao invés de um progresso, se teria um retrocesso (se ao invés de progredir eles quisessem retroceder).

CAPÍTULO 5

O SENTIDO DA DOR PARA AS COMUNIDADES TRIBAIS E PARA AS SOCIEDADES URBANAS

5.1: A descrição dos Rituais de Tortura analisados por Pierre Clastres nas Sociedades Tribais

No livro *“A Sociedade contra o Estado”* (1978, p.175) de Pierre Clastres, no capítulo que trata *“Da Tortura nas Sociedades Primitivas”*, ele faz uma descrição sobre a questão do *“corpo e rito”*:

“Um grande número de sociedades primitivas marca a importância que confere à entrada dos jovens na idade adulta pela instituição dos ritos ditos de passagem. Estes rituais de iniciação constituem frequentemente um eixo essencial relativamente ao qual se ordena, na sua totalidade, a vida social e religiosa da comunidade. Ora, quase sempre, o rito de iniciação passa pelo conhecimento do corpo dos iniciados. É o corpo que a sociedade imediatamente designa como único espaço propício a transportar o sinal de um tempo, a marca de uma passagem, o cumprimento de um destino”.

O mérito da tatuagem nas sociedades indígenas dos *Mandan*, dos *Guayabi* e dos *Abipones* citados por Pierre Clastres, possuíam uma conotação simbólica (onde a tatuagem era realizada como um rito de passagem. A tatuagem demarcava a separação entre a infância e a idade adulta para integrar o tatuado à sua tribo). A tatuagem era reverenciada e celebrada pelo tatuado ter resistido ao sofrimento e a dor. As sociedades indígenas orgulhavam-se muito da bravura de seus guerreiros e das belezas de suas mulheres. A tatuagem enfeitava o homem para tornar nítido que este homem era um guerreiro. Havia o costume de capturar inimigos e tatuar no corpo a quantidade de inimigos capturados. A quantidade de capturas correspondia à quantidade de tatuagens espalhadas pelo corpo. Poderíamos dizer que a *“primeira tatuagem”* de um guerreiro é a tatuagem da celebração do rito de passagem, onde a criança torna-se homem. As demais tatuagens de um guerreiro são para celebrar as suas conquistas por ter guerreado com inimigos e ter conseguido vencê-los e o ritual de comemoração desses *“méritos”* é a inserção de tatuagens em seu corpo, como um sinal, uma prova de sua bravura.

Ainda sobre o capítulo *“Da Tortura nas Sociedades Primitivas”*, Pierre Clastres (id; ibdi; p.176) cita três exemplos sobre *“O rito e a tortura”*. O primeiro é sobre os índios *Mandan*, o segundo é sobre os índios *Guayabi* e o terceiro é sobre os índios *Abipones*:

“George Catlin acaba de assistir, durante quatro dias, à grande cerimônia anual dos índios Mandan. Na descrição que nos oferece, exemplar, como os desenhos que a ilustram, cheios de delicadeza, o testemunho não pode impedir-se, apesar da admiração que experimenta por esses bravos guerreiros das Planícies, de exprimir o seu pavor e o seu horror, relativamente ao espetáculo do rito. É que se o cerimonial é a tomada de posse do

corpo pela sociedade, o que é fato é que ela não o faz de qualquer maneira: quase constantemente, e é isso que aterroriza Catlin, o ritual submete o corpo à tortura”.

Quando se diz que “*o cerimonial é a tomada de posse do corpo pela sociedade*”, significa que o corpo não pertencia ao indivíduo, significa que o corpo pertencia à sociedade. O motivo de torturar (tatuado) o corpo era em detrimento do coletivo. Era para a coletividade que o indivíduo era torturado (tatuado). A tortura (o ritual) era coletivo. Todos os membros da tribo participavam quando era chegada a sua hora. Ninguém escapava ao rito: nem homens nem mulheres. Os ritos dos homens e das mulheres eram distintos, mas ambos os gêneros (masculino e feminino) não tinham como fugir dos respectivos rituais que os aguardavam. O interessante é que a adesão à tortura era realizada de bom grado, era aceita por todos, tanto é que havia ansiedade para que chegasse logo a sua hora: a tortura (a tatuagem na pele) significava o pertencimento ao mundo dos adultos (o menino torna-se homem e a menina torna-se mulher). A sociedade determinava a hora certa do indivíduo ser inserido dentro do rito (ou seja, o momento de passar por essa experiência da tortura).

Pierre Clastres utiliza-se de referências do livro de George Catlin (apud id; *ibid*; 1988, pp. 177-178), onde transcreve as citações em que o próprio Catlin haveria presenciado tais cenas de tortura. Eis aqui o relato feito por Catlin aos índios *Mandan* e o qual Clastres cita em seu livro:

“A impassibilidade, diria mesmo a serenidade, com a qual estes jovens suportavam o seu martírio era mais extraordinária ainda do que seu suplício. Alguns, dando-se conta de que eu desenhava, chegaram mesmo a olhar-me nos olhos e a sorrir quando, ouvindo a faca ranger na sua carne, eu não podia reter as lágrimas. “(...) O meu coração sofreu com tais espetáculos, e tais abomináveis costumes encheram-me de pesar: mas estou no entanto pronto, e de todo o coração, a desculpar os índios, a perdoar-lhes as superstições que os conduzem a atos de uma tal selvageria, pela coragem de que dão provas, pelo seu admirável poder de resistência, numa palavra, pelo seu excepcional estoicismo.

Quando é elogiada “*a serenidade, com a qual estes jovens suportam o seu martírio*” fica evidente que os jovens, por terem presenciado outros mais velhos que ele passar por essa experiência, estão cientes do que os espera, estão cientes que é um ritual que embora faça o sujeito sofrer, não é um ritual de morte. Trata-se de uma tortura que não mata (apenas tortura). O resultado da tortura é a marca (a tatuagem) que fica no corpo do guerreiro e do qual ele certamente terá o maior orgulho de ostentar, de exibir. Quando é dito que “*tais costumes encheram o observador de pesar*” fica evidente a reação do observador cristão ao considerar os rituais dos índios como “rituais selvagens” (em oposição aos rituais

litúrgicos católicos). Seria como deixar através do espanto causado pela diferença de costumes entre índios e europeus o contraste da “liturgia cristã” e da “selvageria pagã”.

A conclusão de Pierre Clastres (id; ibid; p.178) diante do pensamento de George Catlin é a de que o sofrimento é um aprendizado:

“No entanto, a concordar com ele, condenamo-nos a não conhecer a função do sofrimento, a reduzir infinitamente o alcance da sua dinâmica, a esquecer que a tribo ensina nele qualquer coisa ao indivíduo”.

Quando se diz que a “*tribo ensina nele qualquer coisa ao indivíduo*” percebe-se que a coletividade era mais importante do que a individualidade. A dor da tortura era sentida individualmente (porque cada corpo sofre de forma diferente) e era sentida coletivamente (trata-se de um ritual coletivo, ou seja, não é apenas um ou outro que é torturado-tatuado, todos eram).

Pierre Clastres (id; ibid; p.177) prossegue sobre a questão da tortura e relembra de quando ele próprio esteve entre os índios Guayaki:

“(...) De uma tribo a outra, de uma região a outra, as técnicas, os meios e os fins explicitamente afirmados da crueldade, diferem; mas o objetivo permanece o mesmo: é preciso fazer sofrer. Nós próprios, já descrevemos noutra lugar a iniciação dos jovens Guayaki, aos quais tatuam as costas em toda a sua superfície. A dor acaba sempre por ser insuportável: silencioso, o torturado desmaia”.

Pierre Clastres observou que as “técnicas” (as ferramentas) de se fazer às perfurações no corpo diferem entre as sociedades dos *Mandan* e dos *Guayaki*. Outro aspecto observado foi que os “meios” (as motivações) assim como os “fins” (a finalidade, o objetivo) de marcar o corpo eram distintos entre esses povos. Quando se diz que “*é preciso fazer sofrer*”, nota-se que a tortura embora fosse dolorida, ela era necessária. É com o sofrimento que se dá valor à tortura. Pierre Clastres (id; ibid; p. 179) argumenta sobre a questão “*A tortura e a Memória*”:

“Na medida exata em que a iniciação é, inegavelmente, um pôr à prova da coragem pessoal, esta exprime-se, se assim se pode dizer, pelo silêncio oposto ao sofrimento. Mas, depois da iniciação, e uma vez esquecido todo o sofrimento, subsiste uma prova irrevogável, as marcas que a operação da faca ou da pedra deixa sobre o corpo, as cicatrizes das feridas recebidas. Um homem iniciado é um homem marcado. O objetivo da iniciação, no seu momento torcionário, é marcar o corpo: no ritual iniciático, a sociedade imprime a sua marca no corpo dos jovens. Ora, uma cicatriz, um traço, uma marca, são inapagáveis. Inscritas na profundidade da pele, elas atestarão sempre, eternamente, que se a dor pode não ser mais do que uma má recordação, ela não deixou de ser experimentada no temor e no tremor. A marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo transporta impressos sobre si os traços da recordação, o corpo é uma memória”.

Quando é dito que “*as marcas que a operação da faca ou da pedra deixa sobre o corpo, as cicatrizes das feridas recebidas*” é feita a descrição das ferramentas utilizadas para fazer as incisões, cortes, perfurações no corpo com faca ou pedra (uma pedra cortante). Quando diz-se que “*o corpo é uma memória*” significa que tudo o que é grafado no corpo jamais cairá no esquecimento. Ao estudar os relatos citados por George Catlin e pelo jesuíta Martin Drobrizhoffer e compará-los com seus trabalhos de campo, Pierre Clastres constata que a tortura (a tatuagem) configura-se nestas sociedades indígenas como numa forma de lei (não a lei da escrita, ou a lei da fala, mas a lei inscrita no corpo de todos os membros destas tribos. Verificou-se que em todas elas, as crianças não são torturadas (não podem ser tatuadas porque não possuem resistência suficiente), onde aguardam a sua hora chegar. E essa hora é quando os primeiros sinais da puberdade começam a aflorar. Verificou-se que os ritos de passagem destas tribos ocorrem para demarcar a passagem do sujeito da infância à vida adulta (o menino torna-se um guerreiro e a menina torna-se uma bela mulher em idade reprodutiva). Então, é a partir dos corpos torturados (tatuados) que o sujeito incorpora a lei da sua tribo. A lei nestas sociedades indígenas não é transcrita no papel, é transcrita no corpo humano.

O corpo serve como uma memória (é uma legislação que não se esquece, pois o nativo sempre a carrega com ele). A tortura (a tatuagem) insere o sujeito ao seu grupo de pertencimento. A tatuagem se inscreve como uma memória em que o “carnal” se sobressai ao psíquico, pois é na “carne” que se instaurou a memória da tribo. O psíquico atua conforme atua o corpo (não é o corpo que atua conforme atua o psíquico). Não é o corpo que obedece a mente. É a mente que obedece ao corpo. Isto ocorre porque o corpo nas sociedades indígenas é mais reverenciado do que a própria psique, pois a memória em si ela é oculta, está dentro da cabeça. O corpo não é oculto, é visível aos olhos de todos. O corpo é real. Por isso eles acreditavam que não seria através da memória (decorar códigos de leis e siglas, como fazem os códigos de leis dos povos ocidentais, que tudo está inscrito no papel e que ninguém dá conta de “absorver” tudo o que se está escrito ali. Sempre se tem que consultar a fim de verificar se a lei está sendo bem empregada, se não está sendo infringida. Seria como se a legislação dos homens ditos “civilizados” não passasse de um bando de “frases decoradas” (onde se esforçam por demais para “decorar” tantas leis sem ao menos saber o que elas realmente significam!). No universo destes povos nativos a lei não foi feita para “se decorar”, foi feita para realmente ser uma “memória inesquecível”. E o que é mais inesquecível do que o próprio corpo? Para estes povos indígenas, o corpo é a memória mais eficaz que eles conhecem:

“Ou, por outros termos, a sociedade dita a sua lei aos seus membros, ele inscreve o texto da lei sobre a superfície dos corpos. Porque a ninguém é permitido esquecer a lei que funda a vida social da tribo. Os primeiros cronistas diziam, no século XVI, acerca dos Índios brasileiros, que estes eram gente sem fé, sem rei, nem lei. Evidentemente estas tribos ignoravam a dura lei isolada, aquela que numa sociedade dividida impõe o poder de alguns sobre todos os outros. Essa lei, lei de rei, lei de Estado, Os Mandan, Os Guayaki e os Abipones, ignoram-na. A lei que eles aprendem a conhecer na dor é a lei da sociedade primitiva, que diz a cada um: tu não vales menos do que qualquer outro, não vales mais do que qualquer outro. A lei, inscrita sobre os corpos, diz da recusa da sociedade primitiva em correr o risco da divisão, o risco de um poder separado dela mesmo, de um poder que lhe escaparia” (id; ibid; 1988, p.180-181).

Quando se diz que “*essa lei, lei de rei, lei de Estado, os Mandan, os Guayaki e os Abipones, ignoram-na*” explica o título do livro de Pierre Clastres: “*A Sociedade contra o Estado*”, já que todas as sociedades indígenas observadas, descritas e analisadas, todas elas não possuíam Estado (esse Estado que Karl Marx (2001) tanto quis destruir, mas que com a emergência das sociedades modernas e com a aceleração do capitalismo tornou-se quase impossível diluí-lo (a burguesia capitalista propiciou um desenvolvimento forçado, acabando assim com o contexto natural da vida primitiva). O estudo de Pierre Clastres sobre as sociedades que não possuíam Estado foi importante na medida que evidenciou nas sociedades indígenas que a inexistência do Estado não fazia falta alguma. Para que os índios precisariam de um Estado? Para nada! os índios já imaginavam que o Estado é um sistema ineficaz e que só gera a desigualdade social (id; ibid; 1988, p.182). As sociedades indígenas que não eram regidas por um Estado, eram sociedades mais integradas (porque não era um Estado que integrava as pessoas, mas sim as relações sociais e a inexistência da desigualdade social dentro das sociedades indígenas (pois, antes de pensar no individualismo, os índios pensavam no *coletivismo*, no *trabalho comunitário*, na *realização de tarefas em grupo*). As sociedades regidas por um Estado são sociedades onde se opera a desigualdade social. Karl Marx conseguiu observar a ineficácia e a impotência do Estado com relação aos males sociais.

A lei inscrita no corpo significava que o sujeito tatuado que a carrega “*não vales menos do que qualquer outro, não vales mais do que qualquer outro*” que as tatuagens inseridas no corpo tornavam os membros das tribos iguais perante todos: ninguém é melhor ou pior do que outro. As tatuagens no contexto indígena inserem o sujeito à proteção do grupo. Pertencer à coletividade é sentir-se protegido, é sentir-se amparado. O sujeito tatuado une o sujeito ao grupo e unindo-se ao grupo, o tatuado não corre o risco da divisão. O tatuado não é um sujeito dividido, ele é um sujeito integrado ao grupo:

(...) As cicatrizes desenhadas sobre o corpo são o texto inscrito da lei primitiva, são, nesse sentido, uma escrita sobre o corpo. As sociedades primitivas são, não se cansam de dizer os autores do Anti-Édipo, sociedades do testemunho. E nesta medida, as sociedades primitivas são com efeito sociedades sem escrita, na medida em que a escrita representa, antes do mais, a lei separada, longínqua, despótica, a lei do Estado que os co-detidos de Martchenko escrevem sobre o seu corpo. E, precisamente, nunca será demais sublinhar que é para conjurar essa lei, lei fundadora e garante da desigualdade, é contra a lei de Estado que se coloca a lei primitiva. As sociedades arcaicas, sociedades da marca, são sociedades sem Estado, sociedades contra o Estado. A marca sobre o corpo, igual sobre todos os corpos, enuncia: tu não terás o desejo do poder, tu não terás o desejo da submissão. E essa lei não separada não pode encontrar para se inscrever senão um espaço não separado: o próprio corpo” (id; ibid; 1988, p. 182).

Quando se diz que “*as cicatrizes sobre o corpo são o texto inscrito da lei primitiva*” nota-se que a lei indígena não era transcrita para o papel como ocorre nas sociedades ocidentais, ao contrário disso, a lei indígena é transcrita no corpo sob a forma de tatuagens. O corpo tatuado é um corpo regido pelo costume, pela tradição. Quando se diz que “*é contra a lei do Estado que se coloca a lei primitiva*” fica evidenciado que o comportamento dos índios em opor-se ao advento de um Estado Moderno aproxima-se um pouco do raciocínio de Karl Marx com relação a ele ter considerado o Estado um órgão ineficaz porque o próprio Estado reproduz as desigualdades sociais. Não existia desigualdades sociais nas comunidades indígenas (elas eram sociedades solidárias). Nas sociedades tribais o que une as pessoas é o corpo. O corpo é um órgão que favorece a união. O Estado é um órgão que favorece a separação.

Quando se diz que “*as sociedades arcaicas, sociedades da marca, são sociedades sem Estado, sociedades contra o Estado*” observa-se aqui que nas comunidades tribais (nas quais os índios praticavam os rituais de perfurar o corpo produzindo marcas corporais definitivas) não havia a existência de um Estado. A tatuagem nestas sociedades agia de uma forma coesa, na medida que a marca corporal propiciava a união de uma coletividade. Os Estados Modernos esforçam-se para manter os sujeitos integrados à sociedade. As comunidades tribais não necessitavam de muitos esforços para integrar os sujeitos à sociedade; nelas, as tatuagens agiam de uma forma mais eficaz do que a existência de um Estado.

Enquanto o advento do Estado Moderno possuía uma tendência de separar as pessoas que pertencem às áreas urbanas (tornando-as individualistas), a tatuagem possuía uma tendência de unir as pessoas que pertencem às comunidades indígenas (tornando-as solidárias). Mas é interessante perceber que o advento do Estado Moderno (que inicialmente tentou dizimar o costume de tatuar o corpo) não conseguiu acabar

com a prática da tatuagem. A técnica da tatuagem que era praticada de forma rústica passou a sofrer transformações a partir do advento da modernidade e adaptou-se à tecnologia das sociedades urbanas.

Consequentemente a prática da tatuagem exercida sob a lógica de um Estado Moderno ganhou um caráter individualista (onde os sujeitos hoje não se tatuam para integrar-se a um grupo, mas tatuam-se para distinguir-se, para diferenciar-se da maioria). A lógica da tatuagem hoje não é mais a mesma de outrora: a intenção não é tornar-se igual a todos, mas sim é tentar diferenciar-se de todos. Isso ocorre porque os desenhos não são mais padronizados, são escolhidos livremente e de forma avulsa. Os desenhos tatuados nos corpos indígenas seguiam uma padronagem da tribo, já os desenhos tatuados nos corpos contemporâneos não sofrem mais uma padronagem impositiva. Não é mais a sociedade quem dita o que vai ser tatuado, agora é o próprio sujeito quem dita o que vai ser tatuado em si. Se dentro das sociedades indígenas havia mais solidariedade do que na nossa, ao menos a nossa sociedade contemporânea possui uma maior liberdade de escolha (liberdade de escolha sobre a temática dos desenhos).

Continuando com as observações realizadas por Pierre Clastres, ele cita também o nome do jesuíta Martin Dobrizhoffer e o relato deste jesuíta sobre o costume dos índios *Abipones* de tatuar o rosto das mulheres como um rito de passagem da infância para a maturidade (a menina torna-se uma mulher, isto quer dizer que ela é fértil e já tem idade para procriar). Clastres diz que o jesuíta Dobrizhoffer observou que quem torturava as moças (quem as tatuava) não era um homem, era uma velha mulher. Ele transcreveu a sua irritação diante do gemido de dor de uma jovem que ela estava torturando (tatuando):

“Basta de insolência! Não és querida à nossa raça! Monstro, para quem uma ligeira cócega do espinho se torna insuportável! Talvez não saibas que pertences à raça daqueles que suportam feridas, e enfileiram entre os vencedores? Fazes vergonha aos teus, fraca fêmeazinha! Pareces mais mole que o algodão. Não tenho dúvidas de que morrerás celibatária. Alguns dos nossos heróis poderia julgar-te digna de te unir a ele, medrosa?”
(DOBRIZHOFFER, M. História de los Abipones, Universidad Nacional del Nordeste, Facultad de Humanidades, Resistencia (Chaco), 3 vols., 1967. apud CLASTRES, 1988, p. 179)

As mulheres passavam pelo ritual da tatuagem para celebrar o período da primeira menstruação. Menstruação simboliza vida, fertilidade. Então, após menstruar era costume tatuar as moças como um sinal e uma demonstração de que elas saíram da infância e se tornavam mulher. Era costume tatuar o ventre da índia. As tatuagens tornavam visíveis que a mulher estava pronta e amadurecida sexualmente, que ela já estaria pronta para copular, para iniciar as suas atividades sexuais, quando então os guerreiros

poderiam interessar-se por alguma delas e querer tomá-la para si. Se nos homens as tatuagens simbolizavam a bravura, nas mulheres simbolizam a fertilidade.

A tatuagem é uma prova de resistência à dor, tanto masculina quanto feminina. Os motivos para passar por essa experiência (de dor) eram concebidos de forma diferente para o sexo masculino e feminino. As tatuagens nos homens eram para celebrar a morte de alguém, de um inimigo capturado. Já as tatuagens das mulheres eram para celebrar a vida, favorecendo o interesse de guerreiros em conquistar as belas mulheres, que poderiam ser às futuras mães de sua prole. A tatuagem também era realizada para homenagear um parente morto em guerra, bem como para celebrar o nascimento de uma criança, cujo o pai ou mãe poderiam se tatuar para homenagear a chegada de seu filho. Morrer e nascer são tipos distintos de sofrimento. Muitos sofrem antes de falecer e a partida é dolorosa, assim como o parto também pode causar sofrimento com as dores físicas. A tatuagem celebrava a morte e a vida. A tatuagem celebrava o sofrimento humano (seja o da guerra, seja o início da fertilidade humana). Toda passagem é dolorida (sofre-se para morrer, sofre-se para nascer). A tatuagem celebrava a coragem dos homens e a beleza das mulheres.

Pierre Clastres (id; *ibid*; 1988, p.180) faz a sua reflexão acerca dessa passagem sobre os *Abipones* feita pelo jesuíta Dobrizhoffer, e dá a sua explicação sobre a finalidade da tortura entre os *Abipones*:

“O ritual iniciático é uma pedagogia que vai do grupo ao indivíduo, da tribo aos jovens. Pedagogia de afirmação, e não diálogo: por isso os iniciados devem manter-se silenciosos sob a tortura. Quem não fala, consente. Em que consentem os jovens? Consentem em aceitar-se tal como serão doravante: membros por inteiro da comunidade, nem mais nem menos”.

Quando é dito que “o ritual iniciático é uma pedagogia que vai do grupo ao indivíduo” significa que os rituais dos povos indígenas, que tem o corpo como suporte do rito, faz com que a experiência do ritual propicie ao sujeito uma pedagogia (um aprendizado sobre o corpo). É interessante perceber que a resistência à dor deve ser vivenciada em silêncio. O silêncio é o consentimento de adesão ao grupo. Temer, chorar, gemer não faz parte do processo iniciático e é considerado um motivo de vergonha ao membro da tribo que porventura venha a não aguentar a experiência do ritual (significaria que o sujeito temeroso, chorão e gemedor é um covarde incapaz de sofrer pelo seu grupo). Manter o silêncio no instante da tortura é uma prova de coragem, de paciência, de resistência e de fidelidade ao grupo.

5.2: A Importância da Dor Corporal para as Sociedades Indígenas e para as Sociedades Ocidentais

Em “*O Corpo na História*” (2001, p.50), José Carlos Rodrigues nos revela o fato de que: “*No contexto medieval, a verdade se define por experiências próprias de cada um. Desenha-se também por experiências de outras pessoas que sejam dignas de fé*”. Na Idade Média a figura do sacerdote (do padre, do bispo, do frei) representava uma pessoa de fé. Então, tudo o que fosse dito por um sacerdote numa missa era aceito pelos fiéis ali presentes como se fossem verdades absolutas. Na época medieval a concepção de pecado estava relacionada à noção de corpo. O corpo era pecado. Tocar no corpo era proibido. O martírio sofrido por um corpo conseqüentemente repercutiria na alma:

“Ocorre que a tortura está longe de ser excepcional nas sociedades humanas. Por maior repugnância que nos inspire, é preciso admitir que, em uma sociedade em que sofrer tem sentido, a tortura se incorpora nos sistemas simbólicos. Antes de tropeçar em preconceitos etnocêntricos rasteiros, admitamos que é preciso ir às várias culturas para desvendar a mensagem específica trazida pela tortura. No caso da mentalidade medieval, era possível justificá-la como uma ação sobre o espírito, por meio daquilo que chamaríamos de corpo: todos os sofrimentos impingidos ao corpo eram sofrimentos estabelecidos sobre a alma e vice-versa. A tortura, por esta razão, até mesmo poderia ser uma garantia de salvação, naquele contexto simbólico. Ela anteciparia, nesta vida, o pagamento de uma dívida, potencialmente reservado para a outra”. (id; ibid; 2001, p.57).

José Carlos Rodrigues (2001) ressalta que o Catolicismo sempre reverenciou e aplaudiu o sofrimento, pois sofrer dignifica o homem na mentalidade católica. Padecer faz parte dos preceitos católicos. E pedir súplicas também faz parte de seus preceitos. Quando um Homem padece, ele se torna vulnerável e almeja receber uma consolação para a sua dor. É aí que entra o papel da religião ou da experiência religiosa, já que ela se coloca na posição de uma protetora dos aflitos, que deve consolar os desamparados. A instituição religiosa só se alimenta assim: de sujeitos que padecem e buscam um consolo imediato que faça cessar seu sofrimento. São através dessas pessoas sofredoras que a Igreja se perpetua. Sem o sofrimento alheio, a Igreja não teria âncora. A Igreja encontra a sua âncora no seio do sofrimento humano. O padecimento do homem fortalece a Igreja, que se coloca no papel de consoladora dos aflitos. A aflição humana é o fio condutor da dominação religiosa perante os seus fiéis. Ela concede a graça em troca de retribuição: pagar promessas faz parte dos preceitos católicos. Os fiéis se colocam na posição de quem está em débito. Pagar promessas seria uma forma de negociar esses débitos. O pecador é aquele que sempre está em débito com a Igreja. A Igreja necessita do pecador e o pecador necessita da Igreja. É uma troca mútua. A Igreja se alimenta do pecado alheio. E o pecado alheio se

alimenta da idéia de perdão. Na Idade Média tocar o corpo era uma forma de desrespeitá-lo e grafá-lo definitivamente (com tatuagens) era considerado uma forma de desrespeito com a criação divina. Modificar o corpo na Idade Média era sinônimo de profanar o corpo. A tatuagem na Idade Média não era vista com bons olhos. Era considerada uma marca demoníaca. E tocar num corpo morto (um cadáver) era também considerado uma forma de profanação:

“É bem compreensível a dificuldade medieval de tolerar as experiências anatômicas: com efeito, abrir o corpo era também bulir no espírito. As primeiras dissecações oficiais se verificaram no início do século XIV e iriam praticamente banalizar após os séculos XVI e XVII. Como tudo naqueles tempos, as dissecações foram públicas (...) Foi preciso o aparecimento do dualismo cartesiano, distinguindo o corpo e alma, para que dissecações e olhares objetificantes pudessem ser suportados” (id; ibid; 2001, p.59).

Enquanto a Europa vivia no período medieval (do corpo intocável), a América vivia no período pagão (do corpo natural sem a noção de pecado). Enquanto possuir marcas corporais para os povos medievais era visto como uma profanação, para os povos indígenas possuir marcas corporais era visto como um ato sagrado. Percebe-se então que o que era profano para o europeu era sagrado para o indígena.

Com relação à tatuagem, a dor de se fazer uma tatuagem no corpo é uma forma de tortura compreensível, na medida em que essa dor é entendida como um mal necessário, como algo constituinte do ritual que é deixar-se tatuar. Na tatuagem, a dor faz parte. É inevitável, e, portanto, necessária. Sem a dor a tatuagem seria um simples acessório, onde retirava todo o seu mérito de resistência à tortura. Mas há os que afirmam que fazer tatuagem não dói. E pode sê-lo. Nenhum corpo é igual, os corpos reagem distintamente com relação à dor.

Em *“O Corpo na História”* (2001, p.56), José Carlos Rodrigues nos faz refletir sobre uma questão muito importante: a constatação de que o que impera hoje é o entorpecimento da dor:

“Vivemos hoje em um tempo – o dos analgésicos e anestésicos- em que sofrer não tem mais sentido. Em parte por isso, somos incapazes de avaliar o sentido da dor. Nestas condições, se quisermos entender a sensibilidade de outros tempos e de povos diferentes, será preciso levar em consideração que, praticamente durante toda a sua existência, a humanidade foi obrigada a lidar com o sofrimento por outros meios que não os técnicos”.

A tatuagem significava um ato de coragem para as sociedades indígenas porque era a comprovação de superação da dor para o recebimento do ornamento. Não havia a necessidade da utilização de analgésicos ou anestésicos para a realização de tatuagens no seio das comunidades indígenas. Os índios

não se utilizavam de nenhum artifício para disfarçar, mascarar e amenizar a dor. Afinal, a tatuagem dói, mas não mata. Disso os índios tinham certeza. Então, para quê temer algo que não lhes arrisca a vida? A dor de uma tatuagem sempre foi considerada como uma dor suportável para essas sociedades antigas. A dor lhes era necessário para o amadurecimento corporal do sujeito. Não devemos temer por algo que não pode nos matar. O que não causa morte, causa amadurecimento. O que causa dor, causa resistência. A dor de uma tatuagem fazia parte do ritual de amadurecimento físico do sujeito que sofreria as escarificações. A dor torna o homem resistente, torna o homem maduro. A superação da dor física sempre foi motivo de reverências àqueles que conseguiram suportar bravamente os infortúnios sofridos no corpo. A dor de uma tatuagem é justificável na medida em que o seu tempo de durabilidade no corpo do indivíduo é por tempo ilimitado (fica para sempre no corpo daquele que a possui). Tudo o que marca, fica eterno. A tatuagem fica eternizada no corpo do sujeito.

Um indivíduo que decidir-se por fazer uma tatuagem, deve ter a consciência de que ele não é o único a passar por essa experiência. A tatuagem é uma experiência praticada há milhares de anos por distintos povos das mais variadas localizações geográficas. Existia tatuagem na América (com os indígenas), na Oceania (com os aborígenes), na Europa (com os celtas), na Ásia (com os japoneses), na África (os africanos não faziam tatuagens coloridas devido a tonalidade de sua pele ser muito escura, então, os africanos recorriam a outras modalidades de modificações corporais como a *Escarificação* (são cortes sem o uso de pigmentos), o *Branding* (uma espécie de queimadura) e o *Scarnification* (fazer incisões na pele com o auxílio de um bisturi), que são outras formas de marcar o corpo, ou seja, são tatuagens sem a utilização de tintas; estes outros tipos de tatuagens são na realidade marcas em forma de quelóide, que significa uma cicatriz estufada). Em épocas mais remotas, os povos que se tatuavam nunca precisaram da utilização de anestésicos para a inserção da tatuagem em seus corpos.

A dor, melhor ainda, a resistência e a paciência em resistir à dor das perfurações da tatuagem era motivo de orgulho para o detentor da tatuagem, era uma prova carnal e visível da vivência de uma experiência dolorosa que foi superada. Aguentar uma tatuagem, é superar a sua dor. A dor superada é a prova da sua bravura. Suportar uma tatuagem é uma forma de superar limites e superar expectativas. Todos esses povos antigos mostravam-se determinados a vencer as barreiras de seus limites corporais. Ultrapassar limites era um dos objetivos dos antigos povos indígenas e aborígenes que se tatuavam. Sabe-se que ninguém nunca morreu por ter passado pelo ritual de uma tatuagem: ela pode causar um certo sofrimento (mais para uns e menos para outros), mas ela não causa óbito por meras perfurações na pele.

Perfurar a pele não significa atingir os órgãos vitais e essenciais para a manutenção da vida do sujeito. Tatua-se a pele, não se tatua os órgãos vitais. É por isso que a tatuagem não causa mortandade. O que não mata, não seria motivo para temor para os antigos povos. O que não mata, revigora (o sofrimento quando não mata, proporciona um aprendizado para o sofredor). Sofrer pode ser sinônimo de aprender. No caso da tatuagem, sofrer pode significar aprendizagem porque o tatuado aprende a testar os limites do seu corpo e a testar a sua paciência. Ser tatuado requer muita paciência, porque não pode se mexer de forma alguma (para evitar que o tatuador erre os traços no instante que porventura o sujeito mexer o corpo). O tatuado deve sentir a dor imóvel. Reclamar, resmungar da dor é permitido. Mexer o corpo, jamais! O tatuado testa a sua paciência porque ele deve permanecer imóvel, como uma estátua na hora da sessão de tatuagem. O corpo do tatuado deve virar temporariamente uma estátua a ser lapidada pelas mãos do tatuador. Essa é a diferença entre desenhar em papéis e pintar telas à óleo de se tatuar corpos: os objetos inanimados não sofrem! Os tatuados sofrem porque a carne humana é sensível à dor. Nós humanos (assim como os animais) somos seres sensíveis! Homens e animais são seres propensos a sentir sensações e emoções (mas só o homem criou a técnica da tatuagem para confeccioná-la em seu corpo).

A tatuagem significa razão e sensibilidade. Razão do tatuador (na utilização da sua força de trabalho) e sensibilidade do tatuado (na experiência de sentir na pele as agulhadas do contorno, do sombreado e da pintura). O tatuado é uma matéria-prima que se difere das demais matérias-primas porque as outras são inertes, são natureza morta (papel, tela, tecido), já o homem é uma natureza viva, é uma matéria-prima viva (onde ele sente todo o processo de trabalho na íntegra e em sua própria carne!).

A pele humana é sensível ao toque (então há de se convir que nesta hora pode haver uma certa dose de adrenalina ao receber uma leve carga de agulhadas sobre a pele!) A tatuagem é sensível porque ela é muito mais do que um toque, ela é pura penetração. Não se “toca” com as agulhas na pele, se “penetra” com as agulhas na pele! Há uma diferença muito grande em tocar e penetrar.

Desenhar (em papel) e pintar (em telas ou tecidos) é tocar. Tatuar é penetrar. Tatuar é penetração. Por isso que sangra! Tudo o que penetra sangra, e quando não sangra, sai fluídos. Esses fluídos são secreções corporais. A pele chora ao receber a tatuagem. (Sangra-se, mas não sangra-se muito. Sangra-se pouco, ou melhor goteja-se sangue). O sangue de uma tatuagem é uma transpiração líquida (quando não sangra, sai um líquido meio transparente, que é o líquido que serve como uma espécie de defesa do organismo. O organismo se defende exaurindo, expelindo, respingando uma certa secreção lacrimosa quando está sendo penetrado pelas agulhas. Na hora da penetração, a pele lacrimeja e na hora da pausa

das perfurações, a pele sangra um pouco (ela não sangra em demasia como muitos podem pensar equivocadamente).

O sangramento de uma tatuagem torna-se evidente em suas “pequenas pausas” (seja na hora que o tatuador vai trocar a biqueira do contorno pela biqueira de pintura ou quando ele vai fazer a troca de uma tinta por outra e despejá-la separadamente nos batoques que são pequenos recipientes onde goteja-se as tintas para que as agulhas não entrem em contato com os frascos de tintas principais), pois durante a penetração das agulhas a pele lacrimeja e não sangra. A pele só costuma sangrar na pausa das perfurações. É nesta hora que o tatuador borrifa um pouco de água na pele do cliente para massagear limpando o local, para em seguida continuar dando o prosseguimento. É comum, depois de ter tatuado uma boa parte do desenho, que o tatuador faça pequenas pausas para massagear limpando suavemente as pequenas gotículas de sangue que vão emergindo da pele. Após a penetração das agulhas na pele, é no momento das “pausas” que observa-se as gotículas de sangue emergindo.

A sensação de dor para algumas pessoas não é sentida no momento que se tatua. Algumas pessoas ficam nervosas, outras ficam ansiosas, outras conseguem ficar até bem relaxadas. A sensação varia de pessoa para pessoa. Umás podem sentir mais dor e outras podem sentir menos dor e outras podem até dizer que não sentiram dor alguma. Mas a verdade é que, como há penetração (não trata-se de um leve toque), alguma sensação de incômodo é sentida. Isso é notável. As pessoas que afirmam não terem sentindo dor, ao menos concordam que sentiram um leve incômodo. A tatuagem é uma imersão de sensações.

Os índios não tinham a noção do que significava a palavra “empírico”, mas faziam muita questão de que a tatuagem fosse um processo empírico. Retirar a dor seria retirar toda a empiria da tatuagem. A tatuagem é empírica porque ela dói, porque ela transpira, porque ela goteja, porque ela sangra. Anestésias a dor seria como não ter passado por todo esse processo de transformação. Seria como se o tatuado não soubesse o valor de como é passar por essa experiência. Seria como se o tatuado não tivesse participado de todo o processo produtivo (a tatuagem é uma produção técnica e artística) e é como se o tatuado tivesse se alienado para não ter que encarar a experiência da dor.

Os anestésicos servem apenas para alienar a dor e retirariam o mérito do tatuado desse processo produtivo e dessa experiência corporal. Na medida em que se quer entorpecer o corpo com anestésicos para neutralizar a dor, é retirado todo o significado da concepção de uma tatuagem em seu organismo.

Toda e qualquer penetração deve e tem que ser sentida (é alienação deixar-se entorpecer para não sentir o estágio de transformação). Significa tirar o corpo de cena, é como se o tatuado não estivesse ali, não tivesse a sensação e a noção das coisas que está acontecendo com o seu corpo. Anestesiar-se para quê? Para não sentir a dor? Para eliminar a sensibilidade do corpo e a sensibilidade do toque? Para retirar a sensibilidade da penetração? Da perfuração? Para retirar a sensação de toda a experiência vivida? Para retirar todo o mérito da concentração, da paciência, do sacrifício, da resistência, da coragem do tatuado? Realmente, quem pensa em utilizar-se de anestésicos para a realização de uma tatuagem é mesmo um medroso (até mesmo porque é proibido por lei a manipulação de medicamentos sem o exercício da medicina. Assim como os tatuadores não são anestesistas, os anestesistas também não são tatuadores (da mesma forma que os tatuadores não saberiam manipular a dosagem certa das drogas anestésicas, os anestesistas também não saberiam manipular as ferramentas que o tatuador utiliza para tatuar). Cada profissão possui a sua especificidade e a especificidade do tatuador é confeccionar desenhos na pele dos outros e não o de aplicar-lhes quaisquer tipo de medicamentos dos quais eles não possuem acesso até mesmo porque não estão disponíveis em farmácias.

Por que querer adquirir então um ornamento como representação de tortura, de dor, de sofrimento? A resposta para essa questão é que a dor faz parte do ritual de tatuar-se. Vivenciar o instante da dor é simbólico, é empírico. A dor passará e a marca corporal permanecerá depois de cessada a dor física.

As pomadas anestésicas não resolvem o problema com tanta eficácia (essas pomadas servem para fazer massagens para dores musculares anestesiando a dor muscular ou então elas servem para tratar de pancadas, mas elas não são eficazes para cortes e a tatuagem é um corte onde é inserida as colorações de tinta que o desenho necessita) e o que faria cessar a dor totalmente seria a utilização de anestesia local ou anestesia geral (mas devido os tatuadores não possuírem o diploma de anestesista, nenhum tatuador deve manipular tais medicamentos, porque como eles não estudaram para isso dificilmente eles saberiam aplicar a dosagem certa para os variados tipos de pessoas). Aplicar uma dosagem de um medicamento anestésico requer consentimento para isso e em se tratando da anestesia geral realmente seria um exagero utilizá-la para fazer uma tatuagem porque não há necessidade para tanto alarde por causa de um corte superficial (esse corte superficial atinge apenas as três camadas da pele (o corte de uma tatuagem jamais deve ser mais profundo que isso).

A realidade é que nunca houve necessidade de anestesiarse antes e não há nenhuma necessidade de anestesiarse agora na contemporaneidade para a simples inserção de uma tatuagem, seja ela de que tamanho for! A dor de uma tatuagem é uma dor suportável. Todos que a fizeram estão cientes de que é

uma dor que não provoca a morte, é uma dor superficial já que não atinge nenhum órgão vital que pudesse comprometer a vida do indivíduo. A profundidade de uma tatuagem é apenas sob a superfície da pele (não ultrapassa as três camadas da pele), a profundidade da perfuração não chega a perfurar nenhum músculo, nenhum tendão, nenhum órgão vital. Por isso que não há motivos para temor. O sofrimento de uma tatuagem é um sofrimento suportável, já que se trata de leves toques de agulhadas e não de uma facada, que aí sim atinge muito mais do que as três camadas da pele! As agulhas penetram de uma forma superficial (e não de forma extremamente profunda). Há uma penetração, mas trata-se de uma penetração suportável. Por isso não necessita do uso de anestésicos.

O uso de anestésicos só seria necessário se a profundidade da penetração ultrapassasse a pele e atingisse os órgãos internos! Como essa penetração não atinge os órgãos internos do corpo, não há a necessidade de querer entorpecer a dor! Digamos que até uma injeção na veia é mais profunda, já que a agulha atinge a veia. Tatuagem não atinge nenhuma veia do corpo humano. As veias ficam abaixo da pele. A penetração atinge a pele, não atinge as veias. Essa é a explicação do porquê não é necessário a utilização de anestésicos durante a realização de uma sessão de tatuagem: tudo aquilo que não atravessa o nível das três camadas da pele, não tem necessidade de ser anestesiado. Anestésias devem apenas ser utilizadas em situações cirúrgicas onde a perfuração de um objeto cortante ultrapasse as camadas da pele. Podemos dizer que a tatuagem não é uma cirurgia (por não ter muita profundidade), ela seria uma “micro-cirurgia” (por atingir apenas as camadas da pele).

Algumas pessoas leigas que ainda insistem em querer utilizar-se do uso de anestésicos para a sessão de tatuagem na contemporaneidade gostam de dizer: “Eu não sou índio. Eu não gosto de sofrer!”, ou ainda: “Estamos na modernidade, na época dos índios não havia nem injeção!”. Isso é um pensamento reducionista, pois os índios já sabiam que desde àquela época, realmente não era necessário o uso de artifícios para amenizar a dor de uma tatuagem. Ela não provoca perigo (no sentido de um óbito), é uma prática cuja penetração é superficial e por isso mesmo, não mata. O que não nos mata, nos ensina. Toda a experiência vivida (e com a experiência de tatuar-se não é diferente), ela nos proporciona um ensinamento.

É interessante perceber o papel que a dor exercia para as sociedades indígenas. A dor de uma tatuagem significava para o sujeito a comprovação de sua força através de sua resistência física. Um sujeito resistente a dor é reconhecido por sua coragem. Suportar a dor significa ter paciência, serenidade e concentração. O sujeito que é tatuado precisa ser paciente, sereno e concentrado. Sem esses requisitos não há como finalizar uma tatuagem com sucesso. Tatuar e ser tatuado é uma troca. O tatuador está

inserindo um desenho num corpo móvel, então, o sujeito que estiver sendo tatuado não poderá mexer-se de forma alguma, senão a sua impaciência, insensatez e desconcentração acabarão prejudicando o trabalho artístico executado pelo tatuador. O desenhista tem como exercer controle sobre a folha de papel e o pintor sobre a tela, já o tatuador não tem como exercer controle sobre o corpo do outro. É daí que podemos dizer que o ato de tatuar propicia uma interação entre o tatuador e o tatuado. O tatuador é o agente ativo, ele é aquele que perfura e provoca dor no corpo do outro para inserir o desenho; o tatuado é o agente passivo, ele é aquele que é perfurado e recebe a dor provocada pelo tatuador com passividade porque tem a responsabilidade de permanecer em estado imóvel para que não seja prejudicado o resultado do desenho. A prática da tatuagem é uma experiência anatômica. Há sempre a preocupação com que o desenho escolhido se encaixe com a forma anatômica da pessoa.

Se nas sociedades indígenas, a tatuagem era exercida espontaneamente por adesão ao grupo social ao qual o sujeito estava inserido, nas sociedades contemporâneas, a tatuagem é exercida voluntariamente, já que ele não se encontra inserido em um grupo social definido, pois os tatuados estão dispersos nos centros urbanos.

5.3: A Tatuagem inserida no Corpo é uma manifestação da Cultura

Por que a tatuagem no corpo é uma manifestação da Cultura? A resposta está no próprio significado da palavra Cultura. O que é então Cultura? É tudo aquilo elaborado, criado, inventado, transformado pelo Homem. O antropólogo Lévi-Strauss em seu livro *“Tristes Trópicos”* (2009) ele ressalta a importância das pinturas (tatuagens) faciais para o povo Cadieu (ou Kadiwéu) e ele relata que os próprios índios consideraram a tatuagem como uma elaboração artística de sua cultura, elaboração esta capaz de distinguir os homens dos animais:

“Afiml, para que serve a arte Cadieue? Respondemos parcialmente à pergunta, ou melhor, os indígenas o fizeram por nós. Antes de mais nada, as pinturas do rosto conferem ao indivíduo a sua dignidade de ser humano; operam a passagem da natureza à cultura, do animal “estúpido” ao homem civilizado. Em seguida, diferentes quanto ao estilo e à composição segundo as castas, expressam numa sociedade complexa a hierarquia do status. Possuem, assim, uma função sociológica” (id; ibid, 2009, p. 183).

“(…) Adorável civilização, cujo sonho as rainhas contornam com suas pinturas faciais: hieróglifos que descrevem uma inacessível idade de ouro que, à falta de código, elas celebram em seus adereços, e cujos mistérios elas desvendam ao mesmo tempo que a própria nudez” (id; ibid; 2009, p. 186)

Quando é dito que “*as pinturas do rosto conferem ao indivíduo a sua dignidade de ser humano; operam a passagem da natureza à cultura, do animal “estúpido” ao homem civilizado*” fica evidenciado nesta afirmação que os índios possuíam a sua dignidade de ser humano porque eles são capazes de criar uma cultura, de criar uma técnica, de criar uma arte (a arte corporal). As pinturas corporais (sejam elas pinturas temporárias ou tatuagens definitivas) conferem ao índio a sua dignidade de ser humano devido à sua engenhosidade em elaborar desenhos geométricos complicados para serem inseridos em uma superfície mais complicada ainda: a pele humana (o corpo humano).

O que seria exemplos de Cultura? 1) *O Idioma* (os homens podem aprender a falar diversas línguas conforme a sua vontade e dedicação em aprendê-las. O idioma pode ser o português, o inglês, o francês, o italiano, o alemão, o grego, o japonês e por que não também a língua tupi?); 2) *a Religião* (os homens possuem religiões distintas conforme os diversos países (católicos na maior parte do Ocidente; judeus dispersos pelo mundo; protestantes nos países capitalistas; islâmicos no Oriente Médio e no Norte da África; hinduístas na Índia; budistas no Nepal, no Butão e no Tibet; xintoístas no Japão; confucionistas na China; umbandistas no Brasil e tantas outras); 3) *a arquitetura* (os estilos arquitetônicos não são os mesmos de povo para povo. As arquiteturas indígenas Maia, Asteca e Inca se diferem da arquitetura da Europa; A arquitetura européia se difere da arquitetura japonesa; A arquitetura do Japão se difere da arquitetura da Índia, por exemplo; 4) *a música e a dança* (os estilos musicais e as formas de dançar são distintas, como por exemplo, existe o *rock*, o *pop*, o *punk*, o *metal*, a *bossa-nova*, o *pagode*, o *axé*, o *farró*, o *sertanejo*, o *funk*, o *hip-hop*, o *jazz*, o *soul music*, o *reggae*, o *tango*, o *mambo*, a *valsa*, a *salsa*, o *merengue*); *as vestimentas* (os homens vestem-se de acordo com a sociedade a que pertencem: há ocasiões em que a vestimenta deve ser apropriada para a ocasião social em questão. Há trajes diurnos e há trajes noturnos; há trajes simplórios como há trajes luxuosos; há trajes formais assim como há trajes informais); 5) *as pinturas corporais* (povos “naturalistas” costumavam exhibir seu corpo e ornamentá-lo com pinturas; os povos “puritanos” não costumam exhibir seu corpo e não o ornamentam com pinturas). Podemos observar que as *populações despidas (desnudas)* eram caracterizadas pelos povos indígenas encontrados na América como um todo e inclusive no Brasil e que as *populações vestidas* eram caracterizadas pelos colonizadores europeus (*portugueses* no Brasil; *espanhóis* no México e nas Américas Andina e Platina; *holandeses* no Brasil em Pernambuco e Alagoas e também na América Central nas Antilhas; *franceses* no Canadá e também no Brasil no Maranhão e no Rio de Janeiro; *ingleses* na América do Norte).

Com relação às *pinturas corporais* através do confronto entre povos despidos e povos vestidos, Lévi-Strauss (2009, p. 173) destaca o costume do povo Kadiwéu em pintar o rosto (e assim ele confere importância à pintura e à tatuagem facial como um elemento da cultura Kadiwéu):

“As mulheres estão reservadas a decoração da cerâmica e das peles, e as pinturas corporais de que algumas são virtuosas incontestes. Seus rostos, às vezes seus corpos inteiros, são cobertos por um trançado de arabescos assimétricos que alternam com motivos de sutil geometria”.

Uma elaboração assimétrica tão bem elaborada e que é utilizada para ornamentar o rosto e o corpo são demonstrações, são constatações, são evidências da capacidade intelectual e cultural do povo indígena Kadiwéu. A capacidade de abstração do povo Kadiwéu em elaborar criações artísticas com formas geométricas confere a esse povo a sua dignidade de ser humano. Toda manifestação artística indígena possui a sua razão de ser, possui a sua funcionalidade dentro do contexto vivenciado por eles.

Bronislaw Malinowski em seu livro *“Uma Teoria Científica da Cultura”* (1970), propôs axiomas gerais acerca do Funcionalismo ao que se referem às manifestações comportamentais do Homem.

- 1) O primeiro axioma evidencia que a Cultura é um instrumento no qual o Homem é colocado em posição de saber enfrentar os problemas concretos com os quais ele se depara no ambiente em que ele vive com o objetivo de satisfazer as suas necessidades;
- 2) O segundo axioma evidencia que a Cultura seria um sistema que engloba objetos, atividades e comportamentos onde cada indivíduo busca um meio para se atingir um fim almejado;
- 3) O terceiro axioma evidencia que a Cultura atua de uma forma integral onde há vários elementos interdependentes;
- 4) O quarto axioma evidencia que as atividades culturais, os comportamentos, os objetos são organizados por instituições como a família, o clã, a comunidade local, a tribo, etc;
- 5) O quinto axioma evidencia que a Cultura pode ser analisada por diversos aspectos como a educação, o controle social, a economia, a crença, a moralidade, assim como as expressões artísticas e criadoras.

Malinowski salienta que o processo cultural pode ser visto em quaisquer manifestações que abrange seres humanos em relações definidas uns com os outros, onde havia um manuseio de artefatos e que mantém uma relação de comunicação entre si seja pela palavra, seja pelo simbolismo. Malinowski

observa que os artefatos, os grupos (os tatuados podem servir como exemplo) e o simbolismo são características referentes ao processo cultural que estão relacionados.

Na tentativa de examinar a aparelhagem material da Cultura, Malinowski observou que cada artefato serve ao homem como um objeto de uso mais direto e que pertence à classe de bens de consumo. Nessa perspectiva, a tatuagem pode ser vista como um objeto de uso direto (devido ela estar no corpo e estando no corpo o sujeito a utiliza a todo momento por lhe servir como um acessório permanente) e também pode ser vista como um bem de consumo durável (sendo uma marca com tempo de durabilidade indeterminada, ou seja, ela é indelével). Com relação ao consumo (qualquer tipo de consumo), Malinowski demonstra que o consumo nos conduz ao elemento humano, ou então esse artefato pode ainda ser utilizado como uma ferramenta. O meio social sempre é dado através de um grupo social que manuseia os implementos num empreendimento técnico.

Malinowski introduziu a sua definição de *Função* e verificou que em todas as atividades o uso de um objeto (um artefato) está relacionado a um comportamento técnico que leva os homens e grupos humanos a satisfazerem as suas necessidades. A fome é uma necessidade do corpo e a degustação é a forma mais eficaz de satisfazê-la. (a sensação de saciedade é consequência do ato da degustação). Malinowski ao fazer a análise Funcional da Cultura ele salientou que cada teoria científica deve iniciar-se através da observação. Ele destaca que essa observação deve ser *indutiva* e deve ser verificável pela experiência. Ele entende por experiências humanas as ações que podem ser definidas, que são públicas, ou seja, que são acessíveis a todo e qualquer observador e que estas ações sejam recorrentes, podendo ser carregadas de generalizações indutivas. Ele também indica que a Cultura é uma forma de trabalho manual do homem e não apenas o meio pelo qual o homem atinge os seus fins. O trabalho manual permite ao homem criar bens e valores que vão além de seus dotes animais ou orgânicos. A Cultura (a tatuagem é Cultura) foi compreendida por Malinowski como um meio para atingir um fim (tanto instrumentalmente quanto funcionalmente). O homem tanto é capaz de modificar o ambiente físico em que ele vive como é capaz de modificar o seu próprio corpo (com tatuagens).

Malinowski percebeu que nenhum sistema organizado de atividades é possível se não houver uma base física e os seus artefatos. Toda a atividade humana ocorre através do uso de objetos materiais, de artefatos e bens de consumo. Toda atividade humana está embasada em elementos da Cultura material. Ele acredita que não há atividade humana coletiva ou individual que possa ser considerada meramente fisiológica ou natural. Ele destaca que o conceito de necessidade deve ser a primeira reflexão para a compreensão do comportamento humano organizado (é por necessidade que os homens se unem).

Malinowski descreveu os traços orgânicos vitais e permanentes existentes em todos os indivíduos, assim como em todas as culturas, tais como fome, sede, apetite sexual, fadiga, desassossego, sonolência, pressão da bexiga, pressão do intestino, medo e dor. Entre essas manifestações orgânicas há algumas que se destacam por poderem ser relacionadas com alguns sintomas que os tatuados manifestam durante as sessões de tatuagens. São elas:

1) A Fome= Para uma pessoa se submeter a uma sessão de tatuagem, esta pessoa deve obrigatoriamente estar bem alimentada. Nenhuma pessoa pode fazer uma sessão de tatuagem (de tamanho médio, grande ou gigante) estando de jejum ou mal alimentada. É um sintoma bem frequente em toda pessoa que passou pela sessão de tatuagem é que terminada a sessão, esta pessoa sinta uma enorme fome. É bastante comum as pessoas saírem de uma sessão de tatuagem se queixando que estão ansiosas para se alimentar para repor as energias;

2) A Sede= Também é bastante comum em uma pessoa que está sendo tatuada vir a sentir sede durante a sessão de tatuagem e numa oportunidade ou um instante de pausa vir a pedir para beber um copo d'água.

3) A Fadiga= Nenhuma pessoa consegue passar por uma sessão de tatuagem estando com fadiga, cansado, exausto. Uma sessão de tatuagem requer disposição por parte do tatuado. Se o tatuado não estiver bem disposto ele não conseguirá aguentar uma sessão de tatuagem. O tatuado precisa estar com a sua energia física e muscular em ordem para aguentar a sessão de tatuagem. Caso contrário, não conseguirá completar a sessão até o fim.;

4) A Sonolência= Dificilmente uma pessoa com sonolência resistirá iniciar e finalizar uma sessão de tatuagem. Por outro lado, caso o tatuado tenha se submetido a uma sessão de tatuagem estando com muito sono, pode ocorrer as seguintes alternativas: ou a pessoa de tanto cansaço acaba se entregando ao sono por exaustão em plena sessão de tatuagem, fazendo com que o sono acabe ignorando que se esteja sentindo algum tipo de dor, ou então a pessoa por estar sentindo algum incômodo ou dor, faz com que a sonolência vá embora rapidamente, já que não conseguirá dormir ao estar sendo tatuado (perfurado por agulhadas). Assim, o tatuado entrega-se ao sono de vez ou então é retirado o seu sono pelo seu desgaste físico de se contorcer por estar sentindo dor;

5) A Pressão da Bexiga= É bastante recorrente que durante uma sessão de tatuagem (principalmente em sessões prolongadas) que o tatuado sinta vontade de urinar, de esvaziar a bexiga. De tanto o tatuado estar ali parado e imóvel para que o tatuador não trema os seus traços caso o tatuado se mexa, é comum que o tatuado sinta vontade de realizar a micção para passar a sua tensão e voltar a ter um relaxamento para a

continuidade da sessão de tatuagem. Ninguém consegue continuar uma sessão de tatuagem se estiver com vontade de urinar. Fica difícil sentir dor estando com vontade de urinar. O tatuado perde toda a concentração e fica impaciente durante a sessão. Então, é necessário que ele urine para voltar a ter um relaxamento orgânico para ter o seu corpo tatuado.

6) A Pressão do Intestino= Não é frequente, mas pode acontecer de ocorrer do tatuado sentir nervosismo antes da sessão ou durante a sessão de tatuagem e sentir vontade de defecar. O nervosismo ou a ansiedade podem ocasionar o impulso de querer ir ao banheiro. Sendo assim, o sujeito terá que realizar a sua excreção para voltar a ter um relaxamento abdominal para poder aguentar dar continuidade à sessão de tatuagem;

7) A Dor= A dor em uma sessão de tatuagem é um processo inevitável. Mas há níveis distintos de dor durante uma sessão de tatuagem: tem locais que doem menos e são super suportáveis de aguentar, chegando a não serem considerados doloridos, assim como tem locais que doem mais e que são mais chatos para se aguentar a dor. Sentir dor é uma questão que depende da sensibilidade da pessoa (há pessoas mais corajosas e outras mais medrosas) e depende da escolha do local do corpo (há locais menos sensíveis e mais suportáveis e há locais mais sensíveis e menos suportáveis). Mas a verdade é que os locais (sendo menos ou mais doloridos), e as pessoas (sendo menos ou mais corajosas) são totalmente possíveis de enfrentar todo o processo sem problemas. A dor é um detalhe irrelevante se comparado ao desejo de que o desenho seja inserido em determinado local do corpo. É o desejo que faz o tatuado enfrentar e superar a sua dor.

5.4: As Técnicas do Corpo na Perspectiva de Marcel Mauss

Em sua obra *“Sociologia e Antropologia”* (2003), Marcel Mauss ao fazer um estudo sobre as técnicas do corpo, ele demonstrou que foi possível realizar este estudo a partir de uma simples descrição observadas por ele sobre as técnicas do corpo. E o que podemos entender por técnicas do corpo? Mauss afirma que a expressão técnicas do corpo corresponde às várias formas pelas quais os homens pertencentes a sociedades distintas costumam utilizar-se de seu corpo. Mauss realizou um curso de etnologia descritiva e observou as técnicas de natação e percebeu que o nado é uma conduta específica de algumas sociedades. Ele observou que os nativos da Polinésia não nadam como os índios brasileiros (assim como os povos antigos não costumam nadar como nós da sociedade Ocidental, ressaltando que a

sociedade passada não nadou como a nossa). Antigamente, ensinava-se as crianças a mergulharem se antes tivessem aprendido a nadar. Mauss fala em seu livro que hoje, a proposta é que se faça o inverso: incentiva-se primeiro o mergulho com os olhos abertos para que a criança possa adquirir reflexos dentro d'água. A intenção é a de que antes mesmo que elas nadem, que elas aprendam primeiro a controlar seus reflexos e os seus medos.

Mauss argumenta também que durante a guerra ele fez observações sobre as técnicas de cavar e percebeu que as tropas inglesas com as quais Mauss estava naquele momento, elas não sabiam utilizar as pás francesas para cavar o solo. Diante disso, ele percebeu que toda técnica possui a sua forma e que toda sociedade possui os seus próprios hábitos. As atitudes corporais mudam conforme mudam os costumes das diversas sociedades.

Outra observação feita por ele durante a guerra foi perceber diferenças entre um exército e outro. Ele constatou que a marcha da infantaria britânica marchava a um passo de diferença dos franceses (havendo diferenças com relação à frequência e ao tempo de duração).

Em outro relato, Mauss destaca que quando ele esteve doente na cidade de New York, lembrou-se certa vez de terem perguntado a ele onde ele havia visto moças andando exatamente como as enfermeiras que cuidavam dele. Ao parar para refletir sobre isso, se deu conta que a forma de andar das moças elas aprenderam e adquiriram ao assistir cinema. Quando retornou à França, Mauss passou a observar em Paris a frequência desse tipo de andar e percebeu que as jovens, embora fossem francesas, andavam da mesma forma que as jovens americanas do cinema. Então, evidenciou que os modos de andarem das americanas se disseminou também entre as francesas, através do cinema americano.

Outra observação feita por Mauss foi à de que a posição dos braços e das mãos enquanto se está caminhando, trata-se de uma idiossincrasia social (e não de mecanismos puramente individuais). Com relação às posições das mãos em repouso as próprias mãos podem ser convenientes ou inconvenientes, como por exemplo, as crianças inglesas conservam os cotovelos junto ao corpo quando está à mesa e as crianças francesas não se comportam dessa forma: as crianças francesas abrem os cotovelos em leque e os apóia sobre a mesa.

Mauss revela que na França prefere-se falar em “Habitus do que em “hábito”. Isso porque a palavra Habitus soa melhor porque ela não se refere aos hábitos metafísicos. O Habitus varia não apenas com os indivíduos e as imitações feitas por eles, mas que o Habitus varia principalmente entre as diversas

sociedades através das distintas formas de educação e com as variadas formas de moda e da busca por prestígio.

Em todas as formas distintas da arte de utilizar o corpo humano, a noção de educação se sobrepõe à noção de imitação. A criança e também o adulto, só imitam atitudes bem-sucedidas que viram serem executadas por pessoas de sua confiança ou então que possuem autoridade para exercer uma forte influência sobre nós. As atitudes nos são impostas de fora, do exterior (mesmo que se trate de um ato exclusivamente fisiológico e que está relativo ao corpo). Todo indivíduo (seja ele criança ou adulto) só assimila a série de movimentos e as formas de comportamento que puderam ser executados por outras pessoas bem diante de seus olhos (ou então executadas por nós mesmos para que outras pessoas vejam o que fazemos diante dos olhos delas).

Mauss consultou num livro de Elsdon Best, publicado na França em 1925, algumas informações sobre a maneira de andar das mulheres Maori (nativas da Nova Zelândia). Mauss escreve que não considera os povos Maoris como primitivos justamente porque lhes considera em muitos aspectos, bem mais superiores ao povo celta e ao povo germânico. No referido livro, Mauss leu que as mulheres indígenas costumavam andar fazendo um balanço solto na região dos quadris (que, aos olhos dos europeus, parece um balanço desrespeitoso, no entanto, essa forma de rebolado é imensamente admirada pelos Maoris). As próprias mães ensinavam e exercitavam as suas filhas para que elas aprendessem essa maneira de andar chamada “Onioi” e quando uma menina deixava de fazer o balançado “Onioi”, a mãe logo passava um sermão na filha para que ela voltasse a fazer tal rebolado com os quadris. Com isso, Mauss constatou que o balançado “Onioi” não se trata de uma maneira natural de andar, mas trata-se de uma maneira adquirida de andar, de rebolar. Mauss percebeu que todo comportamento social é adquirido através da observação, imitação, reprodução e repetição de todo movimento, de toda forma comportamental. Mauss revela que talvez não exista “maneira natural” em nenhum adulto (tudo seria reflexo de um processo imitativo, reprodutivo, repetitivo e incorporado ao sujeito por meio de tanta observação).

Ele também destaca que quando as ações se referem a nós, o simples ato de andarmos calçados modifica a posição de nossos pés (tanto é que estranhamos quando voltamos a andar descalços). Podemos comparar uma índia que sempre andou com os pés descalços a vida toda e que ao experimentar calçar sapato de saltos certamente estranhará o calçado. Da mesma forma, uma européia acostumada a viver de saltos certamente estranhará andar descalça dentro das florestas virgens. É tudo uma questão de

costume. É tudo uma questão de *Habitus*. Mauss observa que todos os modos de agir existente entre as diversas sociedades são formas técnicas, são técnicas do corpo.

Mauss salienta o fato de que ele havia cometido o equívoco de só considerar que há a existência de uma técnica se houver também um instrumento. Ora, o nosso corpo já é nosso próprio instrumento! E para isso é preciso que voltemos às noções antigas, como as faladas por Platão sobre a técnica da música e principalmente da dança. Ao ter observado as reações dos corpos ao dançarem atraídos pela música, Platão havia ampliado a concepção do que seria ou viria a ser a noção de técnicas do corpo. Através da dança o corpo passa a ser um instrumento (um instrumento da técnica). Mauss chamou de técnica um ato que seja tradicional e eficaz (e esse ato tradicional e eficaz não difere do ato mágico, religioso ou simbólico). Para ele, o ato só precisa ser tradicional e eficaz.

Os homens se distinguem dos animais por sua técnica, por sua tradição (segundo Marx, pela sua capacidade e atividade do trabalho). Não pode existir técnica e não pode existir transmissão de ensinamentos se não houver tradição. Os homens se distinguem dos animais pela sua técnica adquirida através da transmissão oral.

Mauss define que o primeiro e mais natural instrumento do homem é o seu próprio corpo. O nosso corpo é o nosso objeto técnico, é o nosso meio técnico de sentir, de agir, de reagir, de expressar, de suportar. Mauss salienta que antes mesmo de haver a manipulação das técnicas de instrumentos, já havia as técnicas do corpo (já havia as técnicas manifestadas pelo corpo). Mauss também demonstra que tudo em nós, homens, é imposto.

Sobre os princípios de classificação das técnicas do corpo, Mauss nos revela que duas coisas são explicitamente visíveis a partir da noção de técnicas do corpo: as noções de técnica do corpo costumam se dividir pelo gênero (sexo masculino e sexo feminino) e pela faixa etária (criança, adolescente, adulto, idoso). Mauss ressalta que o que ele fez foi traçar a divisão das técnicas do corpo entre os sexos (para que não seja confundido com a noção de divisão do trabalho entre os sexos). Para isso, Mauss nos dá o exemplo da forma que homens e mulheres costumam fechar o punho. Ele revela que normalmente o homem fecha o punho com o polegar para fora e a mulher fecha o punho com o polegar para dentro (isso ocorre porque a mulher não foi educada para aprender a dar socos). Outra coisa interessante que ele nos revela é que ao lançar uma pedra o arremesso da mulher tende a ser frouxo e costuma ser arremessado no plano vertical (para cima) diferentemente do arremesso do homem que costuma ser arremessado no plano horizontal (em linha reta).

Mauss reflete que talvez não seja o caso de considerar distintas as técnicas do corpo entre homens e mulheres fazendo com que haja uma sociedade dos homens e uma sociedade das mulheres. Mas seja como for, Mauss destaca que o psicólogo sozinho oferecerá sempre explicações duvidosas e ele sempre precisará da colaboração de duas ciências que lhe são vizinhas: a Fisiologia (o plano fisiológico) e a Sociologia (o plano sociológico). Ao observar a variação das técnicas do corpo com relação à faixa etária, Mauss observa que a criança consegue se abaixar (se agachar) normalmente. Ele fala que os adultos agacham-se com mais dificuldade que um adolescente e que os idosos se agacham com mais dificuldade ainda do que os adultos. Crianças e adolescentes agacham-se melhor, com mais facilidade do que se agacham os adultos e os idosos. Mauss considera esse comportamento uma inferioridade de nossas raças, civilizações e sociedades, e cita o exemplo de quando esteve no front com australianos brancos: observou que eles tinham uma imensa superioridade sobre ele (Mauss) que era francês; observou ainda que quando interrompiam a caminhada, os australianos conseguiam sentar-se sobre os seus calcanhares e repousar e que as poças d'água que inundavam as ruas ficavam abaixo de seus calcanhares e Mauss, como francês, não conseguia agachar-se daquele jeito por muito tempo e permaneceu em pé com os calos doendo e com as botas encharcadas de lama. Mauss expressa que ele considera a posição de ficar agachado como uma posição interessante e que deveria sempre ser conservada numa criança. Ele confessa que é um terrível erro proibir uma criança de ficar agachada por achar que é feia tal posição. Ele observa que toda a humanidade conserva o costume de agachar-se em todas as idades (e não apenas na infância). Ele se ressentiu pelo erro da nossa sociedade Ocidental não ter conservado o hábito de agachar-se quando chegam à idade adulta e idosa e explica que talvez esse comportamento nas sociedades ocidentais tenha se extinguido devido à postura de agachar-se nas séries das idades da raça humana, ter mudado de importância na medida em que outrora se considerava a posição de agachar-se como uma manifestação de degenerescência (inferioridade) manter o arqueamento dos membros inferiores. Pois era o homem de Neanderthal que possuía as pernas arqueadas e costumava viver agachado.

Mauss ressalta que muitas vezes aquilo que as sociedades acreditam ser eficazes na ordem da hereditariedade (no sentido biológico) na verdade fazem parte da ordem fisiológica (orgânica), da ordem psicológica (mental) e de ordem social (interação social, comunicação, linguagem). O que Mauss está querendo dizer é que nenhuma técnica é hereditária. Ele destaca o fato de uma certa posição dos tendões e dos ossos não serem consequência hereditária, são consequência do aprendizado adquirido, das formas de apoiar-se e firmar-se com os pés. Assim, as técnicas do corpo podem ser classificadas por suas

variações de faixa etária (crianças, jovens, adultos, idosos) e também por variações de gênero (homens e mulheres). Todas as classes de quaisquer sociedades se dividem através das distinções existentes entre as faixas etárias e os gêneros (ou entre os gêneros e as faixas etárias).

Mauss também observou a classificação das técnicas do corpo com relação ao rendimento e com isso afirmou que as técnicas do corpo podem ser classificadas em razão de seu rendimento e dos resultados de seu adestramento. Mauss revela que o adestramento é simplesmente a busca pela aquisição de um rendimento. Todo adestramento tem de render algo, todo adestramento tem de mostrar rendimento. O adestramento pode ser considerado como um rendimento humano. As técnicas do corpo nada mais são do que um adestramento humano (onde o corpo do homem é o instrumento, é o veículo a ser adestrado). Assim como os homens costumam adestrar os seus animais, os pais possuem os mesmos costumes ao querer adestrarem os seus filhos. Mauss destaca que certamente as crianças foram as primeiras criaturas a serem adestradas (pois ele ressalta que os animais antes de serem adestrados eles necessitam primeiro serem domesticados). Os animais primeiro necessitam de domesticação e posteriormente de adestramento. As crianças são diferentes dos animais porque as crianças não necessitam serem domesticadas (porque as crianças não são bichos), as crianças necessitam apenas serem adestradas (isso porque o adestramento é uma forma de aprendizado).

Possuir hábitos é possuir a noção de saber fazer (é possuir a noção de como saber fazer). Só sabemos fazer algo se antes nos dermos ao trabalho de praticar (até adquirir o hábito, até adquirir a prática). Sabemos então que o hábito só se adquire com a prática. O hábito, a habilidade significa possuir o conhecimento de todo o domínio técnico. A habilidade é um domínio técnico e o domínio técnico é uma habilidade.

É importante salientar que embora Mauss tivesse enumerado várias técnicas do corpo, ele se esqueceu de citar a técnica da tatuagem, que é uma importante técnica do corpo. A tatuagem tanto é realizada por um instrumento externo (a máquina de tatuar elétrica denominada de Dermógrafo e dentro do Dermógrafo é inserida uma haste em aço cirúrgico soldadas com a quantidade de agulhas que forem necessárias para inserir o desenho) como também a tatuagem é um instrumento interno justamente pela tatuagem ser inserida no corpo (e dentro da pele).

Assim como as técnicas do corpo variam de sociedade para sociedade, as técnicas da tatuagem também variam de lugar para lugar, variam de sociedade para sociedade. A técnica de tatuar antes do advento da modernidade não é a mesma para todos os povos. Desde o advento da modernidade que a

técnica da tatuagem veio se modificando ao surgirem novos instrumentos que vieram facilitar a precisão dos traços e a própria definição das cores. Com o advento da modernidade surgiu a invenção do Dermógrafo (que é o atual modelo da máquina de tatuar). Antes do Dermógrafo as tatuagens eram feitas de outras maneiras. Por exemplo, os índios brasileiros utilizavam ossos pontiagudos de animais para inserir os traços sobre a pele. Os índios também costumavam usar espinhos bem afiados para fazerem os traços dos desenhos. Os japoneses utilizavam outra técnica que é chamada de *Tebori* (essa técnica consiste na utilização da combinação entre o claro e o escuro (os tons coloridos são realçados pela cor escura de um fundo preto. A maioria dos desenhos japoneses possui um fundo para dar um complemento e assim realçar mais ainda o desenho principal). O *Tebori* consiste em fazer os traços com agulhas presas a um pedaço de bambu. O bambu contém as agulhas presas nele e costuma-se dar pequenas machadadas no bambu para que a agulha, nele inserida, entre na pele formando os traços dos desenhos. Os povos Maoris também costumam tatuar utilizando o auxílio de pequenas machadadas (as machadinhas) com a diferença de que os Maoris não utilizam o bambu; utilizam instrumentos semelhantes a pentes pontiagudos nos quais as machadas são dadas sobre eles (e não sobre os bambus como fazem os japoneses). O interessante é perceber que tanto os povos indígenas do Brasil quanto os Maoris, as suas tatuagens eram predominantemente na cor preta (como os tribais indígenas e como os tribais Maoris).

Os japoneses costumavam utilizar-se de uma rica variedade de cores para compor seus desenhos orientais em formas de dragões, tigres, carpas, gueixas, samurais. Tanto os desenhos indígenas quanto os desenhos Maoris são belos pela riqueza de seus traçados abstratos, geométricos e entrelaçados que são predominantemente na cor preta. Já as tatuagens japonesas são belas por seu requinte, por sua delicadeza e perfeição dos detalhes do desenho principal e do fundo que o complementa. Sabemos que o advento da tatuagem colorida surgiu com o advento da modernidade. Os povos de tonalidades de pele de cor parda (como os indígenas brasileiros e os Maoris da Nova Zelândia e também os Polinésios) costumavam utilizar-se da cor predominantemente preta.

Os japoneses por não serem pardos e possuírem uma tonalidade de cor mais clara do que a dos indígenas brasileiros e dos Maoris e Polinésios (que eram pardos), costumavam utilizar na pele outras cores que não se limitassem à cor preta. Por isso, quando surgiu na modernidade outras cores de tinta (amarelo claro, amarelo escuro, laranja claro, laranja escuro, vermelho claro, vermelho escuro, rosa, lilás, roxo, verde claro, verde escuro, azul claro, azul escuro, marrom claro, marrom escuro, cinza, branco) percebeu-se que a melhor tonalidade de pele na atualidade é a pele branca pois é nela que todos

esses degradês de cores tornam-se mais nítidos; em outras tonalidades de pele que não é possível a perceptibilidade de todos esses degradês de cores).

Então, quando se fala em técnica de tatuar, o degradê é uma técnica perceptível apenas na pele branca e na pele amarela (oriental) muito mais do que na pele parda (indígena ou mulata) ou na pele negra (que é muito pouco perceptível). Percebe-se que em peles pardas (indígenas ou mulatas) as cores que mais se destacam são as cores de tinta escura como a cor preta, o azul escuro, o verde e a cor vibrante do vermelho. Em peles mais claras (como a branca e a amarela) todas as cores de tintas, sem exceção, tornam-se perceptíveis e com um nítido colorido. A cor branca, a amarela, a rosa e a lilás, elas não se destacam bem em peles de tom escuro como costumam se destacar em peles claras.

A tatuagem é uma técnica e toda técnica possui a sua matéria-prima mais eficaz e outra não tanto eficaz quando o assunto em questão é nitidez, durabilidade e perceptibilidade. Em nenhum momento está sendo dito que peles escuras não podem ser tatuadas (afinal tatuar-se é um direito do consumidor e seria inconstitucional impor barreiras para que pessoas de pele escura sejam impedidas de ter o acesso ao consumo de tatuagens), mas a questão a ser evidenciada aqui é sobre a técnica da nitidez de determinadas cores de tinta que ficam melhores em determinados tons de pele do que em outros. Fazer uma cor de tatuagem destacar-se em determinadas tonalidades de pele requer muita técnica para que o resultado fique satisfatório.

Mas a técnica da tatuagem não se limita apenas à perceptibilidade da coloração das tintas. A técnica da tatuagem refere-se também às formas pelas quais as pessoas deslocam o seu corpo, contorcem o seu corpo, e tentam acomodar o seu corpo na hora exata que a sua pele estiver sendo tatuada. O processo da inserção de uma tatuagem é na maioria das vezes um processo dolorido (dependendo do lugar pode doer pouco ou doer muito), mas independente da dor que pode ser sentida, há em todo o caso o desconforto com relação a posição em que o tatuado se encontra enquanto está sendo tatuado. Há posições cômodas e há posições incômodas (então quando não é a dor que pode incomodar, provavelmente poderá ser a permanência prolongada de uma posição é que pode incomodar). É comum que alguma tatuagem demore a ser finalizada e precise ter um tempo de duração mais prolongado e muitas vezes uma sessão de tatuagem prolongada torna-se incômoda (mesmo que não seja tão dolorida).

Assim, a técnica da tatuagem requer paciência tanto da parte do tatuador (que é quem desenha do início ao fim, que é quem faz os traços e os coloridos) quanto requer paciência por parte do tatuado (porque é nele que está sendo feita a perfuração, a introdução de agulhas sobre a pele). Portanto, a

tatuagem é a técnica da paciência (da paciência mútua entre tatuador e tatuado). Há tatuados impacientes e que reclamam muito e isso também faz com que o tatuador acabe por ficar impaciente também. A técnica da tatuagem requer muita concentração por parte do tatuador para que ele realize traços perfeitos, traços retos, traços finos, traços delicados, traços precisos. A perfuração da pele costuma sangrar um pouco (não se trata de um sangue excessivo, trata-se mais de um gotejamento de sangue, pois a pele ao ser perfurada costuma expelir pequenas e minúsculas gotículas de sangue na qual o tatuador deve a todo momento ficar enxugando essas secreções que saem da pele para que ele possa dar continuidade ao desenho. O tatuador tem que enxugar constantemente essas gotículas que saem da pele para que ele possa enxergar os traços da tatuagem que ele está realizando naquele momento). Para realizar a perfuração da pele, o tatuador enquanto tatura com uma mão, deve esticar a pele do tatuado com a outra mão (o tatuador estica a pele com uma mão para poder tatuar com a outra). Toda pele deve ser esticada, ou seja, é necessário que todo tatuador estique a pele com uma mão enquanto perfura com a outra. É praticamente impossível tatuar sem antes esticar a pele do local a ser tatuado.

Há alguns procedimentos que o tatuador deve realizar para a sessão da tatuagem. Por exemplo, o tatuador deve:

I) Ter os cuidados com a Assepsia, que são:

1) A esterilização em uma *estufa* ou *auto-clave* de todo o material antes da sessão de tatuagem. Os materiais que são submetidos a esterilização são a *biqueira* da máquina de tatuar, a *haste* que é fixada dentro da biqueira e as *agulhas* que estão soldadas na haste;

2) O descarte dos materiais que foram utilizados na sessão de tatuagem, tais como: *barbeador de depilação* (utilizado para depilar a região que conter pelos), *agulhas* (utilizadas na perfuração da pele), *batoques* (são recipientes descartáveis utilizados para que a tinta seja despejada nele, evitando assim que se contamine o frasco principal da tinta a ser despejada), *luvas* (utilizadas para a proteção do tatuador para que ele não se contamine com o sangue do cliente, assim como para a proteção do tatuado para que a mão do tatuador não contamine a região perfurada), *papel toalha* (utilizado para ficar enxugando o sangue do cliente que vai saindo enquanto o tatuado está sendo perfurado).

II) Ter os cuidados com a “fixação do desenho” no corpo do cliente:

1) Escolher o desenho e escolher o local (a região) do corpo

- 2) Limpar o local do corpo que será feita à tatuagem com água e sabão (em seguida enxaguar e enxugar)
- 3) Limpar o local com álcool e éter (esperar secar)
- 4) Transferir o desenho do papel comum para o papel vegetal
- 5) Inserir o desenho que está decalcado no papel vegetal e fixar na região do corpo escolhida pelo sujeito
- 6) Esperar secar a fixação do desenho
- 7) Iniciar os contornos seguindo bem delineadamente os traços (o menor erro, o menor desvio faz com que o traço se perca e fique torto). Não é todo tatuador que consegue seguir com perfeição os traços fixados do papel vegetal para a pele. Se o tatuador não tiver experiência; mesmo utilizando o decalque ele não conseguirá efetuar um traço reto e preciso. Engana-se quem pensa que realizar uma tatuagem é apenas seguir um decalque, porque não é verdade. A pele é maleável, é móvel, ela se locomove sem ser sentida e caso não tivesse o auxílio do decalque facilmente o desenho se deslocaria de lugar podendo ficar torto. O “decalque” apenas serve de auxílio para quando o corpo se locomover involuntariamente (quando estão sentido dor, algumas pessoas acabam se mexendo involuntariamente e esse leve mexido, esse leve desvio pode causar interferência no desenho). Ingênuos são os que pensam que o decalque existe porque os tatuadores não sabem desenhar! O uso do decalque não significa que o tatuador não saiba desenhar, significa apenas que o decalque auxilia em casos de locomoção involuntária do corpo e para que os traços não saiam de seu seguimento. A pele humana não é como papel. A pele humana é maleável e é necessário a utilização do decalque para o seguimento dos traços. É bom destacar também que o decalque só é utilizado para o traço. Não se utilizam decalques para o colorido, para o preenchimento das cores, para os degradês que são realizadas com as cores, para os efeitos de luz e sombra, para os efeitos em sombreado, para os efeitos em chamuscado, assim como outros tipo de efeitos. O tatuador “faz tudo sozinho” e não é o mero uso de um decalque auxiliador para não se perder o traçado que vai retirar o mérito da habilidade que existe em praticar a técnica de se fazer tatuagens!

Afirmar que o tatuador faz tudo sozinho significa dizer que é o tatuador quem manipula a máquina de tatuar. Não é o homem que é manipulado e controlado pela máquina de tatuar. É o tatuador (o homem) que manipula e controla a máquina que utiliza para realizar o seu ofício. São as agulhas inseridas dentro da máquina de tatuar quem perfura, mas é o homem com as suas mãos quem desenha. É a mão humana que controla a máquina. É a mão do homem que produz a elaboração dos traços e a definição das cores. A máquina não consegue fazer nada sozinha. Da mesma forma que o lápis e a caneta riscam o papel, é, no entanto, a mão do homem que controla e comanda o lápis e a caneta; da

mesma forma ocorre com a máquina de tatuar: a máquina só tatua porque é o homem que está em seu comando tatuando as pessoas. Se lápis nenhum e caneta nenhuma riscam, escrevem e desenharam sozinhos, o mesmo ocorre com o Dermógrafo: quem risca e desenha é o homem (não é necessariamente a máquina que risca e desenha, é o homem que risca e desenha com o auxílio dela). Podemos dizer então que lápis, caneta e máquina de tatuar são os instrumentos auxiliares do homem. O homem é o comandante e as suas ferramentas de trabalho lhe servem de auxílio.

Afirmar que é máquina de tatuagem quem tatua é um grave equívoco, pois, seria o mesmo que dizer que quem escreve e desenha não é o homem e sim a caneta e o lápis. Mas como o lápis e caneta podem escrever e desenhar sozinhos sem o comando do homem? Então o mérito é de quem? Obviamente que o mérito não são apenas das ferramentas e dos instrumentos que o homem utiliza para o auxiliar. O mérito da execução de um trabalho não é determinado pelas ferramentas e nem pelos instrumentos, o mérito é determinado pelo homem que é o grande mentor do trabalho (da tatuagem). Vamos refletir: quando observamos um quadro pintado em tela à óleo, de quem será o mérito pela obra artística? O mérito será do pincel (que é o instrumento) ou será do pintor (o homem)? Obviamente que o mérito da pintura não é do pincel porque o pincel não é capaz de pintar uma tela sozinho. Assim, se formos refletir se o mérito é da máquina de tatuar (o instrumento) ou do tatuador (o homem) comprova-se que o mérito é sem dúvida do tatuador, porque não é a máquina quem tatua sozinha (quem tatua é o homem que a maneja). O homem não é manejado pelo lápis, não é manejado pela caneta, não é manejado pelo pincel e tampouco é manejado pela máquina de tatuar. O lápis, a caneta, o pincel e o Dermógrafo é que são manejados pelo homem. O homem é que é o soberano entre as máquinas! O homem é que é o soberano entre todas as ferramentas e entre todos os instrumentos elaborados, utilizados e manejados por ele. Assim, com relação à técnica da tatuagem o único soberano é o tatuador, pois é o tatuador o executor da técnica.

Há alguns procedimentos que o tatuado deve seguir corretamente no *antes*, no *durante* e na fase *posterior* à sessão da tatuagem. Por exemplo, o tatuado deve:

III) Tomar algumas precauções *antes* de fazer a sessão de tatuagem:

- 1) O sujeito deve estar bem alimentado (não deve fazer a tatuagem em jejum; do contrário, pode ter uma queda de pressão por falta de alimentação);
- 2) O sujeito deve estar bem dormido (não deve fazer a tatuagem sentindo-se cansado, fraco, com sonolência, com ressaca, com fadiga, ou então não conseguirá concluir a sessão de tatuagem por inteiro);

3) O sujeito não deve ingerir nenhum tipo de álcool (bebidas de uma forma em geral costumam causar transpiração no corpo da pessoa, e caso o sujeito esteja alcoolizado, a absorção da tinta pelo organismo torna-se dificultada pela excessiva transpiração da pele daquele que se alcoolizou);

IV) Tomar algumas precauções *durante* a sessão de tatuagem:

1) O sujeito deverá manter-se em repouso ao máximo, caso contrário o traço do desenho ficará tremido por ter se mexido bem na hora da perfuração (é a mesma coisa de quem está escrevendo ou desenhando em uma folha de papel; no instante em que esse papel for puxado ou mexido por alguém ou por algo, certamente quem está escrevendo acabará distorcendo a caligrafia e a pessoa que desenha acabará borrando o desenho; assim é também com a tatuagem, caso o tatuado se mexa, o traço sairá tremido e a culpa não será do tatuador, será do tatuado que se mexeu).

2) O sujeito não poderá pedir para interromper a sessão a todo instante ao reclamar que está sentindo dor, senão o corpo não se acostumará com a dor e a sessão de tatuagem se prolongará mais do que a duração normal.

V) Tomar algumas precauções no período *pós-tatuagem*:

1) O sujeito deve manter repouso absoluto na região tatuada durante a primeira semana e principalmente nos primeiros três dias para que a tinta seja bem absorvida pelo organismo. Se o sujeito não respeitar esse período de repouso, uma parcela da tinta será expelida (expulsa) da pele, ocasionando em alguma parte do desenho um desbotamento. Então o sujeito não pode fazer esforço físico, não pode pegar em peso, não pode praticar esportes, não pode fazer musculação, não deve correr, não deve exercitar-se em demasia;

2) O sujeito não poderá ingerir nenhum tipo de bebida alcoólica por 15 dias (a ingestão de álcool é prejudicial à cicatrização de uma tatuagem, podendo ocasionar inflamação, expulsão de tinta e prolongamento da cicatrização);

3) O sujeito não poderá frequentar praia, piscina, rio, lagoa, fazer sauna, natação ou expor a tatuagem ao sol por 15 a 20 dias;

4) O sujeito não poderá comer alimentos que são considerados “carregados” para uma fase de cicatrização. É proibido comer crustáceos (camarão, siri, sururu, acarajé), bem como comer carne de porco e seus derivados (calabresa, lingüiça) por 10 a 15 dias;

5) O sujeito não poderá coçar e não poderá arrancar as “casquinhas” que se formam no processo de cicatrização da tatuagem (as “casquinhas” caem naturalmente na hora do banho com o passar dos dias);

VI) A forma de fazer a limpeza (o asseio) da região tatuada e a forma de curativo que deve ser utilizado:

1) O sujeito deverá lavar a sua tatuagem na fase de cicatrização apenas com água e sabão (sabão bruto, sabão neutro ou sabão de coco) de 2 a 3x ao dia. O sujeito não deve lavar a tatuagem com sabonete;

2) O sujeito não poderá lavar a região com força porque ela estará dolorida e também deverá enxaguar a tatuagem bem para não ficar resíduos de sabão, e em seguida deve enxugar bem a região tatuada, evitando que o local fique molhado ou úmido por muito tempo. O sujeito deve manter a tatuagem limpa e seca;

3) Após lavar, enxaguar e enxugar bem a tatuagem, o sujeito deve passar a pomada cicatrizante que possui a composição “Dexpantenol” 3x ao dia durante 15 dias seguidos;

4) Sobre a tatuagem, já com pomada, deve-se colocar por cima o filme PVC, que é um plástico transparente e aderente, que servirá como um protetor contra poeiras, contra pelos de animais domésticos, contra sujeiras em geral, protegerá do sol, protegerá do contato com a roupa e protegerá do contato com o lençol de dormir. O filme PVC deverá ser utilizado sobre a tatuagem durante 5 dias, trocando-o de 2 a 3x ao dia;

5) A utilização da pomada junto com o plástico PVC durante o período de 5 dias possui uma função protetora, e a utilização pomada por um período de 10 dias possui uma função cicatrizante, hidratante e lubrificadora e regeneradora da pele; após a fase de descamação, a pele permanece por poucos dias com um aspecto áspero e ressecado, mas retornará ao normal por volta de 15 dias posterior à finalização da sessão. Assim, o processo de cicatrização de uma tatuagem pequena ocorre em torno de uma semana e o processo de cicatrização de uma tatuagem média ou grande ocorre em torno de duas semanas.

Já sabemos que Mauss deu atenção às várias técnicas do corpo (mas não à tatuagem e ao seu processo cicatrizatório dentro das observações que ele fez sobre técnicas corporais). Mas, voltando às análises de Mauss, ele ressalta a importância de se estudar todos os modos de adestramento e da imitação, que são formas importantes de modos de vida, das maneiras pelas quais realizamos as nossas atividades e tarefas. Mauss fez uma enumeração simples sobre as faixas etárias do homem analisando a biografia de um homem (qualquer) para poder observar e analisar as técnicas que lhe foram ensinadas. Mauss observou as faixas etárias humanas com o propósito de tentar traçar uma biografia do homem. Ele cita que *as técnicas do nascimento e da obstetrícia* variam muito de sociedade para sociedade; cita o

exemplo do nascimento de Buda em que a mãe de Buda (chamada Māya) deu à luz agarrada a um galho de árvore e em pé (e na Índia muitas mulheres ainda dão à luz em pé, assim como a Māya). No Ocidente o normal é que o parto seja realizado na posição deitada de costas. Muitas mulheres indígenas costumam dar à luz na posição de quatro. Há técnicas do parto que são realizadas por parte da mãe e há técnicas do parto que são realizadas por parte de pessoas auxiliares (parteiras, curandeiros, médicos, etc). Há diferenças nos modos de se pegar à criança, nas formas do corte do cordão umbilical, dos cuidados com a mãe e dos cuidados com a criança.

Sobre as *técnicas da infância*, Mauss observou as formas de criação e as formas de alimentação da criança, observou também as atitudes recíprocas da mãe com o seu filho e as atitudes do filho com sua mãe. Ele também observou variações nas formas de transportar a criança. Ele destaca que a criança que é transportada junto ao corpo da mãe por dois ou três anos tem uma atitude diferente das outras crianças que não são ou que nunca foram transportadas por sua mãe. As crianças transportadas por sua mãe nas comunidades indígenas e aborígenes possuem um contato muito diferente do que as crianças de nossa sociedade. Nas sociedades indígenas e aborígenes, as crianças são penduradas no pescoço de sua mãe e são penduradas pelos ombros ou pelos quadris de sua mãe. Mauss observa que as mães fazem uma ginástica incrível quando transporta as suas crianças e que as crianças de certa forma também participam dessa ginástica que será essencial para toda a vida delas. Com relação ao *desmame*, Mauss observou que a amamentação tem uma duração longa (que vai dos dois aos três anos de idade entre as crianças indígenas e aborígenes). Em muitas comunidades tribais é comum que a mulher além de amamentar o seu filho, também amamente animais. É habitual a mulher demorar a suspender o leite nestas sociedades tribais. Mauss observa que há relação entre o desmame e a reprodução e também a interrupção da reprodução até o desmame. Mauss também observou que a humanidade pode ser dividida em *povos com berço* (os povos do Hemisfério Norte) e *povos sem berço* (povos da região Andina e também da África Central). Os povos da região Andina (dos Andes) e povos da África Central acreditavam que o uso de berços poderia causar deformidade craniana. Após o desmame, a criança aprende a comer, a beber, a falar, a ficar na posição ereta e caminhar sozinha e são ensinadas também para a dança e para a música.

Sobre as *técnicas da adolescência*, Mauss observou que geralmente o principal momento da educação do corpo são celebrados pelos rituais de iniciação que ocorrem durante a adolescência. Tanto para os homens quanto para as mulheres o momento decisivo e mais aguardado é a chegada da puberdade. É exatamente durante a fase da adolescência que os jovens aprenderão todas as técnicas do corpo que terão de conservar durante toda a sua vida. Sobre as *técnicas da idade adulta*, Mauss observou

as *técnicas do sono*. Ele observou que o ato de deitar numa cama não é habitual para todos. Em períodos de guerra, Mauss relembra que ele chegou a dormir em cima de um monte de seixos. Ele observa que há sociedades que realmente não utilizam camas para dormir e muitas delas preferem dormir no chão duro. Há povos que usam esteiras para dormir, há outros que usam redes, há povos que dormem todos em volta de uma fogueira, há povos que se utilizam do uso de cobertor e há povos que desconhecem o uso de cobertores. Sobre as *técnicas de repouso*, Mauss observa que existe o repouso deitado, o repouso sentado, o repouso agachado. Há povos que possuem assentos para se sentar e há povos que dispensam o uso de assentos.

Sobre as *técnicas do movimento*, Mauss observa o óbvio: assim como o repouso é a ausência de movimento, o movimento é também a ausência do repouso. Por movimento ele cita o movimento de uma corrida, os movimentos de uma dança, os movimentos de um salto, os movimentos de uma escalada, os movimentos de uma descida, os movimentos do nado, os movimentos de força e tantos outros tipos de movimentos.

Sobre as *técnicas de cuidado com o corpo*, Mauss destaca o cuidado de se lavar, de se ensaboar, de se esfregar. Ele destaca que o sabão não foi inventado pelos antigos (e que eles não se ensaboavam) e sim pelos gauleses. Mas ressaltou que havia também outros povos da América Central e da América do Sul que se ensaboavam: os da América Central se ensaboavam com madeira-do-panamá e os da América do Sul com a madeira de pau-brasil. Sobre as *técnicas dos cuidados com a boca*, ele cita as técnicas do tossir e do cuspir. Sobre as *técnicas de comer* ele revela que há povos que usam talheres e há povos que não os usam. Há povos dentre os quais há a presença do uso de facas e outros nos quais é ausente o seu uso. E por fim, sobre as *técnicas de reprodução*, Mauss revela que as posições sexuais também são posições técnicas.

5.5: A Tatuagem sob a ótica de uma Sociologia do Corpo

Em “*Sinais de Identidade*” (...), o francês Le Breton define o corpo como a marca do indivíduo, como uma fronteira que distingue todas as pessoas umas das outras, e, por isso as tornam únicas. Ele percebe que nas sociedades ocidentais o corpo ocupa um lugar de separação, e não mais o de “aliança” como ocorria em muitas sociedades indígenas e aborígenes. Nestas sociedades, os povos tatuados eram identificados pelo pertencimento a um grupo definido, onde a tatuagem era o símbolo dessa aliança de

pertencimento (havia uma coerção que não é sentida, mas era aceita de bom grado). Já nas sociedades ocidentais, desde o período da Renascença, os indivíduos querem demarcar a sua individualidade através de seu corpo (o corpo se torna a demarcação do indivíduo; é através de seu corpo que o homem demarca a sua individualidade). O corpo tatuado também implica que o homem seja separado da natureza (a natureza é dada e o corpo que antes era dado, passa a ser modelado de acordo com a vontade de seu dono). O corpo tatuado implica na separação de si mesmo (uma vez que rompe com a concepção de que um corpo ilustrado é um corpo profano, no qual impera um dualismo entre alma e corpo). Pois o que se tatua é o corpo e não a alma. O que se tatua é a matéria e não a metafísica.

Le Breton enfatiza que o corpo da modernidade apresenta-se como um corpo regido pela separação. E com relação às marcas corporais, ele salienta que os indivíduos buscam marcas para produzir para si mesmo uma identidade própria (ou seja, uma identidade que lhe seja peculiar, que lhe seja íntima). As marcas corporais são escolhas de foro muito íntimo. Cada tatuado quer possuir uma marca que lhe seja própria. Nesse sentido, nas sociedades contemporâneas, a tatuagem acaba moldando a individualidade do sujeito.

Le Breton também salienta a questão de que um corpo tatuado é um corpo que escapa ao anonimato, já que uma das muitas intenções em portar uma tatuagem é a de afirmar a sua presença tanto para si próprio (ao ver a tatuagem em si mesmo), quanto para os outros (que o percebem, o notam pelos lugares por onde o tatuado circula). Uma tatuagem à mostra sugere a intenção de que o seu dono (a) não quer passar despercebido aos olhos dos outros. A intenção é ser notado. Através dessa perspectiva de querer ser notado, podemos pensar que todo tatuado é narcisista. O tatuado gosta de olhar-se no espelho para ver o reflexo da sua tatuagem, pois olhar-se no espelho é simular como os tatuados são vistos através do olhar do outro. Quando não nos vemos no espelho, não sabemos como está neste momento o nosso reflexo. Quando nos vemos no espelho, sabemos como seremos vistos pelo outro. Então, quando o sujeito olha o seu corpo tatuado refletido no espelho, ele tem a simulação de como o seu corpo tatuado é visto pelos outros. A nossa cultura Ocidental é uma cultura plástica, isso significa que é uma cultura para “olhar”, mas também para ser “visto”. Se Ser é perceber, Ser é também Ser percebido (os tatuados buscam ser notados).

Os tatuados possuem um comportamento narcisista. Os tatuados são sujeitos narcísicos. Os próprios índios sempre foram fascinados por espelhos. Eles gostavam de trocar ouro por espelhos. Isso porque o ouro era menos importante que a sua própria imagem refletida em um espelho. O corpo como imagem que nos distingue dos outros. Os tatuados indígenas e aborígenes se tatuavam para embelezar-se à

maneira de sua tribo. Os índios eram idólatras do sol, da lua, da terra, da chuva, das nuvens, dos ventos, das árvores, dos animais. Os índios possuíam um comportamento animista e suas tatuagens estavam vinculadas a grafismos indígenas que representavam as características simbólicas animistas correspondentes ao povo ao qual pertenciam. Os tatuados contemporâneos se tatuam para embelezar-se à sua maneira e suas tatuagens estão fragmentadas em diversas variações de estilos. A lógica do narcisista está em pensar que se você não é visto, você não é. Eu estou aqui e o outro me vê. Eu só sou porque o outro está aí e eu só posso ser reconhecido pelo outro. A gente só é para o outro. Na medida que eu vejo, eu sou visto. Na medida em que eu vejo o outro, o outro também me vê. O tatuado, nesse sentido, é reconhecido por ser observado nos locais em que circula.

Le Breton, ainda em *“Sinais de Identidade”*, cita Lombroso como um dos que contribuíram para estigmatizar a prática da tatuagem, já que seu pensamento era o de que indivíduos que ostentassem marcas corporais eram homens selvagens, homens classificados como menores por serem considerados poucos civilizados. Lombroso concebia as tatuagens dos indígenas como um vestígio atávico, típico de populações de pouca inteligência, já que “homem culto e civilizado” não ostenta marcas corporais. No século XIX, devido aos ideais excessivos de uma “civilidade” avessa à “selvageria”, a tatuagem foi associada à marginalidade porque o índio havia sido marginalizado pela cultura do colonizador. A tatuagem passou a ser considerada uma prática marginal e estigmatizada indevidamente (entre o final do século XIX e primeira metade do século XX).

Segundo Lê Breton, no final do século XX, o cenário da tatuagem passa a reivindicar o seu reconhecimento artístico. Esse reconhecimento artístico significa se opor totalmente às tatuagens precárias realizadas nas cadeias). Durante muito tempo, a nossa sociedade incorporou a idéia de que a tatuagem pertencia ao “primitivismo”. Diante desse quadro, a visão perjurativa que associava o uso de tatuagens à barbárie e à inclinação para a criminalidade, pesou durante muito tempo de forma negativa dentro dos países da Europa Católica, que por muito estigmatizou portadores de marcas corporais com a perseguição da Santa Inquisição durante o período da Idade Média. Mas essa negatividade não impediu que católicos buscassem se tatuar em determinados contextos de suas vidas. Le Breton cita as tatuagens religiosas de inspiração católica como aquelas que buscam enaltecer e reverenciar o sofrimento de Cristo com a tatuagem de seu rosto em sofrimento. Tatuagens com fins religiosos possuem a intenção de que o desenho possa servir como uma espécie de amuleto de proteção ou algo que lhe atrairá bons presságios.

Com essa comparação, Le Breton evidencia que apesar da grande estigmatização durante a Idade Média ao corpo marcado por tatuagens, esse estigma não impediu que alguns católicos viessem a querer

se utilizar do artifício de marcar o corpo durante o período que se intensificou as Cruzadas. Era comum os navegantes católicos, no período das Cruzadas, terem o costume de tatuar uma Cruz em seu corpo (como uma marca de identificação de que pertencia ao movimento das Cruzadas).

Le Breton também observa que nos anos de 1960 do século XX, a tatuagem passa a ter uma forte ligação com a música, uma vez que surgia no cenário underground do rock e do punk e personalidades artísticas do continente europeu ostentando suas tatuagens publicamente e ironicamente. Ele evidencia que, a partir dos anos 1980 e 1990 do século XX, o corpo do indivíduo torna-se o produto de sua própria identidade na medida em que o corpo é construído a partir de sua idealização e que essa idealização é colocada em prática ao inserir no corpo a tatuagem (antes pretendida, e agora concretizada). A partir dos anos 1990 e mais precisamente a partir de 1995, a tatuagem passa a ter uma maior difusão social e vai deixando aos poucos de ser mal vista para ser bem vista socialmente. Isso porque a tatuagem tem deixado de ser vista com preconceito para ser vista como uma forma de decoração. Decorar o corpo com tatuagens passou a ser sinônimo de uma forma de embelezamento para as mulheres e de virilidade para os homens.

Tem-se percebido que a tatuagem hoje se encontra difundida em todas as classes sociais, difundida entre todos os gêneros e difundida entre todas as faixas etárias. A arte contemporânea também se expressa através do corpo (assim como antes a arte corporal também se expressou um dia no seio dos costumes indígenas e aborígenes). Qual a relação entre arte contemporânea e tatuagem? Esta relação deve-se ao fato da contemporaneidade ter aperfeiçoado o mundo das técnicas, repercutindo em uma evolução dos procedimentos técnicos, e sendo assim, contribuiu para expandir uma prática que ao invés de perecer, acabou se expandido no Ocidente.

A Tatuagem, na configuração de Le Breton, é uma iniciativa pessoal de um corpo concebido como insuficiente em si mesmo, e que marcá-lo significaria uma forma de incorporar uma identidade pessoal (nas sociedades indígenas realizava-se a tatuagem para que ela inserisse o indivíduo em sua identidade cultural, e hoje, a tatuagem é realizada para que ela insira no indivíduo uma identidade pessoal). Hoje, o uso da tatuagem vai distanciando-se da associação com a marginalidade e afasta-se da má imagem que antes lhe era injustamente atribuída.

A maior vítima da violência é o corpo e paradoxalmente é o corpo quem pratica a violência (o corpo de um homem é vitimizado pelo corpo de outro homem que o oprime. Enquanto o corpo de um homem padece pelo estigma, o corpo do outro homem o estigmatiza). Numa família onde opera o medo, não há

liberdade. O agente domina o corpo pelo medo. O corpo do outro é dominado pelo medo. O corpo é educado sobre um dizer sobre o “Outro, onde se instaura a moralização do corpo do “Outro”. Nós costumamos nos ver pelo olhar do Outro. Por exemplo, a nossa identificação brasileira se dá por aquilo que é europeu (falar português, ser católico, onde nós assimilamos a higienização do Outro).

Com o advento do século XIX, houve uma educação gráfica, onde povos considerados como “ágrafos” (sem escrita), foram concebidos equivocadamente como povos “sem história”. O ordenamento jurídico da História Ocidental Européia tratou de regular e ajustar à sua maneira a vida de outros povos, onde legitimou o seu poder, se utilizando da força de um argumento em que se partia da concepção que existia um “modelo” e um “anti-modelo”. O europeu tratou de servir como “modelo” diante do preterido “anti-modelo” indígena.

Desde o início da colonização o Europeu tratou de controlar corpos alheios. Cria-se uma hierarquia de regras para comportamentos indígenas tido como delitos que se contrastam aos modos de ser do europeu. Na contemporaneidade não é diferente: quanto mais um sujeito demonstrar ser “rebelde”, mas disciplinaridade recairá sobre ele na tentativa de discipliná-lo. O corpo sempre é alvo de acusações proferidas pelo outro na tentativa de estigmatizá-lo. O século XX sofreu resquícios da mentalidade retrógrada do século anterior, mas o início do século XXI começa a se configurar de outra forma.

CAPÍTULO 6

A TATUAGEM SOB A ÓTICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NA QUESTÃO DO “EU” E DO “OUTRO”

6.1: A Relevância das Ciências Sociais para a Compreensão do Homem e da Sociedade:

As Ciências Naturais são representadas pela Matemática, Física, Química, Biologia, Astronomia, etc e costumam estudar fatos simples, costumam estudar eventos que são facilmente isolados (DAMATTA, *Relativizando*, 1987, p.17), já as Ciências Sociais (a Antropologia e a Sociologia) costumam estudar fenômenos complexos, fenômenos que possuem determinações complicadas, e por isso mesmo costuma modificar seu significado de acordo com o contexto histórico (o tempo), o contexto espacial (o local) e o comportamento dos atores em questão (a ação social). Podemos perceber que a humanidade na maioria das vezes procura buscar explicações exatas e precisas e não possuem o poder de perceber que a área das Ciências Sociais não é exata como a área das Ciências Naturais e que portanto, as Ciências Sociais procuram não criar leis e regras imutáveis, justamente porque a Antropologia e a Sociologia têm a consciência de que a área comportamental possui um caráter dinâmico. De acordo com Roberto DaMatta, os fenômenos que são estudados pelas Ciências Naturais são fenômenos que podem ser facilmente percebidos, divididos, classificados e explicados dentro das condições de relativo controle, mas com as Ciências Sociais é diferente.

Os estudiosos das Ciências Naturais são capazes de criar tecnologias tanto desejáveis (que facilitam a vida cotidiana do homem proporcionando ao homem uma maior praticidade) quanto indesejáveis (quando criam tecnologias danosas ou mortíferas ao homem, como a produção de bombas atômicas), já os estudiosos das Ciências Sociais, embora eles possuam as condições de percepção, classificação e interpretação sejam complexas, os resultados dos estudos não possuem os mesmos resultados dos estudos das Ciências Naturais. Isso porque as Ciências Naturais costumam criar conceitos ideológicos, já as Ciências Sociais procuram se afastar de qualquer tentativa de se criar credos ideológicos e imutáveis, justamente pela dinamicidade que apresentam as Ciências Sociais. Podemos perceber que são poucas as teorias sociais que costumam chegar à uma postura ideológica, como ocorrem com a questão do racismo ou da luta de classes (que costumam ser adotados por determinados tipos de sociedades e podem se transformar em valores nacionais (DAMATTA, 1987, p.20).

Portanto, podemos perceber que os valores, os problemas, os resultados dos problemas encontrados pelos cientistas sociais não podem ser convertidos em tecnologias (como ocorre com as Ciências Naturais). Embora as Ciências Sociais não possuam a intenção de criar tecnologias como as Ciências Naturais, são as Ciências Sociais que costumam encontrar possíveis soluções para os problemas sociais, na tentativa de amenizar os conflitos sociais. E que conflitos sociais seriam esses? A própria questão sobre o Eu e o Outro se trata de um conflito social. Sendo assim, o conflito do eu e do Outro não é apenas tratado pela Antropologia, mas, sobretudo também pode ser tratado pela Sociologia. A partir do momento que a questão do Eu e do Outro passa a ser um conflito, cabe não somente à Antropologia, mas cabe também à Sociologia preocupar-se com essa questão.

A Antropologia e a Sociologia são Ciências Sociais, que se distinguem completamente das Ciências Naturais. Como Ciências Sociais que são, ambas (Antropologia e Sociologia) trabalham com objetos complexos, que são dificilmente isolados, exigindo uma constante observação, interpretação e trabalhos de campo. Enquanto as Ciências Naturais costumam trabalhar com objetos mais simples, que são facilmente isolados (como ocorre em um laboratório), as Ciências Sociais não têm como isolar o seu objeto de estudo em laboratório (até mesmo porque esse procedimento seria anti-ético, afinal as Ciências Sociais lidam com seres humanos e seres humanos não devem ser confundidos e nem tratados como cobaias).

São exemplos de Ciências Naturais a Física, a Química, a Matemática, a Biologia. São exemplos de Ciências Sociais (como já foi dito, a Antropologia e Sociologia). Erroneamente, a Antropologia é confundida com a História (ou então é confundida com a Arqueologia). Isso se deve ao fato de que por tratar e lidar com objetos complexos, requer a análise de documentos (o que não significa que a Antropologia esteja querendo fazer História) e viagens em trabalho de campo para as mais diversas sociedades existentes (o que não significa que a Antropologia se limita a apenas querer encontrar vestígios do passado, mas principalmente apreender vestígios do presente, do aqui e agora). Assim, devido a Antropologia também estudar e analisar o momento presente é que ela acaba se distanciando por completo da Arqueologia (que é apenas um ramo da Antropologia, onde a Antropologia é bem mais complexa).

A partir daí, dessa ruptura entre *Ciências Sociais* (que lidam com objetos complexos e difíceis de serem controlados) e *Ciências Naturais* (que lidam com objetos simples e manipuláveis), é que se expõe uma dicotomia existente entre a Antropologia (que foca no Cultural) e Sociologia (que foca no Social) em oposição à Biologia. Isso porque a Biologia trata do homem conforme à teoria da evolução, como se

toda a humanidade inteira tivesse nascido a partir de um modelo único de sociedade. Devido a isso, a Antropologia se opõe ao determinismo biológico por afirmar que este determinismo nega as pluralidades culturais.

A Antropologia trata do homem conforme a teoria relativista, o que remete à humanidade a uma diversidade cultural como algo móvel, mutável e dinâmico (composta de mobilidade, mutabilidade e dinamicidade). A Antropologia e a Sociologia, afirmam que somente no convívio em sociedade é que se pode determinar as formas de comportamento e de conduta humana, que os comportamentos e condutas humanas dependem do meio (do meio social) e não de determinismos biológicos. É por isso que em seu livro *“Cultura, um Conceito Antropológico”*, Roque Laraia (2007) defende que a sociabilidade é mais determinante do que a Biologia no que se refere à área comportamental. É válido citar a explicação dada por Roque Laraia quando ele evidencia que o determinismo biológico não é eficaz para tratar do comportamento humano. Com Roque Laraia tem-se a hipótese de que se um bebê recém nascido é posto em contato com lobos, ele não vai adquirir nenhuma característica da sociabilidade humana, simplesmente por não ter tido contato com nenhum outro humano. Esta criança provavelmente andará de quatro (embora seja bípede e a sua espécie tenha atingido um alto grau de bipedalismo), ela vai uivar (e não adquirir a fala humana propriamente dita). A sociabilidade depende do meio social e não de características genéticas. Nós humanos, somos diferentes dos outros animais, como um cachorro, que se posto em convívio com gatos, não vai miar, assim como se um gato for posto em convívio com cachorros, ele não vai latir. Ambos, cachorro e gato vão agir conforme a sua natureza, pois eles não precisam de socialização (em termos institucionais) como nós seres humanos precisamos para sabermos nos comportar bem socialmente e institucionalmente.

A Cultura é uma característica específica do homem, elemento este que os diferencia dos outros animais. A Cultura atua sobre um conjunto de indivíduos que vivem coletivamente. A Cultura pode ser determinada como uma orientação que integra e age sobre um grupo, onde cada indivíduo que é membro dessa coletividade, desempenha o seu papel e pratica as suas ações sociais. Podemos entender por Cultura, um conjunto de conhecimento, crenças, arte, moral, religião, lei, costumes e hábitos produzidos pelo homem. Quando Roque Laraia afirma que a cultura é dinâmica é justamente pelo fato dela lidar com as diferenças. Diferenças estas que não devem ser vistas como uma ameaça a ser combatida, mas sim como uma forma alternativa de estilo de vida a ser preservada. A Cultura humana trata de um acúmulo de conhecimentos adquiridos com a experiência e que são transmitidas pela linguagem. Fato este que nos diferenciamos dos animais (pois tudo o que é aprendido é de forma instintiva, e morre com

eles). Já nós humanos, tudo o que aprendemos é de forma consciente, e transmitimos os conhecimentos por nós apreendidos para as gerações posteriores à nossa. Outra questão importante abordada por Roque Laraia, deve-se ao fato de também ter constatado uma característica notavelmente humana, que seria a adaptação do homem ao meio, permitindo que o homem transforme o meio onde ele vive, tudo isso sem que seja preciso ele sofrer mudanças radicais em sua espécie (como ocorre frequentemente com algumas espécies de animais).

Nos respectivos livros *“Relativizando”* de Roberto DaMatta (1993), assim como *“O que é Etnocentrismo”* de Everardo Rocha (2006), ambos os autores se debruçaram sobre a questão do “Eu” e do “Outro”. Ambos, tratam da perspectiva do “Eu” e do “Outro” como um ponto essencial nos estudos antropológicos. Podemos observar que existem silimitudes entre a lógica do raciocínio de Roberto DaMatta ao utilizar o exemplo da “Baleia”, assim como Everardo Rocha ao utilizar o exemplo do “Marciano” e do “Louco”. Mas na verdade, o que ambos os autores estavam querendo expressar com suas teorias? Essa é uma questão que remete à análise da diferença, seja na perspectiva do “Eu” que costuma classificar, julgar as diferenças de maneira hierárquica em superior-inferior/melhor-pior; Ou ainda, na perspectiva do “Outro”, classificando de maneira específica cada uma, vendo a cultura na perspectiva, na utilidade e nas funções que ela tem para determinado grupo. O que remete a uma questão de ponto de vista (em que cada um tem o seu ponto de vista, mas precisa saber respeitar também o ponto de vista do outro). E esse é o ponto que aproxima a lógica do raciocínio de Roberto DaMatta ao utilizar o exemplo da “Baleia” da lógica de raciocínio de Everardo Rocha ao utilizar o exemplo do “Marciano” e do “Louco”. Podemos focar na questão de que, o homem ao observar o comportamento da Baleia, do Marciano ou do Louco, pode desenvolver teorias a respeito dos mesmos sob um ponto de vista que não é passível de contestação por eles. Diferentemente do que se fosse feito entre sociedades humanas: que possuem o poder da linguagem, da comunicação, da articulação de ideias e das ações conscientes. Por outro lado, também pode-se expor o fato do aspecto adaptativo do homem, o que é uma característica de sua cultura, tratando da lógica do sistema em si. Como por exemplo, o homem pode transformar o meio, enquanto a baleia não possui essa capacidade transformativa sobre o meio em que ela vive. Com o homem é diferente, ele tem a capacidade de tudo modificar e transformar.

De acordo com o Livro *“O que é Etnocentrismo”* de Everardo Rocha (2006), o autor recapitula e faz uma crítica ao evolucionismo histórico que costuma conceber o Ocidente como uma história com “H” maiúsculo e o conceito de difusionismo cultural (entre as culturas que não são ocidentalizadas) como a história com “h” minúsculo. Então, Everardo Rocha cita o nome de três ilustres antropólogos (o

antropólogo inglês Radcliffe-Brown, o antropólogo inglês Malinowski e o antropólogo e sociólogo francês Émile Durkheim), para evidenciar a postura dos três pensadores diante de uma postura etnocêntrica. Seus respectivos estudos acerca da sociedade do “Outro” tiveram grande importância para combater o Etnocentrismo.

De acordo com Radcliffe-Brown, que pretende desamarar a Antropologia da História, argumenta sobre o que é Diacronia (pensar diacronicamente) e o que é Sincronia (pensar sincronicamente). Porque Radcliffe-Brown, como antropólogo empirista, preferiu utilizar o método sincrônico ao invés do método diacrônico? É incontestável a importância dos estudos elaborados por Radcliffe-Brown no combate ao etnocentrismo e no desenvolvimento de uma teoria relativista, como essência da cultura. Visando desamarar a Antropologia da História, ele se convence de que a Antropologia não se limita a História, pois tenta tratar da Cultura e das diferenças que nascem de cada uma de acordo com as escolhas feitas por cada uma destas culturas. O pensar diacronicamente refere-se ao pensar conforme a análise histórica, como se a História fosse uma só e direcionada a todos, em que se analisava a Cultura no todo, e não particularmente. Já o pensar sincronicamente refere-se ao pensar conforme a análise específica da história de cada cultura, de cada sociedade, de cada grupo de forma particular e específica.

O empirista Radcliffe-Brown defende o método sincrônico justamente por esse se tratar das diferenças de cada cultura, de cada sociedade, de cada grupo, de maneira relativa e mais fiel ao propósito da Antropologia, que é tratar das diferenças conforme uma alternativa e não de maneira a julgá-las como avançadas ou atrasadas em relação a essa pretensa “História” única com “H” maiúsculo (e em sua maioria os antigos povos que praticaram a tatuagem foram considerados como povos possuidores de uma história com “h” minúsculo).

Malinowski é muito conhecido por ter tido a experiência de ter viajado em trabalho de campo para as Ilhas Trobriand e ter tido o contato direto com os nativos desta ilha. Estando lá, ele se dedicou ao estudo de uma “festa” chamada *Kula*. Com seus estudos sobre o *Kula*, Malinowski teve como propósito fazer uma análise comparativa acerca dos objetos de valor simbólico para as respectivas sociedades: os nativos das Ilhas Trobriand com seus colares do *Kula* e os ingleses europeus com as jóias britânicas da realeza. Embora os símbolos sejam materialmente distintos, teriam a mesma função, se analisadas em cada contexto, no caso de compará-lo a um “enfeite”, a um “adorno”, mas não com os mesmos valores, que no caso do europeu pode-se enfatizar o econômico e no caso dos nativos das Ilhas Trobriand seria o simbólico. Com isso, podemos observar que Malinowski, por sua vez, também tem importância única dentro da Antropologia pelo fato de querer tratar do “Eu” e do “Outro” de forma contextual (dentro de

seu próprio contexto) e sob um ponto de vista relativo (sabendo relativizar). Malinowski se preocupava com a contextualidade da situação, com a contextualidade do momento, com a contextualidade da narrativa.

Durkheim, por sua vez, traz uma enorme contribuição para as Ciências Sociais, ao expor de maneira geral, que o social não se explica pelo individual (E sob essa perspectiva podemos perceber que o fenômeno da tatuagem embora seja uma escolha individual ela não deve ser explicada pelo individual porque se trata de um fenômeno social. Isso porque todos aqueles que escolhem os seus desenhos e as suas tatuagens individualmente, estão de certa forma afirmando uma prática social em que houve um aumento na procura de adeptos como tem demonstrado a mídia televisiva). Vem ocorrendo um aumento dos voluntários a se tatuar e essa aglomeração de sujeitos individuais acaba gerando e formando um grupo social individualizado (mas que não deixa de ser um grupo, mesmo que a intenção seja se individualizar). E é justamente essa intenção de individualização que acaba fortalecendo a formação de grupos. A busca por individualização acaba criando a formação de um grupo e esse grupo configura-se em diversos tipos de pessoas tatuadas.

Ainda em seu livro *“O que é Etnocentrismo”*, Everardo Rocha (2006), trabalha com uma questão extremamente importante para a Antropologia ao explicar a teoria etnocêntrica e evidenciar resquícios de atitudes etnocêntricas nos centros urbanos. O etnocentrismo, por si, trabalha a questão das diferenças sobre a perspectiva do “Eu”. O “Outro” não é encontrado apenas entre duas sociedades distintas. O “Outro” também pode ser encontrado dentro de uma mesma sociedade, entre grupos diferentes de pessoas. Com isso, costuma-se tratar aquilo que é diferente de si e de seu grupo como inferior, pior, atrasado em relação a si e a seu grupo. Essa questão é bastante debatida na Antropologia, na medida em que ela defende o diferente como uma alternativa a ser preservada. Contudo, essa questão ainda se perpetua, principalmente nos centros urbanos, nas quais são dados estereótipos ao índio, ao nordestino, ao maconheiro, ao roqueiro, ao tatuado, ao surfista, ao playboy, a patricinha, a loira, etc, e existem também tantos outros tipos sociais existentes nos centros urbanos.

Observa-se que a Antropologia se afastou da perspectiva histórica, mas não podemos esquecer que a tatuagem hoje pertence a inúmeros ramos: ao da Biologia, ao da Antropologia, ao da Sociologia e ao da História (Marx falou que cada homem deve estar em condições de ficar vivo para poder fazer história. Mas a história pode ser criada e realizada pelo homem estando cada homem inserido dentro de sua própria sociedade. Marx quis universalizar a luta dos homens para criarem consciência de classe e agirem conforme essa consciência, mas em nenhum momento Marx fala que deve-se universalizar os

costumes. Então, podemos entender que a luta de classes dos homens deveria ser universalizada para o bem deles, mas que não são os seus costumes por completo que devem ser modificados ao ponto de se tornarem despersonalizados). Dizer que o homem deve estar vivo para fazer história não implica em impor que a história de toda a humanidade seja a mesma, porque ela não é. Os homens que fizeram história em Portugal não são os mesmos homens que fizeram história no Brasil. Os homens que fizeram história na França e na Inglaterra não são os mesmos homens que fizeram história na Alemanha. Os homens que fizeram história na Alemanha não são os mesmos homens que fizeram história no Japão. Percebemos também que a história do Ocidente não é a mesma que a história do Oriente. Cada povo faz a sua própria história e atua na história de acordo com o seu costume. Obviamente que não é correto afirmar que os povos indígenas e aborígenes não possuíam uma Cultura (e sendo assim não possuíam uma História). Certamente sabemos hoje que tanto os povos indígenas quanto os povos aborígenes eram povos detentores de Cultura exótica muito rica!

No livro *“Explorações: Ensaios de Sociologia Interpretativa”*, Roberto DaMatta (1986), no texto intitulado *“Você tem Cultura?”* conceitua sobre pessoas letradas e pessoas iletradas, assim como de pessoas enigmáticas e pessoas apagadas. DaMatta argumenta que uma pessoa “apagada” também tem personalidade. Logo no início ele trata a respeito dos diferentes usos da palavra Cultura. Primeiro como sofisticação, referente a pessoas letradas, cultas (para muitos, estas sim teriam cultura). Assim como expõe também o uso da cultura referente ao conhecimento acumulado, a análise das diferenças, que marca cada grupo. Da mesma maneira, trata da “personalidade” que, ora remeteria ao conjunto de aspectos físicos e psíquicos que qualificam o indivíduo, ora seria característica de autonomia e imposição. Toda e qualquer pessoa, justamente por estar inserida em um contexto social, possui cultura porque ela incorpora a cultura da sociedade da qual ela faz parte.

Não há indivíduo desprovido de personalidade justamente porque todo indivíduo está inserido em um contexto social que lhe molda e que lhe dá a estrutura necessária para o desenvolvimento de sua personalidade (seja esta personalidade considerada “exuberante”, “excêntrica”, “extravagante” ou então “apagada”). Uma pessoa “apagada” também possui personalidade mesmo que seja quieta, calada, não expositora (ou impositora) de suas opiniões, são características inerentes à sua personalidade. Por mais que uma pessoa seja considerada “apagada”, ela tem sua personalidade, tem sua “marca”, tem seu jeito próprio de ser e quem se relaciona com esta pessoa enxerga a imagem dela desta forma, pois sua personalidade se faz presente assim. A questão dos tatuados é justamente esta: raramente um tatuado quer ser uma pessoa “apagada”, pois se assim o quisesse por que se tatuaria então? Os tatuados tem este

perfil de querer exibir-se nos locais por onde ele costuma circular. Como um tatuado (um ser ilustrado) pode ser uma pessoa apagada? Visualmente, pelo menos, um pessoa tatuada jamais será considerada como “apagada”, pois a sua presença faz-se notar nos locais por onde ela circula e principalmente nas ocasiões em que as suas tatuagens estão à mostra em seu corpo.

A cultura é um processo dinâmico porque está sendo construída constantemente. Hábitos, costumes, valores vigentes hoje podem ser substituídos por outros hábitos e costumes amanhã. Pode ser citado como exemplo a relação entre pais e filhos: esta relação está dividida por gerações, onde as maneiras de agir e pensar dos pais podem ser consideradas “caretas” para os filhos, assim como as condutas e os pensamentos dos filhos podem ser chocantes para os pais. Está aí a percepção de que a cultura está em constante transformação, sendo esta cultura impulsionada por fatores internos e externos.

É interessante ressaltar que qualquer dinâmica cultural sempre costuma acontecer à base de conflitos, estes devido ao desejo de conservação da situação anterior ou da inovação da situação. Radcliffe-Brown fala de *sincronia*, que significa uma visão do presente. O caráter da história possui um caráter majoritariamente diacrônico (onde se procura estudar os fatos baseados em eventos passados e provavelmente um acontecimento presente será visto como “história” apenas quando estiver no futuro). Assim, Radcliffe-Brown, como pesquisador empirista, sabe da importância da vivência e da experiência adquiridas através do contato que o pesquisador construiu com o seu objeto de estudo.

Radcliffe-Brown propõe uma ruptura com o pensamento etnocêntrico com o argumento do pensamento sincrônico, que considera as modificações de uma cultura num contexto específico e que busca levar em consideração os valores próprios desta sociedade ou de um determinado grupo, considerando os seus valores próprios, o que permite enxergar esta sociedade ou grupo de modo a não hierarquizá-la perante outras sociedades ou outros grupos. Pensar diacronicamente convém analisar as formas comportamentais como fatos Históricos com “H” maiúsculo. A forma sincrônica permite que haja o enfoque e que se considere o presente momento dentro de seu próprio contexto e de sua própria lógica (o *estudo sincrônico* privilegia a situação interna de um grupo, explicando-o através de seus próprios mecanismos).

Assim, podemos conceber a tatuagem tanto sob uma perspectiva *micro* (estando ciente que povos distintos e de regiões geográficas distintas praticavam a tatuagem, mas a praticavam cada um à sua maneira e cada um com a sua técnica. A técnica muda de sociedade para sociedade, ganhando um caráter particular). No entanto, a técnica e a prática de tatuar pode ser analisada também sob uma

perspectiva *macro* (na medida que, embora a técnica da tatuagem possua as suas particularidades de povo para povo, é sabido também através dos estudos de (...) que com o advento da modernidade tanto a técnica com o advento do Dermógrafo quanto a prática da tatuagem se universalizou). Então, podemos perceber que enquanto a técnica de tatuar assume uma característica micro (a técnica indígena de se tatuar não é a mesma que a técnica japonesa *Tebori* de se tatuar, por exemplo), a prática de tatuar assume uma característica *macro*. Outrora a técnica de tatuar era micro, mas a finalidade da prática é a mesma: inserir desenhos em corpos. A técnica que antes era micro passou a ser *macro* e a própria prática em si (ou seja, o hábito, o costume são macro porque se universalizou principalmente nas sociedades contemporâneas).

A cultura é dinâmica porque ela não se fecha em si mesma, está em processo de contínua mudança. Tal processo pode ser mais rápido ou devagar. Existem dois tipos de mudança: a mudança interna e a mudança externa (ocasionada pelo contato com outra cultura ou com outro grupo). O contato com outra cultura nos remete ao conceito de aculturação, no qual a cultura passa a receber influências diretas ou indiretas de uma outra cultura ou de um outro grupo. A mudança pode se dar de uma forma violenta (como no caso dos indígenas que habitavam o Brasil no século XVI e o contato deles com o europeu colonizador) ou pacíficas (que não pressupõem o uso de uma força). Everardo Rocha (2006) cita que é muito difícil encontrarmos uma cultura que nunca tenha passado por processos de mudança. É importante frisar que o dinamismo da cultura sempre pressupõe um choque entre a tendência conservadora e a inovadora.

Malinowski foi um antropólogo que contribuiu para a relevância da pesquisa de campo, ou seja, para estudar verdadeiramente uma sociedade ou um grupo, o pesquisador deverá inserir-se em seu contexto, observar de perto os componentes desta sociedade ou de um determinado grupo. O método sincrônico quis desvencilhar o fato estudado de todo o passado histórico para poder trabalhar com as relações existentes entre tal fato e outros que eventualmente venham a ocorrer no mesmo momento deste. A sincronia prefere pensar o fato em si, naquele instante, naquele momento, naquelas condições, sem ter que justificá-lo historicamente a todo instante, mas sim a partir de suas relações com outros fatos atuais e contemporâneos aos primeiros.

Roberto DaMatta (1993) em “*Relativizando*” e Everardo Rocha (2006) em “*O que é Etnocentrismo*”, ambos os autores apresentaram a necessidade da relativização no estudo do “Outro” pelo “Eu”. Quiseram expressar que quando se trata de analisar o “diferente”, não se pode partir de uma posição etnocêntrica, pois sem a observação do funcionamento deste outro grupo, seja por pesquisa

empírica, seja por relato deste outro, se torna impossível criar um relato fiel e uma análise verídica. Os exemplos dados por DaMatta sobre o comportamento da “Baleia”, e de Everardo Rocha sobre o “Marciano” e o “Louco” servem para apresentar as múltiplas visões que podem surgir a respeito de determinado fato ou objeto social quando se parte de uma posição contaminada por uma visão etnocêntrica. Portanto, apenas partindo da relativização, em linguagem mais simples, conhecendo e se pondo no lugar do “outro” é que o “eu” pode entendê-lo. Não é correto caso o pesquisador faça uma análise acerca de um determinado grupo social, partindo de sua própria cultura. Deve-se buscar entender o “Outro” a partir desse “Outro” mesmo e não a partir do “Eu”. As diferenças existem e devem ser levadas em conta.

Ao dar o exemplo da “Baleia”, DaMatta (2006) procura explicar a relação do cientista natural com o seu objeto de estudo (a baleia) e a do cientista social com o seu objeto de estudo (o homem). Ele mostra que é possível classificar a Baleia, definir seus hábitos e sua relação com outras baleias e outros animais. Porém, jamais será possível “sentir” as mesmas sensações vivenciadas por esta baleia, assim como as baleias não podem sentir as mesmas sensações que as vivenciadas pelo homem. Desta forma, torna-se mais fácil o trabalho de pesquisa do cientista natural (seja o biólogo, o físico, o químico), pois esta distância com o seu objeto de estudo (o homem e uma baleia) permite uma maior exatidão na teoria (tendo a consciência que a formulação desta teoria nunca poderá ser contestada, ao menos, não pelas baleias). Já, a relação do cientista social com o seu objeto de estudo (o homem e outro homem) é muito mais complexo, pois envolve um ser idêntico (o observado possui a mesma capacidade de argumentação que o pesquisador). Esta relação do homem estudar outro homem (um ser igual a ele) acaba necessitando uma relativização das situações analisadas. Everardo Rocha, quando trata do “Marciano” e do “Louco” para exemplificar o “Outro”, trata da idéia do etnocentrismo encontrado entre diferentes sociedades e até mesmo entre indivíduos de uma mesma sociedade (mas que pertencem a grupos distintos, onde se dividem em “bandos” ou em “tribos”).

Nas concepções etnocêntricas, o “Outro” sempre costuma ser considerado inferior ao “Eu”. O estudo da cultura do “Eu” em relação à cultura do “Outro”, o que se observa é que o “Eu” vê a cultura do “Outro” ou o grupo do outro como estranha. Ao utilizar-se do exemplo da “Baleia”, DaMatta quis comparar o estudo das ciências naturais com o estudo das ciências sociais. Para ele, a Ciência natural se limita ao estudo de mecanismos fixos e isoláveis, o que podem ser constatados por qualquer cientista e em qualquer sociedade.

O fato social conceituado por Émile Durkheim (2008) em “*As Regras do Método Sociológico*” decorre de interações sociais e não de aspectos individuais. Sendo assim, não parte de dentro para fora, mas ao contrário, parte de fora para dentro.

6.2: A Atuação da Antropologia, o conceito de Cultura e sua Importância para as Sociedades:

A Antropologia possibilitou a formulação de teorias importantes ao Homem, como o conceito de Cultura. Está aí a importância da Antropologia para as sociedades humanas: a criação da idéia de Cultura foi uma concepção reveladora e de uma importância fundamental. Em “*A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*” Denys Cuche (2002) argumenta que a palavra “Cultura” não é encontrada na maioria das línguas das sociedades. Mas ele salienta que desconhecer a palavra Cultura não significa que estas sociedades que desconhecem esta denominação, que elas não possuam cultura (pelo contrário, embora desconheçam a denominação da palavra, todas as sociedades, sem exceção, possui Cultura, todas possuem traços culturais que lhe são particulares, que lhe são peculiares). Outra questão interessante colocada por Denys Cuche é o fato que estas sociedades que desconhecem a denominação Cultura, não estão preocupados em saber se tem ou não uma Cultura e menos ainda não vê a necessidade de tentar definir a sua própria cultura (CUCHE, 2002, p.18).

De acordo com Denys Cuche, para tentar compreender o conceito real da palavra Cultura e o seu uso dentro nas Ciências Sociais, é importante que se conheça a sua origem social, ou seja, tentar compreender como foi formada a palavra Cultura até chegar ao seu conceito científico, tal como é utilizado nas Ciências Sociais. A palavra Cultura foi e continua sendo aplicada de várias formas, de várias maneiras (cultura da terra, cultura familiar, cultura vista como um saber acumulado, etc), e justamente pelo fato de ser empregada para designar coisas distintas variando com o contexto, é que se torna complicado e impossibilita retratar a sua história completa.

A definição do conceito científico de Cultura começa a se desenvolver diante de duas terminologias: Kultur (advindo do modo peculiar do povo alemão) e Civilization (advindo do modo peculiar do povo francês). Em meados no século XVIII na Alemanha, a palavra Kultur era designada para simbolizar todos os aspectos espirituais (arte, tradição, língua, costumes, modos, hábitos, música, pintura, literatura, poesia) de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization designava as realizações materiais de um povo (arquitetura, letras, conhecimento, etiqueta, finesse, nobreza). Ambos os termos (o Kultur

alemão e a civilization francesa) foram sintetizados pelo inglês Edward Tylor na formação e apresentação da palavra Cultura:

“Cultura e civilização em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade” (CUCHE, 2002, p.35).

Com esta definição, Edward Tylor conseguiu abranger em uma só palavra todas as possibilidades de realizações humanas, além de destacar a importância definitiva que o caráter de “aprendizado da Cultura” se opõe à concepção de “características inatas”, transmitidas por mecanismos genéticos e hereditários (LARAIA, 2007, p.25). Então, para Tylor, a Cultura é o resultado da vida social do homem. A Cultura é uma dimensão coletiva, a Cultura não depende de mecanismos biológicos, a Cultura é adquirida a partir da convivência com o grupo social com que se vive. Assim, o conceito de Cultura como nós o entendemos atualmente foi apresentado pela primeira vez por Tylor. No entanto, o que ele fez foi formalizar uma idéia que já vinha ganhando força na sociedade, mas que a própria sociedade não sabia como definir a si mesma (não possuía uma definição de si mesma teoricamente falando). Então, a palavra Cultura surge para definir os modos de ser de um povo. A Cultura surge para definir os modos de ser de uma sociedade.

O interessante é que com o surgimento da palavra Cultura era de se esperar que, após a sua definição, houvesse uma homogeneidade entre os antropólogos em relação ao conceito de Cultura, porém o que ocorreu foi justamente o inverso. Percebeu-se que não há uma homogeneidade cultural, o que há de fato é uma heterogeneidade cultural (ou seja, há uma diversidade, uma multiplicidade, uma variedade cultural muito grande). Então, a definição de Cultura ao qual Tylor havia tentado definir o meio social serviu mais para estabelecer uma “desordem” (pela existência e comprovação de uma multiplicidade) do que uma “ordem” (no sentido de homogeneidade). Qualquer tentativa de homogeneização cultural mostrou-se frustrada na medida em que era notável que a multiplicidade cultural era gritante e sufocava as tentativas de impor comportamentos padronizantes. A Cultura nunca se mostrou singular, a Cultura sempre se mostrou plural.

Lineu havia sido o precursor do processo que consistia transferir definitivamente o homem do campo sobrenatural para o campo natural. Mas seu desenvolvimento foi dado por Tylor em 1871 em seu livro “*Primitive Culture*” (1871), quando conceituou Cultura como sendo toda a conduta apreendida pelo homem (isto significa que a Cultura independe de qualquer transmissão genética). E, finalmente,

Kroeber (1993) em 1917 desfez qualquer ligação que existisse entre cultura e o biológico em seu artigo “*O Superorgânico*”.

Como anteriormente já mencionado, o primeiro conceito antropológico de Cultura foi dado por Tylor no primeiro parágrafo de seu livro “*Primitive Culture*” (1971). Ele também procurou demonstrar que a Cultura pode ser objeto de um estudo sistemático, já que é um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo que seja feito uma análise mais precisa na formulação de conceitos sobre a Cultura e a sua possível evolução. No entanto, Tylor, de maneira equivocada, tentou esclarecer a diversidade existente na humanidade como sendo o resultado da desigualdade de estágios existentes no processo de evolução. Assim, na concepção de Tylor, a Cultura seria o resultado de um fato natural e simples (outro equívoco dele). Dessa forma, na concepção de Tylor, a Antropologia deveria estabelecer (grosso modo), uma escala de civilização (LARAIA, 2007, p. 33), onde ele colocava as sociedades européias em um patamar superior e as culturas tribais em um patamar inferior. Então, Tylor foi um dos antropólogos do período da escola do evolucionismo unilinear, tendo como influência a teoria de Charles Darwin (autor da “*Origem das espécies*”). Mas as críticas não se devem necessariamente ao evolucionismo de Darwin (afinal o homem não é fruto da criação, o homem é fruto da evolução). Para Darwin o homem não foi criação divina, foi consequência de uma evolução. O homem de hoje não possui a estatura, a estrutura física, a fisionomia, as feições, a quantidade de pelos pelo corpo que possuíam o homem de outrora dos “tempos das cavernas” (em que o homem era um ser embrutecido). As feições humanas se modificaram (sofreram um processo evolutivo). Dizer que a evolução humana nunca existiu certamente é um erro. As críticas foram dirigidas e direcionadas ao evolucionismo de Tylor acerca das sociedades (e nessa questão Darwin nada tem a ver com isso).

A principal crítica ao evolucionismo de Tylor se inicia com o antropólogo Franz Boas (1858-1949). A questão é a seguinte: se Tylor é o “inventor” do conceito científico de Cultura, Franz Boas foi o primeiro antropólogo a fazer pesquisas de campo com observações diretas e prolongadas das culturas que eram consideradas por Tylor como “primitivas” (CUCHE, 2002, P. 39). Todas as obras de Franz Boas é a tentativa de se pensar a diferença. Franz Boas atribui à Antropologia a função de reconstruir a história de povos ou locais particulares e comparar a vida social de diferentes povos, cujo desenvolvimento segue as mesmas leis. Para Franz Boas, a diferença fundamental entre as sociedades é a origem cultural e não racial. Ele também insistiu na necessidade de se comprovar os dados. Boas foi o grande criador do particularismo histórico (Boas não pretendia erradicar a história da humanidade, ele pretendia apenas particularizar certos aspectos ignorados pela história tradicional e ocidentalizada. Boas

buscou particularizar a história em contextos específicos), segundo o qual cada cultura tem liberdade para escolher o seu próprio destino em função dos diferentes problemas geográficos, históricos e sociais que enfrentou. Assim, foi a partir da teoria de Franz Boas que a explicação evolucionista da Cultura só tem sentido quando ela é realizada através de uma abordagem multilinear. Com isso, a unilinearidade dá lugar a multilinearidade.

Alfred Kroeber (1993) mostrou como a Cultura atua sobre o homem em seu artigo “*O Superorgânico*”, preocupando-se também com as discussões de inúmeras controvérsias, já que ele observou que as suas soluções vão de encontro às diversas crenças populares. A principal missão de Kroeber foi a tentativa de evitar qualquer tipo de conflito entre o orgânico e o cultural. Kroeber buscou uma separação entre a cultura e o biológico, pois para ele o distanciamento entre o homem (animal racional) com o mundo animal (irracional) ocorreu graças ao surgimento, à inventabilidade da Cultura pelo homem.

O que distingue o homem do animal é o fato do homem produzir cultura e o animal não é capaz de produzir. Uma resposta imediata a essa questão (da irracionalidade dos animais e da racionalidade humana) foi a de que o homem começou a produzir Cultura a partir do desenvolvimento de seu cérebro. De acordo com Richard Leakey (1995) e Roger Lewin (...), o início do desenvolvimento do cérebro humano foi o resultado da vida arborícola do homem primitivo que habitava as cavernas. Eles argumentaram que a visão estereoscópica, que é uma consequência da vida arborícola, acabou sendo combinada com a capacidade de utilização das mãos, tornando possível diferenciar os primatas de qualquer outro tipo de mamífero. Então, não é incorreto afirmar que houve uma primitividade humana, já que o homem primata era um homem primitivo que passou a evoluir e através de sua evolução foi capaz de desenvolver-se em clãs, em tribos, em comunidades, em sociedades, em civilizações. A utilização das mãos é o que de fato distingue o homem da maioria dos mamíferos. Embora os macacos, os gorilas, os chimpanzés também utilizem as suas mãos para determinados movimentos para pegar objetos, eles não são capazes de utilizar as suas mãos para produzir Cultura com as próprias mãos como fazem os homens (animais racionais que fabricam arte escrevendo com as mãos literatura, poesia, prosa, verso; fabricam arte pintando quadros em tela, pintando em tecidos, pintando em paredes e murais; fabricam arte esculpindo pedras, madeiras ou metais; fabricam arte tatuando corpos com texturas e tonalidades de pele distintas).

Em que aspecto poderíamos aproximar Kroeber (1993) e Karl Marx? O que Kroeber e Marx poderiam ter em comum? Ora, as “mãos” (o uso das mãos) tão enfatizadas por Kroeber são as mesmas

mãos geradoras de valor tão enfatizadas por Marx. Para Kroeber (1993) a utilização das mãos foi um grande avanço, foi uma grande evolução da humanidade. E como os homens trabalham? Os homens trabalham utilizando as suas mãos! E em que consiste o ato de tatuar? O ato de tatuar consiste na utilização das mãos! Sem as mãos o tatuador não é capaz de tatuar. A utilização das mãos é necessária para a execução da técnica da tatuagem. Os homens utilizam as mãos para tudo: para pegar objetos, para cozinhar, para escrever, para digitar, para desenhar, para pintar, para tatuar, para se lavar, para se ensaboar, para comer e para tantas outras coisas. Assim, a tatuagem como é uma técnica, ela necessita do uso das mãos. A maioria das técnicas requer a utilização das mãos e com a tatuagem não seria diferente. É com as suas mãos que o tatuador segura e estica a pele do sujeito enquanto perfura e faz os contornos com a outra mão. E o mais importante: é com as mãos, é através delas que o homem trabalha, que o homem manuseia máquinas, manuseia ferramentas. Assim, as “mãos” (tão evidenciadas por Kroeber) são as mãos geradoras de “trabalho” (tão evidenciado por Marx). Mãos e trabalho não podem estar desassociados um do outro (pois mãos e trabalho se completam, se complementam mutuamente). E, portanto, a partir da utilização das mãos percebemos que a tatuagem é uma forma de trabalho como qualquer outro. A tatuagem é geradora de valor (ela possui valor de uso e também possui *valor de troca*).

6.3: A Tatuagem e o Universo Brasileiro do Patriarcalismo

Em “*Raízes do Brasil*”, Sérgio Buarque de Holanda (2010) elabora teorias que foram consideradas por muitos como uma refinada interpretação do país. Então, buscando sintetizar o argumento do autor nesta obra, há a tentativa de apresentar algumas de suas coordenadas e evidenciar os procedimentos metodológicos por ele adotado. Sérgio Buarque de Holanda adota a tipologia de Max Weber, porém se diferencia de Weber, porque ao invés de utilizar múltiplas tipologias, Sérgio Buarque se utiliza de “pares tipológicos” (Aventureiro x Trabalhador; Rural x Urbano; Colonização Portuguesa x Colonização Espanhola, etc, são alguns exemplos). Para Sérgio Buarque, o Aventureiro é um desbravador sempre em busca de novas descobertas e conquistas. A América (tanto portuguesa quanto espanhola) foi descoberta e conquistada por homens desse tipo: por homens aventureiros!

Ao contrário do Aventureiro, o trabalhador é aquele que se satisfaz com conquistas a logo prazo, fruto de seu empenho e esforço. Este (o Trabalhador), ao invés de descobrir, ele consolida, ele constrói, e no entanto, foi dado a ele um papel muito menor do que aquele reconhecimento dado ao Aventureiro

(que acabou ficando sozinho com o prestígio quando é relatada a História do Brasil e também dos países americanos, tanto os países latinos americanos quanto os países americanos anglo-saxões).

Sérgio Buarque também contrasta o ambiente rural do ambiente urbano, onde caberia à “área rural” a função de ser uma espécie de “colônia da cidade” (contribuindo assim para o seu abastecimento). Porém, é importante frisar que o Brasil não é um país de civilização agrícola, O Brasil é um país urbano que herdou as raízes rurais devido ao patriarcalismo, adquirindo deste algumas formas de pensamento. A colonização portuguesa foi realizada sob o “espírito da fidalguia”, onde se buscava o enriquecimento rápido, na qual os portugueses eram muito ligados ao litoral (isso porque eles queriam sentir-se constantemente em proximidade com a Europa, já que a sua inicial intenção não era fixar-se por aqui, mas sim ir e voltar para a Europa levando matérias-primas daqui para lá e assim sucessivamente).

Ainda em *“Raízes do Brasil”* (2010) Sérgio Buarque de Holanda destaca que agarrar-se ao litoral era uma forma de saber que mantendo contato com o Oceano Atlântico, os europeus poderiam sentir-se de certa forma perto de casa. Os portugueses eram muito agarrados ao litoral e só se desmembraram deste em meados do século XVIII. Não houve aqui no Brasil uma elaboração, um planejamento adequado na construção das cidades, onde as cidades brasileiras crescem e se formam ao “deus-dará”, num terreno irregular. Até o cultivo da cana-de-açúcar no Nordeste era realizado de forma precária, onde só mais tarde com o cultivo do café no Vale do Paraíba e no Oeste Paulista, é que se utilizaram de técnicas mais modernas. Já com a colonização espanhola foi diferente, ela não se restringiu ao litoral, ela buscou fixar-se mais para o interior, num terreno mais plano, onde se elaborou, se planejou não mais uma estadia provisória (como pretendia inicialmente os portugueses no Brasil), mas sim uma estadia definitiva na nova terra.

Sérgio Buarque de Holanda também desmistifica a idéia de colonização holandesa no Brasil, onde esta seria improvável devido aos holandeses possuírem um “orgulho de raça” (orgulho de raça este que estaria ausente nos portugueses, que se misturaram facilmente com os índios e os negros). Sérgio Buarque ressaltava a enorme adaptabilidade dos portugueses perante a nova terra, seus hábitos e costumes, adotando muito deles. Ele constatou que a mistura com o índio era considerada mais favorável do que a mistura com o negro, em detrimento do “estatuto da escravidão”, onde a condição de escravo marginalizava o indivíduo muito mais do que o seu “estatuto de cor”.

Sérgio Buarque de Holanda também discursou sobre a estrutura da família rural brasileira e observou que ela estrutura-se de modo muito simples: através da subordinação das mulheres aos homens

(obediência da mulher ao marido) e subordinação dos mais jovens aos mais velhos (a obediência dos filhos para com os pais). Ele observou também que a atenção dos estudos sociais sempre foi voltado para a família de classes dominantes. A família patriarcal é própria das classes dominantes (o filho herda o que é do pai) e foi dada muita importância aos herdeiros afortunados. Já os estudos sobre a família brasileira tradicional sempre acentuaram a dicotomia existente entre os senhores e os seus escravos como a base da organização social. Havia também uma ausência da família regularmente constituída na plebe e na população escrava. Então, foi dada pouca importância à família da sociedade tradicional (que é mais simples e mais humilde). Assim, foi dada muito pouca importância nos achados de registros acerca dos povos que eram tribais.

Na tentativa de apresentar as particularidades da década de 1930 do século XX no que tange à produção intelectual, busco explicar o que mudou nesse período ao ponto de transformá-lo em uma época especial para os estudiosos da cultura brasileira. Isto porque a partir da década de 1930, surgiu uma nova concepção na mentalidade brasileira, onde três grandes livros foram elaborados nessa época: “*Casa Grande e Senzala*” de Gilberto Freire (...); “*Raízes do Brasil*” de Sérgio Buarque de Holanda (2010); “*Formação do Brasil Contemporâneo*” de Caio Prado Júnior (1996). O que estes três livros possuem em comum é a valorização do elemento de cor, do mestiço, do caipira. A mentalidade da Aristocracia da República Velha (1889-1930) foi desmantelada pela ênfase dada não mais aos “heróis da raça branca”, mas na valorização que é dada ao mestiço, onde já não é mais empecilho para este ascender econômica, política e socialmente se lhe forem dados os meios para que isto ocorra.

Para Carlos Guilherme Mota (2008), apesar da década de 1930 exaltar na produção intelectual do período o elemento de cor, ele afirma que não existe uma cultura brasileira no plano ontológico (ou seja, não há uma cultura brasileira nascida com a gente, nascida conosco). Carlos Guilherme Mota destaca o fato de a cultura brasileira ser uma construção ideológica elaborada pela elite, e por isso mesmo não pode ser diagnosticada aqui e ali. A cultura brasileira é o resultado da mistura com vários povos (os índios que já estavam aqui, os aventureiros portugueses, os negros trazidos à força da África, e posteriormente vários outros imigrantes como os italianos e os japoneses em São Paulo). A partir da década de 1930, as mudanças no conceito em relação aos tipos mestiços foram bastante significativas, onde a abordagem em referência a estes passou a ser condicionada de forma positiva, e não mais com hostilidade. Houve um rompimento com o pensamento oligárquico e patriarcal, que dava ênfase ao “saber de fachada”. Mas e o que é que a tatuagem tem a ver com tudo isso? Ora, a nossa geração que se tatua está rompendo com os valores desse antigo tradicionalismo oligárquico que valorizava a

padronização e a normatização dos costumes valendo do uso da coerção na medida em que buscava-se aplicar aos jovens daquela época uma forma de “adestramento” (fazendo-se valer de que seu filho ou filha tornem-se sujeitos adestrado aos modos patriarcais!). Os valores patriarcais sempre se mostraram opositor da ostentação de ornamentos corporais como a inserção de tatuagens (ou de piercing's).

6.4: A Tatuagem e a Polêmica questão sobre as Tonalidades de Peles

Se a Tatuagem está na pele, então a tonalidade de pele torna-se uma questão importante. Já que é na pele que a tatuagem está fixada, então é impossível falar sobre tatuagem e não falar sobre a cor da pele das pessoas. Tatuagem é uma questão de pele. Há várias tonalidades de pele, assim como de textura de pele. A pele humana é a matéria-prima do tatuador, e afirmar que a pele é uma matéria-prima é o mesmo que dizer que há materiais melhores ou piores para serem trabalhados. Por exemplo, se um pedreiro diz que o tijolo é melhor do que o bloco para se construir uma casa é porque o tijolo é mais resistente que o bloco. Então, quando um tatuador diz que a pele branca é melhor do que a pele negra para inserir uma tatuagem é porque a pele branca é mais nítida do que a pele negra. Então, se a pele branca deixa a coloração mais nítida, mais viva, mais notável, então, pode-se dizer que a pele branca é o melhor tipo de pele para se inserir uma tatuagem. Então, isto significa que quem possui uma pele escura não pode fazer tatuagem? Obviamente que qualquer pessoa, se for de sua vontade, pode fazer uma tatuagem em seu corpo, seja esta pessoa clara ou escura.

Mas a questão que está sendo colocada aqui é a seguinte: a inquestionável nitidez da pele branca. Isso é algo irrefutável. O elemento branco sempre terá a sua tatuagem mais nítida do que o elemento pardo ou negro (a não ser que o elemento branco não tenha seguido as recomendações do tatuador e por descuido próprio tenha feito com que a coloração da tatuagem não fosse preservada na fase de cicatrização). Caso a cicatrização tenha sido bem sucedida, é incontestável a nitidez das cores da tatuagem inserida numa pele branca.

Mas há outra questão a ser levantada: o conceito de pele branca, o conceito de pele parda e o conceito de pele negra. Para isso, achei interessante os argumentos utilizados por Ali Kamel (2007) em seu livro “*Não Somos Racistas*”. Logo no primeiro capítulo de seu livro intitulado “*A Gênese Contemporânea da Nação Bicolor*” Ali Kamel coloca uma questão bastante interessante: o conceito de

negro. Sobre essa questão, Ali Kamel (2007, p. 18) expõe a sua crítica com relação à leitura equivocada das estatísticas:

“(...) Certo dia, caiu a ficha: para as estatísticas, negros eram todos aqueles que não eram brancos. Cafuzo, mulato, mameluco, caboclo, escurinho, moreno, marrom-bombom? Nada disso, agora ou eram brancos ou eram negros. De repente, nós que éramos orgulhosos da nossa miscigenação, do nosso gradiente tão variado de cores, fomos reduzidos a uma nação de brancos e negros. Pior: uma nação de brancos e negros onde os brancos oprimem os negros. Outro susto: aquele país não era o meu”.

Refletindo sobre o pensamento de Ali Kamel, me veio à cabeça a imagem dos dois grandes jogadores de futebol brasileiro, por mais de uma vez considerados como os melhores do mundo. São eles: o “Rei Pelé” e o “Ronaldo Fenômeno”. Em algumas reportagens, o Pelé se denominou “negro” e o Ronaldo certa vez acabou se denominando “branco” e foi muito criticado por esta sua declaração (2006, p.139). O que podemos notar é que: “o Pelé é mais escuro que o Ronaldo”, ou então que: “o Ronaldo é mais claro que o Pelé”. Esta constatação é óbvia. Ambos, Pelé e Ronaldo não possuem a mesma tonalidade de pele, mas ambos são considerados por muitos brasileiros como negros. Por que isso ocorre? Um deles é negro de fato; o outro não é branco, mas também não é negro, é pardo (ou moreno claro). Pelé é negro de fato, mas Ronaldo não. Diante da distinta tonalidade da cor da pele de Pelé e de Ronaldo, podemos dizer que a pele de Pelé por ser mais escura não seria uma pele nítida a ser tatuada, já a pele de Ronaldo por ser mais clara é uma pele mais nítida (mais favorável) do que a pele de Pelé.

Então, é correto dizer que uma tatuagem feita em Ronaldo ficaria mais nítida do que uma tatuagem feita em Pelé. A tatuagem feita em Pelé ficaria menos visível do que a tatuagem feita em Ronaldo. Portanto, podemos dizer que a pele de Ronaldo é mais nítida do que a pele de Pelé (que é menos visível). Então, seria correto afirmar que Ronaldo é negro como Pelé? Claro que não, pois Pelé é visivelmente mais escuro do que Ronaldo. Então, se negro é toda pessoa que não é branca, onde fica o pardo nessa história? Ronaldo não é branco, e por não ser branco, então ele é negro? O pardo deve se designar como negro só porque ele não é branco?

Falar em tonalidades de pele é uma questão problemática, mas ao contrário do que as pessoas imaginam, não é possível fazer tatuagens em peles muito escuras, mesmo que queira utilizar cores de tintas claras a fim de ficarem nítidas. Isto não é possível porque a tatuagem fica por debaixo da pele e a pele negra costuma encobrir e esconder o desenho. A tatuagem fica por debaixo da pele negra e a pele escura que está por cima da tatuagem acaba escondendo a maioria dos detalhes da tatuagem (quando a pele é muito escura).

Esta questão está sendo levantada aqui numa dissertação sobre tatuagem justamente porque a tatuagem está na pele, o que significa que por estar na pele torna-se uma questão de pele, o que sugere uma preocupação com as tonalidades das peles para a inserção de determinados desenhos com determinadas colorações. Pois se sabe que não são todas as cores de tinta de tatuagem que ficam bem em pele muito escura. Então, falar sobre tonalidades de pele para o uso de tatuagens não significa levantar um racismo, significa evidenciar que a pele é a matéria de trabalho do tatuador (a pele é uma matéria-prima para o tatuador), e é verificável que a pele branca (em termos de matéria-prima), ela é considerada melhor de ser trabalhada devido a sua nitidez (nitidez tanto na hora em que está sendo feita a perfuração quanto nitidez quando o desenho já está inserido na pele e é possível observar a variação de cores que pertencem ao desenho). Essa variação de cores, o uso de degradê, de efeitos, de sombreados, etc, são mais perceptíveis na pele branca. Isto é uma questão empírica, não é uma questão racista.

No século XX, é sabido que alguns sociólogos propuseram a “*tese do branqueamento*”, mas a questão que está sendo discutida aqui não é a tentativa de embranquecer a pele do Ronaldo ou tentar embranquecer a pele de quem é pardo (ou de quem é mulato ou negro). A questão colocada por Ali Kamel é bem pertinente quando ele cita que no Brasil há diversas gradações de cores. E estas diversas gradações de cores podem ser observadas na hora em que as pessoas procuram o tatuador para que ele realize nelas uma tatuagem. É possível observar que a maioria dos clientes nem são tão brancos assim nem são tão pretos assim, muitos deles são pardos (ou então mulatos), ou seja, a sua pele não chega a ser tão clara, mas também não chega a ser tão escura. É um meio termo de ambas. Então, em se tratando de tatuagem, quanto mais branca for à pele da pessoa mais nítida será para o tatuador na hora da perfuração quanto mais nítido será o desenho já inserido na pele do tatuado. A pele branca tanto é boa para ser perfurada quanto é bom o resultado final dos desenhos, que devido a pele ser mais nítida, as cores ficam mais vibrantes, mais realçadas. Assim, como matéria-prima a ser tatuada, a pele branca é mais propícia porque as cores realçam mais.

Falando em nitidez da tatuagem na pele, a pele branca se destaca como a mais nítida, em seguida a pele dos povos asiáticos (orientais como os japoneses e os chineses) e também o pardo (os povos indígenas da América antes do Descobrimento e Conquista da América). A “pele mulata” (mistura do elemento branco com o elemento negro) também é uma textura de pele que é possível de ser tatuada. Por isso, que a questão colocada por Ali Kamel ao referir-se às gradações de pele dos brasileiros foi tão pertinente na abordagem sobre as tonalidades de peles a serem tatuadas. Muitas vezes quando se referem a tatuagens em pele negra, confunde-se muito o conceito de negro. Para a tatuagem, negro é quem é

realmente muito escuro (ou seja, quem é preto de fato). E quem de fato é muito escuro, dificilmente a cor de uma tatuagem se destacará. Então, não se deve confundir o “pardo” (de origem indígena e aborígine, em que ambos possuem às suas peles também consideradas nítidas para serem tatuadas) ou então o próprio “mulato” (que possui uma tonalidade “intermediária” para ser tatuada) com o negro (que possui pouquíssima nitidez pela grande concentração de melanina em sua pele).

O que Ali Kamel evidenciou em seu livro foi que o movimento negro da atualidade não quer ouvir falar em “mistura com o branco”. Mas o que se observa é que o movimento negro é formado em sua maioria por “mulatos”. Alguns possuem raiva de Gilberto Freire por falar em “miscigenação”, mas eles se esquecessem que os “mulatos” são a mistura de negros com brancos (então, os mulatos não são negros, eles são mulatos!). Então, se o negro é miscigenado com o branco, ele deixa de ser uma raça negra que se diz “pura”. Assim, se não há brancos puros no Brasil, também não há negros puros no Brasil (e muitos que se consideram negros, são na verdade mulatos, ou então, pardos).

Se a Sociologia Americana é bicolor (porque lá nos E.U.A não houve miscigenação), na Sociologia Brasileira houve a miscigenação, o que faz o termo bicolor ser equivocado. Mas o autor Ali Kamel também observa que no Brasil tanto há brancos, quanto há negros (pretos) e quanto há mulatos (os miscigenados). Sabe-se que o índio é pardo (só que o índio não é uma mistura de um branco com um negro). O índio é pardo por natureza, sem ter ligação com a ascendência européia ou africana (o legítimo pardo da América é o índio). Pois, caso um índio se misture com um branco ele será mameluco; caso o índio se misture com o negro ele será cafuzo; sendo assim, mameluco e cafuzo já não são mais o legítimo índio. O que estou querendo dizer é que em se tratando de tonalidade da pele parda, tanto existe o pardo indígena, quanto existe o pardo miscigenado que se configura no “mulato” (mistura entre “brancos e negros”). Por isso mesmo o Brasil não pode ser considerado como uma nação bicolor, justamente porque ele nunca foi bicolor. Então, até o negro que se diz negro no Brasil ele pode muitas vezes não possuir a cor preta de fato.

Não é uma questão de racismo, mas quando os pardos e os mulatos se designam como negros soam como um pouco de exagero. Os pardos são pardos. Os mulatos são mulatos. Do contrário, estaríamos importando para nós a idéia de uma nação bicolor (quando na verdade somos uma nação miscigenada com variadas gradações de cores de pele). Assim, adotar uma nação bicolor é interpretado por Ali Kamel (2006) como o mesmo que adotar medidas racistas. Ele destaca que os movimentos negros não falam mais em “miscigenação”, só quer falar em segregação entre brancos e negros. Não percebem que com isso geram mais racismo, acentuando o preconceito dos dois lados. Uma nação bicolor (brancos e

pretos) é muito mais racista do que uma nação miscigenada (brancos, pretos, amarelo, marrom escuro, marrom claro).

Uma reflexão importante é sobre a figura do índio (habitantes do Brasil antes do Descobrimento) e a figura do negro (período da escravidão). Devido à redução intensiva e progressiva da população indígena, o negro tomou o lugar na sociedade brasileira que cabia ao índio. Os brasileiros hoje dão mais valor à própria África (devido ao contexto da escravidão) do que à própria América (devido à diminuição do indígena). O brasileiro enxerga a escravidão como um martírio para o negro e devido a esse martírio da escravidão, o negro é enaltecido atualmente como o “trabalhador sofrido” na História do Brasil. Com relação aos índios, embora eles tenham sido consideravelmente reduzidos, o brasileiro prefere valorizar muito mais o negro africano do que o pardo indígena, tudo isso porque devido aos índios não terem sido trabalhadores escravos como os negros, dá-se a falsa concepção de que o negro africano é “mais sofrido” do que o indígena americano; justamente devido ao índio não ter cedido à escravidão é como se ele fosse visto como tendo sofrido bem menos do que o africano que é mais trabalhador e é considerado o grande sofrido (é aquele que é considerado o maior vitimizado). Em muitas situações da atualidade o negro carrega o “estigma” da escravidão nas costas e por isso mesmo ainda carregue consigo uma forte “mania de perseguição” porque é assim que querem continuar sendo vistos: como perseguidos! Os indígenas não se deixaram escravizar por um período demasiadamente prolongado como ocorreu com os africanos. Quando houve escravidão indígena, esta perdurou por um curto período, ao contrário da escravidão africana, que existia desde os tempos da Antiguidade Clássica Greco-Romana e continuou durante todo o processo de colonização da América pelos europeus. A escravidão não é um problema exclusivamente brasileiro, já que a escravidão não surgiu aqui, a escravidão apenas teve uma continuidade aqui (no período da colonização).

A América, antes do descobrimento e conquista do território por povos europeus, era povoada por inúmeros povos indígenas (antes do descobrimento a América pertencia aos índios, eles eram os majoritários na América) e hoje o elemento que é descendente de africano possui um reconhecimento muito maior na valorização da identidade nacional brasileira do que o elemento indígena que era essencialmente da América. Então, se nos julgarmos por importarmos uma cultura europeizada, deviam nos julgar por importar uma cultura africanizada. A realidade é que nem a Europa (opressora) nem a África (oprimida) elas não são uma cultura ontologicamente do Brasil. No plano ontológico, não existe uma cultura essencialmente brasileira justamente porque importamos elementos europeus (do continente europeu) e importamos elementos africanos (do continente africano) e deixamos totalmente de lado

elementos da cultura indígena (do continente americano). A tatuagem, por exemplo, ela pode ser considerada como um elemento ontológico de inúmeras populações de índios da América (nascido dentro da cultura deles). Então, se a tatuagem era confeccionada pelos índios da América anterior ao Descobrimento e à Conquista pelos europeus, a tatuagem pode ser vista como uma parte ontológica da cultura nacional brasileira.

No segundo capítulo *“Raças Não Existem”* do seu livro *“Não Somos Racistas”*, Ali Kamel evidencia que há várias vertentes nas Ciências Sociais; há aquelas que querem que o conceito de raça prevaleça e há outra vertente que quer que o conceito de raça desapareça. Esse debate deve-se ao costume de classificar as culturas como pertencentes a determinadas “raças” (como o catolicismo ou protestantismo dos brancos europeus, o paganismo dos índios americanos e o candomblé dos negros africanos ou ainda a umbanda dos mestiços do Brasil). Mas o mais sensato seria pensar que há culturas diferentes em continentes diferentes. Os antropólogos do século XVIII criaram o conceito de “raça” com a intenção de ser uma construção cultural (e não uma construção genética); o que prevalece é a constatação de costumes distintos para povos distintos (os antropólogos falam em cultura e não em genes).

Realmente, é desconfortável pensar em “raças humanas” como se pensa em “raças de cães”. Não podemos pensar que o homem branco, o homem negro, o homem amarelo, o homem miscigenado, etc, seria como um cão pastor, um fila, um bassê ou um vira-lata, ou ainda como um gato siamês, persa ou angorá. Mas não está incorreto afirmar que há uma distinção com relação às tonalidades de pele das pessoas, pois as tonalidades de pele realmente não são iguais, não são as mesmas.

As tonalidades de pele se diferem e diferem também o resultado da coloração das tatuagens nestas variadas tonalidades de pele. O resultado da coloração da tatuagem varia de acordo com a variação da tonalidade de pele da pessoa (da mais clara a mais escura). E o que está sendo exposto aqui não se refere à índole, ao caráter, à conduta, aos princípios, trata-se apenas sobre nitidez em uma superfície do corpo (que neste caso é a pele). Por debaixo da pele todas as pessoas são iguais: possuem órgãos, tecidos, tendões, músculos, veias e artérias, mas a questão é que a tatuagem é inserida na pele e o que importa para a inserção de uma tatuagem é a pele do homem e não todo o resto da constituição orgânica dele. Por trás das aparências todo elemento branco, negro, pardo e amarelo, possui sentimentos, emoções, desejos, sonhos, vontades. Isto é fato. Mas a questão pertinente para a inserção de uma tatuagem não são os sentimentos e emoções do homem, é a pele dele.

Ali Kamel (2006) destaca que o movimento negro quer conquistar os pardos para o seu lado, aumentando assim na concepção deles a contingência de negros no país. Mas negro é ser preto de fato e uma boa parte da população brasileira não é preta, é marrom. Mas o que se sabe é que existe no Brasil a cor de pele branca, a cor de pele preta, a cor de pele mulata, a cor de pele parda. O que se percebe atualmente é que estão querendo eliminar a cor parda do Brasil para torná-la erroneamente negra (preta). Mas não devemos ficar limitados na bipolarização do branco e do negro e se esquecer da grande contingência de mulatos e de pardos no país ou ainda das minorias como os descendentes de orientais no Sudeste do Brasil. Para Ali Kamel, os pardos não deveriam estar incluídos dentro do contingente de negros. Sendo assim, se o pardo no Brasil não é mais o legítimo índio antes do Descobrimento, e os pardos que permanecem no Brasil é um intermediário dos dois (o branco europeu e o negro africano resulta no marrom brasileiro), os pardos não podem simplesmente privilegiar uma ancestralidade (prevalecendo a preta como superior como ocorre nos E.U.A, onde quem é mestiço é logo taxado como negro, mesmo ser sem preto como o africano legítimo).

A questão que está sendo colocada aqui não é a de querer retirar do mulato a sua ancestralidade africana, porque afinal de contas a ancestralidade africana existe realmente em todo aquele que é mulato. Mas devemos perceber que embora o mulato carregue todas as feições, todas as características do fenótipo de um negro (como cabelos crespos, narizes achatados ou largos, lábios grandes ou beijo grande), a tonalidade de pele do mulato é de fato mais clara do que a tonalidade de pele do negro. O que podemos perceber é que o mulato é confundido com o negro porque o mulato possui os cabelos, os narizes e os lábios de um negro (mas o que as pessoas esquecem que o negro é preto e o mulato é marrom). A maioria dos tatuados que se designam como negros são na realidade mulatos (possuem tons de pele mais clara, embora possuam cabelos, narizes e lábios de um negro).

Então, o que faz uma pessoa ser negra ou mulata não são as características do fenótipo do rosto ou da textura capilar (já que negros e mulatos são bastante semelhantes), é a tonalidade da pele que faz toda a diferença. Pode um mulato ser *rastafari* ou ser *blackpower* ou o que ele desejar ser ao assumir uma “*identidade*” que insiste em se dizer exclusivamente negra, que ainda assim o diferencial para uma tatuagem ficar realçada são as diferenças existentes entre as tonalidades de pele preta e marrom. Para a tatuagem, conclui-se que o pardo não é nem negro nem branco, ele é pardo (possui uma tonalidade de pele que não é branca nem preta, é um intermediário das duas) sendo possível possuir uma visibilidade e nitidez tanto na hora da perfuração quanto na cicatrização e no resultado final.

Ali Kamel ressalta que no Brasil, se o movimento negro continuar insistindo em somar o número de negros de verdade com o número de pardos ou de mulatos (que ele quer considerar também como negros) e com essa somatória ele afirma ser os negros a maioria no país, e isto não é verdade. E os pardos ao concordarem que são negros, os pardos se anulam (os mulatos se anulam). A “negritude” no Brasil, de certa forma, seria uma farsa, já que há muito mais “pardos” e “mulatos” do que “negros” legítimos de fato. É interessante destacar a reflexão dele sobre a questão da adoção de cotas raciais para a entrada na Universidade; ele mostra-se contrário ao sistema de cotas cujo critério de classificação é a cor da pele, já que para ele o critério de avaliação deveria ser o “nível de pobreza do indivíduo”, independente da cor de sua pele:

“O pardo é um branco meio negro ou um negro meio branco? Chamar um pardo de afro-descendente é mais do que inapropriado, é errado. Tenho uma amiga cujo pai é negro assim como todos os ascendentes dele. A mãe é italiana, assim como todos os ascendentes dela. Como chamá-la apenas de afro-descendente? Por que lógica? Se alguma lógica existe, o correto seria chamá-la de ítalo-afro-descendente ou afro-ítalo-descendente, como preferirem. E como todos os pardos são, na origem, fruto do casamento entre brancos (europeus) e negros (africanos), os pardos deveriam ser genericamente chamados de euro-afro-descendentes. Teriam, ainda assim, direito a cotas ou a outras políticas de preferência racial ou o prefixo “euro” os condena irremediavelmente? Falando assim, tão cruamente, pretendo deixar claro como todas essas definições são em si racistas. Porque não devemos falar em negros, pardos ou brancos, mas apenas em brasileiros. Somar pardos e negros, seria apenas um erro metodológico se não tivesse na base de uma injustiça sem tamanho. Porque todas as políticas de cotas afirmativas e ações afirmativas se baseiam na certeza estatística de que os negros são 68,8% dos pobres, quando, na verdade, eles são apenas 7,1%. Na hora de entrar na Universidade ou no serviço público, os negros terão vantagens. Os pardos, não. Do ponto de vista republicano, isso é grave. Na hora de justificar as cotas, os pardos são usados para engrossar (e como!) os números. Na hora de participar do benefício, são barrados, literalmente.” (KAMEL, 2006, p. 51-52).

Antes mesmo da colonização da América, eram os índios (que eram pardos) que viviam aqui. Posteriormente vieram os brancos e trazidos pelos brancos vieram os negros. Assim, após o descobrimento, após a colonização e abolição, ainda assim, ainda hoje, o autor evidencia que há mais pardos do que negros. Mas o Brasil só reivindica a sua “africanidade” (valoriza-se demasiadamente outro continente: o africano. E colocamos em último plano o nosso próprio continente: a América (o continente americano, que no nosso caso, é o Sul-Americano). Já se valorizou a Europa e hoje tem se valorizado a África como ascendência e descendência. E a América, onde fica? Olhamos para a Europa, olhamos para a África e não olhamos para nós mesmos: a América! Típico do brasileiro: esquecer que a sua localização geográfica não é a Europa e tampouco a África, é a América! Lembrar que é brasileiro não é reivindicar uma africanidade. Lembrar que é brasileiro seria reivindicar por um passado indígena.

O índio antes da colonização ele é pardo e ao inserir tatuagens tribais no corpo, as tatuagens ficavam perceptíveis, já que a pele parda possui nitidez.

O conceito de brancos e pretos para a Antropologia é um conceito cultural. Mas em se tratando de tatuagem, a questão de brancos e pretos possui uma conotação diferente: o que interessa é a tonalidade da pele (se ela é nítida ou não). Para o universo da tatuagem a importância é dada primeiramente para a técnica para depois ser dada a importância para o aspecto social e cultural. Isso porque para uma tatuagem tornar-se parte de um meio social e cultural, antes ela deve passar pelos procedimentos técnicos, pela experiência de vivenciar no corpo como é realizada a técnica. Sem técnica não há tatuagem. A tatuagem só existe porque existe técnica. A técnica é fundamental para a inserção de uma tatuagem no corpo. O aspecto social e cultural de uma tatuagem só tem existência porque a técnica vem primeiro. Um sujeito tatuado só torna-se um tatuado por intermédio da técnica. É impossível tornar-se um tatuado sem a utilização da técnica. Então, para um indivíduo inserir-se em um grupo de pessoas tatuadas, antes este indivíduo deve passar pela experiência da técnica de se tatuar, isso é óbvio.

Em se tratando de tatuagem, negro é todo aquele que é preto de fato (é aquele possuidor de uma maior concentração de melanina em sua pele) ao ponto dos traços da tatuagem ficarem quase imperceptíveis. Para tatuar (perfurar) o tatuador tem que pensar na matéria que ele está perfurando (se possui nitidez ou não), e não na cultura em si. A perfuração é feita na pele (na carne humana que é a matéria-prima). A pele a ser perfurada tem que ser nítida. O tatuador trabalha com textura, então ele precisa de nitidez. Não interessa para o tatuador saber quem foi o pai, o avô, o tataravô do tatuado, o que interessa é apenas a pele do tatuado e não as suas relações de parentesco antepassadas. Não importa saber se um sujeito branco que está sendo tatuado possui um pai negro ou avô ou tataravô negro, pois se a pele dele for branca ou for parda, esta pele será perceptível e é isto o que importa. A perceptibilidade é o que importa para o tatuador e para a tatuagem em si, e não a ancestralidade do tatuado. O que realmente importa para a tatuagem é a perceptibilidade da pele do tatuado (e não de todo o seu grau de parentesco).

Concluindo a questão sobre a pele do Rei Pelé e a pele do Ronaldo Fenômeno, em nenhum momento foi dito aqui que alguém com a mesma tonalidade da pele de Pelé não pode adquirir uma tatuagem. O consumo de tatuagens é livre e acessível para todos. Não é esta a questão. O fato aqui explicitado é o seguinte: quem possui uma tonalidade de pele como a do Pelé (mais escura) a tatuagem tende a ficar menos nítida do que uma tatuagem realizada em uma pele como a de Ronaldo (mais clara). Isto significa que à medida que a pele do sujeito tiver uma tonalidade mais escura do que a tonalidade da

pele de Pelé, a pele de Pelé poderá ser considerada mais nítida do que uma pele que possui uma tonalidade ainda mais escura do que a sua. Significa também que uma pessoa que tiver a tonalidade da pele mais clara do que a pele de Ronaldo, a pele de Ronaldo pode ser considerada menos nítida do que uma pele que possui uma tonalidade mais clara do que a de Ronaldo.

A pele de Pelé e a pele de Ronaldo foram citadas como exemplo por se tratarem de duas grandes personalidades do futebol brasileiro conhecidos mundialmente, no qual apesar de ambos serem considerados como “negros” por muitos brasileiros, é válido ressaltar que a tonalidade da pele de ambos não é a mesma. O nome dos dois jogadores de futebol Pelé e Ronaldo foi citado para poder ser demonstrado que se a pele de Pelé é escura, existem ainda tonalidades de pele muito mais escura do que a de Pelé. O que está sendo evidenciado é que se a pele de Pelé é considerada escura para tatuagens, existem tonalidades de pele mais escuras ainda. E se a pele de Ronaldo é considerada mais clara para tatuagens do que a pele de Pelé existe tonalidades de pele mais claras ainda do que a de Ronaldo. A nitidez de uma tatuagem depende da tonalidade da pele do sujeito: quanto mais escura for a pele, menos nítida será a tatuagem, e quanto mais clara for a pele, mais nítida a tatuagem ficará. Então, não é incorreto de forma alguma afirmar que peles claras são melhores de serem tatuadas do que peles escuras.

Se toda afirmação que enaltecer a pele de pessoas mais claras comparados à pele de pessoas de pele mais escura for sempre mal interpretada e vista como uma propagação de racismo, realmente pode ser afirmado que não se trata mais de uma questão de direitos humanos, mas sim de uma mania de perseguição! Se é proibido afirmar que a pele de uma pessoa clara é melhor do que a pele de uma pessoa escura para a inserção e ostentação de tatuagens, então podemos perceber que foi cessado o direito da liberdade de expressão, já que tudo o que for enaltecer o elemento branco for visto como uma manifestação racista, percebemos que estamos longe de deixar de lado esta mania de perseguição de que a figura do elemento negro é sempre a do oprimido e que qualquer manifestação de elogio à cor pálida do branco sempre é uma forma de afrontar aqueles que sofreram um passado de escravidão! E que passado de opressão é este que não cessa nunca?

Que liberdade de expressão é essa, onde tudo o que é dito em favor do branco é sempre interpretado como uma forma de afronta? Por que tudo o que é dito em favor de um branco é visto como racismo contra um negro? Virou modismo e tudo agora é racismo para lá e racismo para cá. Quem fala bem sobre pessoas de pele branca agora são racistas porque não disseram a mesma coisa a respeito de pessoas negras! Considerar o elemento branco melhor em alguma coisa do que um negro (neste caso, a afirmação de que a pele de uma pessoa branca realmente é melhor do que a pele de uma pessoa negra

para fazer tatuagens) pode ser vista como um racismo. Vivemos numa fase em que se não considerarmos o negro melhor do que quem é branco, logo somos vistos como racistas! Mas no caso da ostentação de tatuagens é inevitável não frisar que a pele de quem é mais claro é mais eficaz em se tratando de nitidez do que a pele de quem é mais escuro. Isso é fato. Assim, a maioria das pessoas que se dizem negras e que são tatuadas no Brasil, na realidade elas são pardas ou mulatas (e não negras). O mulato tem traços do negro, mas sua cor é mais clara do que a de um negro (portanto, a pele mulata possui um grau de nitidez que a pele negra não possui). Podemos classificar a tonalidade das peles pelo seu grau de perceptibilidade (pelo grau de nitidez) com que todas as cores existentes de tintas (e não apenas a tinta preta) ficam na pele:

- Totalmente Perceptível (a pele branca e também a pele amarela dos povos asiáticos);
- Perceptível (a pele parda indígena e também a pele mulata);
- Pouco Perceptível (a pele negra, por ser a que possui uma tonalidade muito escura de fato).

É sabido que o costume de tatuar o corpo não era considerado um costume civilizado, era considerado um costume tribal. Os povos tribais que praticaram a tatuagem definitiva eram povos de tonalidade de pele de cor parda em sua maioria (como evidenciava a Literatura de viagem dos viajantes e cronistas do século XVI Pero Vaz de Caminha e Hans Staden). Povos de pele negra costumavam fazer “escarificações” (e escarificações não se utiliza de colorações. Quem se utilizava de “colorações” eram os índios, os aborígenes e os povos asiáticos).

Assim, metodologicamente falando, na pele negra é mais adequado fazer “escarificações” (a pele negra não é apropriada para inserir colorações), e é esta a diferença da pele negra das outras peles: a pele parda, a pele asiática e a pele branca. A questão que está sendo discutida aqui não é sobre padrões de beleza (sobre quem é mais bonito ou quem é mais feio), mas sim sobre se uma textura de pele é mais ou menos nítida. Pode ainda chegar uma legião de pessoas de pele escura e portadoras de tatuagens reivindicando que gostam de suas tatuagens, mas a questão levantada aqui trata-se de uma análise comparativa acerca da maior visibilidade e perceptibilidade de tatuagens que são maiores em peles claras e menores em peles escuras. Isso é um fato.

CONCLUSÃO:

Na *Carta de Pero Vaz de Caminha* (2002) assim como nos relatos de Hans Staden (2009) estão descritos os *ornamentos corporais* praticados pelos *antigos povos indígenas do Brasil*. A partir daí, a reação dos primeiros viajantes que escreveram de forma narrativa e descritiva sobre tudo o que viam foi sob uma perspectiva que partia do olhar de sua própria sociedade (a sociedade do “Eu”), e não do olhar da sociedade que estava sendo por eles narrada e descrita (a sociedade do “Outro”). Muito do preconceito que se instaurou perante os tatuados de uma forma generalizada tem suas origens no passado através das “primeiras impressões” que foram atribuídas aos corpos repletos de ilustrações. O colonizador europeu, posteriormente às inúmeras *barbaridades* causadas aos indígenas da América e aos aborígenes do Pacífico e da Oceania, acabou *resgatando destes povos a técnica da tatuagem* a partir da Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra (e com a criação de máquinas elétricas de tatuar, houve uma *renovação da técnica*) influenciando o cenário da tatuagem de hoje.

François Laplantine (2000) destaca que apenas a partir do século XVIII é que começa a ser elaborada um discurso científico sobre o homem (entre os séculos XVI e XVII os povos indígenas foram descritos como selvagens e primitivos). Lévi-Strauss (2009) por sua vez destaca a importância da convivência e da aproximação com o grupo estudado para que sejam afastadas às pré-noções que possuímos da nossa sociedade para não cometermos o equívoco de julgar o costume do Outro de acordo com a maneira com que a nossa sociedade julga os costumes dela. Lévi-Strauss destaca que ao entrar em contato com a tribo Kadiwéu lhe foi confidenciado que este povo gostava de tatuar o rosto porque não eram bichos e que as pinturas faciais eram uma forma de distinguir os homens (que produzem cultura) dos animais (que não criam elementos culturais). A tatuagem é considerada pelo povo Kadiwéu como um elemento cultural que possui a intenção de menosprezar o barro de que eles foram feitos. Um aspecto interessante no contato de Lévi-Strauss com os povos com os quais ele estivera era o fato que ele possuía o costume de utilizar-se da fotografia para fazer o registro desses povos.

O pensamento de Nietzsche (2007) em “Aurora” foi introduzido para destacar a emancipação do corpo diante da moral cristã. Nietzsche soube relativizar a moralidade atribuída ao corpo ao apontar os preconceitos cristãos diante das diferenças culturais, estéticas e comportamentais. Nietzsche valoriza a realidade da vida e a realidade da vida é o corpo (e não a alma). Por isso ele propôs uma transvaloração de todos os valores em “O Anticristo” (2003).

Para Marx (1975) o homem é o soberano entre as máquinas (o homem é o soberano entre as ferramentas e instrumentos de trabalho que ele utiliza para confeccionar, fabricar, produzir, gerar valor de uso social). Com relação à tatuagem, a máquina de tatuar (o Dermógrafo) não consegue fazer nada sozinha, isso porque toda máquina (ou a grande maioria delas) necessita do auxílio, do comando do homem. A utilização de Marx neste estudo foi importante para demonstrar que a tatuagem (a técnica da tatuagem) é uma atividade profissional geradora de valor de uso social (inserir tatuagens em corpos é uma atividade profissional como qualquer outra).

O que se percebe é que na atualidade, surgiram novas categorias de trabalho, novos ramos de trabalho, novas formas de se pensar o trabalho. A tatuagem é uma prática antiga, mas é uma categoria de trabalho recente. Antigamente a prática e a técnica da tatuagem não eram vista, não era pensada como uma forma de trabalho. Sabe-se que hoje a técnica da tatuagem é um trabalho. O tatuador vende a sua força de trabalho. O tatuador vende a sua técnica e o seu conhecimento técnico é consumido pelo tatuado em forma de tatuagem.

Sabemos que Karl Marx propôs à abolição do Estado. Com relação ao Estado, nós somos cidadãos ou súditos? Os indivíduos tatuados também são cidadãos e não devem ser despojados de seus direitos de cidadãos devido a terem marcado seus corpos por romperem com a padronização do corpo liso. O tatuado é livre para escolher suas tatuagens porque o corpo pertence ao homem (ao seu dono), o corpo do homem não pertence ao Estado. Em que contexto da História não havia existência de Estado e de Propriedade Privada? Não havia Estado e nem Propriedade Privada no contexto indígena. Na contemporaneidade, o Estado não deve ter o poder de interferir na decisão das pessoas quererem se tatuar. O Estado não é dono do corpo de ninguém e sendo assim o homem (o cidadão) tem o direito de fazer do seu próprio corpo o uso que dele quiser fazer. O Estado não pode querer ser um controlador de corpos (nem com relação à liberdade sexual e nem com relação à liberdade estética). Os tatuados fazem parte de uma sociedade civil e sendo assim os tatuados são, portanto, mais amplo do que o Estado e do que a Nação onde estão fixados. Não é um Estado apenas ou uma Nação apenas que possuem membros de sua sociedade que são portadores de tatuagens. A técnica e a prática de tatuar contemporâneas não possuem fronteiras (a tatuagem existe dentro de inúmeros Estados e Nações). Toda produção de bens de consumo é determinada por uma fase de desenvolvimento das forças produtivas. Confeccionar uma tatuagem é uma força produtiva existente dentro de diversos sistemas sociais. Os sistemas sociais devem ser vistos como sistemas abertos (abertos para buscar novos valores que nos afastem de antigos conservadorismos relacionados ao corpo).

O pensamento de Marx se encaixou na temática da tatuagem porque o pensamento marxista possui um pensamento crítico com relação às generalizações universalistas das estruturas que costumam despojar os indivíduos de suas potencialidades transformativas que inviabilizam a liberdade dos agentes sociais de possuírem as suas particularidades grupais, culturais e também estéticas. Se não há um modelo único de desenvolvimento também não há um modelo único de comportamento (sendo assim, não há um modelo único de estética). Marx sempre se mostrou contrário às formas de hegemonia discriminatórias e excludentes. Por que então haveria razão na atualidade do mercado de trabalho (qualquer que seja) em discriminar e excluir os tatuados de seus direitos de ostentarem ilustrações na pele? O que observamos é que o mercado de trabalho ainda permanece inviabilizando ao dificultar as possibilidades de mudança. Dessa forma, Marx é antagônico de Weber, uma vez que Marx não inviabiliza a inclusão dos valores e as opções ideológicas como sendo elementos importantes na constituição do pensamento científico. Com relação à temática da tatuagem, o juízo de valor empregado neste estudo é o do rompimento com todas as formas de pensamento etnocêntrico com relação ao uso de tatuagens. Através de Marx podemos perceber que não há conhecimento social alheio a valores porque ele mesmo se baseava em seus valores ao redigir os seus escritos. Os valores possuem um substrato importante para detectarmos o ponto de vista dos cientistas sociais. Assim, que ponto de vista possui este estudo sobre tatuagem? Este estudo sobre tatuagem possui o seguinte ponto de vista: que o consumo de tatuagens sofreu perseguição etnocêntrica por gerações e que a atualidade deveria ter o discernimento de tentar livrar-se dessas formas reacionárias de pensamento com relação à inserção de adornos sobre o corpo.

A importância de Marx neste estudo deve-se ao fato que Marx é um pensador social que se mostrou favorável à intervenção dos atores sociais nos processos de mudança. Sendo assim, qual seria a mudança que poderia ocorrer no cenário da tatuagem? A mudança que poderia ocorrer seria a da diminuição do pensamento etnocêntrico com relação ao uso de tatuagens na contemporaneidade. O âmbito das relações sociais não deve possuir sistemas fechados, e insistir na manutenção de uma postura etnocêntrica seria o mesmo que negar que há a existência de uma atividade profissional na confecção de uma tatuagem. Se há a existência de uma atividade profissional na confecção de uma tatuagem, a mão-de-obra empregada na confecção desta atividade deve ser reconhecida como legítima. A confecção de uma tatuagem é um processo de trabalho. Todo trabalho é digno e com a tatuagem não poderia ser diferente: há dignidade na execução dessa atividade. Para Marx (1975) o importante não é saber como as mercadorias satisfazem as necessidades humanas. Tanto faz para Marx se as mercadorias são um meio de

subsistência (como ocorre com a produção de alimentos) ou se são formas de objeto de consumo (como ocorre com a aquisição do vestuário ou então com a aquisição de tatuagens). O que importa para Marx é a “valorização do trabalho” contido na produção da mercadoria (seja esta mercadoria um gênero alimentício, uma vestimenta ou então um adorno corporal). Para Marx, o valor de uso só é legitimado através do consumo (e percebemos que a tatuagem é legitimada pela procura de pessoas que buscam tatuar seus corpos). Se há consumo, há valor de uso social (portanto, a tatuagem é um valor de uso social). Marx considera como trabalho útil aquele trabalho estabelecido através do valor de uso (a tatuagem possui utilidade para aqueles que a ostentam).

Durkheim (2002) nos fala sobre o conceito de moral profissional. Através da lógica do raciocínio de Durkheim acerca da moral profissional podemos perceber que a moral profissional dos tatuados se concentra na execução de um trabalho artístico confeccionado na pele. Não dizemos que quadros são artes porque são pinturas? A tatuagem também é uma pintura, só que é uma pintura inserida dentro do corpo. A matéria-prima do pintor é o papel ou a tela, do escultor é a madeira ou a pedra, e a do tatuador é a pele e o corpo.

Observamos através de Durkheim (2009) que as coisas que existem no mundo são juízos de realidade. A tatuagem deve ser tratada como uma “coisa” porque ela possui juízo de realidade (independente dos juízos de valores que os agentes sociais atribuem a ela). Observamos através de Durkheim que as experiências são fatos. A tatuagem é uma experiência, portanto, ela é um fato. Compreendemos que as predileções, as preferências (as minhas, as suas, a de todos) são juízos de valores. As predileções apenas determinam Estados do sujeito, sendo assim, as nossas preferências não podem atribuir às coisas um valor que lhes pertença, elas apenas podem determinar o nosso modo de enxergar as coisas. As predileções das pessoas são incomunicáveis e inconciliáveis e isso explica a existência de pessoas que admiram o uso de tatuagens e as que censuram o uso de tatuagens. Admirar tatuagens ou censurar tatuagens são formas de predileções, são caracterizados por juízos de valores. O conflito social (o etnocentrismo com relação ao corpo tatuado) ocorre porque há antagonismos entre as predileções das pessoas que aprovam e daquelas que desaprovam o uso de tatuagens.

As pessoas que possuem predileções por tatuagens acabam concretizando a inserção de tatuagens em seus corpos e concretizar significa ter vivenciado a experiência corporal da dor com a finalidade de obter uma modificação estética. A tatuagem é empírica porque ela é um fato real. Podemos observar duas formas de vivenciar a experiência da tatuagem: a primeira é a experiência de tatuar adquirida pelo tatuador (a execução e confecção de um trabalho é uma forma de experiência) e a segunda é a

experiência adquirida pelo tatuado (suportar e resistir a dor corporal também se trata de uma experiência). Essas duas formas de experiências: a de tatuar e a de ser tatuado não podem ser transmitidas simplesmente, são experiências que tem que ser vivenciadas para saber o que é de fato trabalhar penetrando com agulhas a pele humana (o tatuador) e saber o que é de fato sentir na pele a perfuração das agulhadas (o tatuado). Essas duas formas de experiência: tatuar e ser tatuado possui valor. O valor da tatuagem para o tatuador está relacionado ao cuidado que todo artista possui com a sua obra e que todo trabalhador possui com o exercício de seu trabalho. O valor da tatuagem para o tatuado está relacionado ao valor de uso que a tatuagem lhe confere: esse valor de uso pode ser *estético* (quando a tatuagem visa à transformação da aparência proporcionando a valorização da beleza física e da sensualidade), pode ser *simbólico* (quando a tatuagem visa à celebração de uma conquista pessoal e a ocorrência de uma boa fase da vida), pode ser *afetivo* (quando a tatuagem visa homenagear o nascimento de um filho, para homenagear alguém que veio a falecer, para homenagear um ídolo).

Através de Max Weber (2006) podemos observar que os juízos de valores das pessoas são importantes para a captação e compreensão da subjetividade dos agentes sociais que buscam tatuar o corpo. Assim, foi possível perceber através da lógica do raciocínio de Weber que o agente social que busca tatuar o corpo possui uma finalidade subjacente para querer ostentar tatuagens em seu corpo. Existem vários meios e fins que podem conduzir as pessoas a tatuar os seus corpos. A intenção de tatuar o corpo está vinculada aos valores que os agentes sociais trazem consigo e que estão relacionados à sua forma de pensamento, ao seu modo de ser, ao seu modo de agir (cada pessoa possui um modo de se comportar regido por valores). Através de Saint-Pierre (1994) e Stephen Kalberg (2010) foi destacada a importância da apreensão da subjetividade dos atores sociais a partir da revisão dos textos de Max Weber. No entanto, embora Stephen Kalberg e Saint-Pierre tenham dado ênfase ao distanciamento do cientista social acerca de seu objeto de estudo, eles deixaram escapar que nenhum pesquisador está a salvo do emprego de conteúdos valorativos (nem mesmo o próprio Weber escapou disso).

Através de Pierre Clastres (1988), observamos que nas sociedades tribais ninguém escapava ao rito. A tatuagem era um rito. A tatuagem nas sociedades tribais possuía uma conotação simbólica demonstrando coragem ao resistir ao sofrimento, correspondia a um rito de passagem, anunciava a separação entre a infância e a vida adulta, significando a integração do indivíduo (tatuado) à sua tribo, ao seu grupo de pertencimento. Dessa forma, o corpo pertencia à sociedade e o motivo da tortura (a tatuagem) era em detrimento do coletivo. A tatuagem simbolizava, representava a experiência da tortura (a tatuagem é uma forma de torturar o corpo) e ela corresponde a um fato social. Qual é o resultado

dessa tortura? O seu resultado é a marca (a aquisição de uma marca corporal). Qual a finalidade do sofrimento? A finalidade é a tatuagem (a inserção de uma tatuagem é uma experiência dolorida que confere ao tatuado um status de coragem). A tatuagem é o fim que se atinge através da dor. O ritual da tatuagem embora faça o tatuado sofrer, não é um ritual que conduz o indivíduo à morte. Para as sociedades indígenas o sofrimento é uma forma de aprendizado e a tatuagem é a marca que fazia parte da pedagogia indígena. A tatuagem simbolizava a marca da coletividade porque confere ao indivíduo à proteção do grupo. Quando as tatuagens eram praticadas por sociedades sem Estado a tatuagem integrava as pessoas. Quando a tatuagem passou a ser praticada nas sociedades onde existe Estados Modernos a tatuagem individualiza as pessoas. A lógica da tatuagem mudou na contemporaneidade: a intenção de tatuar o corpo não é com a finalidade de querer tornar-se igual a todos, mas sim é com a intenção de diferenciar-se de todos.

José Carlos Rodrigues (2001) destacou que no Período Medieval a noção de pecado foi associada ao corpo. Tocar o corpo era visto como pecado e devido à tatuagem ser uma perfuração Ela foi concebida como uma profanação do corpo. Assim, se as marcas corporais no Período Medieval foram vistas como profanas, entre os povos indígenas as marcas corporais eram vistas como sagradas. Ele também destacou que a dor nas sociedades indígenas era considerada como um mal necessário (a dor é interpretada como um aprendizado) e ressalta que nas sociedades contemporâneas há uma forte inclinação para que se realize um entorpecimento da dor (através de anestésicos e analgésicos de todos os tipos). Com relação à experiência da dor de uma tatuagem é válido lembrar que não há necessidade de entorpecer a dor já que a perfuração não é tão profunda e sendo assim ela é perfeitamente suportável. É interessante perceber que a dor exercia um papel importante nas sociedades indígenas na medida em que era sinônimo de resistência física, de coragem e de muita paciência. Os povos indígenas não valorizavam quem demonstrasse fraqueza, covardia e impaciência.

Através de Malinowski (1970) e da sua concepção de Funcionalismo foi possível perceber que a tatuagem é uma manifestação de Cultura porque a tatuagem é uma experiência anatômica, na medida em que o tatuado vivencia experiências concretas (relacionadas à dor da perfuração e a atitude de assumir um novo visual a partir da inserção de uma modificação corporal). O homem busca satisfazer as suas necessidades e com relação à tatuagem ela é uma necessidade estética daqueles que buscaram realizar em seus corpos uma modificação corporal de acordo com as suas vontades. Para Malinowski a Cultura é um meio para atingir a um fim. A educação tem uma finalidade, a religião (qualquer que seja) tem uma finalidade, a economia tem uma finalidade, a política tem uma finalidade e a arte também possui a sua

finalidade. O que a tatuagem é? Ela é um ornamento, é um adorno, ela é um trabalho confeccionado manualmente. Dentro de um processo cultural podemos compreender a tatuagem como sendo uma relação de trabalho e de consumo que abrange seres humanos (o tatuador oferece o seu trabalho e o tatuado se oferece como consumidor). A tatuagem é caracterizada por ser um objeto de uso direto no sentido literal da palavra, já que ao estar no corpo do indivíduo, ele a utiliza e a consome há todo momento (sendo assim, a tatuagem é caracterizada também por ser um bem de consumo durável).

Marcel Mauss (2003) fez um estudo sobre as técnicas do corpo e através dele podemos compreender que as técnicas corporais abrangem as mais variadas formas com que os homens de sociedades distintas utilizam o seu corpo na realização de suas tarefas, de suas atividades. Mauss concebeu o nosso corpo como um instrumento e que os homens se distinguem dos animais através de suas técnicas, como por exemplo: a técnica do nado, a técnica de cavar, a técnica das formas de andar dos jovens, a técnica da posição de andar descalço ou calçado, a técnica da posição dos cotovelos das crianças que se sentam à mesa, a técnica do rebolado das mulheres Maoris, as técnicas da obstetrícia, as técnicas da infância, as técnicas da adolescência, as técnicas da idade adulta, as técnicas do movimento, as técnicas do repouso, as técnicas do sono, as técnicas do cuidado com o corpo e as técnicas de reprodução. Ele observou que as técnicas do corpo costumam se dividir através do gênero (homens e mulheres) e também através da faixa etária (crianças, adolescentes, adultos e idosos) e que o nosso corpo comporta-se distintamente entre as várias etapas da vida. Mauss analisou o corpo como um meio técnico que é capaz de ter sensação, emoção, ação, reação, interação, expressão.

Diante do raciocínio de Mauss podemos perceber que a tatuagem por ser inserida no corpo através de uma penetração ela causa sensação (através da dor ou através do desconforto), causa emoção (através da ansiedade em ver o resultado finalizado), causa ação (através da atitude em ter tomado a decisão de querer fazer uma tatuagem e ter colocado a sua intenção de tatuar o corpo em prática), causa reação (reação de aprovação ou reprovação dos outros diante da sua nova estética), causa interação (durante a sessão de tatuagem o tatuador interage com o tatuado e finalizada a sessão o tatuado interage com as pessoas de seu convívio) e causa expressão (todo desenho inserido em um corpo expressa algo). Dessa forma, através da tatuagem o corpo torna-se um instrumento de trabalho onde a pele assume a função de ser uma matéria-prima assim como uma tela ou um papel.

Marcel Mauss também evidencia que nenhuma técnica é hereditária (nenhuma técnica corporal é hereditária). O hábito só é adquirido com a prática. Ter habilidade é sinônimo de possuir um domínio técnico (assim como possuir um domínio técnico é sinônimo de habilidade). Com relação à tatuagem, o

corpo do homem é um instrumento que pode ser utilizado como uma matéria-prima. A Tatuagem pode ser caracterizada por ser uma técnica da adolescência (porque é a partir da adolescência que a estrutura física do homem está pronta para suportar e resistir à experiência da dor). A tatuagem só pode ser inserida em um corpo adolescente e adulto (e não em um corpo infantil, que não é capaz de resistir pacientemente à dor). Os rituais de iniciação das sociedades indígenas costumavam ocorrer na adolescência (onde o momento mais esperado é a chegada da puberdade).

Le Breton ao refletir sob a ótica de uma Sociologia do Corpo ele ressaltou que nas sociedades tribais o corpo possui a demarcação de aliança com a sua sociedade. O corpo nas sociedades Ocidentais costuma fazer uma demarcação do indivíduo (através da tatuagem inserida no corpo o homem demarca a sua individualidade). Le Breton destaca que a tatuagem confere ao homem que ele seja separado da natureza (uma vez que o corpo antes liso e natural passa a ser lapidado, transformado, modificado de acordo com a vontade do homem). Le Breton percebe que o corpo na modernidade assume um papel diferente daquele evidenciado por Pierre Clastres ao citar as sociedades contra o Estado como as sociedades dos índios Mandan, dos índios Guayabi e dos índios Albipones. Le Breton destaca que o corpo do homem na era da modernidade se configura por ser um corpo regido pela separação (e não mais pela integração), uma vez que o indivíduo que busca tatuar o corpo ele busca moldar a sua identidade. Vimos que com Pierre Clastres a tatuagem realizada entre os povos indígenas inseria o tatuado ao seu grupo de pertencimento e vimos com Le Breton que a tatuagem no contexto urbano molda a individualidade do sujeito. O corpo é concebido como a marca do indivíduo (porque age como uma marca que distingue as pessoas uma das outras). Na concepção dele o indivíduo tatuado foge ao anonimato porque o corpo ao circular pelos lugares que o seu dono costuma frequentar, o corpo tatuado não passa despercebido. Ele considera a cultura Ocidental como uma cultura detentora de plasticidade (em que o intuito é dos indivíduos é poderem olhar às pessoas à sua volta e também querer ser visto por elas). A tatuagem dá visibilidade ao corpo (um corpo tatuado é um corpo alvo de olhares).

O ato de consumir não é exclusividade das sociedades contemporâneas. O ato de consumir está presente em toda e qualquer sociedade. Possuir apego aos próprios bens sempre existiu na maioria das sociedades. Adquirir um ornamento, adquirir um adorno também são formas de consumo. O consumo de tatuagens não é exclusivo das sociedades contemporâneas (antigos povos indígenas e aborígenes se tatuavam há gerações). O que a contemporaneidade fez foi adaptar a prática da tatuagem a uma forma técnica mais moderna ao que se refere à precisão dos traços que são inseridos no corpo. As opções de desenhos para o consumo de tatuagens são sugestionadas do exterior (é a exterioridade que nos oferece

as opções de escolha). Na exterioridade estão concentrada todas as possibilidades, todas as opções, todas as alternativas que conduz aos tatuados a fazerem as suas escolhas. Desde que as pessoas tenham recursos para adquirir o bem desejado, não há nenhuma restrição que impeça que essas pessoas adquiram aquilo que elas desejam. Se a tatuagem é um desejo do indivíduo, ele tem o direito de consumir e obter aquilo que ele quer (se este indivíduo tiver os meios pecuniários para isso). O poder de escolha das tatuagens (sobre qual desenho e sobre qual região do corpo escolher) acaba criando marcadores de individualidade (o tatuado busca se individualizar a partir do desenho e do local do corpo que ele escolhe).

É do conhecimento de todos que o capitalismo gera desigualdade, mas não podemos considerar o consumo (qualquer que seja) apenas sob a ótica da desigualdade. Uma nova perspectiva acerca do consumo é destacada por Livia Barbosa (2004) onde ela afirma que ao invés do consumo ser visto exclusivamente sob a ótica da desigualdade, que o consumo seja visto também sob a ótica que reafirma a liberdade individual. A individualidade a que a autora se refere não seria uma individualidade egoísta, mas sim uma individualidade que liberta o corpo da autoridade do Estado. Com relação à temática da tatuagem, podemos perceber que o uso de tatuagens é uma escolha. Ninguém é obrigado a consumir. No consumo, não há a obrigatoriedade do que vai ser consumido (uma mercadoria, um produto, um artefato, um ornamento, um adorno, uma tatuagem, etc, só é consumido, só é adquirido se houver consumidores interessados. É o interesse do consumidor quem impulsiona o consumo de um bem. Assim, as tatuagens só existem porque há indivíduos interessados em tatuar seus corpos. Há uma demanda de consumidores (que não se reduz a um contexto local e regional apenas) em busca de tatuar seus corpos. Para Campbell (2006) a insaciabilidade do consumo não significa insatisfação com o bem adquirido, mas sim significa a necessidade de satisfazer um novo desejo. Para Campbell a insaciabilidade é um processo ininterrupto porque uma vez que é saciada uma vontade, uma vez saciado um desejo, cria-se uma nova vontade e um novo desejo de consumir um novo bem. Essa insaciabilidade também pode ser encontrada no universo da tatuagem entre os tatuados que possuem mais de uma tatuagem em seus corpos.

Grant McCracken (2003) procurou observar através das análises acerca do consumo de moda entre os séculos XVI, XVII e XVIII que a teoria trickle-down proposta por Simmel segue o princípio da estratificação social e é caracterizado pelo princípio da imitação (onde grupos inferiores costumam imitar e adotar o vestuário dos grupos superiores) e é caracterizado pelo princípio da diferenciação (ao perceberem que o padrão de seu vestuário foi imitado e adotado pelas camadas inferiores, os grupos superiores tentam criar um novo modelo de vestuário que os diferenciem). Para Grant McCracken, o

princípio da estratificação perde a sua importância na atualidade (certamente ainda há a existência de uma estratificação na atualidade, mas ela vem perdendo a sua importância ao que se refere ao consumo de moda). Grant McCracken ressaltou que devemos levar em consideração as transformações contemporâneas das diferentes formas de consumo do sistema capitalista. Ele destaca que o consumo na atualidade não é mais definido exclusivamente através do status social (não que o status social não seja determinante ao que se refere às condições e as possibilidades de possuir o poder econômico de consumir mais), mas a questão é que o consumo é definido também através das diferenças existentes entre os gêneros (homens e mulheres), entre as faixas etárias (crianças, adolescentes, adultos e idosos) e entre a etnicidade (brancos, negros, indígenas, orientais). Dessa forma, o próprio consumo de tatuagem deve ser analisado de acordo com os gostos e as preferências existentes entre os homens e as mulheres ao escolherem os motivos dos desenhos e as regiões de seus corpos.

Através de Giddens (1991) podemos perceber que a extensibilidade da modernidade também pode se inserir dentro do universo da tatuagem porque a extensibilidade proporcionou ao cenário da tatuagem formas de interconexão social entre tatuados e tatuadores (das mais diversas localizações geográficas). A extensibilidade da modernidade também permitiu a existência de continuidades entre o tradicional e o moderno. Isso significa que a tatuagem como uma prática tradicional (dentro do seio das sociedades indígenas e aborígenes) se tornou na contemporaneidade uma técnica moderna (dentro das sociedades urbanas industrializadas). O próprio rompimento com o patriarcalismo faz parte do ritmo de mudança que as gerações modernas (avessas ao conservadorismo) colocam em movimento.

Dennys Cuche (2002) observou que o conceito da palavra Cultura pode ser aplicado de várias formas (como a ação de cultivar a terra, a cultura adquirida através da convivência familiar, a cultura adquirida através do saber acumulado e dos títulos obtidos). Ele cita o inglês Edward Tylor como aquele que percebeu que o emprego da palavra cultura também varia de acordo com o contexto (Kultur na Alemanha significa os aspectos espirituais caracterizados pela arte, tradição, língua, literatura, música, pintura, os costumes e os modos que particularizam e distinguem os alemães de outros povos; Civilization na França significa os aspectos materiais caracterizados pelo seu grau de nobreza e de etiqueta que são incentivados a serem imitados por outros povos tendo a França como o país modelo). Dennys Cuche ressalta que Tylor conseguiu abranger através da palavra cultura todas as possibilidades de realização humanas por ele ter feito a distinção entre o significado de Kultur para os alemães e o significado de Civilization para os franceses. Ele também ressalta que Tylor dava muita importância ao processo de aprendizagem. Tylor concebia a cultura como sendo apreendida (e não como sendo algo

hereditária). Para Tylor a cultura possuía uma dimensão coletiva porque ela é adquirida a partir do contato e convivência com o grupo social.

Dennys Cuche (2002) ressalta que Tylor cometeu o equívoco de querer que a Antropologia estabelecesse escalas de evolução (como se houvessem povos superiores e inferiores). Esse foi o etnocentrismo de Tylor: acreditar que há povos evoluídos e que há povos menos evoluídos. Sabemos hoje que não existem povos mais evoluídos ou menos evoluídos, o que existe são povos diferentes pertencentes a culturas diferentes e possuidores de hábitos e costumes diferentes.

Roque Laraia (2007) concebe a cultura como um processo dinâmico de crenças, moral, lei costumes, hábitos e criações artísticas produzidas pelo homem. Ele destaca que a Biologia não é capaz de compreender a área comportamental. A Biologia não é capaz de determinar comportamentos. Roque Laraia percebe a impotência da Biologia para explicar o comportamento humano. Cabe às Ciências Sociais (a Antropologia e a Sociologia) estudar o comportamento cultural e social do homem. E o que a tatuagem tem a ver com a Biologia ou com a Antropologia e Sociologia? A tatuagem é inserida em um corpo biológico (fisiológico), mas quem determina as ações humanas não é o fator biológico, são os fatores culturais e sociais. Assim, a técnica e a prática da tatuagem refletem aspectos da vida cultural e social dos agentes sociais que ostentam tatuagens em seus corpos.

Para Roque Laraia não existem capacidades inatas ou hereditárias. Todo homem aprende a exercer uma atividade através da observação e do aprendizado (que são aspectos adquiridos através do convívio em sociedade) e não através de uma hereditariedade genética. Isso significa que técnica nenhuma é adquirida através dos genes, toda técnica é adquirida através da observação e da persistência do agente social em praticar a técnica para adquirir habilidade. Não existe habilidade sem prática. Quem não pratica não adquire habilidade. O que a tatuagem é? A tatuagem é uma produção humana. Não foram os animais que inventaram a tatuagem, quem inventou a tatuagem foi o homem. A tatuagem é fruto da habilidade humana ao exercitar a técnica da modificação corporal. A tatuagem é uma modificação corporal que exige um exercício técnico. Nenhuma técnica é adquirida biologicamente, toda técnica é adquirida culturalmente e socialmente (sendo assim a tatuagem configura-se em uma técnica social na medida em que ela não é uma técnica hereditária, ela é uma técnica adquirida através da aprendizagem). Não se nasce sabendo tatuar, aprende-se a tatuar exercitando a técnica. A técnica é uma aprendizagem social.

Podemos perceber que nenhuma tatuagem é adquirida hereditariamente (as pessoas não nascem com tatuagens. As tatuagens elas só podem ser inseridas no corpo a partir da fase da puberdade). A tatuagem é um processo cultural porque ela é caracterizada por ser um trabalho manual, técnico e artístico confeccionado por um homem na pele de outro homem.

Roberto DaMatta (1986) ressaltou que a Antropologia e a Sociologia trabalham com objetos de estudo que necessitam de uma pesquisa de campo, de um acompanhamento, de um certo grau de aproximação para que possa ser apreendidas as ações sociais dos sujeitos observados (podemos caracterizar a inserção de um desenho no corpo como uma escolha subjetiva do agente social que se tatuou e podemos caracterizar a técnica manual e artística de penetrar a pele para inserir desenhos como uma modalidade de trabalho). Roberto DaMatta ao enfatizar que os índios não pintavam quadros mas ao invés disso possuíam o costume de tatuar seus corpos, ele enaltece a técnica da pintura corporal (as tatuagens) como um elemento cultural (realizado por seres humanos dotados da capacidade de criar arte no corpo).

Roberto DaMatta (1993) estabeleceu a distinção entre as Ciências Naturais (a Matemática, a Física, a Química, a Biologia) e as Ciências Sociais (Antropologia e Sociologia) citando o exemplo do comportamento das baleias que são estudados por biólogos e o comportamento dos homens estudados pelos antropólogos e sociólogos. Ele quis revelar que as baleias não possuem o poder da contestação sobre o que é dito a respeito do comportamento delas e que os homens possuem o poder da contestação sobre o que é dito sobre o comportamento deles. O animal (a baleia) não contesta porque não possui uma linguagem articulada (não possui idioma), não possui cultura. Só o homem (que é um animal cultural) possui o poder de contestar porque é o único que possui uma linguagem articulada e uma grande capacidade de discernimento.

O fator importante destacado por DaMatta é que não podemos estudar os seres humanos da mesma forma que costumam estudar o comportamento animal (retirando baleias dos oceanos e trancafiando-as em uma piscina ou ainda testando ratos em laboratório). Os homens não podem ser transportados para dentro de uma bolha ou para um laboratório para serem tratados como cobaias. A questão colocada por DaMatta é a de que embora os animais irracionais possuam sentimentos (como a capacidade de sofrer, de sentir dor, de sentir agonia, de sentir-se em perigo) os animais não possuem o poder de discernimento do que é feito com eles ou do que é dito sobre eles. Os homens são seres capazes de discernir o que é feito ou dito sobre eles, tendo a capacidade de contestar a seu favor. Sendo assim, podemos destacar que o distanciamento do pensamento etnocêntrico dentro das Ciências Sociais só faz reforçar a concepção de

que o homem possui a capacidade da contestação que se encontra ausente nos animais. Os animais são capazes de exercerem a força física, mas não são capazes de exercerem um raciocínio lógico. DaMatta concebeu a tatuagem como um elemento cultural humano porque o domínio técnico da tatuagem necessita da existência de um raciocínio lógico. A tatuagem não é apenas uma técnica manual, ela é também um exercício intelectual (porque é utilizada a mente ao manusear a máquina de tatuar para desenhar e pintar corpos). A tatuagem não é uma arte ilógica, pelo contrário, a técnica e a prática de tatuar o corpo são dotadas de lógica (cada cultura, cada povo, cada pessoa atribui a sua própria lógica para a motivação de tatuar o corpo).

Everardo Rocha (2006) cita o exemplo do marciano e do louco (assim como Roberto DaMatta fez ao citar a baleia) para destacar que até mesmo na contemporaneidade há resquícios de etnocentrismo exercido nos centros urbanos toda vez que um pensamento, um comportamento, um visual, uma estética diferente é vista, é concebida como sendo algo anormal (associada e comparada a um alienígena ou a uma pessoa dotada de insanidade ou ainda propensa a cometer atos de criminalidade). Dessa forma, não devemos compreender a motivação de tatuar o corpo como uma atitude alienígena ou insana e menos ainda criminal (não há loucura, não há insanidade e não há incentivo da criminalidade porque um indivíduo possui tatuagens em seu corpo). O etnocentrismo é quem costuma classificar as pessoas como alienígenas, como insanas ou como criminosas (onde tudo àquilo que costuma fugir dos padrões considerados normais e aceitáveis servissem de motivos para se fazerem especulações). A importância das observações realizadas por Roberto DaMatta e por Everardo Rocha remetem para a questão etnocêntrica existente entre o “Eu” e o “Outro” (onde o “Outro” sempre é visto como aquele que costuma ser inferiorizado pelo “Eu”).

Kroeber (1993) destaca que a utilização das mãos foi um grande avanço para a humanidade na medida em que foi através da utilização das mãos que os homens evoluíram mais do que os animais ao que se refere à capacidade de fabricar ferramentas de trabalho para uso individual e coletivo. Sendo assim, o que é então a invenção do Dermógrafo (a máquina de tatuar moderna) surgida através do dinamismo da Revolução Industrial senão uma ferramenta de trabalho que foi aperfeiçoada para impulsionar uma maior agilidade ao processo de confecção de uma tatuagem? O homem cria ferramentas através das mãos. As mãos são utilizadas para fabricar coisas de valor de uso social.

Sérgio Buarque de Holanda (2010) observou que os estudos sobre o Brasil sempre estiveram voltados à classe dominante (e à família patriarcal) e devido a isso foi dada muito pouca importância aos estudos e aos registros acerca dos povos indígenas. Sendo assim, podemos perceber que a tatuagem foi

um elemento cultural muito citado nos relatos dos primeiros viajantes e colonizadores europeus, mas que foi ignorada pela História tradicional devido ao total desincentivo para que essa prática perdurasse.

Carlos Guilherme Mota (2008) afirmou que a cultura brasileira é o resultado da “mistura” com vários povos e Roberto DaMatta (1993) destacou que o elemento negro ao se misturar com o elemento branco dá surgimento ao “mulato”. Ali Kamel (2006) ressalta que o Brasil é um país miscigenado e que por esta razão o Brasil não pode ser bicolor (porque em nosso país não existe uma bipolaridade ou uma segregação entre brancos e negros). Outra questão pertinente colocada por Ali Kamel é o fato que se confunde muito os conceitos de negro e mulato em nosso país (o mulato não pode reivindicar uma negritude porque ele próprio não é um negro legítimo). A questão é que há uma diferença entre o significado de nação multiétnica e nação multiracial. Uma nação multiétnica é uma nação bicolor (há a convivência pacífica e respeitosa entre raças puras que não se misturam entre elas) e uma nação multiracial é uma nação miscigenada (houve mistura entre as raças existentes dentro de um determinado território). O Brasil não é multiétnico e, portanto, ele não é bicolor. O Brasil é multiracial e, portanto, é miscigenado. Assim, nem todas as pessoas de pele escura são negras (então não há uma negritude a ser reivindicada) e isto não significa aversão aos negros, significa apenas uma constatação da miscigenação. O que é miscigenação? Podemos dizer que há duas respostas a essa questão: 1) existe o clareamento do negro; 2) existe o escurecimento do branco. Assim, o “clareamento do negro” ou ainda o “escurecimento do branco” resulta no mulato. O mulato é um negro que foi clareado ou então é um branco que foi escurecido. O mulato é o meio termo. Por ser um meio termo a sua tonalidade de pele torna-se favorável para ser tatuada (porque há um indicador de clareamento na pele mulata que é inexistente na pele negra).

O mulato, por ter a tonalidade de pele mais clara que o negro - devido a essa “mistura” com o branco - é possibilitado à inserção de tatuagens em peles mulatas (obviamente que não com o mesmo resultado da pele branca em se tratando da nitidez das cores). Podemos observar que a maioria das pessoas de tonalidade de pele escura que são tatuadas, elas são mulatas (elas não são negras). Também não podemos confundir o mulato (miscigenação do branco com o negro) com o pardo (o indígena).

Não seria uma forma de etnocentrismo a afirmação de que peles mais clara são melhores do que peles escuras para se inserir uma tatuagem? Certamente não. Embora o colonizador branco tenha sido o opressor e o escravo negro tenha sido o oprimido na História do Brasil, em se tratando da tonalidade de pele de ambos, inevitavelmente percebe-se que peles de tonalidade mais clara são mais propícias, são mais adequadas para serem tatuadas (do que peles de tonalidade muito escura).

Os índios já estavam aqui (ontologicamente os índios foram os primeiros habitantes), os brancos vieram para cá de livre e espontânea vontade (para extrair a riqueza dos recursos naturais) e os negros vieram à força (eles não pediram para vir para cá e independente do território estrangeiro para onde eles fossem levados à força eles iriam executar o trabalho braçal à sua revelia onde quer que estivessem). Ambos (brancos e negros) não fazem parte de uma cultura brasileira no plano ontológico (ontologicamente brancos e negros não pertenciam à América). Os brancos extraíram recursos naturais independente do território estrangeiro para onde se locomoviam em viagens marítimas e os negros trabalhavam forçados independente do território estrangeiro para onde fossem levados. Neste aspecto nem o colonizador aventureiro (que desbravou o território brasileiro) e nem o escravo sofrido (que trabalhou “forçado” no território brasileiro) não podem dizer que possuem mais importância do que os povos indígenas que já estavam aqui. Mas com relação à nitidez da pele, o curioso foi perceber que a pele do branco opressor acabou sendo descoberta e considerada como a mais nítida para a inserção de tatuagens no corpo. Não se trata de uma questão etnocêntrica falar da pouca nitidez de peles escuras e da muita nitidez de peles claras, se trata apenas de uma questão técnica (sobre a matéria-prima que é o corpo) e não de uma questão de discriminação racial. Afinal existem inúmeros bons tatuadores que possuem a pele mulata e negra (como profissionais e artistas eles executam perfeitamente bem as suas atribuições), mas quando eles deixam de ser tatuadores para tornarem-se tatuados a suas respectivas peles não possuem o mesmo resultado que é observado em peles mais claras.

Esta pesquisa buscou dar ênfase às pessoas que buscam tatuar seus corpos. As pessoas tatuadas podem ser caracterizadas por ser um grupo de pessoas que compartilham certas características (como o gosto por tatuagens) e que compartilham uma identidade comum (a identidade de ter o corpo marcado). Este estudo buscou relativizar essa modalidade de trabalho (ser um tatuador) e buscou relativizar essa modalidade de consumo (ser um tatuado). A tatuagem é uma categoria de trabalho que insere desenhos na pele humana. Qual a finalidade da tatuagem? A finalidade da tatuagem é a de modificar a estética humana, a de demonstrar paciência e coragem ao superar a dor física, a de demonstrar ousadia por desafiar os padrões, a de demonstrar atitude por enfrentar preconceitos e a de demonstrar segurança ao tentar quebrar tabus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADORNO, Theodor, W. & HORKHEIMER, Max. *A Dialética do Esclarecimento*; Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 1985.
- ALMEIDA, Luís Sávio de. SILVA, Christiano Barros Marinho da; SILVA, Amaro Hélio Leite da; VIEIRA, Jorge Luís Gonzaga; SILVA, Maria Ester Ferreira; *Resistência, Memória, Etnografia*; Maceió, Editora: Edufal, 2007.
- ARAÚJO, Leusa. *Tatuagem, Piercing e Outras Mensagens do Corpo*. Cosac Naif, 2010.
- BARBOSA, Lúvia. *Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.
- BARBOSA, Lúvia; CAMPBELL, Colin. *Cultura, Consumo, Identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BIRNBAUM, P. CHAZEL, F. *Teoria Sociológica*, SP. Edusp, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 11ª edição; Tradução de Fernando Tomaz - Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BUENO, Eduardo. *Brasil: Terra à Vista. A Aventura ilustrada do Descobrimento*; Porto Alegre: LPM Pocket, 2005.
- BUENO, Eduardo. *Brasil: Uma História: cinco séculos de um país em construção*. São Paulo: Editora Leya , 2010.
- CAMINHA, Pero Vaz de. *A Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil*. São Paulo: Martim Claret, 2002.
- CARDOSO, Ruth. *A Aventura Antropológica, Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CASTRO, Ana Lúcia de. *Culto ao Corpo e Sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*; 2ª ed. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007.
- CLASTRES, Pierre. *A Sociedade Contra o Estado*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora S.A., 1988.
- CUCHE, Dennys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, 2002.

- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social* - Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.
- DAMATTA, Roberto. *Você tem Cultura?* In *Explorações: Ensaios de Sociologia Interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DOUGLAS, Mary. *O Mundo dos Bens*. Rio de Janeiro; Editora UFRJ, 2004.
- DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. Tradução Pietro Nasseti. Editora Martin Claret, 2ª reimpressão, 2008.
- DURKHEIM, Émile. *Sociologia e Educação*. 11ª edição; Tradução do prof. Lourenço Filho; São Paulo: Melhoramentos; [Rio de Janeiro] : Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.
- DURKHEIM, Émile. *Sociologia e Filosofia*. Tradução: Fernando Dias Andrade; São Paulo: Editora Martin Claret, 2009.
- ELIAS, Norbert. *Mozart: Sociologia de um Gênio*. Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- FONSECA, Andréa Lisset Perez. *Tatuar e ser Tatuado: Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- FONSECA, Andréa Lisset Perez. *A Identidade à Flor da Pele: Etnografia da Prática da Tatuagem na Contemporaneidade*. Mana 12 (1): 179-206, Florianópolis, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 30ªed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GABEIRA, Fernando. *A Maconha*. Rio de Janeiro: Publifolha, 2000.
- GRACIÁN, Baltasar. *A Arte da Prudência*. SP, Editora Martin Claret, 2004.
- GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*; Tradução de Raul Fiker, São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Ed Loyola, 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.

KALBERG, Stephen. *Max Weber: uma Introdução*; Tradução: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KAMEL, Ali. *Não Somos Racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*- Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

KOJÉVE, Alexandre. *Introdução à Leitura de Hegel*; Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de

KROEBER, Alfred. [1917]. *O Superorgânico*. In *A Natureza da Cultura*. Lisboa: Perspectiva, 1993. pp.39-79.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura, um conceito antropológico*, 2007.

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*; Tradução: Marie-Agnes Chauvel; Prefácio: Maria Isaura Pereira de Queiroz; São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

LEKEY, Richard. *A Origem da Espécie Humana*. Editora Rocco, 1995.

LEAKEY, Richard. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [consult.2011-06-24]. Disponível na [www: http://www.infopedia.pt/richard.leakey](http://www.infopedia.pt/richard.leakey).

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo*. Campinas- São Paulo: Papirus, 2007.

LE BRETON, David. *Sinais de Identidade: tatuagens, piercing's e outras marcas corporais*. Lisboa: Miosótis, 2004.

LE BRETON, David. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis- Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Tradução: Rosa Freire D'Aguiar- São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.

LINDOSO, Dirceu. *A Interpretação da Província: Estudo da Cultura Alagoana*; 2ª edição- Maceió, Editora Edufal, 2005.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*; Tradução: Paulo Neves- São Paulo: Editora Cosacnaify, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma Teoria Científica da Cultura*. Tradução: José Aute. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

MARCUSE, Herbert. *Ideologia da Sociedade Industrial*, 1967.

MARQUES, Toni. *O Brasil Tatuado e Outros Mundos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARSHALL, Theodoro H. *Cidadania, Classe Social e Status*. Tradução: Meton Porto Gadella; Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARX, Karl. *A Ideologia Alemã: Feuerbach-A Contraposição entre as Cosmovisões Materialista e Idealista*; Tradução: Frank Müller- São Paulo, Editora Martin Claret, 2007.

MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução: Sueli Tomazini Barros Cassal; L&PM Pocket, vol.227, 2005.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos Filosóficos*; Tradução Alex Marins- São Paulo, Editora Martin Claret, 2006.

MARX, Karl. *O Capital, in Crítica da Economia Política*. Tomo 1. Vol. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores).

MCCRACKEN, Grant. *Cultura e Consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e atividade de consumo*. Editora Mauad, 2003.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. São Paulo: editora 34, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*; Tradução: Antônio Carlos Braga; São Paulo: Editora Escala, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Genealogia da Moral*; 2º ed. Tradução: Antônio Carlos Braga; São Paulo: Editora Escala, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*; Tradução: Antônio Carlos Braga; São Paulo: Editora Escala, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*; Tradução: Pietro Nasseti; São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

ODALIA, N. *O que é violência*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

OSÓRIO, Andréa. *O Gênero da Tatuagem: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro*. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese de Doutorado em Antropologia, 2006.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é Contracultura*. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.

PEREIRA, Moacyr Soares. *Índios Tupi-Guarani na Pré-História: Suas Invasões do Brasil e do Paraguai, Seu Destino após o Descobrimento*; Maceió: Editora Edufal, 2000.

- PRADO JR. Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. Editora Brasiliense, 1986.
- ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é Etnocentrismo*- São Paulo: Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 2006.
- RODRIGUES, José Carlos. *O Corpo na História*- Rio de Janeiro - Editora Fiocruz, 1999.
- SAINT-PIERRE, Héctor L. *Max Weber: entre a Paixão e a Razão*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.
- STADEN, Hans. *Dois Viagens ao Brasil*. Tradução: Angel Bojadsen; introdução: Eduardo Bueno - Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Da Morte; Metafísica do Amor; Do Sofrimento do Mundo*; Tradução: Pietro Nassetti; São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.
- TAVARES, Carlos. A. P. *O que são Comunidades Alternativas* - São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1985.
- TEIXEIRA, D.P. *Intensidades Corporais e Subjetividades Contemporâneas: uma reflexão sobre o movimento da Body Modification*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, 2006.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*; Tradução: Beatriz Perrone-Moisés; São Paulo: Editora Martin Fontes, 2003.
- TYLOR. Edward. *Primitive Culture*. London: J.Murray, 1971.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*; Tradução José Marcos Mariani de Macedo; Edição Antônio Flávio Pierucci- São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- WEBER, Max. *A Objetividade do Conhecimento nas Ciências Sociais*. Tradução: Gabriel Cohn; São Paulo: Ática, 2006.

